

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Ricardo Ferreira Santos

**A autoria na interpretação de Libras para o Português: aspectos prosódicos
e construção de sentidos na perspectiva verbo-visual**

Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

São Paulo

2018

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Ricardo Ferreira Santos

**A autoria na interpretação de Libras para o Português: aspectos prosódicos
e construção de sentidos na perspectiva verbo-visual**

Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob orientação da Professora Doutora Elisabeth Brait.

SÃO PAULO

2018

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Tese de Doutorado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura _____

Data _____

E-mail _____

Ferreira-Santos, Ricardo
488 A AUTORIA NA INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS PARA O
383 PORTUGUÊS: ASPECTOS PROSÓDICOS E CONSTRUÇÃO DE
237 SENTIDOS NA PERSPECTIVA VERBO-VISUAL / Ricardo
Ferreira Santos. -- São Paulo: [s.n.], 2018.
212p.; cm.

Orientador: Elisabeth Brait.
Dissertação (Mestrado em Ling. Aplicada e Estudos da Linguagem)--
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-
Graduados em Ling.
Aplicada e Estudos da Linguagem, 2018.

1. interpretação simultânea. 2. autoria. 3. construções de sentidos. 4.
perspectiva dialógica. I. Brait, Elisabeth. II. Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, Programa de Estudos Pós Graduados em Ling. Aplicada e Estudos
da Linguagem.
III. Título.

Ricardo Ferreira Santos

A autoria na interpretação de Libras para o Português: aspectos prosódicos e construção de sentidos na perspectiva verbo-visual

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob orientação da Professora Doutora Elisabeth Brait.

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elisabeth Brait
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Orientadora

Profa. Dr. Fernanda Coelho Liberali
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Titular

Prof. Dr. Marcus Vinícius Batista Nascimento
Universidade Federal São Carlos
Titular

Profa. Dra. Ângela Lessa
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Suplente

Profa. Dra. Cristina Broglia Feitosa de Lacerda
Universidade Federal São Carlos
Suplente

Auxílio Financeiro de Pesquisa:

Bolsa Capes, processo nº 88887.15054/2017-00, do período de agosto de 2016 a maio de 2018.

*Para a
minha esposa e filhos, que estiveram
comigo em todos os momentos desta
caminhada.*

*Para os
tradutores e intérpretes de
Libras/Português, que
escolheram, por meio da
“palavra” realizar a
mobilização enunciativo-
discursiva entre duas línguas e
ser a “ponte” na comunicação
entre sujeitos sociais, assim,
possibilitando a inter-relação
entre surdos e ouvintes.*

*Para os surdos, que ainda
estão vivenciando a falta de inclusão e
desrespeito presentes em nossa sociedade
majoritariamente ouvinte.*

AGRADECIMENTOS

“Nós dizemos ‘obrigado’. E obrigado quer dizer isso mesmo. Fico-vos obrigado. Fico obrigado perante vós. Fico vinculado perante vós. Fico-vos comprometido a um diálogo”.

António Manuel Seixas Sampaio da Nóvoa
(Professor universitário português, doutor em Ciências da
Educação e História Moderna e Contemporânea)

Ao escrever estes agradecimentos busco trazer à memória pessoas que contribuíram diretamente ou indiretamente para o desenvolvimento desta pesquisa. Uma tarefa difícil, pois não quero esquecer de ninguém; porém, sei que esquecerei, e por essa razão, antes de continuar, peço desculpas aos que não forem citados, ressaltando que, certamente, suas “vozes” e contribuições estão presentes neste trabalho.

A base teórico-metodológica que dá fundamento a esta pesquisa é a perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin. De acordo com o pensamento bakhtiniano, o sujeito constitui-se socialmente por meio da linguagem e das inter-relações na dimensão da alteridade: o *eu-para-mim*, *eu-para-o-outro* e *o outro-para-mim*. Este trabalho reflete e refrata as vozes sociais presentes constituídas nas relações sociais em um mesmo horizonte valorativo.

Início os meus agradecimentos dirigindo-me primeiramente a Deus, pois creio em Ti, e sei que o Senhor me conduziu, me sustentou e me colocou em uma posição de honra em uma grande instituição acadêmica. “Obrigado, Senhor! ”.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Beth Brait, por me aceitar no programa e por ter me conduzido com excelência por meio das orientações, das disciplinas, do seminário e do minicurso, que foram importantíssimos para a construção deste trabalho. Obrigado pela confiança!

Agradeço à minha esposa por estar ao meu lado nos momentos bons e nos momentos difíceis, por me apoiar nesta caminhada acadêmica e por entender quando tive que me privar de estar em sua companhia. Obrigado, meu amor!

Agradeço aos meus filhos pela compreensão. Peço desculpas pelas minhas ausências. Tentei administrar o tempo de trabalho e estudo para ser um pai presente. Obrigado meus filhos, amo vocês!

Agradeço a toda comunidade surda por me aceitar e por permitir me tornar o profissional que eu sou. A minha constituição como tradutor/intérprete e como docente, minha atual profissão, se deu por meio das relações com estes sujeitos sociais e das práticas de mobilização enunciativo-discursiva na tradução e na interpretação. Obrigado, comunidade surda!

Agradeço à Primeira Igreja Batista em Guaianases, e ao ministério Allelon (ministério com surdos), por dar início ao ensinamento da Libras e por possibilitar realizar a interpretação nos cultos e nas ações sociais. Agradeço a todos os intérpretes e surdos deste ministério, pois, sem este início, não seria quem eu sou hoje. Em especial, agradeço à tradutora e intérprete de Libras, S.C, parceira em minha caminhada profissional e acadêmica. Obrigado a todos!

Agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Suzano, por permitir o período de afastamento para me dedicar somente à minha pesquisa. Obrigado ao diretor-geral Dr. Breno Teixeira Santos Fernochio e a todos os docentes, administrativos e discentes, principalmente aos alunos do curso de tradução e interpretação de Libras /Português - esfera educacional (FIC).

Agradeço aos meus amigos do curso de pós-graduação *lato sensu* em Tradução e Interpretação de Libras/Português do Instituto Singularidades. Obrigado!

Agradeço a Vânia Santiago e Carolina Fomin por aceitarem realizar a interpretação simultânea em Libras na defesa final deste trabalho e, também, juntamente com Cyntia Teixeira, C. S e Rodolfo Cabral, por nossa amizade aprofundada nas disciplinas do Programa da LAEL e nos nossos cafezinhos, e também pelo apoio, pela orientações e discussões que conduziram a finalização desta dissertação. Obrigado!

Agradeço aos meus amigos e colegas tradutores e intérpretes e professores de Libras: Claudia Oliveira, Rosana de Paulo Pereira, Rogério Timóteo, Juliana Fernandes, Ricieri Palha, Edma Elis, Patrícia Ferreira, Everton Pessoa, Ariane Polizel, Elisangela Santos, Bruno César, Rodrigo Araújo, Rafaela Sessenta, Camila Ramos, Rafael Silva, Patrick Henrique, Maisa Buldrini e Cleber Bordini.

Agradeço aos professores que compuseram as bancas de qualificação e as que participam da defesa final deste trabalho: Profa. Dra. Angela Brambilla Cavenaghi Themudo Lessa (PUC-SP), Prof. Dr. Marcus Vinícius Batista Nascimento (UFSCar), Dra. Fernanda Coelho Liberali (PUC-SP) e a Profa. Dra. Cristina Broglia Feitosa de Lacerda (UFSCar).

Agradeço a Maria Lúcia, secretária do PPG-LAEL/PUC-SP, por sua dedicação e auxílio nas questões burocráticas. Obrigado!

RESUMO

A autoria na interpretação de Libras para o Português: aspectos prosódicos e construção de sentidos na perspectiva verbo-visual.

Ricardo Ferreira Santos

A modalidade de interpretação simultânea (IS) de Libras para a Língua Portuguesa tem ganhado espaços em várias atividades na esfera educacional. A atuação do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais /Língua Portuguesa (TILSP), nesse contexto, demanda articulações de cunho teórico-prático para que o discurso em Libras possa ser compreendido por interlocutores que desconhecem essa língua. Devido à formação genérica e à falta de prática, alguns intérpretes apresentam dificuldades e insegurança em mobilizar discursos em interações comunicativas. Por essa razão, o objetivo desta pesquisa é analisar a autoria e construção de sentidos na perspectiva verbo-visual, por meio da entoação expressiva presente na IS de Libras/Língua Portuguesa na esfera acadêmico-científica: gênero conferência. A entoação, elemento prosódico, está presente na produção e percepção de cada palavra ou do enunciado, na fala oral ou na língua de sinais. Por esse motivo nossas perguntas de pesquisa são: (i) como os marcadores não-manuais no discurso em Libras podem influenciar a prosódia na Língua Portuguesa, em específico a entoação; (ii) como o intérprete constrói os sentidos na IS por meio da entoação na Língua Portuguesa; (iii) como se constitui a autoria na mobilização enunciativo-discursiva entre a Libras e Língua Portuguesa na perspectiva verbo-visual. Por meio da fundamentação teórica em uma perspectiva dialógica fundamentada no Círculo de Bakhtin, dos estudos da verbo-visualidade de Beth Brait, aqui entendida como as diversas materializações em forma texto em uma dimensão verbal e visual constitutivos na produção e construções de sentidos, e da Teoria Interacional da Entoação (TEI) de David Brazil, realizamos um deslocamento metodológico dos enunciados a partir dos signos verbais em língua de sinais e da materialização dos signos verbo-visuais entoacionais por meio da complexa mobilização enunciativo-discursiva realizada na interpretação da Libras para a Língua Portuguesa em conferências. Escolhemos como *corpus* duas interpretações simultâneas de Libras para a modalidade oral (Língua Portuguesa) realizadas pelos TILSP no II Evento-Libras: Encontros e Desencontros – realizado na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), campus Guarulhos. As análises mostram que as intérpretes na atividade interpretativa simultânea, em um ambiente dialogicamente agitado, repleto de tensões das vozes sociais, atravessadas por discursos políticos, polêmicos e com tons irônicos, realizam ou apresentam algumas dificuldades na construção de sentidos por meio da compreensão ativa responsiva e pela posição verbo-visual-axiológica, materializadas nas escolhas prosódicas, constituindo a autoria na interpretação. Espera-se que esta pesquisa colabore com as investigações da prosódia e construção de sentidos entre as modalidades Libras/Língua Portuguesa, com o propósito de contribuir com a formação do intérprete de Libras e as atividades de trabalho desses profissionais.

Palavras-chave: interpretação simultânea; Libras; Língua Portuguesa; autoria; construção de sentidos; perspectiva dialógica

.ABSTRACT

The authorship in the interpretation of Libras for Portuguese: prosodic aspects and construction of meanings in the verb-visual perspective.

Ricardo Ferreira Santos

The simultaneous interpretation (SI) modality of Libras (Brazilian Sign Language) to Portuguese has been winning space in several activities on the educational circle. The performance of the Translator and Interpreter of Libras/Portuguese (TILSP, in Portuguese), in this context, demands articulations of theoretic-practical nature in order that the speech in Libras can be comprehended by interlocutors that are not familiar with the language. Due to generic formation and to the lack of practice, some interpreters present difficulties and insecurities in mobilizing speeches in communicative interactions. Therefore, the goal of this research is to analyze the authorship and construction of meaning in the speech-visual, through expressive intonation present in SI of Libras/Portuguese on the academic circle: conference genre. The intonation, prosodic element, is present on the Production and perception of each word or statement, in the oral speech or sign language. For this reason, our research questions are: (i) how the non-hand markers, in the Libras speech, can influence the prosody on Portuguese, specifically intonation; (ii) how the interpreter constructs meaning in SI through intonation; (iii) how is constituted the authorship in the intonation-discursive mobilization between Libras and Portuguese from the speech-visual perspective. By theory grounded in a dialogic perspective set in the Bakhtin Circle, the speech-visibility studies of Beth Brait, here understood as several materialization in the shape of texts in a visual and speech dimension constitutive in the production and construction of meaning, and the Interactional Intonation Theory (IIT) of David Brazil. From these, we made a methodological slide from the statements of verbal signs in sign language and from the materialization of speech-visual intonational signs through the complex enunciative-discursive mobilization fulfilled on the interpretation from Libras to Portuguese in conferences. We chose as corpus two SI of Libras to the oral modality (Portuguese) performed by TILSP at the II Event-Libras: matches and mismatches – at the Federal University of São Paulo (Unifesp, in Portuguese), campus Guarulhos. The analyses show that the interpreters on the SI activity, in a dialogical agitated environment, filled with the social vocal tensions, crossed through political speeches, controversial and ironic tones, perform or present some difficulties at the construction of meaning through the active comprehension and by the speech, visual and axiological position, materialized in the prosodic choices, constituting authorship in the interpretation. It is hoped that this research helps with the investigations of prosody and meaning construction between the modalities Libras/Portuguese, with the proposition of contributing with the formation of Libras interpreters and the work activities of these professionals.

Keywords: simultaneous interpretation; Libras; Portuguese; authorship; construction of meaning; dialogic perspective

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Sistema ELAN utilizado na transcrição do corpus com as trilhas estabelecidas de acordo com as necessidades desta pesquisa.	90
Figura 2: Espaço de realização dos sinais na Libras.....	97
Figura 3: Configurações de Mão	101
Figura 4: Expressões Faciais visuais afetivas.....	103
<i>Figura 5: Parâmetros no sinal de “apaixonado”</i>	<i>103</i>
Figura 6: Expressão facial.....	104
Figura 7: Expressão facial	105
Figura 8: Expressão facial	105
<i>Figura 9: Sentenças negativas</i>	<i>108</i>
<i>Figura 10: Figura 11: sentenças interrogativas</i>	<i>109</i>
<i>Figura 11: Sentenças afirmativas.....</i>	<i>109</i>
<i>Figura 12: Sentenças condicionais.....</i>	<i>110</i>
<i>Figura 13: Sentença relativa.....</i>	<i>111</i>
<i>Figura 14; Construção de tópico</i>	<i>111</i>
<i>Figura 15: Construção de foco</i>	<i>111</i>
<i>Figura 16: Palestrante discursando em Libras (imagem da esquerda); TILSP realizando a interpretação com a IA (imagem da direita).....</i>	<i>117</i>
<i>Figura 17: Imagem panorâmica do evento.....</i>	<i>117</i>
Figura 18: Imagens do II Evento Libras: Encontros e Desencontros.	117
<i>Figura 19: Visão geral da organização do auditório (UNIFESP-Guarulhos).....</i>	<i>118</i>
Figura 20: ênfase na enunciação (Libras)	134
<i>Figura 21: Sinal de surdo (Libras).....</i>	<i>140</i>
Figura 22: Negação (movimento da cabeça e mãos)	140
<i>Figura 23: Sinal de “NÃO” com movimento do corpo (designação de alternativa).....</i>	<i>140</i>
Figura 24: Entoação Expressiva Gesto-visual.....	145
Figura 25 : ênfase na enunciação (Libras)	157
Figura 26: Entoação Expressiva Gesto-visual.....	172
Figura 27: Equipe de interpretes/verbo-visualidade	174
Figura 28: Equipe de interpretes/verbo-visualidade	174
Figura 29: Incorporação/verbo-visualidade.....	176
Figura 30: Incorporação/verbo-visualidade.....	177
Figura 31: Incorporação/verbo-visualidade.....	178
Figura 32: Incorporação/verbo-visualidade.....	178

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Normas para transcrição – David Brazil (1985).....	80
Tabela 10: Dino Preti (1999)-Norma de Transcrição	82
<i>Tabela 8: Representações para análise</i>	<i>84</i>
Tabela 9: Representações para a análise	86
<i>Tabela 6: (McCLEARY, VIOTTI E LEITE, p. 278, 2010)</i>	<i>88</i>
<i>Tabela 7: Organização das trilhas</i>	<i>89</i>
Tabela 2: Padrões perceptivos de pitch, loudness e duração da fala e seus correlatos acústico e fisiológico- Layla Penha (2015)	93
Tabela 3: Expressões não-manuais na língua de sinais brasileira	107
Tabela 4: Descrição do evento.....	119
<i>Tabela 5: Intérpretes sujeitos da pesquisa, com respectivas idades e tempo de exercício da profissão.</i>	<i>120</i>
<i>Tabela 11: Transcrição do enunciado em Libras (Glosa).....</i>	<i>133</i>
<i>Tabela 12: Marcadores não-manuais/interpretação.....</i>	<i>136</i>
<i>Tabela 13: Análise entoacional discursiva/Verbo-visualidade.....</i>	<i>144</i>
Tabela 14: Transcrição do enunciado em Libras (Glosa) na Língua Portuguesa	156
Tabela 16: Marcadores não-manuais/interpretação	159
<i>Tabela 17: Análise entoacional discursiva/Verbo-visualidade</i>	<i>171</i>

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	<i>American Sign Language</i>
CODA	<i>Children (Child) of Deaf Adults</i>
CM	Configuração de Mão
EI	Estudos da Interpretação
EILS	Estudos da Interpretação da Língua de Sinais
ENM	Expressões Não Manuais
ESIT	<i>École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs</i>
EST	<i>European Society for Translation Studies</i>
ET	Estudos da Tradução
SNMD	Sinais Não Manuais Discursivos
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
IA	Intérprete de Apoio
IES	Instituições de Ensino Superior
IS	Interpretação Simultânea
LA	Linguística Aplicada
LBI	Lei Brasileira da Inclusão
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LSs	Língua (s) de sinais
LSF	Língua de Sinais Francesa
LOs	Língua (s) oral (is)
LVA	Leitura de Voz Alta
MEC	Ministério da Educação
MNMs	Marcadores Não Manuais
ONU	Organização das Nações Unidas
O	Orientação
PA	Ponto de Articulação
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SI	Sinais Internacionais
TILS	Tradutor (es) e Intérprete (s) de Língua de Sinais

TIT	Teoria Interpretativa da Tradução
TIE	Teoria Interacional da Entoação
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESCO	<i>United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization</i>
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
I. Justificativa da pesquisa	22
II. Objetivo e delimitação do objeto	26
III. Organização da Dissertação.....	26
CAPÍTULO 1	
CENÁRIO HISTÓRICO: A LÍNGUA DE SINAIS CONSTRUINDO RELAÇÕES SOCIAIS - SURDO E INTÉRPRETES	28
1.1. Surdos, ouvintes e a linguagem: embates ideológicos	28
1.2. Interpretação da Libras para o português: o caminho histórico das práticas sociais para a profissionalização	35
1.2.1. A formação dos intérpretes de língua de sinais no Brasil.....	39
1.3. Os estudos da tradução e da interpretação	41
1.3.1. A interpretação simultânea da Libras para a língua portuguesa	50
1.4. O protagonismo dos surdos e as esferas de atuação	52
CAPÍTULO 2	
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: VERBO-VISUALIDADE, ENTOAÇÃO E AUTORIA NA INTERPRETAÇÃO	58
2.1. Autoria na concepção bakhtiniana	60
2.1.1. Texto, gênero e discurso.....	64
2.1.2. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação na interpretação	68
2.1.3. Compreensão Ativa-Responsiva.....	70
2.1.4. Entoação Expressiva: Valor Apreciativo e Valor Significativo	72
2.1.5. A construção de sentidos no pensamento bakhtiniano em uma perspectiva verbo-visual	73
2.2. Teoria Interacional da Entoação (TIE).....	77
2.3. Normas para transcrição – David Brazil (1985)	79
2.3.1. Sistema de transcrição ELAN	86
CAPÍTULO 3	

ESTUDO DA PROSÓDIA: ELEMENTOS PROSÓDICOS NA LÍNGUA DE SINAIS E NA LÍNGUA PORTUGUESA	91
3.1. Estudo da prosódia: elementos prosódicos nas línguas de sinais e na língua portuguesa.....	94
3.2. Nível segmental: língua orais e línguas de sinais.....	95
3.2.1. Fonética e Fonologia.....	96
3.3. Nível Suprasegmental na Língua Portuguesa e na Libras.....	103
CAPÍTULO 4	
DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DE PESQUISA	113
4.1. Os ambientes de pesquisa	115
4.1.1. II Evento-Libras: Encontros e Desencontros	116
4.1.2. Os participantes “ <i>encontros e desencontros</i> ”: sujeitos dialógicos.....	119
4.1.2.1. Juliana Fernandes (palestrante ouvinte).....	120
4.1.2.2. Paulo Vieira (palestrante surdo).....	119
4.1.2.3. S.C (intérprete).....	119
4.1.2.4. C.S (intérprete).....	122
4.2. Descrição e delimitação do corpus.....	122
CAPÍTULO 5	
RELAÇÕES DIALÓGICAS NA INTERPRETAÇÃO DA LIBRAS PARA LÍNGUA PORTUGUESA: ENTOAÇÃO EXPRESSIVA VERBAL E VISUAL NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS	125
5.1. A entoação expressiva e a autoria na interpretação simultânea.....	126
5.2. Estratégias interpretativas.....	127
5.3. Interpretação Simultânea da Libras para o Língua Portuguesa- II Evento-Libras: Encontros e Desencontro.....	128
5.3.1. “Quem é o dono da língua de sinais?” Marcadores não-manuais e a verbo-visualidade em uma dimensão dialógica.....	129
5.3.2. Análise entoacional discursiva e a verbo-visualidade.....	140
5.4. “Estamos pensando na questão do intérprete, da formação desse profissional” - Marcadores não-manuais discursivos e a verbo-visualidade em uma dimensão dialógica.....	146
5.4.1. Análise entoacional discursiva.....	162
5.5. Um olhar dialógico na autoria verbo-visual nas interpretações da Libras para a Língua Portuguesa.....	173

CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	182
ANEXOS	192
ANEXO I.....	192
ANEXO II.....	196
ANEXO III.....	197
ANEXO IV.....	198
ANEXO V.....	208

INTRODUÇÃO

“Então disse Moisés ao Senhor: Ah, meu Senhor! eu não sou homem eloquente, nem de ontem nem de anteontem, nem ainda desde que tens falado ao teu servo; porque sou pesado de boca e pesado de língua.”

Êxodo 4:10

A história bíblica do “Êxodo”, registrada nas Escrituras Sagradas, um dos livros mais antigos e traduzidos da humanidade, cita uma mobilização discursiva por meio do ato interpretativo.

Nesse excerto (que não é acadêmico, mas é conhecido pela maioria da população brasileira), conta-se a história de Moisés (1527 a.C.) – cujo nome significa “filho das águas” em egípcio e “tirando fora” em hebraico –, personagem de grande reputação e prestígio nas três maiores religiões do mundo (Islamismo, Judaísmo e Cristianismo), protagonista da libertação do povo israelita da escravidão no Egito e conhecido por muitos como “o maior de todos os profetas” (GARDNER, 2000, p. 466). De descendência hebraica, criado no palácio de Faraó, cometeu um homicídio e fugiu para o deserto de Midiã, onde constituiu uma família.

Após 40 anos, segundo a passagem bíblica da Sarça Ardente, ao ser chamado por Deus para liderar a libertação do povo de Israel, Moisés expõe uma objeção, alegando dificuldade de ser eloquente: “Perdão, meu Senhor, eu não sou um homem de falar, nem de ontem e nem de anteontem, nem depois que falaste a teu servo; pois tenho a boca pesada, e pesada a língua” (BÍBLIA, Êxodo, 4.10).

Conforme Vailatti (2011), alguns intérpretes e pesquisadores do Antigo Testamento tomam essa passagem como base para sugerir que Moisés tinha dificuldades de dicção (gagueira); outros acreditam que a suposta dificuldade de Moisés para falar não era de origem física, pois o fato era que ele não mais tinha habilidade de se adaptar à língua egípcia e suas nuances.

Diante da recusa, Deus ira-se e escolhe alguém para realizar o ato interpretativo entre Moisés, Faraó e povo hebreu:

Então se acendeu a ira do Senhor contra Moisés, e disse: Não é Arão, o levita, teu irmão? Eu sei que ele falará muito bem; e eis que ele também sai ao teu encontro; e, vendo-te, se alegrará em seu coração. E tu lhe falarás, e porás as palavras na sua boca; e eu serei com a tua boca, e com a dele, ensinando-vos o que haveis de fazer. E ele falará por ti ao povo; e acontecerá que ele te será por boca, e tu lhe serás por Deus (BÍBLIA, Êxodo, 4:14-16).

De acordo com a Bíblia, o responsável em realizar a construção de sentidos por meio dos discursos produzidos por Moisés foi Arão, seu irmão mais velho, que serviu como seu orador diante do Faraó, nas diligências que permitiram a realização do Êxodo e da libertação do povo hebreu do Egito em direção à terra prometida.

Iniciamos o texto com a história de Moisés e Arão para mostrar que o processo de interpretação já está presente em um dos livros mais antigos da humanidade. Para que os discursos proferidos por Moisés fossem compreendidos por outros interlocutores, se fez necessária a atuação de Arão como intérprete, e a construção de sentidos só foi possível por meio da mobilização enunciativo-discursiva, ou seja, nas inter-relações comunicativas, envolvendo sujeitos socialmente organizados e o conhecimento linguístico em um determinado tempo-espço.

A palavra “intérprete”, de acordo com o dicionário Houaiss (2009), etimologicamente, deriva do termo latino *inter-press*, referindo-se a uma pessoa que realizava a função de mensageiro, intermediário ou negociador. Há muito tempo, o intérprete tem a função de mobilizar discursos entre línguas orais (LOs) e línguas de sinais (LSs) com objetivo de romper as barreiras linguísticas por meio das interações comunicativas.

O intérprete, na Antiguidade, atuava em traduções e interpretações de textos religiosos, e também na administração pública, nos comércios e nas forças armadas (KURZ, 1985). Os serviços dos intérpretes eram essenciais nos tempos de guerra, pois realizavam a interpretação nas negociações com os oponentes, nas alianças e nas interações com vários povos conquistados (BOWEN, 1998). Segundo Pagura, a função do tradutor era possibilitar a comunicação:

A tradução oral, como atividade destinada a possibilitar a comunicação entre pessoas ou grupos pertencentes a diferentes comunidades linguísticas, é infinitamente antiga, havendo exemplos de seu uso nos diversos impérios da Antiguidade e de sua utilização em expedições militares, situações religiosas e reuniões diplomáticas [...] (PAGURA, 2015, p. 192).

É na Idade Média que tem início uma valorização da interpretação que, segundo Bowen (1998), ocorre com escala maior na época da Renascença, devido, inicialmente, ao interesse

pelas línguas estrangeiras provocado pelo humanismo, e, depois, pela necessidade de intermediários nas expedições de conquistas ultramarinas dos europeus.

No século XV, os europeus iniciaram expedições de exploração, conquista e formação de colônias. Convencidos da existência de uma “verdade religiosa e exclusiva”, propagaram o cristianismo pela África, leste da Ásia e através do Atlântico até o Novo Mundo – as Américas – e, por meio da atuação dos intérpretes, conseguiram dialogar com diversos povos (GREENBLATT, 1991, p. 9).

Na metade do século XIX e início do século XX, ocorreram várias mudanças significativas no campo das relações internacionais, que geraram uma demanda crescente por intérpretes de LOs. Durante a segunda metade do século XIX, a Revolução Industrial fomentou a fundação de várias organizações, como as ferrovias e as telecomunicações, que possibilitaram a intensificação das relações internacionais. Com isso surgiu a necessidade de intérpretes de LOs para realizar a comunicação nessas organizações (BOWEN, 1998).

Posteriormente, de acordo com Luciano (2005), com o fim da primeira Guerra Mundial, foram criadas organizações internacionais como a Liga das Nações (1919) e o Escritório Internacional do Trabalho (EIT), iniciando o processo de profissionalização dos intérpretes de LOs, devido à necessidade de seus serviços nas conferências internacionais.

Com relação às LSs no Brasil, nos últimos anos observamos um considerável aumento de pesquisas sobre tradução e interpretação concernentes à Libras; entretanto, o campo dos Estudos de Tradução e Interpretação em Línguas de Sinais (doravante ETILS) necessita de pesquisas que objetivem refletir e investigar o fenômeno tradutório e interpretativo entre língua gesto-visual e língua oral-auditiva.

Além disso, observamos o aumento da participação de surdos e ouvintes na posição de locutores, produzindo discursos em Libras nos vários espaços educacionais. No entanto, em diversas situações, para que esse ato enunciativo aconteça, faz-se necessária atuação do Intérprete de Língua de Sinais/Português (TILSP¹), responsável pelo processo de interpretação simultânea (doravante IS)² de Libras para a Língua Portuguesa.

Especificamente na IS, alguns desses profissionais apresentam dificuldades no processo interpretativo. Diversos autores (NASCIMENTO, 2011, 2016; NOGUEIRA, 2016; SANTOS,

¹ Utilizaremos o termo (Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais/ Português) para designar de forma genérica o profissional, conforme regulamentação da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS através da Lei 12.319/2010.

² Na interpretação simultânea, a mensagem vai sendo reproduzida pelo intérprete conforme o orador emite o discurso, e a produção desse discurso para a língua-alvo normalmente tem um atraso de poucos segundos.

2013), mostram a necessidade de dar sentido ao discurso, pois significados se constroem de maneiras diferentes em línguas diferentes.

Em sua tese de doutorado, Santos (2013) analisa teses e dissertações que tratam de tradução e interpretação de LSs, no período de 1990 a 2010, identificando, organizando e analisando as características, as singularidades e os elementos que envolvem a produção acadêmica nessa área no período proposto. O autor observa a falta de pesquisas que focalizem a temática dos desafios na IS da Libras/Língua Portuguesa.

Com relação a atuação dos TILSP em conferência, Nogueira (2016), em sua dissertação, relaciona os aspectos relevantes para a interpretação nesse contexto e descrevendo a experiência dos intérpretes que atuam em equipe e seus posicionamentos na mobilização de recursos durante o processo interpretativo. Além disso, o autor menciona alguns fatores que influenciam a organização de uma equipe de interpretação, tais como a duração do evento, a complexidade do trabalho, a dinâmica do ambiente, a fadiga do intérprete e a as condições de saúde desses profissionais. Outro aspecto interessante apresentado pelo autor é o benefício da atuação em parceria:

Poderíamos inferir que omissões ocorreriam em menor número durante o processo de interpretação, quando se pode contar com um parceiro para a realização do trabalho. Além do mais, o cansaço físico também diminui, devido às trocas de função entre o intérprete do turno e o intérprete de apoio, no decorrer da prática, fazendo com que esforços cognitivos sejam minimizados, evitando-se um desgaste excessivo por parte dos intérpretes (NOGUEIRA, 2016, p. 185).

A IS da Libras para a Língua Portuguesa, mobilização enunciativo-discursiva, também confere voz sonora ao discurso dos surdos, possui um papel extremamente importante para o entendimento do discurso do sujeito surdo pela sociedade ouvinte. Por essa razão, a mobilização realizada pelo intérprete pode qualificar ou desqualificar o enunciador surdo, pois as escolhas lexicais do TILSP podem resultar em sentidos diversos daqueles presentes no enunciado do locutor surdo. Como afirma Nascimento:

O processo de interpretação da Libras para a língua portuguesa é, por excelência, um ato enunciativo de mediação que envolve não apenas a língua-fonte e língua-alvo em sua prescrição linguística, mas é caracterizado por um processo de discursivização entre sujeitos singularmente distintos que desconhecem a língua (as línguas) à qual pretende ter acesso (NASCIMENTO, 2012, p. 82).

Este processo de interpretação da Libras para a Língua Portuguesa exige também do TILSP esforços cognitivos e várias competências, tais como competências linguísticas em ambas as línguas, competência discursiva, conhecimentos socioculturais, conhecimento sobre as técnicas e competência referencial. Conforme Neves (1996, p. 73):

A competência gramatical ou linguística se atém ao código linguístico das estruturas e regras de pronúncia onde o objetivo é o da acuidade na expressão e compreensão. A competência sociolinguística considera o papel dos falantes no contexto da situação e a sua escolha de registro e estilo. A competência discursiva considera a questão da coesão e da coerência relevantes no determinado contexto. E a competência estratégica considera que não há falantes e ouvintes ideais, sendo necessário, portanto que se faça uso de estratégias de comunicações verbais ou não-verbais para se compensar as quebras de comunicação.

Os esforços cognitivos também podem comprometer a interpretação. Daniel Gile (1995, 2015) descreve os esforços cognitivos no ato de IS que podem comprometer a prosódia e a produção do sentido nas interpretações entre LOs. Gile denomina esses esforços cognitivos de “Modelos de Esforços” (*Effort Models*), desenvolvidos de modo intuitivo, a partir da observação de falhas presentes na IS, visando explicar as dificuldades e os problemas recorrentes enfrentados na interpretação. De acordo com o autor, o processo de interpretação requer alguma forma de “energia” mental, que somente está disponível em quantidade limitada, e os esforços no ato da IS consomem quase toda essa energia e, às vezes, requerem mais do que o disponível, o que resulta em deterioração do desempenho.

Os “Modelos de Esforços” na IS, conforme Gile (1995, 2015), são divididos em três grupos de operações: (1) o esforço de audição e análise, (2) o esforço de produção do discurso e (3) o esforço da memória de curto prazo. Porém Nascimento (2016, p. 166) questiona a abordagem realizada por Daniel Gile:

A abordagem de Gile na interpretação simultânea pode ser questionada quando se amplia o olhar e imergem-se esses aspectos no lago das interações concretas e, nesse movimento, observa-se a mudança da posição dos sujeitos envolvidos na situação mediada de acordo com as relações interlocutivas estabelecidas. Isto significa que a recepção do discurso – seja pela audição, seja pela visão – está condicionada ao contexto de realização porque ela não é determinada, apenas, pelo bom processamento fisiológico das vias sensoriais.

Para fundamentar o seu questionamento, Nascimento (2016) baseia-se na atividade *in locus* de interpretação nas formulações da ergologia e seus instrumentos conceituais com

objetivo de ler as demandas, o processo de renormalização, a tensão e o drama na atividade do TILSP.

Assim, verifica-se que as inquietudes e barreiras vivenciadas pelos TILSP são grandes e merecem ser consideradas. Além disso, as pesquisas realizadas nos últimos anos revelam a pertinência de explorar com mais profundidade a temática proposta nesta pesquisa: a autoria e a entoação expressiva na construção de sentido na interpretação de Libras para a Língua Portuguesa em eventos educacionais que vêm se observando com maior incidência.

I. Justificativa da pesquisa

Embora as pesquisas sobre LS no Brasil sejam recentes, são notórios nos últimos anos avanços relacionados aos estudos sobre a interpretação da Libras para Língua Portuguesa e vice-versa. Esses avanços iniciaram-se especialmente após a Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como meio de comunicação e expressão da comunidade surda³ brasileira, e o decreto regulamentador nº 5.626/2005, que descreve a formação dos intérpretes de Libras, conforme o texto a seguir:

CAPÍTULO V DA FORMAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

Art. 17. A formação do tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras – Língua Portuguesa.

Art. 18. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, a formação de tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

- cursos de educação profissional;
- cursos de extensão universitária; e
- cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação.

Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III (BRASIL, 2005).

³ Como um grupo instável de pessoas que o constitui. Tanto podem ser os surdos, os ouvintes filhos de pais surdos, os intérpretes e os que sinalizam com os surdos (PERLIN, 2003, p. 20).

Outro fator significativo foi o reconhecimento da profissão do TILSP pela Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, que especifica a competência e a formação:

Art. 2º. O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa.

Art. 3º. (VETADO)

Art. 4º. A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou;

II - cursos de extensão universitária;

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação.

Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III.

Art. 5º. Até o dia 22 de dezembro de 2015, a União, diretamente ou por intermédio de credenciadas, promoverá, anualmente, exame nacional de proficiência em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Parágrafo único. O exame de proficiência em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento dessa função, constituída por docentes surdos, linguistas e tradutores e intérpretes de Libras de instituições de educação superior (BRASIL, 2010).

A Lei Brasileira de Inclusão (LBI) nº 13.146/15 foi sancionada em 2015, com objetivo garantir direitos às pessoas com deficiência, incluindo pessoas surdas e com deficiência auditiva, assegurando acesso à educação e à comunicação. Essa lei descreve a formação do tradutor e intérprete de Libras, conforme texto a seguir:

CAPÍTULO II DO ACESSO À INFORMAÇÃO E À COMUNICAÇÃO

Art. 67. Os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros:

I – subtítuloção por meio de legenda oculta;

II – janela com intérprete da Libras;

III – audiodescrição.

[...]

Art. 73. Caberá ao poder público, diretamente ou em parceria com organizações da sociedade civil, promover a capacitação de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais habilitados em Braille, audiodescrição, estenotipia e legendagem.

CAPÍTULO IV DO DIREITO À EDUCAÇÃO

[...]

Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar:

[...]

§ 2º Na disponibilização de tradutores e intérpretes da Libras a que se refere o inciso XI do caput deste artigo, deve-se observar o seguinte:

[...]

I – os tradutores e intérpretes da Libras atuantes na educação básica devem, no mínimo, possuir ensino médio completo e certificado de proficiência na Libras;

II – os tradutores e intérpretes da Libras, quando direcionados à tarefa de interpretar nas salas de aula dos cursos de graduação e pós-graduação, devem possuir nível superior, com habilitação, prioritariamente, em Tradução e Interpretação em Libras (BRASIL, 2015).

Conforme a LBI, o TILSP garantirá o acesso das pessoas surdas na esfera educacional. No entanto, Nascimento (2016) observa uma contradição relacionando-a à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/96), em seu artigo 61, que garante a formação de profissionais da educação, mas não especifica que esses profissionais sejam apenas professores:

Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos: (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)

I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho; (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)

II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço; (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)

III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009) (BRASIL, 1996)

Desde o reconhecimento da profissão do TILSP, fomenta-se a busca por instrução e desenvolvimento em diferentes espaços nacionais; porém, a formação é realizada de forma genérica, sem regulação, fiscalização e consistência teórico-prática, podendo comprometer a produção do sentido na interpretação da Libras/Língua Portuguesa (NASCIMENTO, 2016). Segundo Rodrigues (2010), a formação é feita de forma incipiente, com uma abordagem rápida e sintética dos elementos fundamentais, o que muitas vezes é insuficiente. Com relação à organização e os fundamentos dos cursos, o autor argumenta que:

Alguns destes cursos organizaram-se com base em puro treinamento e prática, com vistas à automatização (“procedimentalização”) do TILS, já outros se fundamentaram com base no ensino e na reflexão sobre o processo de interpretação, lançando mão, principalmente, de princípios teóricos e conceituais, visando à conscientização (teorização) do profissional (RODRIGUES, 2010, p. 1-2).

Para Nascimento (2011), as lutas históricas da comunidade surda, as leis de acessibilidade e o fomento de políticas inclusivas instauradas por meio do governo brasileiro e pelas resoluções de organizações internacionais como a ONU e a UNESCO (*United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization*) impulsionaram a formação acadêmica do TILSP no Brasil. Segundo o autor:

Essa formação tem sido fundamentada a partir de experiências e pesquisas realizadas em países que atuam na formação desses profissionais há alguns anos como, por exemplo, os Estados Unidos e os países Escandinavos, conforme nos mostra Quadros (...). Em uma revisão dos processos de formação de tradutores intérpretes de língua de sinais nesses países, a autora aponta como esses profissionais possuem intensa formação para atuação com surdos usuários do serviço de interpretação posteriormente ao seu egresso da academia (NASCIMENTO, 2011, p. 29).

Posteriormente, Nascimento (2016) realiza uma análise no campo da LSs, observa oferta de cursos de formação para tradutores e intérpretes em nível de especialização em sites de instituições e destaca alguns aspectos: a generalidade, as matrizes curriculares, as diferentes nomenclaturas e os profissionais não especialistas na área de LSs:

[...] “pós-graduação em Libras”, “Libras e educação de surdos”, “intérprete/tradutor”, “tradutor/intérprete”, “agente bicultural”, etc. Algumas das instituições que ofertam essas formações denunciam, pelas próprias propostas, que os cursos são elaborados, em sua grande maioria, por profissionais não especialistas no campo da língua de sinais. Constata-se esse fato, pois as disciplinas oferecidas, além de serem extremamente generalistas quanto à língua de sinais e à surdez, não focam, diretamente, nas questões e problemáticas ligadas às habilidades interpretativas e tradutórias (p.29).

Esta constituição do TILSP como profissional e sujeito social na comunidade surda e sua formação são fatores importantes para a nossa dissertação. Nesta pesquisa analisamos alguns elementos prosódicos em atividades interpretativas envolvendo a Libras e a Língua Portuguesa.

A prosódia, que de acordo com Scarpa (1999) é um fenômeno linguístico, desempenha um papel essencial na produção de sentido nas LOs. Desse modo, se observarmos a prosódia na interpretação, o TILSP, por meio da percepção enunciativa realizada pelo locutor surdo ou ouvinte em LSs, realiza a mobilização enunciativo-discursiva para a Língua Portuguesa por meio da voz; com isso, utiliza elementos prosódicos para a construção de sentido e compreensão.

Esses fenômenos prosódicos são amplos, fascinantes, multifacetados e possuem diversos enfoques e concepções, relacionados entre prosa e poesia, entre linguística e engenharia do som, entre sintaxe e semântica, entre fonética e fonologia, entre língua e discurso, entre música e fala (SCARPA, 1999). De acordo com Nicodemus (2009), a prosódia é um fluxo de linguagem, seja ele nas LOs ou nas LSs, e pode ser analisada por seus vários componentes organizacionais, incluindo unidades tais como sons, sílabas, configuração de mãos, movimentos, palavras, frases e segmentação do discurso.

II. Objetivo e delimitação do objeto

Esta dissertação, portanto, tem como objetivo analisar a autoria e a produção de sentidos na perspectiva verbo-visual por meio da entoação expressiva na IS de Libras para a Língua Portuguesa em uma esfera educacional, em um gênero de esfera específico (conferência). Fundamentaremos a nossa pesquisa em uma perspectiva dialógica – Círculo de Bakhtin –, relacionando-a com a Teoria Interacional da Entoação desenvolvida por David Brazil (1985) e com os Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (ETILS). Assim sendo, os objetivos específicos são:

- (i) Analisar os marcadores não manuais no discurso em Libras e verificar como esses elementos linguísticos na Libras podem vir a influenciar a prosódia na Língua Portuguesa, em específico a entoação expressiva.
- (ii) Analisar como o intérprete constrói os sentidos na IS por meio da entoação expressiva na Língua Portuguesa;
- (iii) Analisar as marcas enunciativo-discursivas que mostram a autoria na mobilização entre a Libras e a Língua Portuguesa na perspectiva verbo-visual.

Dessa forma, esta pesquisa está fundamentada na abordagem teórico-metodológica da perspectiva dialógica, dos estudos da verbo-visualidade, dos estudos da interpretação de língua de sinais e nas análises de dados que foram coletados no evento acadêmico *II Encontros e Desencontros - realizado na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), campus Guarulhos*.

III. Organização da Dissertação

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos e considerações finais. No primeiro capítulo, abordaremos o panorama histórico e sociocultural e a relação de necessidade de mobilizar discursos da interpretação informal para a formal; assim, mapearemos os momentos

históricos de atuação e formação dos profissionais TILSP, pontuando o movimento de deslocamento do lugar de mobilização de discurso nas famílias e instituições religiosas para a formação específica. Também realizaremos uma reflexão sobre as questões de empoderamento dos surdos, a sua participação e o uso da Libras em vários campos da atividade humana, principalmente na esfera da educação, mais precisamente em conferências.

No capítulo dois, embasaremos os fundamentos teórico-metodológicos no processo enunciativo-discursivo da IS da Libras para Língua Portuguesa em uma perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin, realizando uma aproximação com a Teoria Interacional da Entoação desenvolvida por David Brazil (1985) e com os estudos da verbo-visualidade. Abordaremos os conceitos bakhtinianos de autoria, texto, gênero, discurso, enunciação, enunciado e tentaremos aproximar o conceito de entoação expressiva, presentes no pensamento bakhtiniano, com a TIE de David Brazil (1985) para fundamentar a perspectiva enunciativo-discursiva na IS.

No terceiro capítulo, abordaremos o estudo da prosódia na LSs e na Língua Portuguesa; porém, devido ao fato de concepções sobre a prosódia serem amplas e multifacetadas, o enfoque recairá nos marcadores não manuais e na entoação expressiva.

No quarto capítulo, apresentaremos os contornos deste objeto de pesquisa, as escolhas dos ambientes de pesquisa, o processo de delimitação do objeto enquanto atividade interpretativa simultânea da Libras para a Língua Portuguesa e todos os procedimentos metodológicos para este estudo.

No último capítulo, realizaremos uma análise por meio da perspectiva dialógica na interpretação: análise, compreensão e produção interpretativas, marcas de autoria (discurso avaliativo e discurso significativo) e construção de sentidos. Com isso, analisaremos as interpretações simultâneas por meio do *corpus* escolhido e descreveremos os aspectos da prosódia (marcadores não manuais) na Libras, realizados pelos surdos ou ouvinte (usuário da Libras), e o modo como o TILSP, por meio da prosódia em Língua Portuguesa, constrói os sentidos.

Nas considerações finais, destacaremos conclusões em torno dos aspectos apontados pela análise da prática de interpretação em conferências que permitem caracterizar os elementos prosódicos na Libras e relacioná-los, na interpretação para Língua Portuguesa, à construção de sentidos por meio entoação e da verbo-visualidade. Dessa forma, construiremos possíveis contribuições para a formação do TILSP, dando subsídios para que novas pesquisas em outras esferas do discurso sejam delineadas.

CAPÍTULO 1

CENÁRIO HISTÓRICO: A LÍNGUA DE SINAIS CONSTRUINDO RELAÇÕES SOCIAIS - SURDO E INTÉRPRETES

*Ser significa ser para o outro,
E, através dele, para si.*

Mikhail Bakhtin

Para compreendermos as valorizações axiológicas por meio da(s) linguagem(ns) precisamos observar as complexas relações históricas e socioculturais e os embates ideológicos na constituição das identidades entre surdos, ouvintes e intérpretes. Nosso objetivo, neste capítulo, é apresentar o panorama histórico desses atores socioculturais e o modo como se constituem socialmente por meio das relações interdiscursivas em uma comunidade linguística minoritária, inserida em uma sociedade majoritária, tendo Língua Portuguesa como língua oficial.

O panorama histórico apresenta interações interdiscursivas intrínsecas e ideológicas entre os surdos, os ouvintes e os intérpretes de língua de sinais, desde as atividades comunicativas familiares (informais), posteriormente nas relações discursivas em ambiente religioso e, atualmente, nas interpretações em diferentes esferas de produção do discurso. Conforme Volóchinov (2017 [1929], p. 109) a organização social entre indivíduos possibilita as interações próximas, possibilitando as formas de signos:

Como sabemos, todo signo surge entre indivíduos socialmente organizados no processo de sua interação. Portanto, as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas da sua interação.

Portanto, para entender como surdos e intérpretes de LSs se constituem como atores sociais na atividade de inter-relação face a face, precisamos observar o processo histórico e as manifestações políticas, sociais e culturais em que esses sujeitos estão inseridos.

1.1. Surdos, ouvintes e a linguagem: embates ideológicos

Os surdos sempre existiram e sempre estiveram presentes na história da humanidade; porém, no decorrer da história, suas “diferenças” nem sempre foram respeitadas, e em alguns momentos eles não foram reconhecidos como seres humanos, conforme afirma Strobel (2008).

Para a autora:

A história do povo surdo mostra que por muitos séculos de existência, a pedagogia, as políticas e muitos outros aspectos próprios do povo surdo têm sido elaborados sempre sob o ponto de vista dos ouvintes e não dos surdos que, quase sempre, são ignorados, desvalorizados enquanto sujeitos e profissionais que podem contribuir a partir de suas capacidades essenciais e de sua diferença: do ser surdo (...) (STROBEL, 2008, p. 41).

A história dos surdos apresenta relações conflitantes entre ouvintes⁴ e o povo surdo⁵, que podem ser vistas como relações de poder, de colonização, de paternalismo e audismo⁶. Uma possível alusão à prática dos colonizadores está visível sob o aspecto clínico e mesmo sob o aspecto educacional, a partir dos quais “definem-se os surdos como linguisticamente pobres, intelectualmente primitivos e concretos, socialmente isolados e psicologicamente imaturos e agressivos” (SKLIAR, 1997, p. 115).

Se direcionarmos nosso olhar para a Antiguidade Clássica, veremos que os surdos eram excluídos da sociedade, estereotipados como “anormais”, e eram atirados de penhascos e navios em alto mar. Um dos grandes filósofos da época, Aristóteles (384-322 a.C.), desacreditava que os surdos tinham a capacidade de reflexão, devido à ausência de oralidade; tal pensamento atravessou centenas de anos (GUARINELLO, 2007). Infelizmente, essa máxima aristotélica de que a linguagem é condição de humanidade e de que esta não poderia se desenvolver a não ser pela linguagem oral produz reflexos até os dias atuais.

Se voltamos nosso olhar para o período da Idade Média veremos que o processo educacional esteve sob responsabilidade do clero, pois seus membros tinham acesso privilegiado aos textos sagrados, e funcionavam como guardiões das ideias. Por meio da escrita “cabia-lhe [ao clero] a manutenção do conteúdo ideológico dominante, já que possuía o controle do consumo e da produção de grande parte do conhecimento disponível” (LODI, 2005, p. 412).

⁴ Ouvinte: palavra usada pelo povo surdo para designar aqueles sujeitos que não são surdos.

⁵ Sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tal como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços (STROBEL, p. 29, 2008).

⁶ O termo audismo (*audism* em inglês) foi criado pelo professor americano Tom L. Humphries, e se refere ao preconceito que a comunidade surda sofre pelos ouvintes.

Esta superioridade das religiões de conversão, de acordo com Goody (1990), efetivava-se por meio da língua escrita, pois os sacerdotes, que eram os primeiros intérpretes, tinham acesso aos textos sagrados e assumiram o papel de “mediadores” da palavra de Deus.

Nessa época, a igreja, por meio da força da palavra (língua escrita) enquanto signo ideológico, realizou e manteve o processo de centralização sociopolítica e cultural. E foi responsável pelas lentas e graduais transformações em todas as esferas sociais, determinando e refletindo as relações recíprocas entre superestrutura e infraestrutura, pois toda ideologia passa necessariamente pelo signo verbal (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]).

Com isso, a igreja exerceu um controle sobre a educação, acumulando riquezas, por meio de doações substanciais e permanentes, com o objetivo de manter as manutenções das escolas (edificações, terras e pessoas). Assim, a igreja possuía o poder econômico e controle de grande parte das terras cultiváveis da Europa Ocidental.

É na Espanha do século XVI, que o padre Ponce de León inicia a educação dos surdos nobres na Espanha. Entretanto, Ponce de León apresentou um ensino com uma particularidade: a forma de comunicação utilizada. Segundo Lodi (2005), Ponce de León fazia parte do Monastério de Oña, na Espanha (em que os internos viviam em silêncio). Os monges não podiam comunicar-se por meio da oralidade e, sendo assim, empregavam um sistema de comunicação manual inventado no próprio Monastério.

Nesta mesma época León educava Francisco e Pedro de Velasco, dois irmãos surdos, que pertenciam a uma família de quatro irmãos surdos que utilizavam uma comunicação desenvolvida domesticamente (*home signs*). Ponce de León utilizou os sinais, negociados entre os dois sistemas, como instrumento comunicativo para o desenvolvimento da educação (LODI, 2005).

De acordo com Lodi (2005), o uso de LS na educação inicia-se somente no século XVIII, em 1760 aproximadamente, com o abade de Charles Michel de L'Épée, na França. L'Épée fundou a primeira escola para surdos na Europa: Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris. Com isso, iniciou um novo movimento social de oposição à ideologia verbal oral.

L'Épée, a partir da observação, verificou o desenvolvimento comunicacional satisfatório por meio do canal viso-gestual dos surdos. Apoiado na “linguagem de sinais da comunidade surda”, criou um método educacional, denominado de "sinais metódicos". Dessa forma, desenvolveu o processo de aprendizagem, no qual os educadores teriam que aprender os sinais com os surdos, com o objetivo de ensinarem a língua falada e a escrita do grupo socialmente majoritário, isto é, dos ouvintes (LACERDA, 1998).

A combinação dos sinais dos surdos franceses com os sinais inventados pelo abade L'Épée, possibilitou o aprendizado da leitura e da escrita aos surdos. De acordo com Sacks (1990, p. 37), o abade desenvolveu:

[...] linguagem de ação, uma arte metódica, simples e fácil, pela qual transmitia a seus pupilos ideias de todos os tipos e até mesmo, ousado dizer, ideias mais precisas do que as geralmente adquiridas através da audição. Enquanto a criança ouvinte está reduzida a julgar o significado de palavras ouvidas, e isto acontece com frequência, elas aprendem apenas o significado aproximado; e ficam satisfeitas com essa aproximação por toda a vida. É diferente com os surdos ensinados por L'Épée. Ele só tem um meio de transmitir ideias sensoriais: é analisar e fazer o pupilo analisar com ele. Assim, ele os conduz de ideias sensoriais a abstratas; podemos avaliar como a linguagem de ação de L'Épée é vantajosa sobre os sons da fala de nossas governantas e tutores.

Outros métodos de aprendizagem observados nesse período foram desenvolvidos por médicos. Como exemplo, temos o médico francês Jean Marc Itard (1774-1830), que, em 1821, publicou o livro *Traité des maladies de l'oreille et de l'audition*, no qual afirmava que os surdos poderiam ser educados apenas pela fala (GUARINELLO, 2007).

Porém, conforme Nascimento (2016), a abordagem socioantropológica e o processo educacional que considerava a língua dos surdos mudaram significativamente no Congresso de Milão de 1880, pois diversos educadores de surdos de vários países aboliram a utilização da LS no processo de aprendizagem dos surdos e adotaram o método oral, considerado superior ao método gestual. A organização do Congresso, segundo Strobel (2008), é descrita a seguir:

Este congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintistas, todos defensores do oralismo puro, num total de 164 delegados, 56 eram oralistas franceses e 66 eram oralistas italianos. Havia 74% de oralistas da França e da Itália. Alexander Graham Bell teve grande influência neste congresso. Os países que resistiram à proibição da língua de sinais foram a Grã Bretanha e os Estados Unidos. Alguns sujeitos surdos, representantes do povo surdo, queriam participar do congresso, mas foram excluídos na votação e tiveram seus discursos negados (STROBEL, 2008, p. 90).

Com o intuito de mostrar a eficiência do método oralista alguns educadores apresentaram nesse congresso vários surdos que falavam bem. Com isso, defenderam a importância da aprendizagem da LO na vida social, e sustentaram que a gestualidade prejudicaria a comunicação dos surdos (LACERDA, 1998). Carvalho (2007, p. 66) seleciona alguns dos principais resultados do Congresso:

O uso da língua falada, no ensino e educação dos surdos, deve preferir-se à língua gestual;

O uso da língua gestual em simultâneo com a língua oral, no ensino de surdos, afeta a fala, a leitura labial e a clareza dos conceitos, pelo qual a língua articulada pura deve ser proferida;

Os governos devem tomar medidas para que todos os surdos recebam educação;

O método mais apropriado para os surdos se apropriarem da fala é o método intuitivo (primeiro a fala depois a escrita); a gramática deve ser ensinada através de exemplos práticos, com a maior clareza possível; devem ser facultados aos surdos livros com palavras e formas de linguagem que eles já conheçam;

Os educadores de surdos, do método oralista devem dedicar-se na elaboração de obras específicas desta matéria;

Os surdos, depois de terminado o seu ensino oralista, para não esquecer o conhecimento adquirido, devem usar a língua oral na conversação com pessoas falantes, já que a fala se desenvolve com a prática;

A idade mais favorável para admitir uma criança surda na escola é entre os 8 e 10 anos, sendo que a criança deve permanecer na escola um mínimo de 7 a 8 anos. Nenhum educador de surdos deve ter mais de 10 alunos simultaneamente;

Com o objetivo de implementar com urgência o método oralista, as crianças surdas e recém-admitidas eram reunidas nas escolas e instruídas através da fala; essas mesmas crianças eram separadas das crianças mais avançadas, já educadas gestualmente, a fim de que não fossem “contaminadas”; os alunos antigos também deveriam ser ensinados segundo este novo sistema oral.

Entretanto, segundo Lodi (2005), na Europa e na América começou a se constituir e disseminar um novo discurso sobre a surdez por meio dos ex-alunos do Instituto convidados a organizar e/ou trabalhar na educação de crianças surdas. O movimento ganhou força na França e nos Estados Unidos, pois nesses países a comunidade surda e seus educadores (surdos e ouvintes) mobilizaram-se a favor do ensino da LS e pelos direitos dos surdos. Porém, de acordo com Lodi (2005), depois da metade do século XIX, as forças centrípetas começam a ficar cada vez maiores e iniciam movimentos contra os surdos e a língua de sinais. A seguir realizamos uma síntese de alguns apontamentos, conforme Lodi (2005), sobre as orientações desse movimento:

- 1) Era necessário acabar com o plurilinguismo social, subjugando-o à língua oficial do país;
- 2) Imposição do uso da “língua correta” a todos aqueles que representavam desvio: as várias linguagens sociais, os dialetos e, no caso dos surdos, a língua de sinais que deveria ser substituída pela língua francesa falada;
- 3) Extinção das escolas residenciais, pois enquanto elas existissem e os surdos continuassem juntos, a língua de sinais estaria presente e viva;
- 4) Extinção da língua pelo extermínio do povo (proibição do casamento entre surdos).

Essa organização interindividual desses embates filosóficos e ideológicos iniciou-se no Brasil com a educação dos surdos em 1856, por meio do professor Ernest Huet, surdo francês que trouxe o alfabeto manual e alguns sinais franceses para o Brasil. Porém, os surdos brasileiros possivelmente utilizavam algum sistema de sinais próprio e, com contato com a Língua de Sinais Francesa (LSF), iniciou-se o processo de constituição da Língua de Sinais Brasileira. No ano seguinte, no dia 26 de setembro de 1857, foi fundado o Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, atualmente denominado Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Monteiro (2006) relata que os surdos de outros estados do Brasil começaram a estudar no INES e dormiam na escola, que era um internato para eles. Com isso, as relações sociais e comunicativas favoreceram o fortalecimento da LS.

Porém, em 1881, inicia-se a proibição do uso da LS no ensino-aprendizagem dos surdos em todo o território nacional, inclusive no INES. Essa proibição estava apoiada no Congresso de Milão (1880). Com isso, no ano de 1885 começou o declínio da quantidade de docentes surdos (22%), aumentando a admissão de docentes ouvintes. Essa proibição aumentou as tensões e conflitos nas relações entre “colonizadores” e “colonizados”, pois os ouvintes impuseram a sua Língua Portuguesa, oprimindo a LS e os aspectos culturais da comunidade surda (MONTEIRO, 2006).

Atualmente no Brasil há uma abordagem clássica sobre o processo educacional de surdos, porém com diferentes visões que têm marcado essa educação (RODRIGUES; BEER, 2016). Os autores denominam tal abordagem como filosofias educacionais da surdez, com diferentes olhares para essas filosofias e com definições diferenciadas.

Rodrigues e Beer (2016) observaram autores que defendem a existência básica de apenas duas grandes filosofias “guarda-chuva”, oralismo e bilinguismo, a partir das quais as demais se ramificam; essa percepção está em oposição à abordagem mais comum que distingue oralismo, comunicação total e bilinguismo, separadas e completamente independentes.

Como vimos, os embates ideológicos dependem da organização interindividual, ou seja, a própria especificidade do ideológico reside no fato de estar situado entre indivíduos organizados (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Esses embates ideológicos entre o método que prioriza a comunicação por meio da língua falada e o método por meio de sinais são sócio-históricos e reverberam na atualidade, na educação dos surdos, no ensino da Libras e nas atividades de tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa.

Com relação ao ensino da Libras, ultimamente observamos um embate ideológico relacionado ao anterior nas relações entre surdos e ouvintes. Essa polêmica, sempre presente na

comunidade surda, atualmente ganha uma proporção maior, devido a obrigatoriedade da oferta da disciplina de Libras em alguns cursos de nível superior e, também, a grande procura pelos cursos de Libras na sociedade em geral.

De acordo com Benassi (2014) os surdos reivindicam o direito à exclusividade no ensino de Libras com a justificativa que somente eles estão aptos a ensiná-la, pois é a sua língua de natividade. O autor realiza uma crítica a este pensamento:

Se o argumento utilizado pelos surdos para justificar que só eles são capazes de ensinar a LIBRAS por serem nativos da língua fosse de fato aplicável, estaríamos enfrentando um grande problema no ensino de língua estrangeira. Tal postulado não só não se sustenta, como é deveras descabido. Se somente o surdo pode ensinar LIBRAS, somente o nativo de Língua Inglesa pode ensinar o inglês, o nativo de Língua Espanhola, o espanhol, e assim por diante (BENASSI, 2014, p. 19).

Se observamos a Lei 10.436/02 e o Decreto 5.626/05, não encontraremos nenhuma proibição com relação ao ensino de Libras por ouvintes. Porém, temos que refletir sobre esta problemática e como estes embates ideológicos constituíram-se no meio da comunidade surda. Primeiramente, podemos pensar nas questões sócio-históricas, que são marcadas pelas relações conflitantes, como já mencionado, entre ouvintes e povo surdo, por meio das relações de poder, de colonização, de paternalismo e audismo.

A história mostra que os surdos sempre foram estereotipados, excluídos e proibidos de usarem a língua de sinais e, a partir do momento do reconhecimento, inicia-se um processo de inclusão dos surdos e uma difusão desta língua em todo o território nacional. O excluído agora tem um poder: “sua língua”.

Paulo Freire, nosso patrono da educação, em sua obra “Pedagogia do Oprimido”, escreve uma frase que se tornou famosa: “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”. Será que os surdos estão se posicionando por meio da Libras? E por meio dessa língua querem ocupar um lugar que antes fora negado?

Outro fator que podemos pensar sobre este embate ideológico é a questão da reserva de mercado de trabalho. Como é o processo de inserção e permanência do surdo no mercado formal de trabalho? Algumas Leis específicas legitimam o direito de pessoas com deficiência ao trabalho, como a Lei nº 8.112 de 11 de dezembro de 1990, que determina a reserva de 20% das vagas em concursos públicos, e a Lei nº 8.213/91 (Lei de Cotas) que obriga empresas com 100 (cem) ou mais funcionários a reserva de 2% a 5% das vagas para pessoas com deficiência.

Porém, conforme Custódio (2012), por preconceito ou falta de informação, a maioria das empresas não realizam a contratação dos surdos, pois alegam que a maioria possui baixa

escolaridade e capacitação profissional. Em relação aos surdos com formação superior, as questões da não contratação são associadas à falta de “capacidade profissional” e dificuldade de comunicação com ouvintes. Por essas dificuldades nas reservas de mercado de trabalho alguns surdos acabam optando por trabalhar com o ensino de Libras. Dessa forma, os surdos acabam questionando o ensino de Libras, pois, acreditam que são suas por direito linguístico e cultural.

1.2. Interpretação da Libras para o português: o caminho histórico das práticas sociais para a profissionalização

Observamos os embates ideológicos nas relações sociais entre surdos e ouvintes, proporcionando o surgimento das correntes filosóficas na educação dos surdos, e influenciando o ensino, a relações comunicativas, a tradução e interpretação da LS no Brasil. Para Dinarte e Russo (2015, p. 179-180), atravessados por questões sociais e históricas:

[...] Surdos e ouvintes participam, com atravessamentos institucionais distintos, de processos de inclusão social que visam à diminuição de barreiras de comunicação, nisso, não são senão aliados em um fenômeno amplo de mudança social. Isso é, todos, surdos e ouvintes, estão traduzindo textos, interpretando, produzindo sentidos, a partir de informações que, por adventos históricos de opressão e exclusão social, deixaram de circular nas comunidades surdas por muito tempo. Neste momento de acelerada mudança, os TILS se inserem como aqueles que, passando de parceiros de luta a profissionais localizados institucionalmente, assumem a tarefa de traduzir e de interpretar, isto é, passam a ser entendidos como trabalhadores, responsáveis por uma parte de um projeto maior de emancipação dos surdos. Nesta realocação, os discursos sobre essa nova posição se confundem, se misturam, atribuindo aos TILS, muitas vezes, características que, ou não condizem com a definição destes como profissionais, ou, ainda, buscam interditar suas funções a partir de um discurso de militância ou fundamentado em ideias que estariam fora do escopo conceitual necessário, no nosso entendimento, ao traçado de um perfil profissional.

Nesse contexto, o protagonismo dos sujeitos que vivenciam uma restrita relação com os surdos inicia-se nas práticas comunitárias de interpretação de LS em situações de necessidade comunicacional, promovendo a interação com sujeitos ouvintes por meio de atividades tradutórias e interpretativas (NASCIMENTO, 2012).

Porém, esse processo de constituição na história é realizado por “lacunas desconfortáveis” e pelas “práticas transgressoras” por meio da atividade de interpretação e de tradução da língua: “O protagonismo da comunidade surda e a emergência de posição diante de

diferentes interlocutores demandou, por consequência, a emergência destas atividades” (MARTINS; NASCIMENTO, 2015, p. 86).

O início da atividade de interpretação surgiu de forma informal nas mediações discursivas familiares por meio da modalidade intermitente (ou *sentence-by-sentence*, ou ainda *ping-pong*)⁷. Algumas situações de interpretação vivenciadas por familiares de surdos, principalmente com o Codas (*Children of Deaf Adults*)⁸, aconteceram nas relações comunicativas familiares, em reuniões com professores na escola, em sala de aula (voluntários) e em outros contextos, onde um membro familiar realizava a interpretação na modalidade intermitente, porém desconhecia as técnicas interpretativas.

Neste ambiente familiar (zona de contato), as relações entre ouvintes e surdos são construídas com acontecimentos cinestésicos e atravessadas por substratos filosóficos, éticos e estéticos marcado por tensões, pois estão imersos em representações culturais, sociais, políticas e linguísticas (QUADROS, 2017).

De maneira informal e sem nenhuma remuneração, os intérpretes de língua de sinais atuavam no Brasil em diferentes esferas comunitárias, com mais incidência nos ambientes religiosos e educacionais. Dessa forma, desenvolveram práticas de tradução e interpretação, porém faltava a formação e a aproximação na pesquisa, no estudo da língua de sinais e na tradução e interpretação.

Em 05 e 06 de agosto de 1988, aconteceu o I Encontro Nacional de Intérpretes de Línguas de Sinais no Rio de Janeiro realizado pela FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos). O encontro surgiu da necessidade de discutir as práticas e a atuação na interpretação realizada pelos intérpretes com o objetivo de “levantar a necessidade de haver TILS e suas funções perante a comunidade surda, uma tentativa de diminuição do bloqueio de comunicação” (FENEIS, 1988).

A temática deste encontro, conforme com Albres (2015), era a atuação do intérprete na esfera social, deixando de lado o trabalho desse profissional na educação, pois, na época, essa era ainda apenas uma reivindicação dos surdos. A perspectiva inclusiva começa a tomar outras proporções somente na década de 1990.

⁷ Pagura apresenta este termo para descrever o processo em uma necessidade comunicativa entre línguas em que o locutor fala uma ou duas frases curtas e faz uma pausa para que as suas sentenças sejam traduzidas para o idioma: “Esse processo centra-se basicamente na tradução das palavras ditas, sem levar em conta diversos outros fatores importantes no processo interpretativo, seja pela própria natureza da situação ou, muito comumente, pela falta total de treino da pessoa colocada na posição de “intérprete” (PAGURA, 2003, p. 212).

⁸ Os filhos de pais surdos passam a ser referidos como codas a partir da criação da organização internacional *Children of Deaf Adults* (CODA), por meio da realização de congressos locais, nacionais e internacionais iniciados nos Estados Unidos (QUADROS, 2017, p. 63).

Com isso, em 1992, a FENEIS organizou o II Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais que promoveu intercâmbio entre diferentes experiências dos intérpretes no país, discussões e votação do regimento interno do Departamento Nacional de Intérpretes fundado mediante a aprovação do mesmo. A partir de 1993, a FENEIS começou a realizar encontros estaduais com os intérpretes de Libras.

Esses encontros realizados pela FENEIS e por outras entidades representativas contribuíram para a abertura de cursos de formação, bancas de avaliação e credenciamento desses profissionais.

De fato, o movimento de inclusão do intérprete de Libras inicia-se com a Declaração de Salamanca (BRASIL, 1994), da qual o Brasil é signatário. No documento é citado o intérprete de língua de sinais, porém sem vínculo com a esfera educacional. Conforme Albres (2015), no final da década de 1990, o movimento de educação inclusiva é fortalecido, pois surge demanda de intérpretes em salas de aula em escolas comuns com o objetivo de realizar a inter-relação discursiva entre alunos surdos, professores e a comunidade escolar.

E é no ano de 1997 que o MEC assegura presença do TILSP no ensino básico e ensino superior, porém reconhece que não existe formação específica, sendo reduzido o número de pessoas habilitadas para exercer essa função (familiares, amigos ou profissionais com longo tempo de convívio com surdos) com fluência na língua brasileira de sinais e em Língua Portuguesa:

A profissão de intérprete de LIBRAS (existe uma movimentação da comunidade surda organizada em âmbito nacional no sentido de que a LIBRAS seja reconhecida oficialmente como língua) ainda não está regulamentada e poucos são os municípios que a reconhecem. Por outro lado, não existindo formação específica, é reduzido o número de pessoas habilitadas a exercer essa função, que passou a ser desempenhada por familiares, amigos ou profissionais com longo tempo de convívio com surdos. Os intérpretes devem ter fluência na língua brasileira de sinais, na forma como é usada pelas pessoas surdas e também boa fluência em língua portuguesa. Geralmente, intérpretes com nível de escolaridade alto têm melhores condições de produtividade. A atuação dos intérpretes deve estar centrada no atendimento a todas as pessoas surdas que necessitam romper os bloqueios de comunicação com o objetivo de integrar surdos e ouvintes, facilitando a comunicação entre ambos. Frequentemente, os intérpretes são solicitados para intermediar a comunicação entre surdos e ouvintes em encontros, reuniões, cursos, palestras, debates, entrevistas, consultas, audiências, visitas etc. (BRASIL, 1997, p. 305-306).

Como já mencionamos, a profissionalização e a formação do TILSP no Brasil iniciam-se com o reconhecimento da Libras como uma língua pertencente à comunidade surda, por meio

da Lei nº 10.436/2002. Em 2005, com o decreto nº 5.626/05, especifica-se a formação do TILSP em curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras – Língua Portuguesa. Porém, até o ano de 2015, os intérpretes que não possuíssem a formação estipulada poderiam realizar exames de proficiência (Prolibras⁹) e cursos (nível médio): cursos de educação profissional, cursos de extensão universitária e cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação.

Esses movimentos políticos educacionais possibilitaram a expansão da Libras e o início da formação de intérpretes em outras instituições acadêmicas. Com isso, a FENEIS deixou de ser a entidade central na avaliação e formação de intérpretes, porém “continuou a participar deste processo, mas agora não mais como protagonista, mas, sim, como parceira” (NASCIMENTO, 2016, p. 81).

Em 2006, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) oferece o primeiro curso de licenciatura para a formação de professores de Libras, propondo o oferecimento na modalidade a distância em caráter multiplicador. O objetivo do curso era formar docentes em vários estados do Brasil e possibilitar a multiplicação de formadores em todo o território brasileiro.

No ano de 2007 inicia-se uma reivindicação de alguns candidatos ouvintes para a criação do curso de tradução e interpretação, pois a formação em Licenciatura dava prioridade aos candidatos surdos, conforme previsto no Decreto nº 5.626/2005. Atendendo à reivindicação, em 2008, a UFSC abre o Curso de Letras Libras Bacharelado, com o objetivo de formar tradutores e intérpretes (QUADROS; STUMPF, 2015).

[...] a UFSC teve papel fundamental para a expansão da formação de professores, de tradutores e de intérpretes de Libras. Esta universidade protagonizou, além dos primeiros cursos de formação em nível superior, uma série de ações políticas para o ingresso de surdos no ambiente acadêmico e para a elevação da Libras enquanto língua de produção de conhecimento dentro da universidade (ação direta no status da língua dentro da universidade) (NASCIMENTO, 2016, p. 83).

Somente em 1º de setembro de 2010 a profissão do TILSP foi reconhecida por meio da Lei nº 12.319. A lei especifica a competência para a realização de interpretação nas duas modalidades, de maneira simultânea ou consecutiva, e a proficiência em tradução e

⁹ Exame nacional para certificação de proficiência no uso e no ensino de língua brasileira de sinais (libras) e para certificação de proficiência na tradução e interpretação da libras-português-libras (Prolibras), que certificará pessoas surdas ou ouvintes fluentes, com ensino superior ou ensino médio completo. Os certificados obtidos pelo Prolibras asseguram a competência no uso e no ensino de libras ou na tradução e interpretação da língua, sendo aceitos por instituições de educação superior ou básica (<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34093>).

interpretação da Libras e da Língua Portuguesa. Porém, altera a formação profissional para o nível médio nos cursos de educação profissional (reconhecidos pelo sistema que os credenciou), de extensão universitária, e de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação.

De acordo com a lei, a formação do TILSP também pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições credenciadas por Secretarias de Educação.

Em 2015, foi sancionada a LBI nº 13.146/15, com objetivo de garantir direitos às pessoas com deficiência, inclusive direitos das pessoas surdas e com deficiência auditiva, assegurando acesso à educação e à comunicação. Essa lei descreve as atribuições do tradutor e intérprete de Libras. No capítulo V, a lei especifica que o TILSP, para atuar no nível básico da educação, deve, no mínimo, possuir ensino médio completo e certificado de proficiência na Libras. A formação para atuação dos tradutores e intérpretes da Libras no nível superior deve ser também no nível superior, com habilitação, prioritariamente, em Tradução e Interpretação em Libras.

1.2.1. A formação dos intérpretes de língua de sinais no Brasil

Como vimos, a regulamentação da profissão e da formação dos TILSP foi estabelecida por alguns documentos oficiais. Esses documentos construíram caminhos e possibilitaram a abertura de cursos de tradução e interpretação em todo o território nacional. Porém, a formação oferecida é generalista e não supre as necessidades surgidas nas várias atividades humanas em que os surdos ou a Libras estão presentes, pois a formação dos intérpretes de Libras em uma esfera específica de atuação poderia proporcionar melhores condições de compreensão dos discursos e melhores estratégias para a interpretação.

De acordo com este pensamento, Albres (2015) aborda a formação teórico-prática do intérprete de Libras educacional. Segundo a autora, é necessário refletir sobre essa formação, que envolve linguagem, aspectos linguísticos/culturais, aspectos relacionados ao ambiente de atuação etc. Para Albres (2011), devido à burocracia das instituições, os TILSP buscam formação individual, com certificações de algumas horas no ensino de Libras e acabam exercendo a profissão de intérprete de Libras nas instituições educacionais.

Consideramos que o processo de formação do TILSP envolve anos de estudos, e que esse profissional necessita ter a proficiência nas duas línguas (Libras e Língua Portuguesa),

conhecimento sobre estudos da tradução e da interpretação, desenvolvimento das técnicas de tradução e interpretação, acesso constante a materiais de tradução, participação em várias atividades que envolvam a interpretação e as línguas, e contato permanente com os surdos. Portanto, a formação na área da tradução e interpretação e a proficiência em Libras são essenciais para que o TILSP possa realizar a mobilização enunciativo-discursiva, como também o domínio lexical do campo em que vai trabalhar. Para Albres (2011), na formação dos intérpretes precisam ser incluídas as discussões sobre construção de sentidos e estratégias de interpretação, pois a atividade interpretativa não se reduz a verter palavras e frases de uma língua para outra.

Pensando nestas questões, Sobral (2008) traz uma reflexão sobre a teoria e a prática na atividade de tradução/interpretação. Conforme o autor, as práticas não podem ser entendidas a partir de alguma teoria, como não se pode desprezar a teorização na compreensão da prática: “teoria e prática devem vir juntas”. Assim, os profissionais que formam os TILSP necessitam verificar que tipo de teoria se ajusta à atividade prática, e como essa atividade pode ajudar a compreender e servir para teorizar. Alguns TILSP têm anos de prática, porém não conseguem ou não querem teorizar sobre essa prática:

[...] o tradutor pode ter anos de prática e não conseguir teorizar sobre essa prática. Afora a má vontade, ou resistência em fazê-lo, essa situação pode decorrer do fato de o tradutor não conhecer critérios para teorizar, não ter conhecimento do processo de teorização ou julgar que a prática é “transparente” e que basta ver o que ele mesmo faz para saber o que faz – o que é um grande engano (SOBRAL, 2008, p. 16).

Este processo de formação dos intérpretes pode ser entendido basicamente de duas maneiras: uma estática e a outra dinâmica. Segundo o autor, são dois extremos, pois um almeja a transmissão de conteúdo, em uma visão estática tradicional, e o outro inclui a cocriação de conhecimentos e saberes teóricos e práticos:

[...] que separa o “conteúdo e forma”, que prova a repetição e esmaga a inovação, uma concepção de “linha de produção” e de que não vou me ocupar, porque todos somos vítimas dela. De outro lado, como promoção da apropriação e cocriação de conhecimentos (e “conhecimentos” inclui os saberes teóricos e os saberes práticos). Trata-se da visão que chamo de engajada, porque busca favorecer a criação por meio da promoção da responsabilidade pela própria aprendizagem, em parceria com o professor – um parceiro mais experiente –, um processo que busca promover a inovação, a contestação, a atitude crítica e a reflexão constante (SOBRAL, 2008, p. 22).

Segundo Dinarte e Russo (2015), o campo da educação ainda exerce uma forte influência nos cursos de tradução e de interpretação de Libras em nível de extensão, assim como os cursos de pós-graduação (especialização), pois as temáticas dos cursos tratam de assuntos e autores oriundos da Educação. Os autores observam também que o campo da Linguística e dos Estudos da Tradução vem se destacando na formação e atuação dos TILSP.

1.3. Os estudos da tradução e da interpretação

No campo da disciplina geral da Linguística Aplicada (LA), os olhares sobre os Estudos da Tradução (doravante ET) e os Estudos da Interpretação (doravante EI) possuem uma perspectiva abrangente relacionada ao ato de traduzir e interpretar como processos intrínsecos: “todo ato de tradução é tanto tradução como interpretação, porque traduzir é sempre interpretar e porque sempre que se interpreta se traduz” (SOBRAL, 2008, p. 88).

A tradução e a interpretação, segundo Pagura (2015), têm como objetivo fazer com que “uma mensagem expressa em determinado idioma seja transposta para outro, para que seja compreendida por uma comunidade linguística que não fale o idioma em que essa mensagem foi originalmente concebida” (PAGURA, 2015, p. 184). Para o autor, tanto o tradutor quanto o intérprete são profissionais que possibilitam a comunicação entre duas comunidades, realizando a ultrapassagem da mensagem pela “barreira linguística”. Por essa razão, alguns autores utilizam a metáfora “ponte” para denominar esses profissionais.

Conforme Rodrigues e Beer (2015), a existência dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Língua de Sinais (ETILS) é devida tanto ao campo disciplinar dos ET e quanto ao campo dos EI, pois há uma relação singular, uma explícita identificação e dependência. Na verdade, ao mesmo tempo em que se singulariza em relação a esses dois grandes campos disciplinares, permanece uma inegável e explícita identificação e interdependência.

Esses dois processos, embora cunhados na translação de material linguístico-cultural de uma língua a outra, caracterizam-se pela maneira por meio da qual acontecem linguística, cognitiva e operacionalmente. Nesse sentido, esses campos disciplinares são justapostos e interdependentes, já que sua coexistência é inevitável, e, ao mesmo tempo, distintos e singulares em relação à especificidade de seu foco de estudos (RODRIGUES; BEER, 2015, p. 19).

O estudo de Rodrigues e Beer (2015) apresenta a definição dos ET de acordo com a *Routledge* Enciclopédia de Estudos da Tradução, “como um campo de conhecimento acadêmico que tem como objetivo investigar a tradução”, e a concepção de Mona Baker sobre

o termo “tradução”, que, segundo a autora, “refere-se à tradução literária e não literária, à interpretação, à dublagem e à legendagem” (BAKER, 1998). Os autores argumentam que o campo disciplinar está cunhado na visão genérica e ampla do que é “tradução”. Assim, percebe-se a falta de diferenciação entre “tradução” e “interpretação”.

Em sua pesquisa, Rigo (2015) apresenta alguns pesquisadores acadêmicos que abordam práticas nas traduções de LS no Brasil, como Pereira (2010), que aborda os levantamentos relacionados à tradução literária nos estudos de Ramos (1995 e 2000); Souza (2010) e Santana (2010), que possuem pesquisas relacionadas às performances dos tradutores surdos; Segala (2010), com contribuições sobre tradução intermodal; Avelar (2010), com pesquisa realizada por sobre atores-tradutores surdos; a própria Rigo (2013), que estuda traduções de canções; e Santos (2013), como já mencionamos, cuja pesquisa contempla as teses e dissertações sobre tradução publicadas no período de 1990 a 2010:

Essa efervescência de pesquisas reflete a realidade crescente da atividade de tradução concretizada em diversos âmbitos e modalidades (tradução de livros e histórias literárias; materiais acadêmicos e didáticos; glossários; documentos institucionais, editais de concursos e vestibulares, etc.), bem como os diferentes perfis de profissionais, entre eles, o tradutor surdo e sua atuação (RIGO, 2015, p. 461).

Atualmente, de acordo com Rigo (2015), o Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras¹⁰ e Língua Portuguesa, promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina, fomenta trabalhos acadêmicos na área de tradução.

Diante dessa breve revisão, é possível perceber que muitos são os trabalhos e investigações realizados sobre tradução de/para Libras. A autora enfatiza que a maioria das pesquisas realizadas compreende a tradução na direção Português – Libras; são poucos os trabalhos que envolvem a tradução inversa, Libras – Português. Algumas referências elencadas por Rigo (2015) envolvendo traduções de Libras para Português são traduções de textos do gênero literário: Nicoloso (2010); Souza (2010); Weininger et al. (2014); Klamt (2014) e outros.

A pesquisa de Segala e Quadros (2015) analisa questões específicas decorrentes das línguas de sinais nos ET, com enfoque na tradução intermodal que permeia a tradução

¹⁰ O Congresso é realizado de dois em dois anos na Universidade Federal Santa Catarina, na cidade de Florianópolis/SC, no Centro de Cultura e Eventos da UFSC e tem como objetivo discutir e apresentar pesquisas sobre a tradução e interpretação de Libras e Português analisada sob diferentes perspectivas do processo, a saber, elementos como aspectos intermodais, aspectos interculturais, aspectos interlinguísticos e aspectos intersemióticos.

interlingual e a tradução intersemiótica. Os autores apresentam três diferentes tipos de tradução discutidos por Jakobson (1959):

1. Tradução intralingual ou reformulação, a interpretação da língua para mesma língua (por exemplo, o texto de adulto para texto infantil).
2. Tradução interlingual ou tradução propriamente dita, que é definida como a interpretação de uma língua para outra; ou seja, uma interpretação de signos verbais de uma língua para outra língua.
3. Tradução intersemiótica ou transmutação que é definida como a interpretação de um sistema de código para outro por meio de signos de sistemas não-verbais.

Em sua pesquisa, Segala (2010) observa as especificidades dos três aspectos identificados por Jakobson nas traduções que envolvem língua de sinais e propõe a tradução intermodal como um quarto tipo de tradução. A tradução da Libras para Língua Portuguesa e/ou vice-versa envolve línguas em diferentes modalidades:

[...] uma tradução que envolve línguas, ou seja, sistemas verbais (tradução interlingual) e outros sistemas não-verbais (tradução intersemiótica). Importante esclarecer que a Libras, assim como outras línguas de sinais, configuram um sistema verbal, apesar de se apresentarem na modalidade visual-espacial (SEGALA; QUADROS, 2005, p. 359).

De acordo com Santos (2010), os ET no processo de formação dos TILSP possibilitam mudança teórica e prática na atuação profissional, pois esses sujeitos problematizam teoricamente sobre as práticas nas atividades tradutórias, refletindo sobre sua constituição de tradutor, as relações entre as línguas envolvidas, o ato tradutório e as implicações presentes neste processo.

Porém, alguns autores, como Nascimento (2011, 2016) e Nogueira (2016), distinguem as atividades de tradução e interpretação envolvendo línguas de sinais, pois o processo de IS se dá em espaço e tempo limitados e lida com texto na língua-fonte para a língua-alvo produzidos simultaneamente (algum tempo para processar a informação recebida e reorganizar sua forma de expressão), diferente da tradução que possibilita um tempo considerável para a realização da atividade.

A solidificação da IS, conforme Pagura (2003) ocorreu no pós-guerra, mais precisamente no Tribunal de Nuremberg¹¹. Nesse julgamento foram utilizados quatro idiomas (inglês, francês, russo e alemão); posteriormente, com a criação da Organização das Nações Unidas, seriam utilizados seis idiomas oficiais (inglês, francês, espanhol, russo, chinês e árabe). O autor descreve a modalidade da IS:

A modalidade simultânea é a mais amplamente utilizada hoje em dia, embora só tenha se firmado no pós-guerra, com as necessidades surgidas no Julgamento de Nuremberg, em que se utilizaram quatro idiomas (inglês, francês, russo e alemão) e, quase que imediatamente a seguir, com a criação da Organização das Nações Unidas, onde se utilizam seis idiomas oficiais (inglês, francês, espanhol, russo, chinês e árabe). Nessa modalidade, os intérpretes – sempre em duplas – trabalham isolados numa cabine com vidro, de forma a permitir a visão do orador e recebem o discurso por meio de fones de ouvido. Ao processar a mensagem, re-expressam-na na língua de chegada por meio de um microfone ligado a um sistema de som que leva sua fala até os ouvintes, por meio de fones de ouvido ou receptores semelhantes a rádios portáteis. Essa modalidade permite a tradução de uma mensagem em um número infinito de idiomas ao mesmo tempo, desde que o equipamento assim o permita. A interpretação simultânea não ocorre, de fato, simultaneamente à fala original, pois o intérprete tem necessidade de um espaço de tempo para processar a informação recebida e reorganizar sua forma de expressão. Esse breve espaço de tempo recebe o nome tradicional de “*décalage*”, termo francês usado em todo o mundo (PAGURA, 2003, p. 212-213).

Os estudos sobre a interpretação nas línguas orais iniciaram-se nos anos sessenta e setenta. Na década de 1970, as pesquisas foram realizadas por psicólogos cognitivos, psicolinguistas e estudos direcionados por pesquisadores e intérpretes, como Danica Seleskovitch, que desenvolveu a *Thèorie du Sens* (teoria do Sentido).

A *Thèorie du Sens* (teoria do Sentido) ou Teoria Interpretativa da Tradução (TIT) de Danica Seleskovitch – processo de desverbalização e reverbalização – traz discussões sobre o trabalho do intérprete em conferência e sobre a eficácia da comunicação entre o palestrante e os espectadores.

De acordo com Pagura (2015), a TIT surgiu a partir da prática de interpretação consecutiva em conferências, do exercício docente e da pesquisa acadêmica de Seleskovitch e, posteriormente, Marianne Lederer, na *École Supérieure d’Interprètes et de Traducteurs* (ESIT), da Universidade Paris III, Sorbonne Nouvelle.

¹¹ Com o fim da II Guerra Mundial, os países aliados – Inglaterra, França, Estados Unidos e União Soviética –, realizam um julgamento contra os atos cometidos pelos chefes da Alemanha nazista contra populações civis. O Julgamento de Nuremberg teve de 20 a 22 indivíduos sentenciados ou à pena de morte por força, ou à prisão perpétua ou à prisão de até 20 anos. Apenas três deles foram declarados inocentes. A julgamento durou por volta de oito meses.

Segundo Pagura (2015) noção de desverbalização, que é um dos pontos centrais da Teoria do Sentido, apareceu formalizada pela primeira vez em 1968, quando Seleskovitch publicou sua primeira obra sendo desenvolvida em detalhes em sua tese de doutorado, defendida em 1973 e publicada em 1975. Conforme o autor, a desverbalização, posteriormente também mencionada como “conceitualização”, constitui o cerne da TIT, considerada fundamental para a apreensão do sentido.

De acordo com Pagura (2015) a desverbalização resulta da associação do significado linguístico das palavras com conhecimentos não verbais anteriores (“conhecimento enciclopédico”) e com o “contexto de situação”, que é o conhecimento da situação em que o intérprete se encontra, envolvendo informações tais como o tema da conferência, a posição de cada um em relação a um determinado tópico etc.

Na TIT, a interpretação é um processo composto por três fases, no qual a reformulação necessita ser precedida por outras três fases: percepção auditiva, desverbalização e a reverbalização. Pagura (2015, p. 197-198) apresenta os três estágios que formam o arcabouço básico da Teoria Interpretativa da Tradução:

1. Percepção auditiva de um enunciado linguístico, que é portador de sentido. Apreensão da língua e compreensão da mensagem por meio de um processo de análise e exegese;
2. Abandono imediato e intencional das palavras e retenção da representação mental da mensagem (conceitos, ideias etc.);
3. Produção de um novo enunciado na língua-alvo, que deve atender a dois requisitos: expressar a mensagem original completa e ser voltado para o destinatário.

A questão principal no processo tradutório e interpretativo na Teoria do Sentido é que o sentido não está relacionado unicamente às palavras ou às estruturas linguísticas do texto de partida e sim ao sentido intencionado. Não há uma codificação das palavras do discurso interpretado, mas o intérprete extrai o sentido intencionado.

Posteriormente, de acordo com Pagura (2012), os estudos da TIT por Marianne Lederer na interpretação entre língua orais nomeiam como “movimento pendular” a alternância entre desverbalização e transcodificação.

Com relação a IS em língua de sinais, em conferência, o TILSP, às vezes, acaba recorrendo à transcodificação pura e simples, isto é, traduz somente as palavras ou a estrutura linguística do texto de partida e não extrai o sentido e a intenção do discurso, devido à falta de compreensão, pois ainda não obteve o entendimento da intenção do locutor. No caso da interpretação consecutiva, essa situação dificilmente ocorrerá, pois, o intérprete só traduz após ter ouvido ou visualizado o trecho do discurso do texto de partida.

Na interpretação simultânea entre a Libras e Língua Portuguesa, em alguns casos, o TILSP recorrerá ao estágio da transcodificação, se houver uma falta de compreensão da enunciação do discurso do locutor (surdo). Quando este “movimento pendular” ocorre na interpretação simultânea da Libras para a Língua Portuguesa chamamos isso de interpretação palavra por palavra, ou melhor, sinal-palavra; assim, a prosódia na Língua Portuguesa fica prejudicada, pois resulta em um discurso impreciso, estranho aos ouvidos dos interlocutores ouvintes.

De acordo com Gile (2009), a formação e os treinamentos de intérpretes de línguas orais em conferência ainda são influenciados pela TIT, porém, na nossa concepção, com base no pensamento bakhtiniano¹², a interpretação é dialógica, um processo de inter-relação social, intersubjetiva, por meio de enunciados concretos entre sujeitos sócio-históricos em um determinado tempo e espaço.

Segundo Pagura (2012), a teoria de Seleskovitch sofreu várias críticas dos estudiosos da área, pois as propostas da TIT nunca provaram “cientificamente”, no processo de IS, a existência da desverbalização. O autor cita a declaração de Jensen (1985), presente no seu artigo inteiramente crítico a TIT: “Não se consegue provar que Seleskovitch esteja errada, do mesmo modo que ela não consegue provar que esteja certa” (PAGURA, 2012, p. 99).

Daniel Gile, matemático, renomado pesquisador, formador de intérpretes e estudioso do tema, um dos maiores críticos da TIT, questiona alguns proponentes da teoria, segundo Pagura (2012, p. 99):

- 1) Várias categóricas com uma série de comentários sem comprovação e evidências suficientes;
- 2) Ausência de medidas empíricas;
- 3) A desverbalização é justificada por uma doutrina e que dispensa uma justificativa teórica ou experimental.
- 4) Realizada por meio de uma teorização “especulativa e introspectiva”.

Para Gile (2009), os EI entre línguas orais iniciaram sua ascensão em meados do século XX com um movimento diferente dos ET. Segundo o autor, o campo surge voltado já para questões da formação e da prática do intérprete e, embora já houvesse publicações sobre interpretação em alguns lugares do mundo, especialmente no Japão, a emergência desse campo

¹² Conforme Beth Brait, “o que hoje se denomina pensamento bakhtiniano (é) constituído não somente pelos escritos de Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975), mas também pela produção de intelectuais de diferentes áreas que com ele participaram, nas Rússias compreendidas entre os anos 1920 e 1970, de vários e produtivos Círculos de discussão e construção de uma postura singular em relação à linguagem e seus estudos” (BRAIT, 2009, p. 9).

é marcada, sobretudo, pela liderança e atuação da intérprete de conferências e pesquisadora Danica Seleskovitch.

O Simpósio "Ciência e as Fronteiras do Conhecimento: Prólogo do Nosso Passado Cultural", promovido pela UNESCO e realizado na cidade de Veneza - Itália, entre 3 e 7 de março de 1986, possibilitou um novo olhar sobre EI, pois os ET e os EI surgiram concomitantemente, porém somente a partir do simpósio os pesquisadores iniciaram os EI, buscando interdisciplinaridade, cooperação entre pesquisadores e metodologia descritiva, e fomentaram um número crescente de estudos empíricos (GILE, 1995). Assim, segundo Pöchhacker (2009), todo esse movimento nos EI possibilitou, na década de 1990, mais precisamente em 1992, no Translation Studies Congress realizado na University of Vienna, a abertura de um processo e criação de uma disciplina independente dos ET e nomeada como "Estudos da Interpretação" (*Interpretation Studies*), por solicitação de Daniel Gile. Segundo Nascimento (2016), essa reivindicação realizada por Gile frente à *European Society for Translation Studies* (EST) proporcionou visibilidade ao novo campo e iniciou um movimento com pesquisadores e estudiosos de diversas partes do mundo para a consolidação dos EI.

Daniel Gile, na década de 1980, com base em suas pesquisas na IS, propôs um arcabouço conceitual importante para abordagem da interpretação. Segundo Gile, o processo de interpretação envolve um conjunto de múltiplas operações cognitivas, denominadas como Modelos dos Esforços (*Effort Models*). O pesquisador estabelece que:

[...] esses "Modelos dos Esforços" (...) associam componentes operacionais da interpretação em três "esforços", denominados:

L – esforço de audição e análise

P – esforço de produção (produção simultânea de fala e de anotações durante o primeiro estágio da modalidade consecutiva, quando o intérprete está ouvindo, mas ainda não interpretando)

M – esforço da memória de curto prazo - essencialmente como lidar com as operações da memória do momento em que um segmento do discurso é ouvido até o momento em que ele é reformulado no discurso alvo ou desaparece da memória (GILE, 1999, p. 154).

Os modelos pressupostos abordados por Daniel Gile baseiam-se nas múltiplas operações cognitivas envolvidas no processo de interpretação, que exige certa "energia" mental, "disponível em quantidade limitada" e "consome quase toda essa energia mental e, às vezes, requer mais do que o disponível, nesses momentos o desempenho perde qualidade" (GILE, 1995, p. 161).

Gile (1995) aborda o conceito de atenção nas operações mentais automáticas e não automáticas, com base em concepções originadas da Psicologia Cognitiva. Segundo o autor, na

IS, a capacidade de processamento de atenção requer menos nas operações automáticas que nas operações não automáticas. Assim, a IS é realizada por meio de esforços, formados por operações conscientes, de naturezas não automáticas, e exige a atenção do intérprete na compreensão do discurso na língua-fonte, envolvendo esforço de audição/visão, e produção desse discurso na língua-alvo, que envolve esforço correspondente. O intérprete, ao armazenar o discurso proferido na memória para depois enunciar, utiliza o esforço da memória de curto prazo.

Essa perspectiva proposta por Daniel Gile leva em consideração que a carga criada a partir de tarefas individuais de interpretação necessita estar na mesma capacidade total para o intérprete. Porém, Gile (1995) leva em consideração a pressão próxima ao nível de saturação e a sobrecarga cognitiva (*Tightrope Hypothesis*¹³), que comprometem a qualidade na interpretação, acarretando erros ou omissões.

Porém, Kilian G. Seeber, pesquisador e atual diretor do departamento de interpretação na Faculdade de Tradução e Interpretação da Universidade de Genebra, critica os Modelos de Esforços de Gile, alegando que seus estudos não aprofundariam o potencial conflito causado pela sobreposição e pela interferência. Entretanto, Seeber (2011) reitera a dificuldade da IS nas múltiplas operações cognitivas, pois envolve simultaneamente tarefas de compreensão e de produção.

Com isso, inspirando-se no Modelo dos Esforços, Seeber (2011) propõe um modelo mais extenso e com estratégias interpretativas (silêncio, pausas cheias, fragmentação do texto, antecipação, entre outras), denominado de Modelo de Carga Cognitiva (*Cognitive Load Model*). O Modelo de Carga Cognitiva de Seeber é fundamentado no processo de armazenamento em um sistema de memória de curto prazo da língua de chegada, envolvendo um modelo situacional, codificado na língua de chegada.

No caso da interpretação entre LOs, Pagura (2014) argumenta que, nos congressos internacionais, a interpretação simultânea é muito mais comum do que a consecutiva, diferente das interpretações jurídicas, comunitárias e mesmo as de acompanhamento de políticos e executivos internacionais. O autor não descarta a utilização da interpretação consecutiva no contexto dos congressos internacionais, porém os futuros intérpretes, aparentemente, sentem-se mais atraídos pela interpretação simultânea nas cabines do que pela interpretação consecutiva que utiliza bloco de anotações.

¹³ Quando o intérprete realiza a atividade, na maioria do tempo, perto de seu nível de saturação, tanto no que diz respeito aos requisitos da capacidade total de processamento quanto em relação a cada um dos modelos de esforços (GILE, 2009, p. 182).

De acordo com Pagura (2003), a maioria dos teóricos divide a atividade de interpretação em simultânea e consecutiva. Porém, para o autor, esses processos envolvem o processo de tradução “no sentido mais amplo do termo – a conversão de uma mensagem de um idioma para outro e de uma cultura para outra” (PAGURA, 2003, p. 210). Para o autor, com base na *Théorie du Sens*, desenvolvida por Danica Seleskovitch, a formação dos intérpretes:

[...] em consecutiva deve sempre preceder a formação em simultânea, pois a consecutiva força a desverbalização e faz com que o aluno analise a mensagem, chegue ao seu sentido, sem ficar preso às palavras do original. Quando a simultânea é introduzida antes do momento oportuno, o futuro intérprete acabará adotando a técnica de sobrevivência de traduzir palavras e frases, em vez de se preocupar em traduzir o sentido da mensagem original (PAGURA, 2014, p. 119).

Outra modalidade descrita por Pagura (2014) é a interpretação intermitente (ou *sentence-by-sentence*, ou ainda *ping-pong*). Os profissionais não utilizam nos eventos de caráter internacional e não é comumente estudada por pesquisadores da área. A modalidade intermitente é frequentemente utilizada em reunião em que um palestrante utiliza outra língua, e algum participante que é fluente na língua (sem conhecimento dos EI) realiza a interpretação ao lado do palestrante estrangeiro para a plateia:

O palestrante fala uma ou duas frases curtas e faz uma pausa para que as suas sentenças sejam traduzidas para o idioma da plateia. Esse processo centra-se basicamente na tradução das palavras ditas, sem levar em conta diversos outros fatores importantes no processo interpretativo, seja pela própria natureza da situação ou, muito comumente, pela falta total de treino da pessoa colocada na posição de “intérprete”. É comum algumas pessoas confundirem essa modalidade de interpretação com o que os profissionais chamam de consecutiva (...) (PAGURA, 2015, p. 191).

Rosa (2008) realiza a descrição dessas duas atividades envolvendo a Libras:

Na interpretação consecutiva, o intérprete senta-se junto à pessoa, ouve uma longa parte do discurso e, depois, verte-o para uma outra língua, geralmente com a ajuda de notas. [...] Todavia, o mais comum é o ILS fazer uso da interpretação simultânea, ou seja, sinaliza a fala do ouvinte em tempo real, acompanhando, em frações de segundos, o discurso produzido em Português (ROSA, 2008, p. 115).

A descrição da interpretação simultânea realizada por Rosa (2008) refere-se à modalidade de Língua Portuguesa para a Libras. Isso nos mostra que as práticas interpretativas na época eram somente nessa modalidade, devido à falta de oportunidade dos surdos e ouvintes realizarem discursos em Libras.

Segundo Nascimento (2016), dentro do campo maior dos EI, a interpretação da língua de sinais se constitui como um subcampo temático, pois mobiliza línguas com modalidades diferentes. Dessa forma, necessita uma abordagem específica, e, com isso, as contribuições dos EI nas línguas de sinais, como disciplina, vêm conquistando espaço na atividade interpretativa, possibilitando construções de saberes nos ETILS. Abordaremos, na sequência, a interpretação simultânea da Libras para a Língua Portuguesa, e discutiremos a questão de modalidades entre essas duas línguas.

1.3.1. A interpretação simultânea da Libras para a língua portuguesa

Observamos o movimento de formação, os ETISP e os espaços conquistados pelos TILSP. Atualmente o mercado de trabalho, envolvendo a interpretação entre Libras e a Língua Portuguesa e/ou vice-versa, encontra-se em expansão. Em algumas atividades, os discursos são proferidos em Libras, por surdos ou ouvintes, para interlocutores que desconhecem ou não possuem fluência na língua. Em função disso, é necessário um profissional responsável para realizar a mobilização enunciativo-discursiva para a Língua Portuguesa: o intérprete de língua de sinais para a Língua Portuguesa.

A FENEIS (1988) define a interpretação simultânea nesta modalidade geralmente quando um surdo utiliza a língua de modalidade gestual-visual (Libras), e o TILSP senta-se na primeira fileira, utilizando microfone para que a sua voz seja captada pelos interlocutores, e realiza a interpretação oralmente (Língua Portuguesa). A IS constitui-se em um ato enunciativo-discursivo no qual a informação produzida em uma determinada língua-fonte, que no caso desta pesquisa especificamente será a Libras, é enunciada por um locutor (surdo ou ouvinte) e chega ao interlocutor, ouvinte, na língua-alvo, por meio do TILSP (NASCIMENTO, 2011).

A IS da Libras para a Língua Portuguesa é um processo que ocorre em um espaço e em um limite de tempo, envolvendo a Libras (língua-fonte) e a Língua Portuguesa (língua-alvo), produzidas simultaneamente, porém com algum tempo (*lag time*¹⁴) para processar e reorganizar a informação recebida e posteriormente direcioná-la aos interlocutores. Para Christoffels e De Groot (2005), a modalidade de IS é um desafio para o desempenho do intérprete, devido ao processamento das informações em tempo real.

Como já observamos, o processo interpretativo simultâneo, conforme Gile (1995, 2009) e Seeber (2011), envolve componentes psicofisiológicos que se conectam diretamente com

¹⁴ O tempo que transcorre entre o *input* e o *output* correspondente.

aspectos cognitivos, como a memória, a atenção, a organização e a capacidade de análises e sínteses, direcionados ao desempenho do TILSP.

O primeiro aspecto ser observado sobre relação entre a Libras (sinais) e a Língua Portuguesa (oral) é a diferença entre as modalidades e as suas respectivas articulações e percepções. Meier (2002, p. 7-8) aborda essa questão e a diferença dos articuladores:

Refiro-me, primeiramente, às diferentes propriedades dos articuladores em sinais e na fala [...]. Que as mãos e os braços assumem muitas formas, ao contrário da língua, mandíbula, lábios e palato, certamente não é surpresa para ninguém [...] Os articuladores orais são pequenos e basicamente ocultos dentro da cavidade oral; o fato de que apenas alguns dos seus movimentos sejam visíveis para os destinatários faz com que a leitura labial seja falha como forma de compreensão da fala. Em contraposição, os articuladores manuais são relativamente grandes. Além disso, os articuladores dos sinais são emparelhados; a produção de muitos sinais envolve a ação coordenada dos dois braços e das mãos (MEIER, 2002, p.7-8).

Quadros (2006) realiza um levantamento dos estudos sobre as línguas de sinais americana e brasileira, identificando que esses estudos têm se ocupado da identificação e da análise do efeito de modalidade sobre a estrutura linguística da língua de sinais:

[...] as evidências [do efeito de modalidade] têm sido identificadas como consequências das diferenças nos níveis de interface articulatorio-perceptual. Algumas investigações têm ainda levantado algumas hipóteses quanto a possíveis diferenças no nível da interface conceptual, implicando em uma semântica enriquecida em função de propriedades visuais-espaciais (QUADROS, 2006, p.171-172).

As modalidades de produção da Libras e da Língua Portuguesa são distintas, pois na LS a enunciação acontece por meio da articulação externa do corpo do locutor, diferentemente das LO, nas quais os articuladores da enunciação são internos. A produção e a recepção acontecem de maneiras diferentes nessas duas modalidades, gesto-visual e oral-auditiva. Devido a essa diferença e ao fato de que o processo de interpretação transita entre essas duas modalidades, ocorrem alguns “problemas” na interpretação da Libras para a Língua Portuguesa, a serem resolvidos pelo TILSP. Para Ferreira-Brito (1995, p. 36):

[...] diferença básica entre as duas modalidades de língua não está, porém, no uso do aparelho fonador ou no uso das mãos no espaço, e sim em certas características da organização fonológica das duas modalidades: a linearidade, mais explorada nas línguas orais, e a simultaneidade, que é a característica básica das línguas de sinais.

A diferença entre as duas modalidades dos discursos produzidos no meio educacional em Libras e interpretados para a Língua Portuguesa pode causar diferenças de sentido para o interlocutor que desconhece a Libras, pois ele tem acesso aos enunciados por meio da competência discursiva do TILSP, que é o sujeito responsável em dar voz (sonorização e entoação) ao discurso produzido (NASCIMENTO, 2011). O sentido é construído pela língua (linguístico) utilizada na discursivização interpretativa, e as mediações discursivas ocorrem pela mobilização do tradutor intérprete Libras/Português, que utiliza seus conhecimentos da Libras e Língua Portuguesa na construção de sentidos.

1.4. O protagonismo dos surdos e as esferas de atuação

Os movimentos sociais e políticos da comunidade surda no Brasil são marcados pelas lutas de uma minoria linguística que conquistou e continua buscando a efetivação de alguns direitos, e que viabilizou o acesso e a inclusão dos surdos e a divulgação da Libras em diversos contextos sociais, com mais intensidade na esfera educacional. Com isso, os surdos estão presentes em algumas atividades sociais, não como um sujeito passivo, porém tendo o acesso às informações, interagindo, influenciando por meio dos discursos em Libras, marcando o seu protagonismo na *ideologia do cotidiano*.

A *ideologia do cotidiano* são as inter-relações dialógicas entre sujeitos sociais vividas e expressas no cotidiano. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkava Américo, no glossário presente em *Marxismo e filosofia da linguagem*, oferecem a definição de *ideologia do cotidiano*:

É um conjunto de vivências e expressões cotidianas de caráter social formado pelo universo dos discursos interiores e exteriores, não ordenado nem fixado, que abarca todo o nosso ato, ação e estado “consciente”. É formada por duas camadas: a inferior, mas distantes dos sistemas ideológicos constituídos, e a superior, mais próxima e sensível a eles. Os sistemas ideológicos constituídos cristalizam-se a partir das camadas superiores da ideologia do cotidiano e exercem uma influência inversa sobre ela. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 360).

Habermas (1997, p. 103) descreve a influência direta no sistema político:

Os atores conscientes de que, através de suas diferenças de opinião e de sua luta por influência, estão envolvidos no empreendimento comum de reconstituição e de manutenção das estruturas da esfera pública, distinguem-se dos atores que se contentam em utilizar os foros existentes, através de uma dupla orientação de sua política, ou seja, através de seus programas, eles exercem uma influência direta no sistema político, porém, ao mesmo tempo, estão interessados reflexivamente na estabilização e ampliação da sociedade

civil e da esfera pública, bem como em assegurar sua própria identidade e sua capacidade de ação (HABERMAS, 1997, p. 103).

Os movimentos sociais na atualidade, segundo Habermas (1997), buscam objetivos “ofensivos” e “defensivos”. O movimento social dos surdos, no conceito “ofensivo”, busca problematizar, apresentar novas informações e encaminhar soluções para as questões de grande relevância social para a comunidade surda. Desta maneira, o movimento busca formar o consenso público em relação à temática do acesso, permanência e participação em diversas esferas da sociedade. Por outro lado, o conceito “defensivo” está presente nas ações e intenções, com o objetivo de defender e preservar certos aspectos constitutivos deste grupo.

As lutas protagonizadas por movimentos sociais da comunidade surda têm propiciado políticas públicas inclusivas, possibilitando o deslocamento dos surdos e da Libras nos ambientes educacionais e em diversas esferas de produção de discurso. Com isso, percebemos a importância do protagonismo dos surdos e da Libras nas diversas atividades, sejam elas realizadas em espaços públicos ou privados. É por meio da linguagem materializada na interpretação realizada pelo TILSP que os surdos têm acesso às informações e são “ouvidos”, possibilitando, com isso, inter-relação entre sujeitos que possuem línguas diferentes, de forma que a comunicação não seja vista como barreira, mas como via de acesso para o conhecimento.

As pesquisas e discussões na área da interpretação em diversas esferas dos discursos vêm sendo problematizadas com mais intensidade. Isso vem ocorrendo devido à pressão desses movimentos surdos, que reivindicam pautas relacionadas a questões políticas, culturais, éticas, possibilitando, assim, aberturas em espaços públicos.

Outro movimento que vem contribuindo para o protagonismo surdo é o crescimento dos surdos acadêmicos nas Instituições de Ensino Superior – IES. Martins (2006), por meio da sua pesquisa, com base nos dados da Secretaria de Educação Especial (Seesp/MEC), constatou a existência de cerca de 300 surdos universitários. No mesmo ano foi criado o curso Letras – Libras licenciatura na modalidade EaD em duas ofertas que deram acesso a quase 1.000 alunos surdos à universidade pública (QUADROS, 2015).

O crescimento dos alunos nas IES acarreta uma demanda maior de profissionais TILSP, o que tem resultado em aberturas de vagas em concursos públicos e admissão em instituições particulares. Dessa maneira, observamos que o TILSP, enquanto profissional, vivencia um período consideravelmente favorável, com o aumento de concursos e contratações nas instituições públicas, e a oferta de trabalho nas instituições particulares. Essa fase de mercado favorável para a categoria do TILSP acaba atraindo interessados para atuar como intérpretes.

Atualmente, os surdos estão presentes com mais frequência nos mais diversos espaços sociais, inclusive no ambiente educacional, participando de decisões que envolvem a inclusão e a educação de pessoas surdas. Com isso, colocam-se em outros patamares na relação com a sociedade, passando a ser observados em seu ato de linguagem. Nesse contexto, a presença do profissional TILSP é essencial para que, de fato, estes sujeitos, ao proferirem discursos em Libras, possam ser compreendidos pelos interlocutores presentes nestes espaços por meio do discurso em Língua Portuguesa. Na sequência, abordaremos a atuação do TILSP no ambiente educacional.

1.4.1. A interpretação na esfera educacional

Na esfera educacional, devido ao movimento de inclusão, os surdos e a Libras vêm conquistando espaços, contribuindo para inserção dos profissionais TILSP nas salas de aulas e também em eventos educacionais. Observamos o deslocamento dos intérpretes nos ambientes informais (familiares) e religiosos, e a formação generalista desses profissionais. Com isso, neste contexto, o papel/função do TILSP às vezes é desconhecido ou questionado.

De acordo com Quadros (2004, p. 59), o intérprete educacional “é aquele que atua como profissional intérprete de língua de sinais na educação”, fluente na língua de sinais e na língua falada do país. Dessa forma, no Brasil, o TILSP deve possuir fluência na Libras e na Língua Portuguesa e, por meio da linguagem, realizar a mobilização enunciativo-discursiva entre essas duas línguas. No contexto educacional, além de mobilizar relações, o intérprete “medeia a aprendizagem dos alunos surdos”. Segundo a autora, o intérprete, na mobilização enunciativa entre sujeitos (professor, surdos, ouvintes), realiza a interpretação; com isso, por meio do discurso do “outro”, realiza a compreensão ativa e responsiva, proferindo o “mesmo” discurso em uma outra língua, assumindo o papel de interlocutor –locutor; posteriormente, direciona o discurso para “outros interlocutores” (ALBRES, 2015, p. 67).

No contexto acadêmico, segundo Lima (2006), o TILSP necessita adequar-se à linguagem da área, pois a característica da educação superior é mais formal e, por essa razão, esse profissional necessita de habilidades para lidar com esses movimentos. A habilidade do intérprete no ensino superior está ligada à acuidade auditiva, à memória de curto e longo prazo, à concentração, à agilidade de pensamento e à capacidade para realizar ações ao mesmo tempo. O autor especifica alguns requisitos para o TILSP atuar no contexto acadêmico:

O (a) intérprete educacional precisa identificar-se com o contexto acadêmico, preferencialmente atuando em cursos condizentes com sua área de formação.

Os conhecimentos necessários ao (à) intérprete educacional que atua em nível superior compreendem vários níveis; somando-se aos conhecimentos necessários a tradutores e a intérpretes (como detalhado na seção anterior), o conhecimento sobre os conteúdos, sobre a área de conhecimento, sobre as atividades pedagógicas e sobre a (s) pessoa (s) surdas com quem vai trabalhar são imprescindíveis para um trabalho eficiente (LIMA, 2006, p. 39).

Observamos que Lima (2006) não cita a acuidade visual e a habilidade discursiva (oral). Assim, mais uma vez, a interpretação na modalidade da Libras para a Língua Portuguesa não é contemplada, devido ao fato de que a modalidade da Língua Portuguesa para a Libras, na época, era mais frequente, pois os surdos dificilmente discursavam.

A atividade interpretativa não é somente realizada em salas de aulas, pois as instituições de nível básico e de nível superior realizam diversos eventos educacionais e científicos, exigindo do TILSP outros posicionamentos e estratégias. A seguir abordaremos a interpretação da Libras para a Língua Portuguesa na esfera educacional.

1.4.2. A interpretação de Libras para a língua portuguesa em eventos acadêmicos

As IES realizam eventos educacionais com o propósito de conhecer as atividades que estão sendo desenvolvidas nas diversas áreas de pesquisa e/ou discutir temas importantes para a sociedade, proporcionando comunicação entre os pesquisadores, alunos e a comunidade acadêmica. Existem inúmeras possibilidades e tipos de eventos acadêmicos, com objetivos específicos, e diferentes estruturas e características, como congressos, encontros, seminários, mesas-redondas, simpósios, painéis, fóruns, conferências, jornadas e colóquios.

O evento acadêmico pode ser realizado em um ou mais dias, com um tema atual e relevante, e tem como objetivo reunir alunos, pesquisadores e profissionais da mesma categoria profissional para discutirem vários aspectos de um ou mais assuntos e extrair conclusões positivas. Os temas abordados no encontro servem como base para uma mudança de atuação daquele campo específico.

Nesses eventos, a linguagem é materializada por meio de signos ideológicos na interação verbal entre sujeitos sociais, isto é, na influência recíproca e compartilhada de uma forma reflexiva. O signo surge neste processo de interação e compreensão entre as consciências individuais, isto é, em uma cadeia ideológica:

Porque a compreensão de um signo ocorre na relação deste com os outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e faz também com os signos. Essa cadeia de criação e da compreensão ideológica, que vai de um signo a outro e depois para um novo signo, é única

e ininterrupta: sempre passamos de um elo sígnico, e, portanto, material, a outro elo também sígnico. Essa cadeia nunca se rompe e assume uma existência interna imaterial e não incarnada no signo. Essa cadeia ideológica se estende *entre* as consciências individuais, unindo-as, pois o signo surge apenas no processo de interação entre consciências individuais (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 95).

Atualmente, os surdos e a Libras estão conquistando espaços nos diversos tipos de eventos educacionais. Os sujeitos surdos não estão presentes somente como espectadores nestes ambientes sociais, mas como sujeitos participativos e produtores de discursos por meio da língua de sinais. De acordo com Nogueira (2016), nesses eventos, inclusive conferências nacionais, regionais e locais, há recorrente participação de surdos, acarretando necessidade da presença do TILSP, que é naturalmente incorporada. Outro fator que merece atenção são eventos acadêmicos que utilizam a Libras como primeira língua oficial.

Desde o ano de 2008 a Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, realiza bianualmente o Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa – “Congresso Tilsp”. O congresso reúne pesquisadores e profissionais da área para discutir sobre as pesquisas que envolvem a tradução e interpretação de língua de sinais e língua portuguesa. O Congresso tem como objetivo valorizar a LS, e tem a Libras como a primeira língua oficial do evento. As palestras e os trabalhos apresentados na modalidade de Comunicação Oral são realizados em Libras e uma equipe de TILSP realiza a interpretação simultânea para a Língua Portuguesa.

Desde o ano de 2014 o Congresso de Tradução e Interpretação de Libras e Português disponibiliza cabines de interpretação simultânea. As cabines de interpretação simultânea são utilizadas com mais frequência em eventos de conferências de interpretação com pares linguísticos em LO. O Congresso Tilsp, portanto, inovou, possibilitando outro espaço no campo da interpretação de língua de sinais.

Nesse Congresso, Nogueira (2016) investiga a atividade de IS, com o objetivo de realizar um estudo descritivo no contexto de conferências exercido por intérpretes de Libras–Língua Portuguesa, observando aspectos do trabalho de equipe dos intérpretes: experiência dos intérpretes na atuação em equipe, atitudes e percepções, modo como a interpretação é realizada em cabine.

O Congresso Tilsp iniciou um movimento de valorização da Libras e é modelo em diversos eventos acadêmicos; porém, o trabalho do TILSP dependerá de opções da organização do evento, tais como a realização individual ou em equipe do trabalho, a disponibilidade de cabines ou o posicionamento do intérprete, que pode sentar de frente com o locutor e utilizar

microfone ou realizar a interpretação sem o auxílio desta ferramenta. Lembramos que, nos eventos estudados por esta pesquisa, a organização dos eventos foi realizada de forma diferente, o que possibilitou observar as peculiaridades da atuação dos TILSP. Trataremos desse assunto no capítulo IV.

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: VERBO-VISUALIDADE, ENTOAÇÃO E AUTORIA NA INTERPRETAÇÃO

“A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir dos dicionários e gramáticas, mas de enunciados concretos que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na enunciação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam”.

Mikhail Bakhtin

Iniciamos a dissertação contextualizando as relações sócio-históricas entre sujeitos sociais que compartilham de um mesmo horizonte valorativo e estão imersos em uma inter-relação cultural (ouvintes e surdos). Assim, mapeamos o início da atuação e da profissionalização dos TILSP. Essa inter-relação social é constituída pela palavra e, por meio dela, são realizadas as enunciações e os inúmeros fios ideológicos, pois, a palavra é um fenômeno ideológico (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]).

Neste capítulo, abordaremos a fundamentação teórico-metodológica da nossa pesquisa, sistematizando-a e contextualizando-a por meio da perspectiva dialógica, advinda do Círculo de Bakhtin, da Teoria Interacional da Entoação na concepção de David Brazil (1985), e dos estudos da interpretação da língua de sinais.

A interpretação da Libras para a Língua Portuguesa é uma atividade social de linguagem, envolvendo a mobilização enunciativo-discursiva de um texto por meio de outro; assim, o TILSP, ao endereçar o seu discurso por meio da interpretação para um determinado público, cria novas relações comunicativas, com base no projeto discursivo do locutor e determinadas pelo gênero discursivo. Por essa razão, não poderíamos nos furtar à tarefa de explorar sua dimensão dialógica por meio do pensamento bakhtiniano. O Círculo de Bakhtin elabora uma teoria enunciativo-discursiva da linguagem, pois:

[...] propõe, em momentos diferentes, reflexões acerca de enunciado/enunciação, de sua estreita vinculação com o signo ideológico, palavra, comunicação, interação, gênero discursivo, texto, tema e significação, discurso, discurso verbal, polifonia, dialogismo, ato/atividade/evento e demais elementos constitutivos do processo enunciativo-discursivo (BRAIT; MELO, 2006, p. 65).

Nas *Rússias*, entre os anos de 1920 e 1970, vários intelectuais de diferentes áreas formaram um *Círculo* de discussão e construção sobre a linguagem e seus estudos. Nestes estudos, Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975), juntamente Pavel Nikolaevich Medvedev (1892-1938), Valentin Nikolaevich Volóchinov (1895-1936) e outros fundamentaram as teorias da linguagem e da poética com abordagens filosóficas da linguagem e das artes, contrariando o formalismo russo. No livro *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017 [1929])¹⁵, um dos trabalhos mais conhecidos e citados do *Círculo de Bakhtin*, é realizada síntese dialética entre o subjetivismo individualista¹⁶ e o objetivismo abstrato¹⁷, apresentando, assim, a dimensão dialógica da linguagem. A abordagem dialética bakhtiniana entre esses dois pensamentos nos ajudará a analisar a IS e identificar a autoria por meio da entoação (discurso valorativo e discurso significativo) na mobilização discursiva entre as duas línguas (oral e de sinais).

Abordaremos alguns conceitos bakhtinianos relacionados aos enunciados verbo-visuais: a epistemologia dialógica, a noção de autoria, gênero discursivo, enunciação, enunciado concreto, texto e discurso. Na análise de enunciados verbo-visuais, pautar-nos-emos pelo caráter real e objetivo e pela capacidade, descrevendo, analisando e interpretando o processo de interpretação, e determinaremos o objeto de estudo, por meio do modelo de análise, definindo as questões e dialogando com as categorias teóricas.

Posteriormente relacionaremos o pensamento bakhtiniano, e tentaremos aproximar a noção de entoação expressiva da noção elencada pela Teoria Interacional da Entoação (doravante TIE) de David Brazil (1985), levantando alguns pontos relacionados à prosódia, aos aspectos da entoação e às noções sobre os atos de fala.

Na perspectiva bakhtiniana, a entoação é um dos meios pelos quais o falante expressa suas emoções nas relações com o outro; assim, a entoação expressiva é capaz de fornecer uma valorização à palavra. Desse modo, dialogaremos com a TIE, desenvolvida por Brazil (1985)

¹⁵ A primeira tradução brasileira foi realizada em 1979, com a assinatura de Mikhail Bakhtin “(Volóchinov)”, feita basicamente a partir da versão francesa. No ano de 2017, Sheila Grillo e Ekaterina Vólkava Américo realizaram uma nova tradução feita diretamente do russo com a assinatura de Valentin Volóchinov (Círculo de Bakhtin).

¹⁶ O subjetivismo individualista considera justamente o ato discursivo - o enunciado - como único e essencial. No entanto ele, também define este ato como individual e por isso tenta explicá-lo a partir das condições da vida psicoindividual do indivíduo falante (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 200).

¹⁷ “A base teórica do objetivismo abstrato se origina nas primícias do pensamento racionalista e mecanicista, dificilmente capazes de fundamentar a compreensão correta da história, de a língua ser um fenômeno puramente histórico [...] O objetivismo abstrato, ao considerar o sistema da língua como um único essencial para os fenômenos linguísticos negava o ato discursivo - o enunciado - como individual” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 200).

em meio à pragmática, justamente pelo fato de esta considerar a linguagem um fenômeno comunicativo, intersubjetivo e social. O falante utiliza a entoação como uma das estratégias para orientar o ouvinte a apreender o significado comunicativo dos enunciados; em outras palavras, o falante fornece pistas entoacionais, projetando suas intenções comunicativas.

As línguas orais e as línguas de sinais, enquanto linguagens, envolvem o dialogismo, implicando relações dialógicas. Assim, partindo de um pressuposto teórico-metodológico em uma descrição, os enunciados serão analisados a partir dos discursos em Libras e na materialização interpretativa (entoação expressiva) por meio da complexa mobilização enunciativa realizada pelo TILSP na interpretação da Libras para a Língua Portuguesa.

2.1. Autoria na concepção bakhtiniana

Na IS, a mobilização enunciativo-discursiva realizada pelo TILSP envolve linguagem, sujeitos (locutor e interlocutores), relações verbo-axiológicas e intersubjetividade, materializados por meio de enunciados concretos. O autor é “o agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra, e este é transgrediente a cada elemento particular” (BAKHTIN, 2011, p. 10).

O TILSP é um sujeito ativo neste fluxo discursivo, pois, na interpretação simultânea, se coloca em uma posição verbo-axiológica refratada e refratante, constituindo a autoria:

O autor-criador é, assim, uma posição refratada e refratante. Refratada porque se trata de uma posição axiológica conforme recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; e refratante porque é a partir dela que se recorta e se reordena esteticamente os eventos da vida.

Lembremos, a propósito disso, que para o Círculo de Bakhtin, os processos semióticos – qualquer que sejam – ao mesmo tempo em que refletem, sempre refratam o mundo. Em outras palavras, a semiose não é um processo de mera reprodução de um mundo “objetivo”, mas de remissão a um mundo múltipla e heterogeneamente interpretado (isto é, aos diferentes modos pelos quais o mundo entra no horizonte apreciativo dos grupos humanos em cada momento de sua experiência histórica) (FARACO, 2006, p. 39).

De acordo com Faraco (2006) o pensamento bakhtiniano realiza uma distinção entre o autor-pessoa e o autor-criador. O autor-pessoa é o sujeito empírico, é o escritor/artista que cria uma linguagem, mas permanece fora dela; já o autor-criador é o constituinte que tem a função estética-formal, concede forma ao objeto estético.

Faraco (2006) observa duas conceituações realizadas por Bakhtin, relacionadas ao autor-criador. A primeira é caracterizá-lo em uma posição axiológica, pois as posições socioavaliativas estão presentes na dinâmica de múltiplas inter-relações responsivas e essa é a

força que move o universo das práticas culturais. Segundo o autor, em “todo ato cultural assume-se uma posição valorativa frente a outras posições valorativas” (FARACO, 2006, p. 38). Em um segundo momento, Bakhtin caracteriza o autor-criador como a voz social “que dá unidade ao todo artístico”. Para o autor, Bakhtin realiza apenas uma transposição da primeira conceitualização em uma perspectiva da filosofia da linguagem. Porém, a autoria pode levar o TILSP a apropriar-se do discurso alheio e se tornar “dono” da daquilo que é interpretado. Nascimento (2011) levanta a questão de autoria dos intérpretes e tradutores de Libras:

No entanto a autoria, enquanto condição discursiva de intérpretes e tradutores, por vezes, pode levar esse profissional a considerar-se tão “dono” daquilo que se traduz/interpreta que o discurso não passa mais a ser um discurso traduzido em que é possível encontrar marcas do enunciador da língua fonte, mas torna-se um texto citado, isto é, um texto submetido às vontades e adaptações do tradutor/intérprete. Esse distanciamento do discurso em língua fonte, devido a essa condição autoral do intérprete, pode anular o projeto discursivo do locutor impossibilitando a produção do sentido (daquilo que o próprio locutor planejou dizer) para o seu interlocutor, sendo suprimida por aquilo que o tradutor/intérprete acha por bem traduzir/interpretar ou não (NASCIMENTO, 2011, p. 62).

No pensamento bakhtiniano, a metodologia e a compreensão da obra são norteadas pelo conceito de autoria. De acordo com Grillo (2012), o sujeito ou autor dialoga com os autores dos enunciados anteriores e com os autores dos enunciados-resposta presumidos, constituindo uma relação triádica. O pensamento bakhtiniano sobre autoria oscila entre três vertentes: *o sujeito responsivo*, *autor-criador* e *o sujeito na hierarquia social*.

Os primeiros trabalhos do Círculo de Bakhtin desenvolvem a concepção filosófica ética do indivíduo responsável e incluso, *sujeito responsivo*. O *autor-criador*, presente nos estudos da estética literária, é compreendido como a ação de acabamento temático do enunciado, por meio das relações axiológicas ativas com ele, “na sua relação com os elos precedentes e subsequentes da comunicação discursiva”. O *sujeito na hierarquia social*, presente na abordagem sociológica, enfatiza a influência desse sujeito sobre o enunciado e seus tipos relativamente estáveis (GRILLO, 2012).

Em 1920, Bakhtin (2011) apresenta conceitos sobre autoria em sua obra não acabada *O autor e a personagem na atividade estética*, trazendo a compreensão do sujeito, na dimensão da alteridade, que se estabelece na relação do *eu-para-mim*, *eu-para-o-outro* e *o outro-para-mim*; assim, o autor, nas atividades estéticas em geral, constitui um movimento no processo de autoria.

O *eu-para-mim* é compreensão psíquica do sujeito, como ele se vê, por meio das imagens e representações. O *eu-para-outro* é constituído nas representações construídas nas interações entre o sujeito (que ele é) com quem ele interage. A constituição do *outro-para-mim* se dá na maneira como o sujeito se relaciona socialmente com o outro.

Na IS da Libras para a Língua Portuguesa, a ação dialógica e o dialogismo inerente à produção enunciativo-discursiva, propiciada pela mobilização entre essas línguas, oportuniza a construção de sentidos diversos, ou não, operando no nível do irrepetível, o que só é possível ser desvelado no confronto de um *eu-para-mim*, de um *eu-para-o-outro* e de um *outro-para-mim*. Neste processo de interpretação, o TILSP dialoga com o discurso do locutor, assume uma compreensão ativa responsiva, constrói um novo discurso por meio das suas próprias experiências, atravessado por diferentes “vozes” e, direciona este discurso aos interlocutores que desconhecem a Libras.

Ao assumir uma posição axiológica o TILSP constitui-se como um autor nas inter-relações enunciativas com um outro e para outros, buscando por sua própria palavra, por meio da fluência nas línguas e da entoação expressiva. Porém, a falta de compreensão do texto fonte, ou a decifração dos sinais (estrutura), comprometerá a voz e a entoação será no nível sintático. De acordo com Sobral (2008), o intérprete é o autor por direito próprio:

O tradutor se ocupa de uma atividade que faz dele um interlocutor privilegiado dos outros autores que traduz e é, diante daqueles para quem traduz, um autor por direito próprio: quem mais pode colocar-se na posição que o filósofo russo Mikhail Bakhtin denomina “exotópica”- um lugar apartado, numa fronteira-e, apreendendo a arquitetônica da construção da obra, que evidentemente está além das palavras, dá-lhe sentidos numa nova língua, numa nova realidade, numa nova cultura? (SOBRAL, 2008, p. 102).

O TILSP, em um determinado gênero, por meio da interpretação, constrói uma arquitetura discursiva e instaura uma inter-relação enunciativa entre o locutor e os interlocutores; torna-se, assim, um novo autor de um discurso (oral) originado de outro discurso (Libras) que já possui uma autoria. Assim, o TILSP realiza a interpretação em um novo texto, um outro discurso, e dirige-se ao público mobilizando o discurso do locutor-autor. Para Sobral (2008), essa mobilização cria novas relações enunciativas, discursivas, entre autor (intérprete) e público, criando uma imagem deste intérprete-autor na Língua Portuguesa na criação discursiva a que o locutor-autor pode não ter acesso (surdo). Conforme o autor:

No nível da linguagem, o tradutor desconstrói o modo de ser do original e o reconstrói noutra língua, e, assim, cria outra obra, se parte de um original, nem por isso é menos original na língua em que veio a existir pelas mãos do

tradutor. Ser autor é descobrir sistematicamente maneiras satisfatórias de organizar um dado discurso de um dado sistema semiótico (não falo só da linguagem verbal, é claro) em termos em fim, no âmbito de uma interação (SOBRAL, 2008, p. 103).

O TILSP, ao orquestrar discursos entre uma língua-fonte e uma língua-alvo, assume uma posição de autor por meio de escolhas enunciativas, criando um novo discurso, que pode produzir ou não sentidos. Para Bakhtin (2011), a entoação expressiva não deve ser restringida a uma categoria particular, pois faz parte do enunciado concreto; por outro lado, para o autor, a entoação sintática não é satisfatória, pois isola a língua em fragmentos. Consideramos que o intérprete é um autor, pois o discurso em Língua Portuguesa não é o mesmo discurso que outrora fora pronunciado pelo locutor, pois é um discurso interpretado e passou por sua consciência autoral. Para Arán (2014), Bakhtin chamará de consciência autoral a “autoridade” na própria obra, uma dimensão inerente a um texto, uma figura abstrata de mediação, representativa do autor como pessoa semiótica, produtora de signos em um acontecimento único e irrepetível na vida de um texto: “O autor é essa consciência cronotopicamente situada na tangente, lendo holisticamente os conflitos de uma cultura na materialidade da realidade” (ARÁN, 2014, p. 17-18). A autora esboça a hipótese sobre o sujeito autoral:

[...]o sujeito autoral como criador potencial de enunciado, artístico ou não, que Bakhtin constrói ao longo de sua obra é um sujeito historicamente moral, compreendendo por isso a ação singular do homem real em todas as suas manifestações e práticas, que se referem a determinados valores e normas sociais, contextuais, históricas, nunca absolutas nem universais, e que em semiótica chamamos modos de produção do sentido, sentido que se produz a partir de um sujeito situado e que Bakhtin chama de sujeito responsável (ARÁN, 2014, p. 22).

Com isso, a autoria na interpretação do TILSP é determinada na materialização por meio dos enunciados concretos, tendo como base o projeto discursivo. Assim, o intérprete, sujeito responsável e semiótico e produtor de signos, compreenderá, processará e construirá os sentidos na mobilização enunciativo-discursiva.

A partir de Arán (2014), podemos dizer que o TILSP, no ato interpretativo-discursivo, adota um lugar social, um papel, uma posição enunciativa para falar, para constituir seu “próprio discurso” na Língua Portuguesa, tendo como base um outro discurso em Libras, para assumir-se com uma consciência em ato, porém sempre na tensão com a palavra alheia, com as outras vozes, com “outras consciências”.

2.1.1. Texto, gênero e discurso

A definição clássica das formas poéticas para a teoria dos gêneros é manifestada em termos de classificação. Nos estudos realizados por Machado (2006), a autora menciona o texto de Aristóteles, que classifica os gêneros como “*obra da voz tomando como critério o modo de representação mimética*”: a *Poética*. Essa é uma classificação paradigmática e hierárquica, em que a “voz”, por meio da observação, facilita o reconhecimento da forma. Segundo a autora, com base em Aristóteles, a representação lírica é a poesia da primeira voz; a épica é representada pela segunda voz, e a poesia de terceira voz é o drama. A *Poética* de Aristóteles estabelece sua classificação em uma triádica fundada na mímese (MACHADO, 2006, p. 151-152), descrita adiante:

- a) a tragédia e a comédia, pertencente ao gênero mimético ou dramático;
- b) o ditirambo, o nômico e a poesia lírica, pertence ao gênero expositivo ou narrativo;
- c) o misto, ao gênero épico.

Os conceitos de texto, gênero e discurso são desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin, por meio da perspectiva dialógica, na qual a língua e as linguagens são consideradas em situações concretas de uso, isto é, na interação entre os falantes. Mikhail Bakhtin, conforme Machado (2006), distancia-se do universo teórico da teoria clássica, desenvolvendo um estudo sobre o gênero discursivo, e considerando o dialogismo do processo comunicativo, e não a classificação das espécies; assim, as relações interativas são processos produtivos de linguagem permeadas por meio das relações. Os gêneros dos discursos, segundo a autora, começam a ser destacados como esferas de uso de linguagem verbal ou da comunicação fundada pela palavra, por meio de manifestações discursivas (heteroglossia).

Na perspectiva bakhtiniana, o texto apresenta relações dialógicas entre o sujeito que produz o texto e o sujeito leitor, que tem uma compreensão ativa e responsiva. No texto estão presentes os objetos de pesquisas e pensamentos, pois sem o texto, tanto as pesquisas como os pensamentos não existiriam:

O texto (escrito ou oral) enquanto dado primário, de todas essas disciplinas, do pensamento filológico-humanista em geral (inclusive do pensamento teológico e filosófico em sua fonte). O texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das evidências), a única fonte de onde podem provir essas disciplinas e esse pensamento. Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento. O texto "subentendido". Se concebe o texto no sentido amplo

como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes a (musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) opera com textos (obra de arte). (BAKHTIN, 2016, p. 71).

O texto é um objeto material enunciativo-discursivo proferido por um sujeito em um dado contexto. Porém, o texto apresenta alguns conjuntos de sentidos que não estão prontos e acabados. Os sentidos só são criados a partir da discursivização nas relações e no uso de textos por sujeitos numa situação concreta:

O discurso, por sua vez, é uma unidade de produção de sentido que é parte das práticas simbólicas de sujeitos concretos e articulada dialogicamente às suas condições sócio-históricas de produção, bem como vinculada constitutivamente (isto é, em sua própria constituição) com outros discursos. Mobilizando as formas da língua e as formas típicas de enunciados em suas condições, o discurso constitui seus sujeitos e inscreve em sua superfície a própria existência e legitimidade social e histórica tanto dos sujeitos como de si mesmo como discurso (SOBRAL, 2008, p. 58 e 59).

O discurso realizado por meio do enunciador, materializado em um texto, para um determinado público que desconhece a língua-fonte, só será possível na mobilização enunciativo-discursiva e na produção de sentidos realizadas pelo TILSP em uma situação que envolve duas línguas distintas (oral e sinais), sujeitos discursivos e que leve em conta o contexto discursivo.

Nesse ambiente heteroglóssico e heterogêneo existem autores. Na concepção de Bakhtin (2016), em todos os textos está presente um sujeito, um autor, que pode ser um falante ou quem escreve, e que apresenta possíveis tipos, modalidades e formas de autoria. Esse autor também pode se expressar em LSs. Para Bakhtin (2016), a análise somente do ponto linguístico pode abstrair inteiramente as marcas enunciativas, a autoria. Assim, as escolhas das formas gramaticais deste falante ou do autor que escreve são um ato estilístico, pois a gramática e a estilística convergem e divergem em qualquer fenômeno concreto de linguagem.

Nesse sentido, o texto, como enunciado, apresenta dois elementos determinantes: sua ideia (intenção) e a realização dessa intenção. O locutor, ao realizar o discurso em Libras, por meio do texto, expressa suas intenções, que serão reconstruídas em um outro discurso e em outra língua. O TILSP, ao realizar a interpretação para a Língua Portuguesa, cria outro texto (enunciado) individual, único e singular, “e nisso reside todo o seu sentido (a sua intenção em prol do qual ele foi criado)” (BAKHTIN, 2016, p. 74).

Na interpretação, o fluxo discursivo envolve um encontro de dois textos - do texto pronto (o realizado em Libras) e do texto a ser criado pelo TILSP em Língua Portuguesa;

consequentemente há o encontro de todos os sujeitos, de dois autores. Porém, neste processo de mobilização discursiva, outro autor está presente: o interlocutor que reage responsivamente ao texto criado pelo TILSP em um determinado gênero discursivo.

O conceito de gênero, conforme com Brait e Pistori (2012), circula de forma intensa no Brasil, incluído em documentos oficiais de ensino-aprendizagem e em materiais didáticos, merecendo, da parte dos que o mobilizam didática e/ou academicamente, a responsabilidade de considerar as dimensões históricas, sociais e autorais aí implicadas.

No campo do estudo da linguagem, o texto e o gênero são intrínsecos: “não há texto sem contexto nem contexto sem texto” (SOBRAL, 2010, p. 24). Assim, esta relação entre texto e gênero permite várias maneiras de produção mútua.

Na compreensão de Bakhtin (2016), os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, e possuem caráter e formas, possibilitando a multiformidade nestes gêneros discursivos. Na interpretação de Libras para a Língua Portuguesa, as duas línguas são materializadas em formas de enunciados concretos (sinalizados e orais), proferidos em um campo determinado, dentre esses diversos.

Assim, o TILSP realiza a interpretação por meio de um *conjunto* de enunciados que está indissolivelmente ligado aos três elementos: o conteúdo temático, o estilo (seleção dos recursos lexicais, fraseológicos da língua), a construção composicional. O enunciado particular é único e individual, determinado por seu campo de utilização entre estas duas línguas que formam os “*tipos relativamente estáveis de enunciados*”, denominados por Bakhtin de *gêneros discursivos* (BAKHTIN, 2016, p. 12).

Segundo Bakhtin (2016) o enunciado é o *elo real na cadeia discursiva* e possui três particularidades: a réplica, conclusibilidade e o destinatário. A réplica do enunciado é a alternância dos enunciados dos interlocutores, isto é, “o falante termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativa e responsiva” (BAKHTIN, 2016, p. 29). A conclusibilidade do enunciado pertence ao aspecto interno da alternância destes falantes, pois o sujeito discursivo enunciou, em dado momento ou sob dadas condições (contexto), *tudo* o que queria dizer. E o destinatário do enunciado, para Bakhtin (2016, p.63) é “aquele (ou aqueles) a quem responde o enunciado”. O locutor, ao enunciar, procura realizar o enunciado de maneira ativa, antecipando a compreensão do outro, levando em conta a sua percepção do discurso:

Ao construir o enunciado, procuro defini-lo de maneira ativa; por outro lado, procuro antecipá-lo, e essa resposta antecipável exerce, por sua vez, uma ativa

influência sobre o meu enunciado (dou resposta prontas a objeções que prevejo, apelo para a toda a sorte de subterfúgios, etc.) Ao falar, sempre levo em conta o campo aperceptivo da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções. Os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a sua ativa compreensão responsiva do meu enunciado, etc. (BAKHTIN, 2016, p. 63-64)

Bakhtin (2016) diferencia os gêneros (ideológicos) em primários (simples) e secundários (complexos); porém, enfatiza que esses gêneros possuem uma diferença funcional e a compreensão destas diferenças é essencial. O autor ressalta que os discursos secundários incorporam os discursos primários. Por essa razão, a análise dos enunciados deve ser realizada em ambas modalidades.

O conceito de gênero discursivo de Bakhtin abrange os aspectos textuais, discursivos e genéricos, vinculando o texto ao gênero mediante o discurso. “O gênero mobiliza formas textuais, que são seu aspecto material, mas não é determinado por elas, e as mobiliza mediante o discurso” (SOBRAL, 2010, p. 25).

Segundo Sobral (2011), nas relações entre interlocutores são criados dispositivos enunciativos que compõem o núcleo do gênero discursivo, que constituem o objeto do discurso e o espaço que circunda uma esfera de produção, circulação e recepção. Outro fator citado por Sobral (2011) são as relações entre os gêneros primários e os secundários e os processos históricos de composição de gêneros considerados por Bakhtin, principalmente os secundários, englobando tanto sua derivação a partir dos primários como a inter-relação entre gêneros (assimilação, alusão, citação, oposição, negação etc.).

O TILSP realiza o ato interpretativo em um determinado gênero do discurso, por meio da mobilização enunciativo-discursiva envolvendo Libras e Língua Portuguesa. Dessa forma, realiza a interpretação que é materializada por meio do discurso oral. Segundo Brait e Pistori (2012), o discurso, objeto complexo pertencente à Linguística e à Metalinguística (análise/teoria do discurso), é substituído por *relações dialógicas*. De acordo com noções *bakhtiniana*, as *relações dialógicas* são objetos da Metalinguística, porém não podem ser separadas do campo do discurso (estrutura linguística), que é: “o espaço em que são mobilizadas as textualidades de acordo com o gênero a que pertence o discurso; é o mediador entre as necessidades do gênero e as possibilidades textuais, que são mobilizadas de acordo com essas necessidades” (SOBRAL, 2010, p. 25).

Os gêneros determinam a realização do discurso, por meio de “*formas relativamente estáveis e normativas de um enunciado*” (BAKHTIN, 2016, p. 42), nas relações entre sujeitos em um determinado ambiente social. De acordo com Sobral (2008), os gêneros são maneiras de observar e construir o mundo, realizados por recortes que são materializados textualmente, e que se associam a esferas de atividades humanas (no nosso caso, as instituições educacionais).

A interpretação da Libras para a Língua Portuguesa envolve mobilização entre linguagens, que, além de ideológica, é também pluridiscursiva; assim, nas situações de interpretação, coexistem linguagens únicas, irrepetíveis, de diversas camadas sociais, situadas em diferentes contextos, com diferentes intenções e gêneros. É possível afirmar, portanto, que, na perspectiva bakhtiniana, todo enunciado é dialógico, pois, sempre há uma interligação entre um dado enunciado e pelo menos um outro. As relações dialógicas dizem respeito às relações de sentido estabelecidas por meio dos enunciados.

2.1.2. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação na interpretação

No conjunto de obras de Bakhtin e seu Círculo estão presentes os conceitos de *enunciado/ enunciado concreto/ enunciação*; assim, ressaltamos a importância de refletirmos sobre esses conceitos no contexto da interpretação de Libras para a Língua Portuguesa.

De acordo com Brait e Melo (2006), algumas teorias apresentam o *enunciado* como frase ou sequências frasais. Já outras teorias assumem um ponto de vista pragmático, em que a frase é concebida como uma unidade de comunicação e significação, e o sentido é estabelecido nas diferentes realizações “enunciativas”. Na teoria da Linguística Textual, o enunciado é diferenciado do texto. Já em algumas correntes de Análise do Discurso, principalmente a vertente francesa, o enunciado, por vezes, é definido como oposição à enunciação, ou seja, “o enunciado é visto como o produto de um processo [...]. A enunciação é o processo que o produz” (BRAIT; MELO, 2006, p. 64).

Na concepção do *pensamento bakhtiniano*, as noções de enunciado/enunciação possuem um papel central, uma vez que:

[...] a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos envolvidos. Bakhtin e seu Círculo, à medida que elaboram uma teoria enunciativo-discursiva da linguagem, propõem, em diferentes momentos, reflexões acerca de enunciado/enunciação, de sua estreita vinculação com o signo ideológico, palavra, comunicação, interação, gênero discursivo, texto, tema e significação, discurso, discurso verbal, polifonia,

dialogismo, ato/atividade/eventos e demais elementos constitutivos do processo enunciativo-discursivo (BRAIT; MELO, 2006, p. 65).

De acordo com as autoras, os termos *enunciado*, *enunciado concreto*, *enunciação*, presentes no *Discurso na vida e discurso na arte – sobre poética sociológica* (1926), assinado por Volóchinov, estão intrínsecos no discurso verbal, na palavra e no evento.

O enunciado, para Bakhtin (2016), é *um elo na corrente complexa organizada de outros enunciados, uma unidade real da comunicação discursiva*. O processo de interpretação está inserido na cadeia discursiva e sua historicidade abrange, entre outros aspectos, vivências, valores e compreensão ativa e responsiva, podendo interferir no sentido do enunciado. Toda compreensão da fala é viva e, na teoria bakhtiniana, esse enunciado vivo tem uma natureza responsiva, pois toda compreensão é preenchida de resposta: o ouvinte se torna falante. Nesse contexto comunicativo, o próprio falante está determinado por essa compreensão ativa e responsiva, esperando uma resposta, uma concordância e uma participação.

De acordo com Sobral (2008), a concepção de “enunciado” para a perspectiva dialógica bakhtiniana implica a noção de que as “frases” só têm sentido quando se considera aqueles que as produzem, os “autores”, e de que elas são enunciadas em um determinado contexto relativamente estável:

Assim, o que é dito com uma frase só faz sentido se se considera quem diz e o contexto em que diz, o que pode resumir, repetindo, em: que diz o quê a quem, de que maneira, onde etc. A ação de criar/ elaborar um enunciado (e podemos definir enunciado como “uma frase em contexto”, em vez de uma frase sem se considerar o contexto) é chamada de “enunciação” (SOBRAL 2008).

Na perspectiva teórica do Círculo de Bakhtin, o processo enunciativo se desenvolve na interação entre dois sujeitos: o locutor e o interlocutor, pois no diálogo a palavra é um ato *bilateral*, “[...] ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige” (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929], p. 205). Por essa razão, o TILSP, como o sujeito responsável pela mobilização enunciativo-discursiva na interpretação em conferência, necessita preocupar-se com o sentido da fala do enunciador (surdo ou ouvinte), que profere o discurso em Libras, entender e dar sentido aos interlocutores que desconhecem essa língua. Esse ato interpretativo-discursivo corresponde a uma cadeia de enunciados, e o intérprete, como enunciador e autor, realiza esse processo de compreensão ativa e responsiva, procurando uma palavra equivalente no português, para o sinal utilizado pelo locutor (surdo). Volóchinov (2017 [1929]) pontua que:

Deste modo, cada elemento semântico isolável do enunciado, assim como o enunciado em sua totalidade, é traduzido por nós para outro contexto ativo e responsivo. Toda compreensão é dialógica. A compreensão busca uma antipalavra à palavra do falante. Apenas a compreensão de uma palavra estrangeira busca “exatamente a mesma” palavra em sua língua.

Por isso não se pode falar que a significação pertence à palavra com tal. Em sua essência, ela pertence à palavra localizada entre os falantes, ou seja, ela se realiza apenas no processo de uma compreensão ativa e responsiva (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 232).

Nascimento (2012) ressalta que a mobilização entre o enunciador, usuário da LS e os ouvintes (interlocutores) só será possível com a presença do intérprete. A construção de sentidos realizada pelo TILSP perpassa os recursos da *palavra*, pois o extralinguístico está interligado ao acontecimento do enunciado interna e externamente e, nesse processo de interpretação Libras/português, a voz e a prosódia são elementos constitutivos importantíssimos na produção do discurso oral, pois através da fala oral do intérprete e de sua atuação frente ao discurso produzido em LS pelo locutor surdo é que os interlocutores ouvintes terão acesso ao enunciado:

[...] A significação é um efeito da interação entre o falante e o ouvinte de um dado *conjunto sonoro*. É uma faísca elétrica surgida apenas durante o contato de dois polos opostos. Quem ignora o tema, acessível apenas a uma compreensão ativa e responsiva, e tenta, na definição da significação da palavra, aproximar-se ao seu limite inferior, estável e idêntico, na verdade quer acender uma lâmpada desligando-a da corrente elétrica. Apenas a corrente da comunicação discursiva atribui à palavra a luz da sua significação (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p.232).

Segundo Brait e Melo: “o conceito de enunciação está diretamente ligado a enunciado concreto e na interação entre sujeitos” (BRAIT; MELO, 2006, p. 68). Se observarmos a IS, em um determinado contexto, o TILSP é o responsável pela inter-relação sócio-histórica e cultural entre os participantes da enunciação, realizada por meio da interpretação, envolvendo a língua[gem], a verbo-visualidade, a compreensão ativa e responsiva e a construção de sentidos.

2.1.3 Compreensão Ativa-Responsiva

Nos gêneros discursivos, a compreensão é dialógica, pois, como já vimos, para Volóchinov (2017 [1929]) a compreensão se opõe ao enunciado, buscando uma antipalavra; porém, o sujeito discursivo na compreensão de outra língua busca “exatamente a mesma” palavra em sua língua. Assim o TILSP, ao realizar a interpretação, procura compreender a palavra do outro em Libras e dar o mesmo significado na Língua Portuguesa.

Para Volóchinov (2017 [1929]), reitera-se a visão de compreensão ativa que contém o esboço de uma resposta e que é capaz de apreender o tema, que não é determinado apenas pelas formas linguísticas; dessa forma, o TILSP constrói sentidos também pelos elementos verbo-visuais.

O TILSP, no ato interpretativo, compreende, isto é, responde a um determinado enunciado concreto e encontra o mundo e seus discursos já existentes, não acabados. Conforme Bakhtin (2016), o discurso só pode vir a existir nas formas de enunciados concretos, por meio de um indivíduo falante, isto é, o sujeito do discurso. Dessa forma, o intérprete terá uma autonomia relativa em relação a tais discursos, mas será também um respondente desses enunciados. De acordo com o autor:

Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados dos outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada compreensão) (BAKHTIN, 2016, p. 29).

Esta compreensão ativa e responsiva, isto é, a possibilidade de resposta, conforme Bakhtin (2016, p. 36) é determinada por três fatores intrínsecos na orgânica do enunciado e na sua totalidade:

- 1) A exauribilidade semântico-objetiva;
- 2) O projeto discursivo ou a vontade do discurso do falante;
- 3) As formas típicas da composição e do acabamento.

O intérprete, por mais que queira manter uma neutralidade ou imparcialidade, isto é, não queira assumir uma posição axiológica em relação ao discurso do “outro”, tem de lidar com o fato de que o discurso passa por ele e, na IS, o diálogo também é consigo mesmo; assim, o discurso é interior, tal enunciado é influenciado por outros discursos ou fatores exteriores em que ocorre a interpretação.

Todos os discursos, por mais que pareçam nossos, são atravessados por outros discursos, isto é, neles estão presentes outras vozes que se incorporam às nossas vozes parecendo que são nossas, e não temos memória dessas vozes já presentes no mundo ideológico antes de “nosso discurso” vir a existir.

2.1.4 Entoação Expressiva: Valor Apreciativo e Valor Significativo

Como vimos, o IS da Libras para língua oral em conferência apresenta discursos atravessados de outros enunciados; assim, o intérprete, por meio do discurso, materializado por sua voz, objetiva construir sentidos para interlocutores presentes neste ambiente que desconhecem a língua de sinais. Os eventos (conferências), como vimos em Nogueira (2016), para nós, apresentam variantes enunciativas que interferem na autoria: interpretação com ou sem apoio, interpretação com dois a três segundos atrás da sequência do discurso da língua fonte, interpretação em cabinas insonorizadas (geralmente localizadas ao fundo do espaço), aspectos ergonômicos, modelos de esforços etc.

A mobilização enunciativo-discursiva realizada pelo TILSP na IS envolve várias formas linguísticas possíveis: fono-morfossintático-semântico-pragmático-discursiva. Por essa razão, a entoação é um aspecto enunciativo-discursivo importantíssimo para a construção de sentidos nas relações comunicativas de interação.

Para Hirst e Di Cristo (1998), o conceito de entoação pode ser definido em sentido amplo ou restrito. O sentido amplo relaciona-o à prosódia, abrangendo características de outros traços prosódicos, como tom, força, ritmo e tempo; já no sentido restrito, a entoação estaria ligada apenas às variações melódicas, à melodia.

Gumperz (1982), nos estudos discursivos da prosódia, relaciona a entoação a vários fatores: os níveis de densidade em sílabas individuais e suas combinações em contornos e movimentos; mudanças na sonoridade; o acento, que vê como recurso perceptual compreendendo, geralmente, variações de altura melódica, volume e duração; além de outras variações de comprimento vogal e movimentos de duração quanto a pausas, acelerações e desacelerações dentro e através do discurso, o que leva a mudanças globais no registro do discurso.

Na perspectiva *bakhtiniana*, segundo Volóchinov (2017 [1929]), a entoação define-se com *um material de um dado conjunto sonoro* presente na enunciação discursiva. Porém, nas LSs, a entoação expressiva está presente no conjunto gestual (verbal) e expressivo (corporal e facial). Dessa forma, o TILSP, por meio desses elementos prosódicos, cria uma significação na interação entre o locutor e os interlocutores. Para Volóchinov (2017 [1929]), as palavras ditas não possuem somente um tema e uma significação no sentido objetivo e contedístico, mas há nestas palavras uma *avaliação*, pois elas são ditas ou escritas em uma relação à certa ênfase valorativa. A palavra não existe sem a ênfase valorativa.

Para o autor, a avaliação social presente na palavra possui uma camada evidente e também superficial. Na interação comunicativa expressam-se as avaliações dos falantes, transmitidas por meio da *entoação expressiva*. As situações mais próximas (um mesmo horizonte comum entre os sujeitos discursivos), na maioria das vezes, por circunstâncias efêmeras, isto é, nas situações em um determinado tempo-espaço, definem a entoação.

Na IS da Libras para a Língua Portuguesa a entoação é inteiramente determinada na situação social, ou seja, envolvendo um enunciado concreto, e é por meio da entoação que o TILSP expressa a avaliação e compreensão ativamente responsiva com base no discurso do outro (locutor surdo ou ouvinte) e direciona aos destinatários. De acordo com Volóchinov (2017 [1929]), as manifestações do nosso sentimento são entoadas expressivamente e profundamente por meio de uma palavra eventual:

[...] às vezes é uma interjeição vazia ou um advérbio. Quase todo mundo tem sua interjeição ou advérbio preferido ou às vezes uma palavra com um conteúdo semântico pleno que costuma usar para uma solução puramente entoacional de situações e emoções cotidianas insignificantes, e às vezes importantes (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 235).

Nesta pesquisa observamos as particularidades dessas expressões na IS da Libras para o Língua Portuguesa realizadas pelos TILSP que serão discutidas em nossas análises. A seguir, abordaremos a construção de sentidos no pensamento bakhtiniano.

2.1.5. A construção de sentidos no pensamento bakhtiniano em uma perspectiva verbo-visual

As vivências construídas socialmente nas atividades humanas se tornam habituais e são constituídas e determinadas em um sistema semiótico. Essas dinâmicas naturais no sistema semiótico resultam em uma certa fixação de sentidos, com uma certa estabilidade, criam a compressão da produção de sentidos – ou não, pois esse sistema não possui critérios para identificar os novos sentidos (SOBRAL, 2008).

Os sistemas semióticos são produzidos pelas vivências, que são fixadas dinamicamente. Porém, precisamos lembrar que todos os sistemas semióticos são abertos; em consequência, os ambientes do quais eles fazem parte podem interferir e influenciar, e fazer com que sofram oscilações e mudanças nas combinações fixadas e seus elementos; com isso: “depende sua capacidade infinita de produzir novos sentidos. Sem novos sentidos, elas se desgastariam e

desapareceriam, pois acabariam por se restringir a um mesmo conjunto de combinações” (SOBRAL, 2008, p. 64).

Para o Círculo de Bakhtin, os sentidos produzidos na linguagem só serão possíveis na inter-relação entre sujeitos por meio da intersubjetividade em uma relação dialógica. Na atividade de interpretação, tanto o enunciador como o TILSP produzem sentidos por meio do discurso, pois todo o enunciado envolve uma intencionalidade, é dirigido a alguém e é um objeto de avaliação pelo locutor. De acordo com Sobral (2008, p.66), alguns elementos estão presentes no discurso:

1. A avaliação que o locutor faz daquilo que diz ou vai dizer;
2. A avaliação do interlocutor, tal como a presume o locutor;
3. A resposta do locutor ao que presume ser a avaliação do interlocutor;
4. A resposta do interlocutor tal como presumida pelo locutor.

Para Sobral (2008, p.66):

Ao avaliar (1), o locutor também responde por antecipação (3) ao interlocutor, levando em conta o que presume ser a avaliação deste (2) e sua resposta (4). Quando da “leitura”, ao avaliar (2), o interlocutor responde ao (4) ao locutor levando em conta a avaliação (1) e a resposta (3) presumíveis.

O autor aponta para um jogo de imagens individuais e sociais constituídas nas relações dialógicas entre sujeitos ideológicos, e que dependem da posição, do papel social, dos protagonistas dos discursos e das relações sociais em uma dada sociedade e num dado momento histórico. Assim, o discurso só passa a produzir sentido nas relações dialógicas; com isso, o TILSP, só construirá sentido no entendimento do processo e na procura de sentidos.

A construção de sentidos, conforme Volóchinov (2017 [1929]), se constitui por meio do *tema* e da *significação* presentes no enunciado. O autor inicia o texto no capítulo “Tema e significação na língua”, expondo que “o problema da significação é um dos mais difíceis na linguística”. O sentido faz parte de qualquer enunciado *como uma totalidade*; e denomina este sentido da totalidade do enunciado de seu tema:

O sentido da totalidade do enunciado será chamado de tema. O tema deve ser único, caso contrário não teremos nenhum fundamento para falar sobre um enunciado. Em outra essência o tema deste é individual e irrepetível como o próprio enunciado. Ele expressa a situação histórica que gerou o enunciado (VOLÓCHINOV, (2017 [1929], p. 227-228).

Na IS da Libras para a Língua Portuguesa na esfera educacional, os enunciados realizados tanto pelo enunciador em Libras como pelo TILSP são únicos e irrepetíveis. Mesmo que a mesma palestra, aula ou atividade ocorra novamente, haverá uma significação diferente, ou seja, um tema diferente, pois vai “depender da situação histórica concreta (histórica em uma dimensão microscópica) na qual é pronunciada e à qual pertence em essência” (VOLÓCHINOV, (2017 [1929], p. 228).

O tema do enunciado, segundo Volóchinov (2017 [1929]), não é definido apenas nas formas linguísticas que fazem parte da sua constituição, como “palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entoação”. Os aspectos extraverbais na situação enunciativa contribuem para a compreensão do enunciado, pois sem eles o enunciado torna-se incompreensível.

É importante lembrar que dentro do tema o enunciado possui também a *significação*. Para Volóchinov (2017 [1929]), a significação no enunciado, ao contrário do tema, possui aspectos *repetíveis e idênticos a si mesmos* em todas as ocorrências e se decompõe em várias significações de acordo com os elementos linguísticos presentes no enunciado. Volóchinov (2017 [1929], p. 228) diferencia o tema da significação:

O tema é um complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação. O tema é uma reação da consciência em constituição para a formação da existência. A significação é um artefato técnico de realização do tema. Evidentemente, é possível traçar um limite absoluto e mecânico entre tema e significação. Não há tema sem significação, como não há significação sem tema. Mais do que isso, não é possível nem mostrar a significação de alguma palavra isolada [...] sem torná-la um elemento do tema, isto é, sem construir um enunciado. [...] Por outro lado, o tema deve apoiar-se em alguma significação estável, caso contrário ele perderá a sua conexão com aquilo que veio antes e que veio depois, ou seja, perderá totalmente o sentido.

Assim, o ato interpretativo realizado pelo TILSP se constitui pela relação do tema e significação na compreensão enunciativa realizada pelo locutor e a enunciação realizada pelo intérprete que é endereçada aos interlocutores ativamente responsivos.

Nesse processo de interpretação simultânea, o TILSP criará sentido por meio do tema e da significação. É somente pela compreensão ativa e responsiva que o TILSP poderá dominar o tema, compreender o enunciado alheio, e, segundo Volóchinov (2017 [1929]), a compreensão significa orientar-se em relação a ele em um determinado contexto situacional, ativo e responsivo.

De acordo com Albres (2015), “toda a compreensão de enunciado concreto é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso)”. Conforme a

autora, a compreensão acontece por meio da resposta, e a compreensão discurso do locutor pelo TILSP se dá por meio uma réplica mental, tornando-o também um locutor.

Nessa perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem, a compreensão é um processo ativo e responsivo, realizada por meio enunciados concretos. Por essa razão, não há como estabelecer o modo estrito no ato de compreensão e resposta do TILSP. Para Volóchinov (2017 [1929]): “todo o ato de compreensão é uma resposta, na medida em que ele introduz o objeto da compreensão num novo contexto - o contexto potencial de resposta”.

Como já foi observado, um outro elemento relevante para a produção e compreensão dos sentidos no ato de mobilização discursiva realizado pelo TILSP na IS é o estilo na enunciação, pois a produção do sentido é determinada, acima de tudo, pela esfera desse ato de produção discursiva.

Na linguagem os sentidos não estão prontos, pois dependem da situação de produção. Um sinal ou palavra pode ter outros sentidos em uma determinada circunstância de utilização. O TILSP, ao realizar a interpretação da Libras para a Língua Portuguesa, em uma relação dialógica, por meio da compreensão ativa e responsiva do projeto enunciativo do interlocutor (língua-fonte), é o sujeito responsável em criar sentido para os interlocutores (língua-alvo).

Porém, nas atividades humanas, inclusive na interpretação, as relações comunicativas, por meio da linguagem, podem ser realizadas de formas diferentes. Para nos expressarmos, nem sempre recorreremos a linguagem verbal, seja oralizada ou sinalizada. Os sujeitos em uma situação discursiva, que desconheçam uma língua ou em determinadas situações, utilizam outros recursos visuais para se expressar, como gestos, apontamentos, desenhos, gráficos, projetos cênicos, audiovisuais etc.

De acordo com Brait (2013, p. 44), a verbo-visualidade são estas diversas materializações em forma de texto em uma dimensão verbal, de papel constitutivo na produção e efeitos de sentidos:

[...] dimensão em que tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente.

Por isso, na IS e na construção de sentidos, o TILSP tem que considerar a avaliação social na compreensão da formação histórica do tema e das significações realizadas pelo locutor e as relações dialógicas que envolvem a enunciação:

[...] A formação do sentido na língua está relacionada com a formação do horizonte valorativo do grupo social, e, por sua vez essa formação, compreendida de tudo que possui significação ou importância para o grupo, é determinada inteiramente pela ampliação da base econômica. Em decorrência da ampliação da base, amplia-se significativamente o horizonte da existência acessível, compreensível e essencial para o homem (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 237-238).

Por essa razão, o TILSP, presente em um horizonte comum e valorativo, em uma compreensão ativa e responsiva do enunciado do locutor, construirá sentidos por meio da interpretação, da verbo-visualidade, da entoação, elementos discursivos indissociáveis na enunciação e na construção de sentidos.

A seguir, abordaremos os estudos da entoação realizado por David Brazil (1985), que possibilitam a veiculação do significado por meio da análise da materialização do som em interações verbais no nível discursivo.

2.2 Teoria Interacional da Entoação (TIE)

Os estudos realizados por David Brazil (1985), denominados “The communicative value of intonation”, apresentam a Teoria Interacional da Entoação (doravante TIE), desenvolvida entre o final da década de setenta e início da década de oitenta, na qual Brazil descreve a forma como a prosódia nas LOs, que é apresentada como um conhecimento socialmente construído, possibilita a veiculação do significado por meio da análise da materialização do som em interações verbais. David Brazil (1985) apresenta a entoação no nível discursivo como uma estratégia de escolha do falante, objetivando orientar, direcionar o interlocutor na compreensão dos significados comunicativos contidos nos enunciados.

De acordo com autor, na relação direta com a intenção comunicativa, o padrão entoacional na fala de qualquer falante permite a identificação dos valores comunicativos da entoação, revelando indícios de intencionalidade. Para David Brazil (1985), na interação comunicativa, os padrões entoacionais presentes no discurso exercem três funções: a função organizacional, a função social e a função informativa.

A função organizacional refere-se à organização das escolhas entoacionais realizada pelo falante, no nosso caso o TILSP por meio dos tons no discurso, presente na interpretação é endereçada aos interlocutores presentes no ambiente.

A função social, presente na interação face-a-face, propõe aos sujeitos o reconhecimento dos papéis de cada um na estrutura organizacional. As pistas entoacionais presentes na voz dos participantes dentro da interação são os meios de identificar os seus papéis sociais ativos assegurados.

A terceira função exercida pelos padrões entoacionais é a função informativa, que revela os conteúdos informativos presentes na fala por meio de recursos prosódicos entoacionais. Para Luciano (2000), a função informativa definida por Brazil, que são as diferenciações entre conteúdos novos e conteúdos partilhados, reconhece a presença de pistas entoacionais orientadoras da construção de sentido pelo interlocutor, sinalizando as proposições mais relevantes. Segundo a autora, o resultado da interação provocado pelo “efeito que o conjunto total dessas pistas traz para a construção de sentido do texto” deve ser observado pelo pesquisador e associado ao contexto no qual o evento comunicativo está inserido (LUCIANO, 2000, p. 71). “Os padrões entoacionais têm a finalidade, sobretudo, de exercer determinadas funções no discurso a fim de promover a construção de sentidos ao longo das interações verbais sociais” (BARRETO, 2011, p. 43). Se observarmos esta função na IS, as pistas entoacionais ajudam na compreensão da construção de sentidos realizadas pelo TILSP nos eventos educacionais.

2.3. Metodologia de transcrição

Segundo Barreto (2011), os enunciados materializam-se em sons por meio da voz, e a entoação possibilita a legibilidade, ou seja, a contribuição do significado na compreensão do discurso. De acordo com Brazil (1985):

(...) para dar sentido a entonação, precisamos conceber os falantes como classificadores de suas experiências enunciativas, que devem ser válidas para eles e para seus interlocutores no momento da enunciação. Cada uma das oposições no sistema de constituição do significado é o de ser pensado como uma oportunidade para a criação de categorias em função da apreensão do falante de como as coisas estão expressadas entre ele e um suposto ouvinte (BRAZIL, 1985, p. 06).

O conceito base na TIE é estabelecido pelo discurso apreciativo – no qual o falante procura por meio da entoação, centrado no conteúdo e com uma preocupação direta com o ouvinte – e pelo discurso significativo – centrado na língua em sua superfície, onde o falante assume o papel no nível significativo da palavra. No discurso apreciativo é estabelecida uma

orientação direta e com uma maior diversidade de tons. A fala apresenta uma melodia mais acentuada, e com isso ocorre uma relação mais considerável. David Brazil (1985) apresenta cinco tons para este tipo de discurso:

- Dois tons ascendentes, chamados de tons alusivos (e);
- Dois tons descendentes ou tons informativos (e);
- Um tom neutro ou nível (0).

Nas interações comunicativas os tons ascendentes e descendentes-ascendentes (e) emitem enunciados partindo de conhecimento partilhado. No caso dos tons descendentes e ascendentes-descendentes (e), apresentam novas informações, uma informação não partilhada e, ainda, indicam traços de divergência, antagonismo de opiniões. Para registrar os símbolos na transcrição, Brazil (1985) apresenta o seguinte modelo:

Normas para transcrição – David Brazil (1985)

<i>Low Termination (LT)</i>	Terminação baixa
<i>High Key (HK)</i>	Terminação alta
Padrão Entoacional	Ascendente
	Descendente
	Ascendente – descendente
	Descendente – ascendente
	Nivelado
Proeminências	Sílabas proeminentes = maiúsculas
	Sílabas não – proeminentes = minúsculas
Cadeias tonais	// ... //
Unidades tonais	/... /
Sílaba tônica	Sublinhada
Níveis de fala: Base e terminação	Alto (high) = Sobrescrito
Tom	Médio (mid) – permanece no nível
	Baixo (low): subscrito

	(p) = descendente (proclaiming)
	(p+) = ascendente – descendente (proclamador)
	(r) = descendente – ascendente (refer)
	(r+) = refer
Cadeia Tonal	Separada por duas barras //
Unidade Tonal	Separada por uma barra /

TOM		
Nomenclatura	Símbolo	Implicações
Ascendente (rise)	↗	Referente dominante
Descendente (fall)	↘	Proclamador não - dominante – Discurso de Orientação Oblíqua
Ascendente – descendente (rise – fall)	↗ ↘	Proclamador dominante
Descendente – ascendente (fall – rise)	↘ ↗	Referente não – dominante
Nivelado (level)	→	Discurso de Orientação Oblíqua

Tabela 1: Normas para transcrição – David Brazil (1985)

Na transcrição da interpretação da Libras para a Língua Portuguesa, realizaremos um quadro com a glosa dos sinais em Língua Portuguesa e a transcrição da interpretação em Língua Portuguesa juntamente com as imagens do ato interpretativo. Utilizaremos a norma de transcrição (Língua Portuguesa) conforme Preti (1999):

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
-------------	--------	----------------

Incompreensão de palavras ou segmentos	()	<i>do nível de renda... () nível de renda nominal...</i>
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	<i>(estou) meio preocupado (com o gravador)</i>
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	<i>e coméle reinicia</i>
Entoação enfática	maiúsculas	<i>porque as pessoas reTÊM moeda</i>
Alongamento de vogal ou consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	<i>ao emprestarem os... éh::: ... o dinheiro</i>
Silabação	–	<i>por motivo tran–sa–ção</i>
Interrogação	?	<i>e o Banco... Central... certo?</i>
Qualquer pausa	...	<i>são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção</i>
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as [linhas	<i>A. na casa da sua irmã [</i> <i>B. sexta-feira?</i> <i>A. fizeram lá...</i> <i>[</i> <i>B. cozinham lá?</i>

Indicação de que a fala foi retomada ou interrompida em determinado ponto.	(...)	(...) <i>nós vimos que existem...</i>
Citações literais, reproduções de <i>discurso direto</i> ou leitura de textos, durante a gravação	“ ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “ <i>O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma barREIra entre nós</i> ”...

Tabela 2: Dino Preti (1999) - Norma de Transcrição

1. Iniciais maiúsculas: não se usam em início de períodos, turnos e frases.
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá? você está brava?*).
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo *oh:::...* (alongamento e pausa).
8. Não se utilizam sinais de **pausa**, típicos da língua escrita (como . , ;). As reticências marcam qualquer tipo de **pausa**.

Na transcrição da entoação utilizaremos o modelo interativo entoacional de Brazil (1985), pois, apresenta alguns aspectos na entoação do falante e cada aspecto possui um tipo de intenção comunicativa. Para o autor, alguns elementos presentes na voz contribuem para uma melhor entoação e uma melhor interação comunicativa, como variações de velocidade, tensão, volume e inflexão.






Na interpretação simultânea as escolhas tonais realizadas pelo TILSP dependem da entonação expressiva do locutor em Libras, como expressões de emoção, de ironia, de indignação, de passividade; com isso, a materialização entoacional do intérprete por meio da voz possibilita aos interlocutores a construções de sentidos.

Em nossa pesquisa, a entoação é essencial para a compreensão de sentidos. Entendemos que a fundamentação da teoria proposta por David Brazil (1985) se aproxima do pensamento bakhtiniano. Lembrando que, para Bakhtin (2011), a entoação expressiva não deve ser restringida a uma categoria particular, pois faz parte do enunciado concreto; porém para a nossa

análise discursiva na IS da Libras para a Língua Portuguesa, utilizaremos a TIE para materializar alguns aspectos entoacionais.

Um dos procedimentos utilizados na análise da TIE é a leitura de voz alta (LVA), que tem como objetivo relacionar a fala, identificando o valor da prosódia na construção de sentidos. As buscas por estudos produzidos com base na TIE em trabalhos acadêmicos no território brasileiro, realizadas por Barreto (2011), registram que grande parte dos estudos realizados com base na teoria desenvolvida por David Brazil está voltada para a LVA. De acordo a autora leitura em voz alta torna-se: “uma das principais atividades de uso da apropriação da língua que tem levado pesquisadores a aceitar que o valor da entoação, bem como dos aspectos prosódicos, não podem ser considerados aspectos de menor importância” (BARRETO, 2011, p. 42).

No próximo quadro apresentamos um resumo das representações utilizadas em nossas análises, com as representações de acordo com a proposta de modelo de Brazil (1985) utilizada pela Teoria Interacional da Entoação (TIE).

Cadeias Tonais	Separadas por duas barras // ... //
Unidades Tonais	Separadas por barras / ... /
Padrão entoacional	Ascendente ou r+ 
	Descendente ou p 
	Ascendente descendente ou r 
	Descendente ascendente ou p+ 
	Nível ou 0 
Proeminências	Sílabas proeminentes = palavras maiúsculas ex.: FALA
	Sílabas não proeminentes = palavras minúsculas ex.: fala
Sílaba tônica	Sublinhado = <u>fala</u>

Níveis de fala Base e Terminação	Alto (<i>high</i>) = sobrescrito (superior à linha) ex.: FALA
	Médio (<i>mid</i>) = permanece no nível (na linha do meio) ex.: FALA
	Baixo (<i>low</i>) = subscrito (inferior à linha) ex.: FALA
Tom	p = descendente (<i>proclaiming</i> ou proclamador)
	p+ = descendente ascendente (<i>proclaiming</i> ou proclamador)
	r = descendente ascendente (<i>referring</i> ou referente)
	r+ = ascendente (<i>referring</i> ou referente)
	0 = nível

Tabela 3: Representações para análise


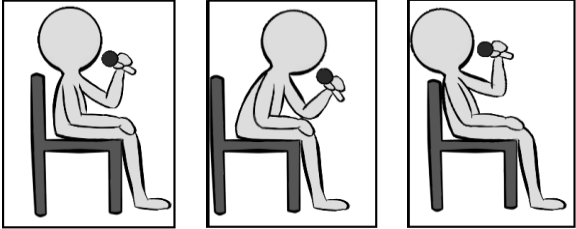
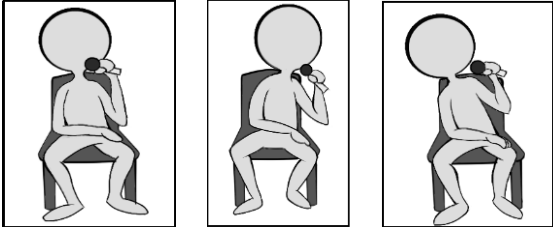
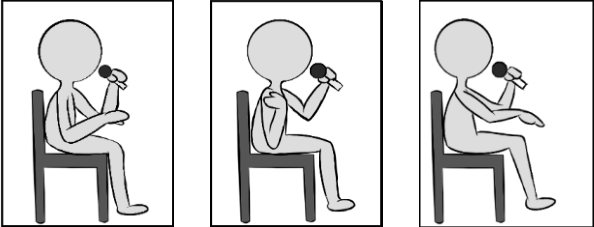



Fonte: Teoria Interacional da Entoação (TIE), Brazil (1985)

Para a nossa análise verbo-visual criamos um procedimento de análise gestual do intérprete no ato interpretativo, pois as expressões face corporais (visual) – elementos entoacionais gesto-visuais - juntamente com a prosódia vocal (verbal) constituem a dimensão verbo-visual:

- a) Expressão facial: alternâncias nas expressões faciais;
- b) Movimento do corpo: movimento realizado pelo intérprete para frente ou para trás, ou lateralmente;
- c) Movimento(s) da(s) mão(s) e braço (s): movimento(s) realizado(s) pela(s) mãos e braços.

As escolhas expressivas do intérprete serão analisadas na sua produção, ênfase e alternância dos gestos e movimentos, podendo ocorrer de forma isolada, isto é, somente uma mudança gesto-corporal ou concomitante, podendo ocorrer ao mesmo tempo com outros gestos.

Unidades Visuais	Imagens da intérprete no momento da escolha da unidade tonal.
	Escolhas das expressões corporais e faciais no momento da realização da unidade tonal.

Escolha – face corporal	 <p>Expressões faciais</p>
	 <p>Movimento do corpo (para frente/para trás)</p>
	 <p>Movimentos laterais</p>
	 <p>Movimento dos braços e mãos</p>
Padrão face corporal	<p>Ascendente</p> 
	<p>Descendente</p>  <p>(desceu o nível expressivo)</p>
	<p>Ascendente descendente</p>  <p>(elevou e desceu o nível expressivo)</p>

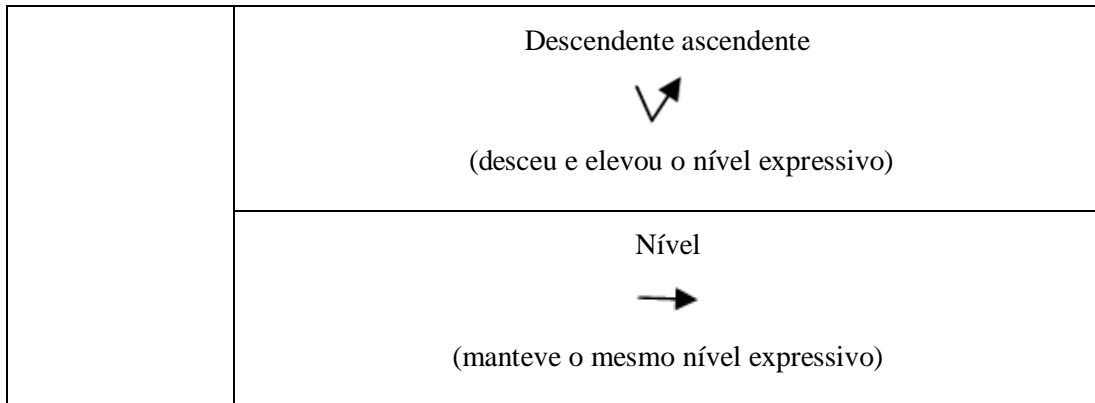


Tabela 4: Representações para a análise

Fonte: elaborado pelo próprio autor

2.3.1. Sistema de transcrição ELAN

A transcrição da materialidade linguística e enunciativo-discursiva na IS constitui-se um desafio na pesquisa, pois envolve duas línguas com articuladores diferentes e a necessidade de transcrever objetivando encontrar, a partir de um olhar dialógico, a autoria, os elementos prosódicos e a construção de sentidos no ato enunciativo.

É importante esclarecer que o software ELAN¹⁸ (*EUDICO Language Annotator*) foi escolhido pelas ferramentas que disponibiliza e por ser de uso gratuito, permitindo registros em trilhas que acompanham os dados da pesquisa. Além disso, no cenário atual das pesquisas em LS, no Brasil, esse é um dos programas que mais têm auxiliado nos estudos do processo de interpretação de Libras para a LSs. Quadros e Pizzio (2007) comentam sobre o uso do ELAN.

[...] é uma ferramenta de anotação que permite que você possa criar, editar, visualizar e procurar anotações através de dados de vídeo e áudio. Foi desenvolvido no Instituto de Psicolinguística Max Planck, Nijmegen, na Holanda, com o objetivo de produzir uma base tecnológica para a anotação e a exploração de gravações multimídia. ELAN foi projetado especificamente para a análise de línguas, da língua de sinais e de gestos, mas pode ser usado por todos que trabalham com *corpora* de mídias, isto é, com dados de vídeo e/ou áudio para finalidades de anotação, de análise e de documentação destes. (QUADROS; PIZZIO, 2007, p. 17)

¹⁸ O ELAN é um programa desenvolvido pelo Max Planck Institute of Psycholinguistics, da Holanda.

O ELAN é um sistema de transcrição que possibilita transcrever e descrever marcas de sinais manuais e os MNMs que ocorrem simultaneamente abrangendo maiores aspectos das línguas sinalizadas; com isso, o uso deste software é de grande importância para a nossa pesquisa. De acordo com algumas características que motivam a utilização do software:

- i) ser especificamente desenvolvido para descrição e análise linguísticas multimodais;
- ii) estar sendo amplamente utilizado por pesquisadores de várias línguas, em particular de línguas de sinais;
- iii) estar sendo constantemente atualizado por meio de novas versões que corrigem problemas e introduzem novos recursos;
- iv) ser disponibilizado gratuitamente;
- v) ser compatível com PC;
- vi) possibilitar o uso de arquivos de vídeo e áudio, o que é importante para transcrição e análise de interação bimodal surdo-ouvinte, bem como para os estudos da gestualidade (McCLEARY; VIOTTI; LEITE, 2010, p. 276).

Segundo os autores, depois do projeto piloto, foram desenvolvidas novas trilhas separadas, cada uma delas relacionada a um aspecto da sinalização:

Trilha	Descrição
IU Translation (Intonation Unit Translation)	Registro da tradução para o português das unidades básicas do discurso na Libras
MS-Gloss-BP (Manual Sign Gloss Brazilian Portuguese)	Registro de glosas, em português brasileiro, referentes aos sinais manuais
MS-Gloss-E (Manual Sign Gloss English)	Registro de glosas, em inglês, referentes aos sinais manuais
NMS-Gloss-BP (Non-manual Sign Gloss Brazilian Portuguese)	Registro de glosas, em português brasileiro, referentes aos sinais não manuais
NMS-Gloss-E (Non-manual Sign Gloss English)	Registro de glosas, em inglês, referentes aos sinais não manuais
SMS-Gloss-BP (Simultaneous Manual Sign Gloss)	Registro de glosas, em português brasileiro, referentes aos sinais manuais realizados simultaneamente a outro sinal
Eyebrow	Registro das configurações das sobrancelhas
Eyegaze	Registro das configurações e movimentos do olhar

Hands	Registro de qual mão realiza o sinal
-------	--------------------------------------

Tabela 5: (McCLeARY, VIOTTI E LEITE, p. 278, 2010)

O ELAN disponibiliza uma versatilidade de execução nas escolhas das trilhas. Dessa forma, o pesquisador tem a liberdade de organizar, escolher e ocultar as trilhas na tela de visualização para realizar a transcrição e/ou análise.

McCleary, Viotti e Leite (2010) propõem um processo de descrição linguística da Libras a partir das narrativas de falantes nativos (surdos). Em nossa pesquisa, não descreveremos o sistema da língua de sinais brasileira, mas, nesta pesquisa, analisaremos o processo de IS da Libras para a Língua Portuguesa. Por essa razão, adotaremos outra organização das trilhas: manteremos algumas, como a de tradução das unidades entoacionais, a de glosas para alguns articuladores não manuais como sobrançelha e olhar, movimento do corpo, e criaremos trilhas subsequentes, bem como a forma de anotação do léxico. Dessa maneira, por meio do software ELAN, transcreveremos e organizaremos a materialização linguística das duas línguas, com o objetivo de mapear a produção lexical e sintática da Libras e da Língua Portuguesa no ato interpretativo simultâneo, anotando os elementos prosódicos e verbo-visuais. Organizaremos as trilhas com os marcadores que utilizamos nos vocabulários controlados da seguinte maneira:

Trilha	Descrição
Transcrição em português	Registro das unidades básicas do discurso na Libras na IS para a Língua Portuguesa
(Locutor/Libras)	Registro de glosas, em português brasileiro, referentes aos sinais manuais
Marcadores não- manuais	Registro de glosas, em português brasileiro, referentes aos MNMS. (sobrançelhas e olhar, movimentos do corpo)
Entoação: Discurso Apreciativo e Significativo	Registro dos tipos de discursos (entoação) - Discurso Autoral (r+) - Discurso Concordante (p+) - Discurso Confirmatido (r) - Discurso Informativo (p) - Discurso Neutro (0)

Mão	Registro do uso das mãos para a produção do sinal: - md: mão direita; - me: mão esquerda; 2m: duas mãos.
Direção do olhar	Registro das configurações e movimentos do olhar: > Olhar para direita; < Olhar para esquerda; ^ Olhar para cima; v Olhar para baixo; % Olhar para frente.
Tipo de espaços	Registro da altura do espaço da sinalização: - AC: Altura da cabeça; - AP: Altura do peito; - ACT: Altura da cintura.
Locação	Registro da localização da sinalização: - EE: Espaço à esquerda; - ED: Espaço à direita; - EF: Espaço à frente.
Corpo	Registro do direcionamento do corpo: - DE: Direcionado para esquerda; - DD: Direcionado para direita; - DF: Direcionado para frente.
Apontação	Registro dos apontamentos espaciais: - AE: Apontação para esquerda; - AD: Apontação para direita; - AF: Apontação para frente; - AB: Apontação para baixo; - -AC: Apontação para cima.

Tabela 6: Organização das trilhas

Fonte: Desenvolvido pelo autor conforme Nascimento (2011, p. 97 e 98)

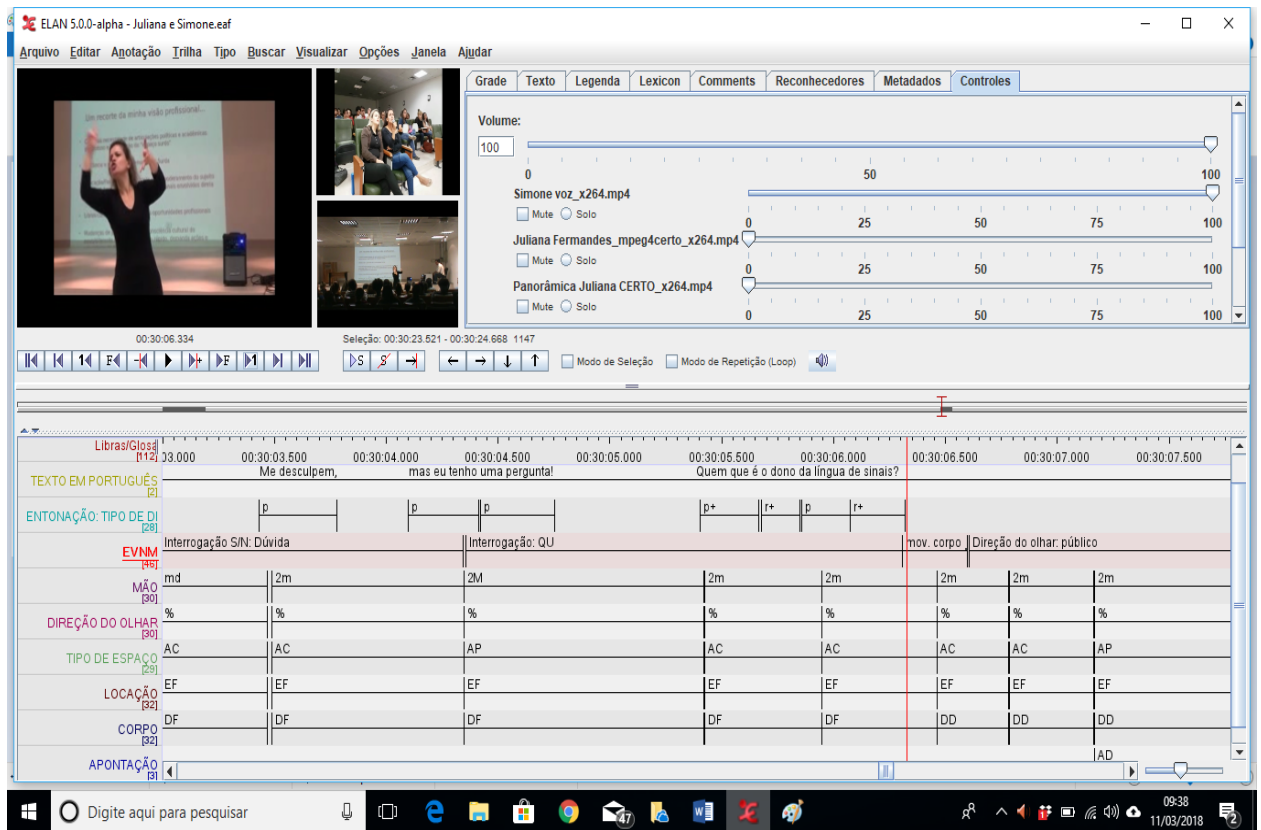


Figura 1: Sistema ELAN utilizado na transcrição do corpus com as trilhas estabelecidas de acordo com as necessidades desta pesquisa.

Fonte: desenvolvido pelo autor

No próximo capítulo abordaremos o estudo da prosódia e os elementos prosódicos da LS e da Língua Portuguesa presentes na interpretação simultânea. Lembramos que a nossa pesquisa, fundamentada em uma perspectiva dialógica, objetiva um olhar linguístico sobre a Libras e a Língua Portuguesa nos aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico e pragmático como parte constituinte de uma língua social quando atravessada de valores presentes nos enunciados. Estes enunciados são projetados sobre um fundo gramatical e dimensionados em uma complexa rede dialógica estabelecida nas diferentes articulações discursivas por meio das diferentes vozes sociais (FARACO; NEGRI, 1998).

CAPÍTULO 3

ESTUDO DA PROSÓDIA: ELEMENTOS PROSÓDICOS NA LÍNGUA DE SINAIS E NA LÍNGUA PORTUGUESA

“Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível”

Mikhail Bakhtin

A prosódia desempenha um papel essencial na produção e percepção de cada palavra ou enunciados, na fala oral ou língua de sinais, ou seja, onde envolve a produção de línguas. Porém, o interesse gerado pela prosódia teve seu início nas línguas orais, remontando às raízes da versificação grega e latina. As discussões sobre o conjunto de fenômenos denominado prosódia são extensas e bastante antigas. De acordo com Scarpa (1999, p.7-9), o termo conduz aos gregos, que “utilizavam a palavra *προσῳδία* para designar o centro de tom ou melódico, isto é, traços de fala não representados ortograficamente”. Por volta do século XV, na tradição da métrica greco-latina, o termo adquiriu o significado de “versificação”, passando a denotar diferenças na duração, devido à aceitação do caráter de acento dinâmico ou melódico.

Os teóricos e críticos literários utilizaram o termo prosódia nas teorias sobre a métrica na poética e sobre o ritmo da poesia e da prosa. A Gramática Normativa atribuiu ao termo prosódia uma acepção marginal de ortoépia, que tinha como objetivo ressaltar as características valorativas do bom uso da língua, referindo-se ao “bom dizer” ou “sotaque”. Os especialistas em fonética e fonologia descartaram esta visão.

Para Scarpa (1999), os estudos linguísticos do termo recobrem uma gama de fenômenos, como parâmetros de altura, intensidade, duração, pausa, velocidade de fala, bem como os sistemas de tom, entoação, acento e ritmo das línguas naturais. Segundo a autora, os interesses nos estudos prosódicos podem ser divididos em dois:

O primeiro deles é o tratamento acústico, mensurável, instrumental de altura, intensidade e quantidade, correlatos perceptuais de frequência, volume e duração. [...]O segundo pólo de interesse é a consideração fonológica das organizações e representações dos sistemas de acento, ritmo e entoação nas

línguas e suas interfaces com os demais componentes linguísticos (SCARPA, 1999, p. 8).

Com isso, elencamos o segundo estudo citado por Scarpa (1999), e delimitamos nossa pesquisa na IS da Libras para a Língua Portuguesa, observando a compreensão da entoação expressiva na Libras por meio das expressões não-manuais na língua de partida pelo TILSP, e a constituição da autoria por meio da entoação expressiva por meio da voz e da expressão face corporal. Tal delimitação se faz necessária, pois a prosódia é um assunto amplo, multifacetado, fascinante e de difícil compreensão. Conforme Scarpa:

Na encruzilhada entre prosa e poesia, entre linguística e engenharia de som, entre sintaxe e semântica, entre fonética e fonologia, entre língua e discurso, entre abordagem inatista e de aprendizagem e generalização por esquemas conexionistas, os fenômenos prosódicos recobrem uma gama de referências, nos estudos da língua/linguagem, difícil de ignorar ou de marginalizar (SCARPA, 1999, p. 9).

Encontramos a LS na definição de prosódia por David Crystal (1969). O autor define prosódia como um fluxo da linguagem, seja ela oral ou de sinais, que pode ser analisada por seus vários componentes organizacionais, incluindo unidades como sons, sílabas, configurações de mão, movimentos, palavras, frases e segmentos do discurso maiores. Porém, segundo Volóchinov (2017 [1929]), as análises mais detalhadas e diferenciadas das entonações podem se tornar produtivas quando relacionadas com uma compreensão adequada as circunstâncias dos fundamentos da comunicação discursiva.

Com relação a interpretação simultânea, Penha (2015) realiza um estudo na área de interpretação em conferências, objetivando verificar as características prosódicas da fala semi-espontânea e da fala interpretada de um grupo de intérpretes e analisar como as características da fala interpretada podem influenciar a avaliação de qualidade e compreensão da mensagem produzida pelo intérprete.

Realizamos uma síntese das observações realizadas por Penha (2015) sobre alguns aspectos prosódicos na interpretação entre língua orais, como: descrição da prosódia, pausa, entoação e *pitch accent*:

1. **Prosódia:** compreende elementos como a entoação, a acentuação, a qualidade de voz, o ritmo, a taxa de elocução e a pausa. Esses elementos implicam em correlatos acústicos, perceptivos e fisiológicos. A autora apresenta os padrões perceptivos de *pitch*, *loudness* e duração da fala, que

são associados a um correlato acústico e a um correlato fisiológico:

Perception	Articulation	Acoustics
pitch perceived scale: high – low	quasi-periodic vibrations of vocal folds	fundamental frequency (F0) measure: Hertz (Hz)
loudness perceived scale: loud – soft	articulatory effort, subglottal air pressure	intensity measure: decibel (db)
length perceived scale: long – short	duration and phasing of speech gestures	duration of segments measure: millisecond (ms)
vowel quality perceived scale: full – reduced	vocal tract configuration, articulatory precision	spectral quality measure: formant values in Hz

*Tabela 7: Padrões perceptivos de pitch, loudness e duração da fala e seus correlatos acústico e fisiológico-
Layla Penha (2015)*

2. **Pausas:** característica mais marcante na interpretação, as pausas são realizadas em locais distintos no enunciado.
 - (i) Seguindo Penha (2015, p. 52) há uma correlação entre o “tipo de componente de fronteira e o tamanho da pausa, ou seja, quanto mais importante a fronteira, maior a pausa”.
 - (ii) A pausa ocorre antes de palavras de alto conteúdo léxico ou, colocando em termos da teoria da informação, em pontos de baixa probabilidade transacional.
 - (iii) Depois da primeira palavra em um grupo entoacional.
3. **Entoação:** diferencia uma modalidade de discurso de outra e possibilita a compreensão dos diferentes padrões entoacionais presentes em sentenças diferentes: imperativa, declarativa ou interrogativa.
4. **Pitch Accent :** sinalização de uma proeminência acentual por alteração de pitch. O intérprete realiza um uso característico das proeminências, com sílabas ‘inesperadas’ carregando o pitch accent.

A nossa pesquisa envolve a Libras (LSs) e a Língua Portuguesa (LO), e essas línguas diferenciam-se pela modalidade, por meio dos articuladores de produção. Nas línguas orais a produção da fala é realizada por meio do aparelho fonador e a percepção é auditiva. Já nas

línguas de sinais a modalidade é gesto-visual-espacial: com expressões realizadas no espaço, tais como configuração de mão, movimento do corpo e expressões faciais que constituem o enunciado, compreendido por meio da visão. Entretanto, mesmo apresentando diferença na modalidade, os recursos prosódicos estão presentes tanto nas LOs e nas LSs, e possuem funções semelhantes. Weininger (2016) considera que sejam algumas semelhanças:

Velocidade de articulação, tamanho do espaço de sinalização, intensidade do movimento de sinalização, pausas, marcadores não manuais (franzir a testa e torcer o nariz, movimentos de bochecha, boca e língua, cabeça e tronco, direção do olhar, abertura e piscar dos olhos, etc.). As funções da prosódia nas línguas de sinais são as mesmas das línguas orais (WEININGER, 2016, p. 5).

As línguas de sinais, presentes nas comunidades surdas em todo o mundo, surgiram independentemente das línguas orais, devido às necessidades comunicacionais entre sujeitos surdos e ouvintes socialmente organizados. Estas línguas possuem a mesma complexidade linguística e níveis de estrutura das línguas orais, porém, como já mencionamos, a produção e percepção para compreensão dependem dos articuladores gesto-visuais-espaciais. Portanto, a prosódia das línguas de sinais, mesmo com funções semelhantes, no momento da materialização, em seus elementos linguísticos e discursivos, diferencia-se das línguas orais (orais-auditivas).

3.1. Estudo da prosódia: elementos prosódicos nas línguas de sinais e na língua portuguesa

Na IS da Libras para a Língua Portuguesa, o TILSP materializa o discurso por meio da voz, e o discurso é constituído por diversos elementos prosódicos. De acordo com Cagliari (1999), em qualquer ato de fala, os elementos prosódicos (ou suprasegmentais) são os elementos diferentes dos segmentos em natureza fonética e que caracterizam unidades maiores do que os segmentos, sendo pelo menos da extensão de uma sílaba.

Esses elementos sofrem uma variação constante e de maneiras distintas. A fala apresenta um perfil de uma cadeia de montanha e picos denominadas por Cagliari de *ársis* e *tésis*, sendo que *ársis* corresponde a “picos” e *tésis*, a “vales”. A *ársis* e *tésis* são o efeito final da modulação de saliências fônicas na fala, tendo, portanto, uma função prosódica própria, independente das funções dos elementos prosódicos constitutivos (CAGLIARI, 1999). O autor agrupa os elementos prosódicos em três grupos (cf. CAGLIARI, 1999, p. 9):

- 1) Elementos prosódicos da variação da altura melódica:
 - tessitura
 - entoação
 - tom (nas línguas tonais)
 - acento frasal (ou sílaba tônica saliente)
- 2) Elementos prosódicos da variação da duração:
 - ritmo (sílabas, pé, grupo tonal, etc.)
 - duração
 - acento
 - pausa
 - concatenação
 - velocidade de fala
- 3) Elemento prosódico da intensidade sonora:
 - volume

Em nossa pesquisa, como já foi mencionado, focaremos no elemento prosódico: entoação. Segundo Cagliari (1999) a entoação é a variação melódica ascendente ou descendente. No nível discursivo a entoação, segundo Brazil (1985), representa uma das estratégias utilizadas pelo enunciador na orientação do “ouvinte” na compreensão do significado comunicativo dos enunciados. Assim, o elemento prosódico entoacional na fala de qualquer indivíduo mantém uma relação direta com sua intenção comunicativa.

A Libras e a Língua Portuguesa são compostas por cadeias enunciativas. No caso das LSs são realizadas por meio de sinais e expressões faciais e corporais; os sinais são formados por unidades mínimas, denominados parâmetros: Configuração das Mãos (CM), Pontos de Articulação (PA), Orientação (O), Movimento (M) e Expressão Facial/Corporal (EFC)¹⁹.

Na Língua Portuguesa a cadeia enunciativa é formada por palavras e entoação expressiva; as palavras são formadas por *vogais*, *semivogais* e *consoantes*, formando os fonemas sonoros. Porém as expressões não estão somente presentes nas unidades mínimas da Libras e da língua Portuguesa, elas também estão presentes em todos os níveis: morfológico, sintático, semântico e pragmático.

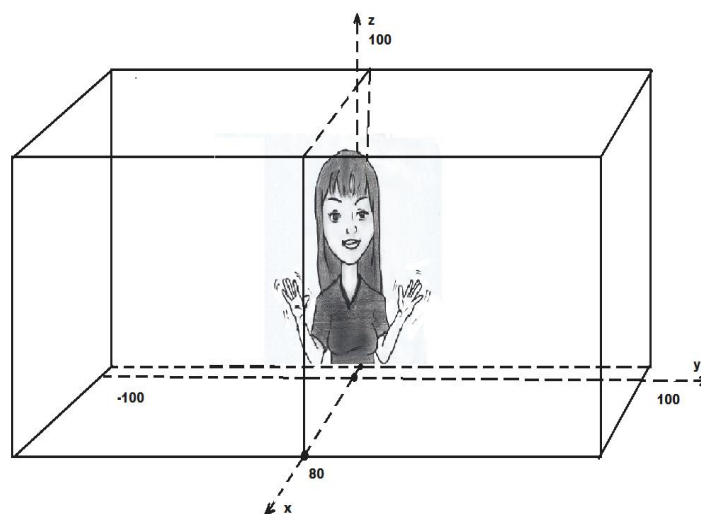
¹⁹ De acordo com Ferreira-Brito (1995) a partir desses parâmetros que se combinam a estrutura da LIBRAS é constituída.

Na visão estruturalista das línguas é somente uma abstração, um fundo para a inter-relação por meio da linguagem pelos sujeitos sociais. Os estudos bakhtinianos abordaram a problemática do objetivismo abstrato, pois os fenômenos da língua são observados por meio dos óculos das formas fonéticas e morfológicas. Essa visão estruturalista também é vista por meio desses óculos no nível sintático, que resultaram em sua morfologização²⁰ (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). O enunciado somente pode ser analisado como um todo, e, portanto, o sentido único pertence a essa totalidade, e os aspectos da entoação expressiva nas LOs e LSs são significações únicas e determinadas.

Já os elementos expressivos nas LSs são enunciados no espaço, por meio da altura (utilização no espaço), da velocidade da sinalização, da duração, da pausa e do ritmo. Os tons e a entoação estão presentes nas expressões faciais e corporais; elementos expressivos linguísticos imprescindíveis, presentes no terreno discursivo, expressam sentimentos, emoções, intenções, ativas e responsivas.

As expressões faciais e corporais fazem parte da comunicação humana, porém, nas línguas de sinais, essas expressões desempenham um papel linguístico-enunciativo, e possuem várias denominações: “marcadores não manuais” (MNM), “expressões não manuais” (ENM) ou “sinais não manuais discursivos” (SNMD).

As relações gramaticais nas LS são especificadas através da manipulação dos sinais no espaço. Neste espaço definido na frente do corpo ocorrem as sentenças, consistindo de uma área limitada pelo topo da cabeça e estendendo-se até os quadris. O final de uma sentença na língua de sinais brasileira é indicado por uma pausa. A figura a seguir ilustra o espaço de realização dos sinais na Libras:



²⁰ Para Volóchinov (2017 [1929]), é uma tendência que tem como objetivo ocultar morfologicamente a forma sintática, resultando a predominância do pensamento escolástico sobre a língua.

Figura 2: Espaço de realização dos sinais na Libras

Fonte: desenvolvido pelo autor (com bases nos estudos de Quadros e Karnopp (2004))

A organização espacial é realizada de uma forma bastante complexas nas LSs. O uso do espaço é uma característica fundamental nestas línguas e está presente em todos os níveis de análise. De acordo com Klima e Bellugi (1979), a caracterização das diferenças entre as LOs e as LSs está na organização fonológica, pois a linearidade é mais presente nas línguas orais, e as línguas de sinais possuem como característica básica a simultaneidade²¹.

Os elementos expressivos são realizados por meio da prosódia, tanto na Língua Portuguesa quanto na Libras, por sujeitos discursivos com a intencionalidade de expressar suas emoções e seu juízo de valor, isto ocorre somente no processo do emprego vivo em um enunciado concreto. Por essa razão, somente em determinado contexto, em uma situação de comunicação discursiva, há fluxo de interação entre os sujeitos sociais, expresso e percebido por meio dos elementos prosódicos. Assim, os enunciados, tanto nas LSs ou na LOs não apenas realizam o endereçamento da mensagem, mas também, por meio da entonação, do tom e da qualidade de voz habitual do falante/ou da qualidade na sinalização, das características físicas, da personalidade e da atitude possibilitam a construção de sentidos. Assim, parafraseando Lopes e Lima (2014), a interação discursiva, em qualquer situação que seja, por meio das características vocais e gestuais, tem por função estabelecer uma representação pragmática tanto na memória do enunciador como do interlocutor. Segundo os autores:

A escolha do padrão entoacional pelo falante, então, vai estar relacionada tanto ao contexto situacional quanto ao informacional, uma vez que a resposta do ouvinte vai estar condicionada às informações suprasegmentais associadas à estrutura linguística no nível segmental (LOPES; LIMA, 2014, p. 658).

De acordo com Silva (2011), os estudos dos sons apresentam dois níveis: aspectos segmentais e suprasegmentais. A seguir descrevemos estes aspectos prosódicos no nível segmental e suprasegmental nas LOs e tentaremos relacionar com as LSs.

3.2.Nível segmental: línguas orais e língua de sinais

²¹ Na enunciação em língua de sinais podem ser usados dois sinais ao mesmo tempo. De acordo com Ferreira-Brito (1995), a simultaneidade também ocorre quando o verbo da oração é direcional. Os elementos de anáfora, os clíticos, os classificadores, o sujeito e o objeto podem ter informações contidas ou incorporadas ao próprio item verbal. A direção do movimento do sinal verbal a configuração de mãos e/ou o ponto de articulação podem servir a esses propósitos

A Linguística, desde o seu surgimento, se ocupou em estudar as línguas orais, e suas observações resultaram em teorias, análises e descrições. Os sistemas linguísticos dos falantes têm sua base nos aspectos fonéticos e fonológicos. De acordo com Mateus (2004), desde o estruturalismo à teoria generativa clássica, os estudos da prosódia não foram desenvolvidos, assim, causando restrições nos próprios modelos. Segundo Mateus (2004), o estruturalismo procura descrever a língua, como sílaba, acento e entoação sem se preocupar com as questões prosódicas, enquanto a teoria generativa clássica não utiliza instrumentos adequados à análise da prosódia da língua orais. Esses modelos lineares buscam estudar os fonemas (segmentos) inserindo-os no mesmo nível e, com isso, desconsiderando outros níveis subjacentes. A seguir descreveremos estes segmentos na Língua Portuguesa e na Libras, como objetivo de entender a superfície dessas línguas e posteriormente chegarmos no nível suprasegmental, isto é, que perpassa a palavra no nível estrutural.

3.2.1. Fonética e Fonologia

A fonética estuda a acústica e fisiologia da produção, percepção e sons da fala. Ela analisa os sons em sua realização concreta, na forma como as consoantes e vogais são pronunciadas. Já a fonologia se interessa apenas com os sons que tem função comunicativa numa determinada língua. Cada som tem a sua própria representação mesmo que não seja distintivo. A fonologia é o estudo dos fonemas, os padrões de som de uma linguagem. Nas LOs as unidades básicas são classificadas em vogais, semivogais e consoantes. Essa classificação existe em virtude dos diferentes tipos de sons produzidos pela corrente de ar que sai dos nossos pulmões e é liberada, com ou sem obstáculos, pela boca e/ou pelo nariz. De acordo com Silva (2011) a consoante tem a classificação com base em: modo de articulação, ponto (ou lugar) de articulação e sonoridade. Exemplo segundo o autor: [s] = fricativa alveolar surda. O modo de articulação, conforme Silva (2011, p.78) é definido pelo grau de abertura (passagem de ar):

- (i) Oclusiva (bloqueio à corrente de ar): [p, b];
- (ii) (Nasal (ressonância na cavidade nasal): [m,n];
- (iii) Lateral (corrente de ar escapa pelos lados da língua): [l, λ];
- (iv) Vibrante (causa vibração): [r] carro;
- (v) Tap: (vibrante simples; batida rápida da ponta da língua). Ex. [ʔ] Araraquara;
- (vi) Fricativa ou constrictiva (pressiona a corrente de ar, produzindo fricção, atrito ou ruído): [s, f, z, ʃ];
- (vii) Africada (há uma articulação simultânea na cavidade oral: oclusiva e fricativa): [tʃ] tia.

O ponto de articulação, que também é denominado de “lugar de articulação”, indica órgãos ou partes dos órgãos envolvidos na articulação. De acordo com o autor o ponto de articulação apresenta dois tipos de articuladores: articuladores ativos (móveis - língua e lábios) e articuladores passivos (imóveis- lábio superior, dentes, alvéolo, etc.). O ponto de articulação de acordo com Silva (2011, p.78) ocorre no encontro ou toque entre os articuladores ativos e os articuladores passivos:

- (i) Bilabial (som produzido pelo contato dos lábios): [p, b, m];
- (ii) Lábio-dental (lábio inferior com dentes superiores): [f,v];
- (iii) Dental (ou linguodental): ponta da língua com dentes incisivos: [t, d, n, l];
- (iv) Alveolar (língua com alvéolo, situado logo acima dos dentes incisivos): [s, z, r];
- (v) Retroflexa (encurvamento da ponta da língua em direção ao palato. É o chamado “r” caipira);
- (vi) Palato-alveolar (língua toca alvéolo e palato): [ʃ] chá;
- (vii) Palatal (dorso da língua com palato ou céu da boca): [λ] palha; (
- (viii) Velar (dorso da língua no véu palatino): [k, g];
- (ix) Uvular (som vem da úvula): [x] rua; (x) Glotal (som vem da glote): [h] rota.

Os estudos de Silva (2011) mostram que a sonoridade (ou vozeamento) realiza a classificação dos sons com base na oposição surdo (ou desvozeado) e sonoro (ou vozeado). Os sons sonoros são produzidos com vibrações das cordas vocais. Para o autor as vogais são os sons sonoros por excelência, enquanto as consoantes podem ser surdas ou sonoras. Com relação a vogal, Silva (2011, 79) classifica os sons vocálicos primeiramente pelos movimentos da língua:

a) Horizontalmente:

- (i) anteriores (ou palatais) é, e, i (a língua avança para frente, no palato);
- (ii) central: a (a língua não se movimenta, fica no centro, em posição neutra
- (iii) posteriores (ou velares): ó, o, u (a língua avança para trás). O autor explica que anterior significa para frente e o posterior, para trás.

b) Verticalmente (i) i, u (fechada ou alta): o lábio inferior sobe, por isso se diz também alta; (ii) e, o (meio-fechada): o lábio desce um pouco; (iii) é, ó (média aberta): o lábio desce mais um pouco; (iv) a (aberta ou baixa): lábio vai lá embaixo.

Em segundo lugar, pelo movimento dos lábios:

- a) Labializadas (ou arredondadas): o, u;
- b) Não labializadas (não arredondadas): a, e, i.

Embora os aspectos suprasegmentais ajudem a preencher as lacunas no processo de construção do sentido, a linguística tem se interessado mais pelas características segmentais da fala. Os processos de fonológicos segmentais são:

[...] alterações de fones ou de fonemas. Por tratar de unidades tanto da Fonética quanto da Fonologia, esse fenômeno deveria receber dois termos: processos fonéticos e processos fonológicos. No entanto, convencionou-se usar apenas a expressão “processos fonológicos”. Também é usado o termo metaplasmos (processo que acrescenta, suprime ou transpõe fonemas numa palavra) (SILVA, 2011, p.80).

Nas línguas de sinais os estudos linguísticos iniciaram-se a partir de 1960, com o trabalho de William Stokoe sobre a língua de sinais americana (*American Sign Language-ASL*)²², elevando o *status* científico das línguas de sinais para a de línguas naturais. Considerado o pai da linguística da língua de sinais americana, William Stokoe (1920-2000) foi um dos primeiros a estudar uma língua de sinais com uma ótica de linguista. Os estudos linguísticos de William Stokoe (queirema)²³ mostraram a autonomia, a estrutura e a organização gramatical da ASL, contrariando os pensamentos de que as línguas de sinais eram representações manuais das línguas orais. Estes estudos possibilitaram aos linguistas, então, analisarem as línguas de sinais por meio dos instrumentos de estudo criados pela Linguística:

Apesar da diferença existente entre línguas de sinais e línguas orais, no que concerne à modalidade de percepção e produção, o termo “fonologia” tem sido usado para referir-se também ao estudo dos elementos básicos das línguas de sinais. [...] O argumento para a utilização desses termos (fonema e fonologia) é o de que as línguas de sinais são línguas naturais que compartilham princípios linguísticos subjacentes com as línguas orais, apesar das diferenças de superfície entre fala e sinal. (KLIMA; BELLUGI, 1979; WILBUR2, 1987; HULST3, 1993 apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 48).

Os fonemas são encontrados nas línguas de sinais à medida que essas línguas formam um número infinito de sinais. Os estudos pioneiros de Stokoe identificaram três componentes da estrutura interna dos sinais (STOKOE, 1960), considerados parâmetros primários: a

²² Língua de Sinais Americana

²³ A princípio, Stokoe tentou substituir nomenclatura fonemas e denominou queremas (do grego khéir, mãos), pois acreditava que o termo fonema remetia ao som, próprio às línguas orais e querema remetia à mão, por isso este seria mais adequado para os estudos das línguas de sinais.

configuração de mão (CM); ponto de articulação (PA) ou localização, (L); e o movimento (M). Os estudos observaram que alguns sinais possuíam parâmetros idênticos, porém apresentavam uma mudança em um dos parâmetros, formando os pares mínimos.

Na década de 90, no Brasil, Lucinda Ferreira Brito iniciou os estudos na Línguas de Sinais Brasileira e observou a existência dos mesmos parâmetros primários presentes na estrutura dos sinais. Atualmente, as pesquisas apontam a existência de mais dois componentes dos sinais, os chamados parâmetros secundários: Orientação/direção (O) da palma da mão e Expressão facial e/ou corporal (EF/C), assim formando os cinco elementos finitos. Configuração de mãos (CMs) são formas das mãos que podem fazer parte da datilologia ou não. Na maioria das vezes utiliza-se a mão direita, para os destros; quando canhoto, a mão esquerda, e dependendo do sinal, pode-se utilizar as duas mãos. De acordo com Felipe (2001), a Libras apresenta 64 CMs, que possibilitam a origem de novos sinais na língua. A CMs pode ser realizada por uma mão, duas mãos com a configuração de mão diferente ou com configurações de mão iguais. A autora levantou a seguinte relação de configurações de mão:

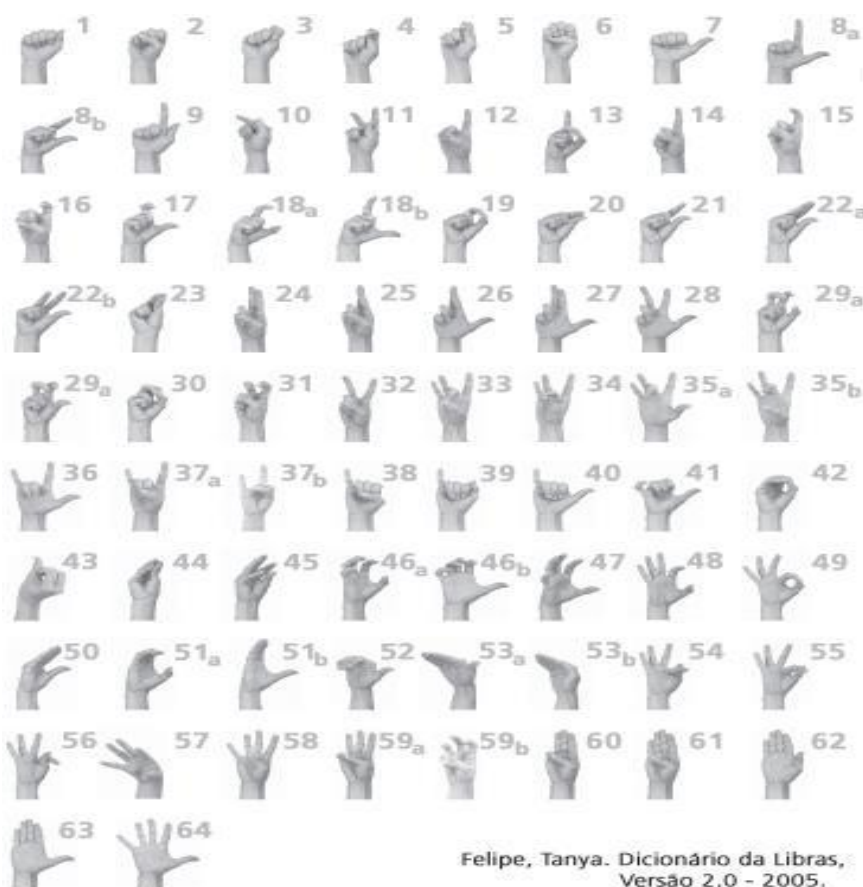


Figura 3: Configurações de Mão

Fonte: (FELIPE, 2001, p.28)

O segundo parâmetro é o Ponto de Articulação (PA), que também pode ser denominado de locação (L). São os lugares onde a mão configurada é posicionada, podendo ser o espaço neutro, ou alguma parte do corpo (espaço “vazio” em frente ao corpo do sinalizador, precisamente entre a cabeça e o quadril).

O terceiro parâmetro é o Movimento (M), porém alguns sinais podem ou não apresentar movimento, e são realizados pelas mãos do enunciador no espaço. É um parâmetro complexo, que pode envolver formas e direções diferentes (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.54). Segundo Ferreira-Brito (1995), a complexidade do parâmetro movimento está na produção dos sinais, pois estes podem ter diferentes tipos de movimento: movimento interno da mão, movimento do pulso e movimento direcional no espaço.

A orientação/direção (O) é o quarto parâmetro: os sinais têm uma direção com relação aos parâmetros já mencionados. Os mesmos estão relacionados à palma da mão. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), quando realizamos os sinais, a O é a direção para qual a palma da mão aponta: para cima e para baixo, para dentro (em direção ao corpo do sinalizador) e para fora, para os lados.

O quinto parâmetro é a expressão facial e corporal (EF/C), um dos elementos prosódicos da nossa pesquisa. A EF/C são os movimentos do corpo, da face, da cabeça e dos olhos realizados no momento da articulação dos sinais e que são de fundamental importância para o entendimento do sinal, correspondentes, na língua oral, à entoação de voz. Exemplos de algumas expressões faciais:

Expressões Faciais visuais afetivas

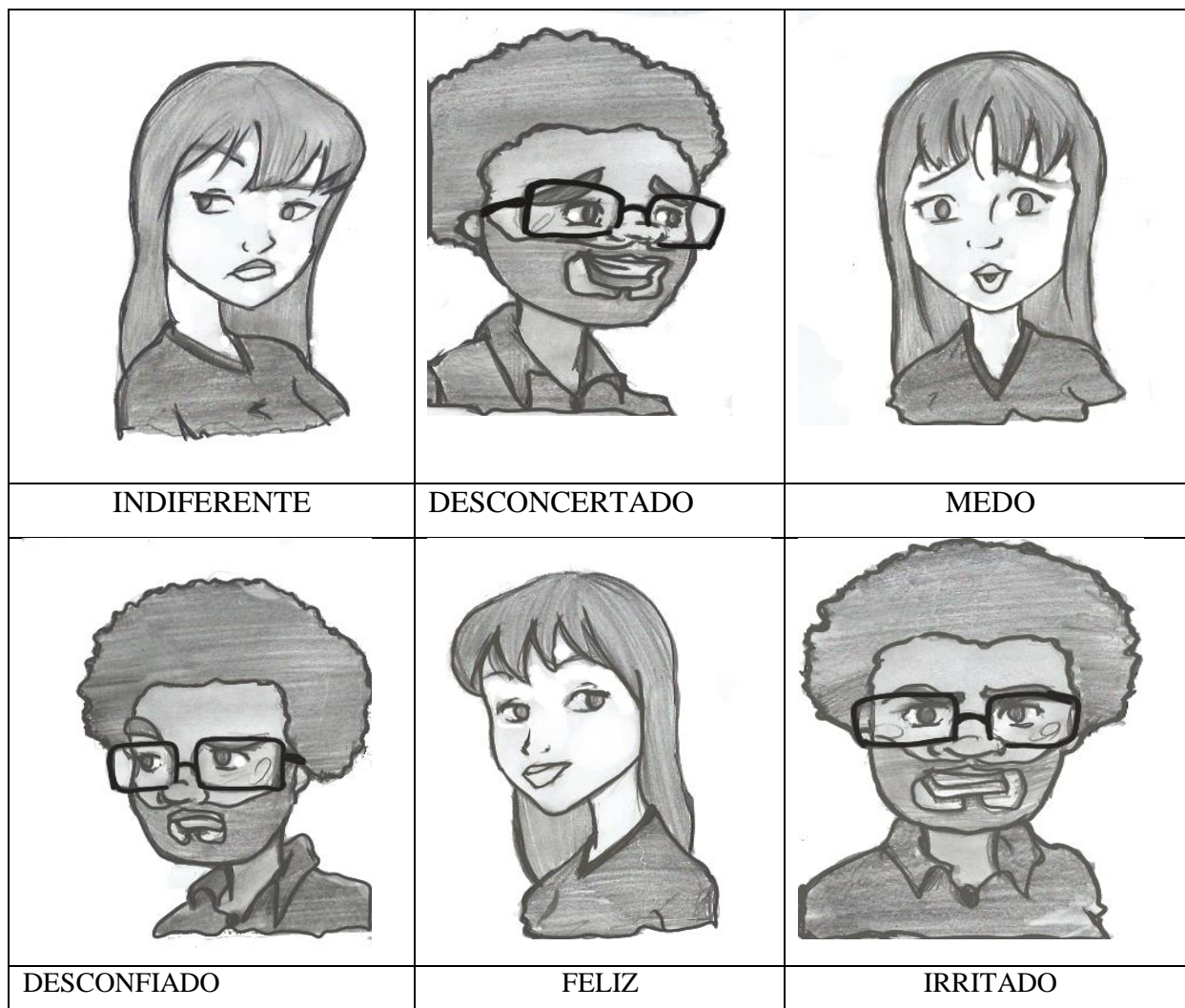


Figura 4: Expressões Faciais visuais afetivas

Fonte: desenvolvido pelo autor

Exemplo dos parâmetros no sinal: “APAIXONADO”:

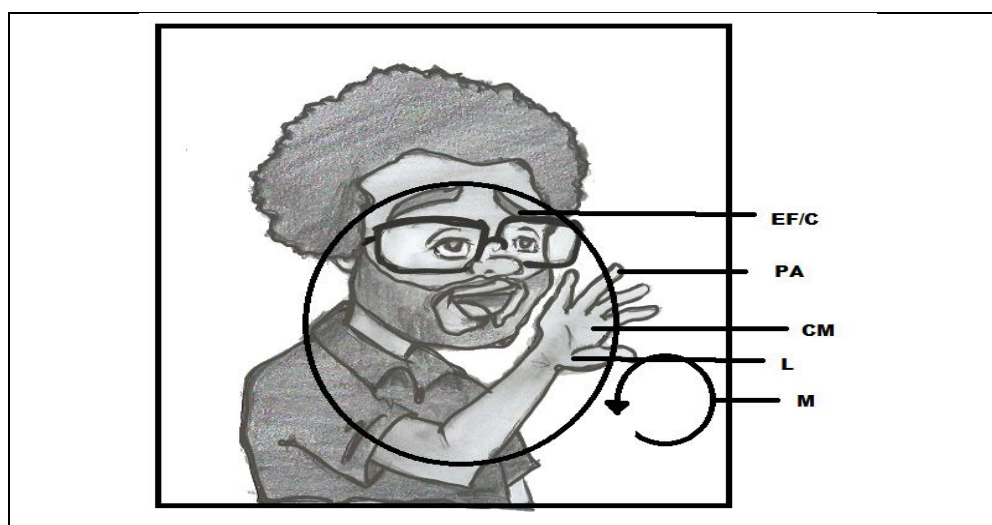


Figura 5: Parâmetros no sinal de “apaixonado”

Fonte: desenvolvido pelo autor

1. CM: Mão aberta e dedos um pouco flexionados;
2. PA: ponto neutro em frente da face;
3. M: circular;
4. O: A palma da mão voltada para frente (pode haver direcionalidade);

EF/C: sobrancelhas levantadas, testa franzida e boca parcialmente aberta

As MNMs podem ser um componente fonológico de um sinal ou representar o próprio sinal não manual: Segue alguns exemplos de MNMs no nível fonológico:

a) Expressão facial:



MAGR@ ²⁴

FEI@

Figura 6: Expressão facial

Fonte: elaborado pelo autor

b) Quando não utilizam a(s) mão(s) em sua configuração sígnica (sinais não manuais):

²⁴ A Libras não apresenta desinência de gênero e número. As palavras em Língua Portuguesa que as possuem deverão ser transcritas com o símbolo @ (arroba) no lugar da desinência.



ATO SEXUAL



AHH!

Figura 7: Expressão facial

Fonte: elaborado pelo autor



AH?

Figura 8: Expressão facial

Fonte: elaborado pelo autor

3.3. Nível Suprasegmental na Língua Portuguesa e na Libras

No nível suprasegmental (só a partir de Bloomfield que se admitiu a existência do fonema suprasegmental), trabalha-se sobretudo com os fenômenos de ritmo e de entoação. O conceito de ritmo (CAGLIARI, 1981, p. 122) está ligado à ideia de tempo e duração, sendo uma sequência de sílabas, ora longa, ora breve. Foneticamente falando, a sílaba é um pulso torácico. A unidade usada para marcar a percepção da duração das sílabas recebe o nome de mora. Ela mede as pausas entre as proeminências vocálicas. Como já mencionamos, conforme Cagliari (1999), no ato de fala, os suprasegmentais são os elementos que se diferenciam dos segmentos de natureza fonética caracterizando unidades maiores.

Se observarmos as LSs as mãos exercem um importante papel, porém outros articuladores que contêm o mesmo status linguístico e discursivo – o corpo, a cabeça e a face – estão presentes na gramática dessa modalidade de língua (PÊGO, 2013). A ênfase desses articuladores na comunicação efetiva constitui o nível suprasegmental.

De acordo com Pêgo (2013), as expressões não-manuais ou marcadores não-manuais são todos os elementos significativos que não são expressos pelas mãos. Devido a essa definição que coloca os marcadores em um status linguístico/discursivo, a autora adota o termo “sinais não-manuais discursivos” (SNMD), e não “Marcações Não-Manuais” ou “Expressões Não-Manuais”. Pêgo (2013) justifica sua escolha:

[...] pois estes não expressam o nível morfológico e lexicológico no qual estamos focados durante nossa análise. Acreditamos ser aquele o melhor termo que demonstra a amplitude que a morfologia da língua de sinais possui, indo além das “mãos”, com as expressões não-manuais assumindo funções de morfema e lexema (Pêgo, 2013, p.43).

Utilizaremos o termo “marcadores não manuais” (MNM) em nossa pesquisa, pois acreditamos que essas expressões estão no nível linguístico-enunciativo. Felipe (2013) ressalta que essas marcas não manuais, enquanto expressões face corporais, estão presentes nas línguas de modalidade oral auditiva, porém, a linguística poucas vezes se interessou em pesquisá-las. A autora, em sua pesquisa, reflete sobre esse componente suprasegmental também nas línguas orais, por meio dos estudos nas áreas da Linguística e da Metalinguística.

As expressões visuais afetivas são comunicações paralinguísticas complementares que expressam os sentimentos do locutor e interlocutor, através de gestos e postura corporal, das expressões faciais e do olhar, sendo possível apreender estados e sensações como, por exemplo: alegria, tristeza, angústia, insegurança, dúvida, ironia, surpresa, confronto, rejeição, entre outros, que são atitudes comportamentais. Muitas vezes, por expressarem sentimentos e emoções, essas expressões são involuntárias e podem não acontecer concomitantemente com um enunciado, mas independentemente de serem realizadas isoladamente ou simultaneamente a uma enunciação, elas sempre são identificadas, por serem apreendidas cognitivamente pelos interlocutores em uma relação dialógica (FELIPE, 2013, p. 73).

Ekman e Friesen (1978) criaram um Facial Action Coding System para descrever e analisar essas expressões faciais, por meio da codificação dos movimentos dos olhos, da cabeça. Registrando aproximadamente quarenta músculos faciais a partir das variáveis: direção do olhar; movimento/aceno de cabeça; posição do corpo; y/n (sim-não); wh (interrogativa - QU), entre outros.

Alguns linguistas das línguas de sinais como Stokoe (1960), Ferreira-Brito (1995), Quadros e Karnopp (2004), Wilbur (2000), e Reilly (1983, 2006) realizaram pesquisas discorrendo sobre expressões não-manuais ou MNMs. Segue as expressões não-manuais de acordo com Ferreira-Brito e Langevin, 1995):

Expressões não-manuais na Língua Brasileira de Sinais (Ferreira-Brito e Langevin, 1995)
<p>Rosto</p> <p><i>Parte superior</i> sobrancelha franzidas olhos arregalados lance de olhos Sobrancelhas levantadas</p> <p><i>Parte inferior</i> bochechas infladas bochechas contraídas lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha apenas bochecha direita inflada contração do lábio superior franzir do nariz</p>
<p>Cabeça balanceamento para frente e para trás (sim) balanceamento para os lados (não) inclinação para frente inclinação para o lado inclinação para trás</p>
<p>Rosto e cabeça Cabeça projetada para frente, olhos levemente levantados cerrados, sobrancelhas franzidas Cabeça projetada para trás e olhos arregalados</p>
<p>Tronco para frente para trás balanceamento alternados dos ombros balanceamento simultâneo dos ombros balanceamento de um único ombro</p>

Tabela 8: Expressões não-manuais na língua de sinais brasileira
Fonte: (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 61)

Felipe (2013) ressalta que a variável “posição do corpo” teve sua inclusão por causa da postura e movimento do corpo, pois tanto uma quanto o outro podem alterar o sentido do

enunciado sinalizado, estabelecendo: “temporalidade, força ilocucionária para aproximação ou distanciamento dos interlocutores, hierarquia social, entre outras intencionalidades gramático-discursivas já apreendidas para a Libras” (FELIPE, 2013, p.76).

Os MNMs, no nível da sintaxe indicam determinados tipos de construções enunciativas. Conforme Quadros; Pizzio; Rezende (2009), as sentenças podem ser negativas, interrogativas, afirmativas, condicionais, relativas, construções com tópico e com foco:

- 1) As *Sentenças Negativas* na Libras apresentam uma negação, e nos enunciados possuem um elemento negativo explícito, como NÃO, NADA, NUNCA. Na língua de sinais podem estar incorporadas aos sinais ou expressas apenas por meio da marcação não manual:

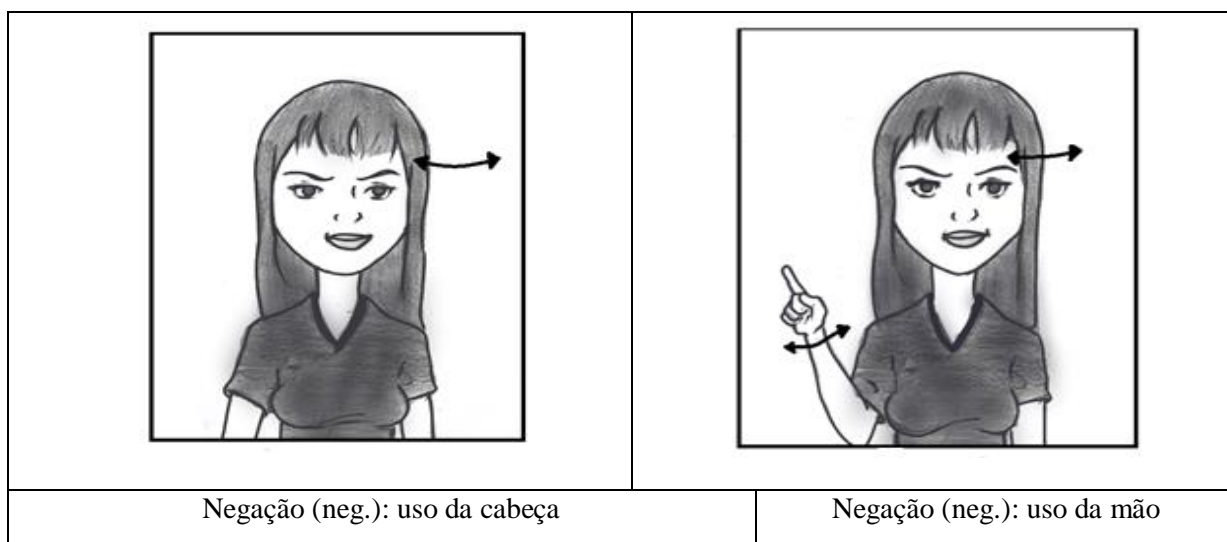


Figura 9: *Sentenças negativas*

Fonte: desenvolvido pelo autor

HOJE AULA IR NÃO!

(sobrancelhas franzidas, movimento negativo com a mão, pode ter o movimento com a cabeça e tronco levemente inclinado para trás)

- 2) As *Sentenças Interrogativas* são formuladas com a intenção de obter alguma informação desconhecida. Podem ser relativas aos argumentos por meio de expressões interrogativas: O QUE, COMO, ONDE, QUEM, POR QUE, PARA QUE, QUANDO, QUANTO, etc. As sentenças interrogativas podem ser realizadas para obter confirmação ou negação a respeito de alguma coisa, esperando uma resposta positiva ou negativa:

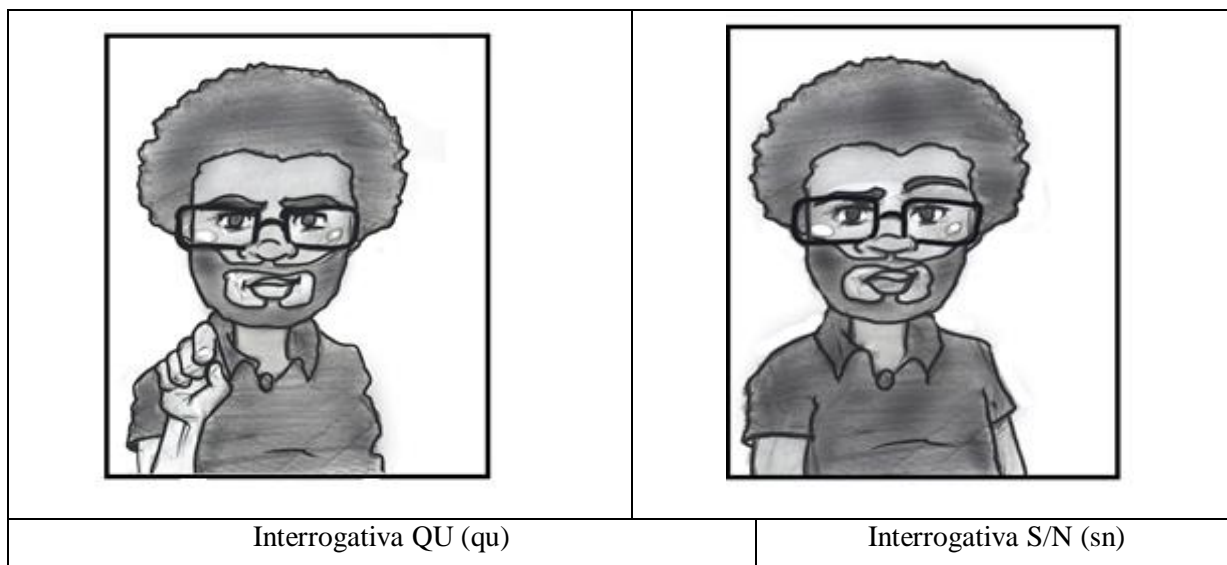


Figura 10: Figura 11: sentenças interrogativas

Fonte: desenvolvido pelo autor

ESCOLA VOCÊ ESTUDAR ONDE?

(sobrancelhas franzidas, inclinação da cabeça para trás)

3) As *Sentenças Afirmativas* expressam ideias ou ações afirmativas:

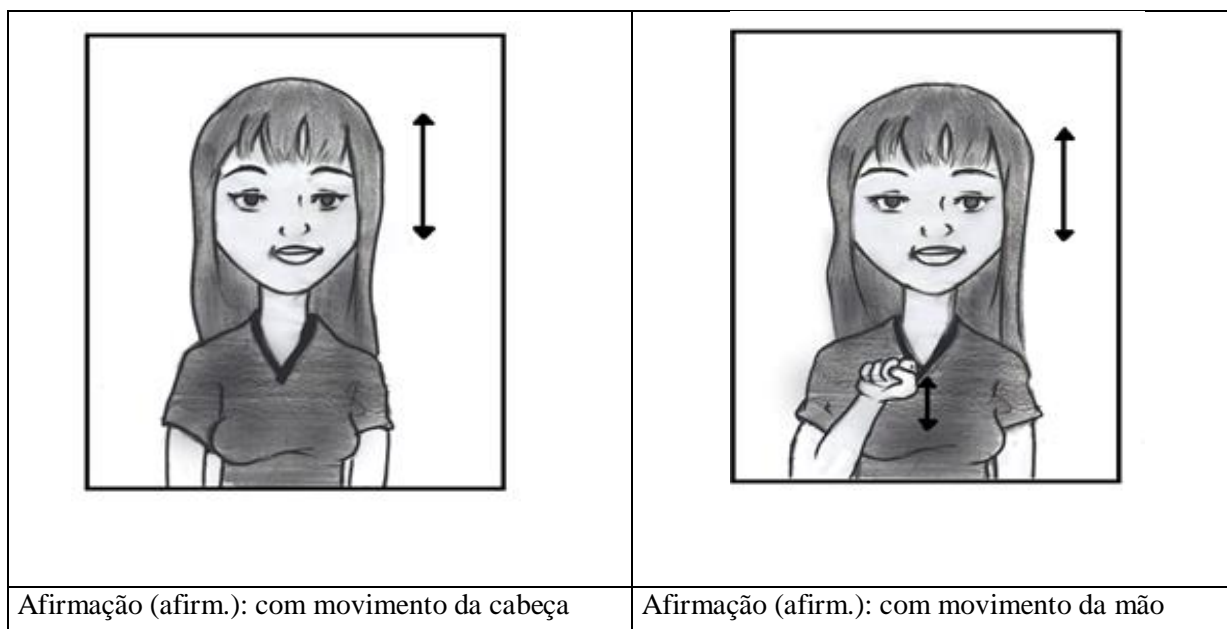


Figura 11: Sentenças afirmativas

Fonte: desenvolvido pelo autor

PODER VIR CASA MINHA PODER

(leve sorriso, balanceamento da cabeça para frente e para trás (sim) e/ ou tronco inclinado para frente)

- 4) As *Sentenças Condicionais* estabelecem uma condição para realizar outra coisa:



Figura 12: *Sentenças condicionais*

Fonte: desenvolvido pelo autor

S-E CHOVER (curtíssima pausa) PRAIA IR NÃO!

(inclinação para um lado e para o outro)

- 5) As *Sentenças relativas* possuem uma inserção dentro de explicação, acrescentar informações, para encaixar outra questão relativa ao que está sendo dito. Na Língua Portuguesa elas são caracterizadas normalmente pela utilização do QUE. Na LSs há uma quebra na expressão facial para anunciar a sentença relativa que é produzida com a elevação das sobrancelhas:



Figura 13: Sentença relativa

Fonte: desenvolvido pelo autor

EL@ ONTEM ATIVIDADE FEZ NÃO (curta pausa) HOJE NOTA NÃO-TEVE
(elevação das sobrancelhas sobrançelha em estado neutro)

- 6) *Construções com tópico* retomam o assunto sobre o qual se desenvolverá o discurso:
INVERNO ... (curtíssima pausa) GOSTAR COMER SOPA QUENTE.
(sobrancelhas levantadas)



Figura 14; Construção de tópico

Fonte: desenvolvido pelo autor

- 7) *Construções com foco* introduzem no discurso uma informação nova que pode estabelecer contraste, informar algo adicional ou enfatizar alguma coisa:



Figura 15: Construção de foco

Fonte: desenvolvido pelo autor

LEMBRAR! HOJE AULA TEM- NÃO .., HOJE FERIADO.

(sobrancelhas levantadas e tronco para frente).

De acordo com Felipe (2013) as expressões visuais gramático-discursivas são expressas através de MNMs nas línguas de sinais, e quando realizadas concomitantemente com o sinal ou frase, inserem-se ao plano fonológico, morfossintático e semântico-discursivo delas. No momento da enunciação, se não houver a realização dessas expressões, pode ocorrer uma incompreensão do sinal ou enunciado, causando ambiguidade. Essas expressões afetivas e gramaticais fazem parte da prosódia visual presentes nos enunciados, porém:

[...] por essas expressões afetivas representarem estados e sensações que não estão explícitos na forma léxico-sintática dos enunciados, esses traços prosódicos podem ser manipuláveis pelos interlocutores que podem negá-los ou fingir que são ininteligíveis. Essas atitudes consentidas podem estar relacionadas a uma enunciação em que a polidez e discrição devem ser mantidas pelos interlocutores ou quando está se exigindo tacitamente uma atitude autoritária/subserviência, imposição/aceitação involuntária ou os interlocutores estejam ironizando, desdenhando, entre outras atitudes discursivas expressas através dessa prosódia visual (FELIPE, 2013, p.84).

Assim, o sentido do enunciado é delimitado pelas expressões face corporais afetivas e gramaticais. Nas comunicações discursivas, os MNMs podem representar a réplica dos sujeitos discursivos, como: “divergência ou concordância de pontos de vista e posicionamento fático, marcados a partir do direcionamento do olhar, de pausa, aceno de cabeça, gestos corporais e também a partir de expressões afetivas” (FELIPE, 2013, p.84). Por essa razão, compreendemos que a interpretação de Libras para o Língua Portuguesa inicia-se primeiramente na compressão, onde os MNMs estão presentes no discurso realizados pelo locutor em Libras e se materializa na mobilização enunciativo-discursiva ativamente responsiva por meio da entoação expressiva – um jogo expressivo sonoro e face corporal realizado pelo TILSP – que se torna um autor. Nesse jogo está em conta o que ele diz, como ele diz e como constrói sentidos.

No próximo capítulo realizaremos uma descrição do nosso *corpus* de pesquisa, realizadas por TILSP na esfera educacional na interpretação simultânea de Libras/Língua Portuguesa.

CAPÍTULO 4

DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DE PESQUISA

“A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. A palavra é um território comum do locutor e do interlocutor”.

Mikhail Bakhtin

Apresentamos os aspectos sócio-históricos e culturais nas relações entre surdos e ouvintes, os movimentos das práticas informais, a formação dos TILSP e a fundamentação teórico-metodológica na perspectiva dialógica bakhtiniana de enunciados verbo-visuais, relacionando o nível discursivo aos estudos de Entoação de David Brazil e aos EI. O objetivo deste capítulo é realizar uma abordagem dos procedimentos metodológicos para descrição, análise e interpretação do *corpus*.

Neste capítulo, apresentaremos os contornos deste objeto nesta pesquisa, as escolhas dos ambientes de pesquisa, o processo de delimitação do objeto enquanto atividade interpretativa simultânea da Libras para a Língua Portuguesa e todos os procedimentos metodológicos para este estudo. Primeiramente, abordaremos os critérios de escolha do *corpus*; na sequência, apresentaremos a proposta metodológica para o processo de análise a partir dos conceitos bakhtinianos de autoria e construção de sentidos, para, posteriormente, apresentarmos os instrumentos utilizados para transcrição dos elementos linguísticos e extralinguísticos, considerando os MNMs.

A coleta de dados foi realizada no campo da esfera educacional, em um gênero conferência, envolvendo a IS de Libras para a Língua Portuguesa. Esses eventos possuem heterogeneidade, pois cada evento tem uma composição, repertório e seus próprios objetivos específicos; assim, essas atividades acabam elaborando seus “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” (BAKHTIN, 2016).

Dessa forma, esta pesquisa é qualitativa, já que não objetiva alcançar resultados numéricos, e sim analisar, compreender e inter-relacionar informações que possibilitam a compreensão desta atividade enunciativo-discursiva em uma perspectiva de *dimensão dialógica*. O método qualitativo é capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas

tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas (MINAYO, 1996, p. 10).

Um desdobramento da pesquisa qualitativa é a etnografia que se estabelece na vivência do pesquisador no campo de estudo, modalidade que possibilita formas de interação discursiva entre o pesquisador e os sujeitos, e que abre fontes de informação que nenhuma outra técnica permitiria.

Foram gravadas duas palestras em Libras (surdo e ouvinte) e, também, foram registradas com recursos audiovisuais a atuação dos intérpretes²⁵ realizando a IS da Libras/Língua Portuguesa para análise. Enfocaremos os seguintes pontos:

- a) Marcadores não -manuais no discurso em Libras realizados pelos locutores;
- b) Compreensão e construção de sentidos na IS;
- c) A autoria por meios da entoação expressiva na interpretação da Libras para a Língua Portuguesa.

Utilizamos os seguintes materiais e procedimentos para a coleta de dados e análise:

- Coleta de dados: três (3) filmadoras e três (3) tripés;
- Transcrição e Análise: computador, material em vídeo (registro da IS da Libras para o português) previamente autorizado pelo intérprete e pelos participantes, software ELAN, transcrição do discurso da língua-fonte (Libras) e também a tradução, transcrição do áudio da interpretação para o português e confrontação do texto de partida com o texto de chegada.

A pesquisa foi autorizada pelas instituições em que os dados foram coletados (Anexo I) e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEP/PUC-SP), com o número de protocolo: 873894 (Anexo II)

Procuramos realizar nossa pesquisa em um evento acadêmico – conferência - que possui estrutura, organização e características específicas, com objetivo de analisar o ato interpretativo

²⁵ A partir de agora abordaremos o ato interpretativo em eventos educacionais no momento da enunciação da Libras para a Língua Portuguesa, assim, utilizaremos o termo intérprete quando referirmos aos TILSP desta pesquisa.

na IS e a maneira como as variantes podem influenciar a prosódia e a construção de sentidos. A conferência acadêmica que faz parte do nosso *corpus* é o “II Evento-Libras: encontros e desencontros”, e teve como proposta oferecer um espaço para integralização entre a Universidade Federal de São Paulo – Unifesp, a comunidade acadêmica e Comunidade Surda. Foram realizadas três palestras com temáticas relevantes na área da educação de surdos, contando com a participação de convidados surdos e ouvintes, professores de Sala Recurso, Instrutores de Língua Brasileira de Sinais - Libras, TILSP, professores de Libras, professores interlocutores, licenciados e bacharelados de todos os *campi* da Unifesp e interessados pela temática.

Os palestrantes presentes neste evento como enunciadores e produzindo discursos em Libras, trazem explícita ou implicitamente o discurso de outros, constituindo sentidos no seu próprio discurso. Assim, o TILSP, com base nesse discurso, por meio da compreensão ativamente responsiva, atravessada por outros discursos, realiza o ato interpretativo para a Língua Portuguesa, construindo sentidos para o seu próprio discurso. Para Volóchinov (2017) as inter-relações sociais são expressas no exterior e na vivência interior por meio de enunciados em uma situação social próxima:

Desse modo, a personalidade falante, tomada por assim dizer dentro. É inteiramente um produto das inter-relações sociais. Seu território social não é apenas a expressão exterior, mas também a vivência interior (aquilo que é “expresso”) e a sua objetivação exterior (o “enunciado”) percorre o território social. Já quando a vivência é atualizada em um enunciado finalizado, a sua orientação social adquire uma direção para a situação social mais próxima da fala e, acima de tudo, aos interlocutores concretos (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 211).

4.1. Os ambientes de pesquisa

Descrevemos anteriormente como a Libras vem conquistando espaços nas diversas atividades humanas, principalmente na esfera educacional, devido aos movimentos nas políticas públicas²⁶ direcionadas a inclusão dos alunos surdos e formação de professores e dos intérpretes. Esse movimento linguístico/discursivo e inclusivo possibilita um posicionamento em eventos acadêmicos, e a Libras é a língua utilizada nos discursos proferido pelo surdo e pela ouvinte no ambiente desta pesquisa: II Evento-Libras: Encontros e Desencontros. Esta

²⁶ Reconhecimento da Libras como meio de comunicação expressão da surda brasileira por meio da Lei nº 10.436/2002; Decreto regulamentador nº 5.626/2005; Reconhecimento da profissão do TILSP pela da Lei nº 12.319; A Lei Brasileira de Inclusão (LBI) nº 13.146/15.

conferência foi escolhida devido aos seguintes fatores: (i) o pesquisador estar envolvido, na época de coleta dos dados, como intérprete e participante no evento; (ii) essa conferência acadêmica apresenta, em seu projeto, a participação de surdos e ouvinte discursando em Libras; (iii) a conferência acadêmica apresenta composição específicas, fazendo com que o intérprete necessitasse de outro posicionamento e estratégias no processo de interpretação.

4.1.1. II Evento-Libras: Encontros e Desencontros

O *II Evento-Libras: encontros e desencontros* teve como proposta oferecer um espaço para integralização entre a Unifesp, a comunidade acadêmica e Comunidade Surda, viabilizando discussões sobre temáticas relevantes, de interesse da comunidade, contando com a participação de convidados surdos e ouvintes, professores de Sala Recurso, Instrutores de Língua Brasileira de Sinais - Libras, intérpretes, professores de Libras, professores interlocutores, licenciados e bacharelados de todos os campi da Unifesp e interessados pela temática.

O evento, coordenado pela intérprete Simone Caldeira (Unifesp), foi realizado no dia 17/03/2017 às 19:00 h, no auditório da Unifesp – Campus Guarulhos. Contou com a participação de três palestrantes²⁷, que realizaram os discursos em Libras, e duas intérpretes, que realizaram a interpretação simultânea para a Língua Portuguesa.

A IS foi realizada com apoio. Enquanto uma intérprete realizava a mobilização enunciativo-discursiva, a outra intérprete, posicionada ao lado, contribuía com palavras, ou datilologia, quando a intérprete que está realizando a interpretação não compreende a soletração:



ILSP (INTÉRPRETE DE APOIO)

ILSP (INTERPRETANDO)

²⁷ As coletas de dados foram autorizadas por dois participantes.

Figura 16: Palestrante discursando em Libras (imagem da esquerda); TILSP realizando a interpretação com a IA (imagem da direita)

Fonte: desenvolvida pelo autor



Figura 17: Imagem panorâmica do evento

Fonte: desenvolvido pelo autor



Figura 18: Imagens do II Evento Libras: Encontros e Desencontros.

Fonte: elaborado pelo próprio autor

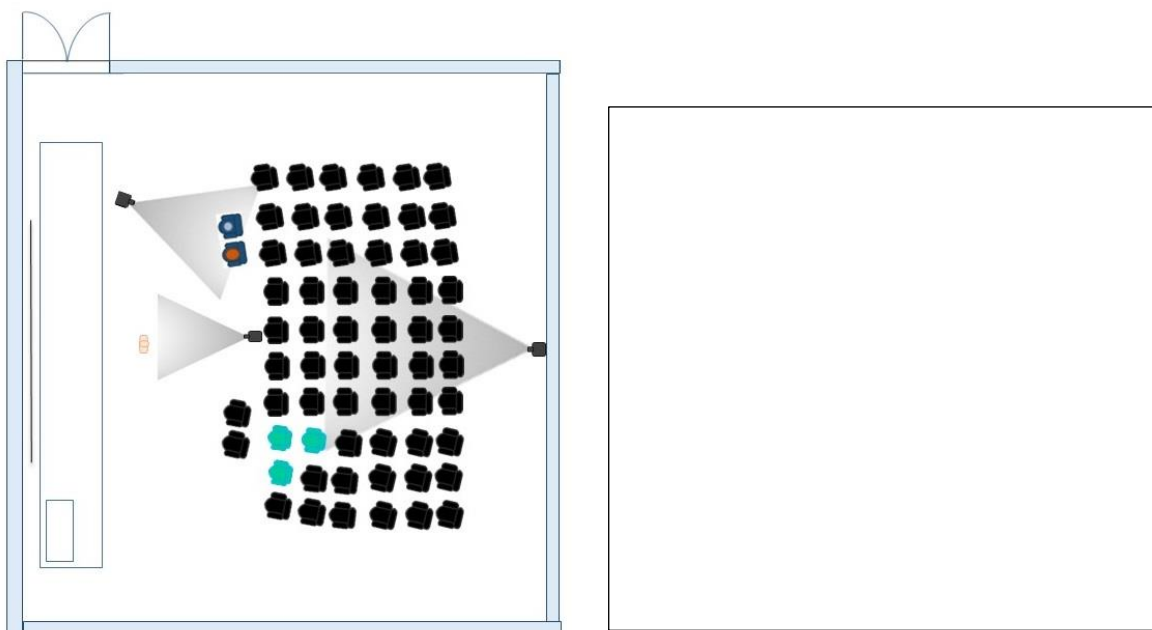


Figura 19: Visão geral da organização do auditório (UNIFESP-Guarulhos)

Fonte: desenvolvido pelo autor

Descrição do Evento- Interpretação Simultânea da Libras para a Língua Portuguesa	
Evento	
Evento educacional	II Evento-Libras: encontros e desencontros.
Local e Data	Auditório da Unifesp – campus Guarulhos Dia: 17/03/2017 às 19:00 h
Descrição do Evento	Oferecer um espaço para integralização entre a Unifesp, a comunidade acadêmica e Comunidade Surda, viabilizando discussões sobre temáticas relevantes, de interesse da comunidade, contando com a participação de convidados surdos e ouvintes, professores de Sala Recurso, Instrutores de Língua Brasileira de Sinais - Libras, intérprete de Libras, professores de Libras, professores interlocutores, licenciados e bacharelados de todos os <i>campi</i> da Unifesp e interessados pela temática.

Recursos do Evento	Projektor, microfone e som.
Locutores	Palestrantes: Juliana Fernandes (ouvinte) Paulo Vieira (Surdo)
TILSP	
Quantidade/ Nomes	Duas intérpretes: S.C C. S
Posicionamento do intérprete	As intérpretes ficaram posicionadas (sentadas) a frente dos palestrantes (locutores) junto com a plateia.
Recursos utilizados na Interpretação	Microfone, apoio (intérprete).
Aspectos verbo-visuais	
Locutor	Juliana Fernandes: Sexo feminino, 40 anos, cabelos curtos, vestido preto gola “V” e com manga longa. Paulo Vieira: Sexo masculino, 46 anos, camisa social azul clara com manga longa, calça jeans azul clara, sapatos pretos.
Ambiente	Tela de projeção e caixa de som.

Tabela 9: Descrição do evento
Fonte: elaborado pelo próprio autor

4.1.2. Os participantes “*encontros e desencontros*”: sujeitos dialógicos

Participaram deste ambiente um (1) surdo e uma (1) ouvinte que realizaram discursos em Libras e 2 (duas) intérpretes profissionais do sexo feminino que realizaram a IS da Libras para a Língua Portuguesa. Todos os participantes foram informados sobre o objetivo da pesquisa e assinaram o consentimento livre esclarecido, conforme das normas do comitê de ética.

Sujeito	Idade	Tempo na Profissão
S.C	35	18 anos
C. S	41	10 anos

Tabela 10: Intérpretes sujeitos da pesquisa, com respectivas idades e tempo de exercício da profissão.

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Foi solicitado aos participantes desta pesquisa (palestrantes e intérpretes) uma breve descrição (texto escrito) das relações com a comunidade surda e o processo de formação na área. Tal descrição se faz necessária, pois, esta pesquisa, envolve sujeitos socialmente organizados, inseridos em uma determinada comunidade discursiva e em um determinado tempo-espço. Este ato enunciativo-discursivo realizado pelo intérprete somente é possível por meio destas inter-relações comunicativas próximas – um mesmo horizonte valorativo – imersas em uma inter-relação cultural (ouvintes e surdos).

4.1.2.1. Juliana Fernandes (palestrante ouvinte)

O contato com a comunidade surda e com a língua de sinais aconteceu em setembro de 1995 em um intercâmbio entre corais (ambiente religioso), onde havia um coral com dezenas de surdos, despertando um encantamento com a língua de sinais. A partir daí, Juliana começou a participar de eventos sociais religiosos em que havia surdos (acampamento, encontros, etc.). No início de 1996, iniciou o curso de Libras na igreja. Os dois anos de contato e de cursos só aconteciam em espaços eclesiais, nos quais o contato com os surdos possibilitou uma imersão linguística e cultural. Iniciou as atividades de interpretação na esfera religiosa. Começou a ter contato com outros surdos fora do ambiente religioso, principalmente em shoppings, o que possibilitou conhecer instituições de surdos em São Paulo, sendo convidada a realizar algumas avaliações na Deric²⁸ para atuar como intérprete de Libras. No ano de 1998 começou a atuar oficialmente como TILSP em eventos em outras esferas.

A formação acadêmica específica na área foi certificada no ano de 2008 com o Bacharelado em Letras – Libras, pela UFSC – Campus Unicamp. Ao adentrar o meio

²⁸ A Deric é uma unidade mantida pela Fundação São Paulo e vinculada academicamente à PUC-SP que atua na educação de surdos e no atendimento clínico a pessoas com alterações de audição, voz e linguagem. Sem fins lucrativos, o trabalho institucional prioriza famílias economicamente desfavorecidas e beneficia pessoas de todas as faixas etárias. (fonte: <http://www.pucsp.br/derdic/>)

acadêmico, começou a frequentar eventos que envolviam a língua de sinais, como simpósios, palestras, congressos etc. Possui certificação em proficiência (Prolibras) na Tradução e Interpretação e no ensino da Libras.

4.1.2.2. Paulo Vieira (palestrante surdos)

Surdo e instrutor de Libras proficiente pelo MEC em 2006; trabalha atualmente como assessor parlamentar da Deputada Federal Mara Gabrilli e Conselheiro da Gestão da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência de São Paulo, e executa trabalhos como Acessibilidades para Surdos, implementação de políticas públicas voltadas à plena acessibilidade, identificação de toda e qualquer barreira de comunicação em todos os âmbitos segundo a LBI – Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015, para ajudar pessoas com deficiência, trabalhar com barreiras arquitetônicas, com criação de leis federais, entre outras atividades. Em 2014, contribuiu com propostas para pessoas com deficiência no projeto de Lei Federal – LBI - Lei Brasileira da Inclusão; participou dos trabalhos que resultaram na edição do Decreto nº 52.785, que trata das Escolas Municipais de Educação Bilíngue – EMEBS para Surdos, existentes apenas na Capital de SP.

4.1.2.3. S.C (intérprete)

Aprendeu Libras com o contato com surdos e intérpretes de Libras em uma igreja evangélica na cidade de São Paulo no ano de 2001. Neste ambiente religioso, haviam três intérpretes que realizavam a interpretação simultânea da Língua Portuguesa para a Libras, despertando o interesse em apreender a língua. Como houve um interesse muito grande dos membros dessa comunidade em aprender a Libras, os três intérpretes organizaram um curso de Libras (com ênfase na religião evangélica). A participante da nossa pesquisa realizou este curso e, depois de um tempo, iniciou a interpretação nos cultos da igreja, atividade que realiza até os dias atuais. No ano de 2013, começou a cogitar a possibilidade em trabalhar como intérprete, mas além da proficiência também era necessária a formação formal; com isso, iniciou o curso de Libras. Graduada em Gestão Pública, iniciou o curso de pós-graduação (*lato sensu*) em tradução e interpretação Libras /Português no ano de 2014. No ano de 2015 realizou o exame de proficiência em tradução e interpretação Libras/Português pelo MEC (Prolibras), com isso obtendo a certificação. Hoje, além de ter contato com os surdos na comunidade evangélica em que frequenta, é intérprete de Libras concursada na UNIFESP/Campus Guarulhos, onde trabalha com um professor surdo e realiza a interpretação para alunos surdos nos cursos de pós-

graduação *strictu sensu*. Atualmente cursa licenciatura em Letras – Libras e está envolvida na tradução e interpretação em eventos acadêmicos-culturais e na produção científica em que a Libras é objeto de estudo.

4.1.2.4. C. S (intérprete)

Formada no magistério e pedagoga, ingressou no curso básico de Libras, concluindo os módulos I, II e III na Universidade Guarulhos (UNG) entre os anos de 2007 e 2008. Começou a frequentar locais nos quais pudesse interagir e se envolver com a comunidade surda, e isso despertou o interesse no trabalho de tradução e interpretação Libras-Língua Portuguesa. As práticas como intérprete de Libras iniciaram-se no ano 2008 na esfera educacional: Educação de Jovens e Adultos (EJA) / turma do 6º ano, com aluno surdo adulto, fluente em Libras e posteriormente na esfera religiosa – igreja evangélica. Atualmente cursa doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, e atua como intérprete de Libras educacional no Ensino superior, num curso de pós-graduação. Além disso, leciona em uma escola para alunos surdos na cidade de São Paulo.

4.2. Descrição e delimitação do corpus

A constituição do *corpus* desta pesquisa são dois (2) excertos de interpretações simultâneas da Libras para a Língua Portuguesa realizados e um evento acadêmico. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa para a escolha do *corpus* seguem os fundamentos teórico-metodológicos abordados no capítulo 2 e têm como objetivo responder às perguntas de pesquisa.

Elencamos a esfera educacional para observar esse ato enunciativo-discursivo; com isso, escolhemos o gênero conferência objetivando analisar a atuação dos intérpretes na IS por meio da linguagem. De acordo com Bakhtin (2016) a linguagem está presente em todos os diversos campos da atividade humana:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos das atividades humanas. O emprego da língua efetua-se em formas de enunciados (orais e escritos) concretos e

únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana (BAKHTIN, 2016, p. 11).

Segundo o autor, não somente o conteúdo temático, mas as condições específicas e as finalidades de cada atividade humana são refletidas por meio dos enunciados, isto é, por meio da palavra que o indivíduo enuncia para transmitir seus sentimentos, pensamentos, desejos etc. E é por meio das escolhas dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua que o indivíduo constitui seu estilo da linguagem. O mais importante, no entanto, é a construção composicional:

Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no conjunto de enunciados e são igualmente determinados pela especificidade de um campo de comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais são denominados gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016, p. 12).

A partir deste evento, procuramos observar a interpretação simultânea neste gênero, mapeando, descrevendo e analisando como se constitui a autoria do intérprete na IS da Libras /Língua Portuguesa por meio da entoação expressiva e dos elementos verbo-visuais no ambiente discursivo: “Toda a série de gêneros sumamente difundidos no cotidiano é de tal forma padronizada que a vontade discursiva individual do falante só se manifesta na escolha de um determinado gênero e ademais na sua entonação expressiva” (BAKHTIN, 2016, p. 39).

O intérprete, por meio da mobilização enunciativo-discursiva entre a Libras e Língua Portuguesa, em uma determinada esfera ideológica, juntamente com o locutor (discurso em Libras), é o sujeito do discurso. Segundo Bakhtin (2016):

O discurso sempre está fundamentado em forma de enunciados pertencentes a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam os enunciados põe seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, eles têm como unidade da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo limites absolutamente precisos. Esses limites, de natureza especialmente substantiva e principal, precisam ser examinados minuciosamente (BAKHTIN, 2016, p. 29).

Fundamentada nas concepções dialógicas da linguagem, nos estudos da verbo-visualidade e na TIE de David Brazil (1985), delimitaremos o corpus desta pesquisa,

examinando os aspectos linguísticos, extralinguísticos e discursivos na interpretação simultânea da Libras para a Língua Portuguesa.

No próximo capítulo realizaremos as análises da interpretação da IS realizadas pelos TILSP na esfera educacional, objetivando analisar a autoria e produção de sentidos na perspectiva verbo-visual por meio de elementos prosódicos na interpretação simultânea de Libras/Língua Portuguesa.

CAPÍTULO 5

RELAÇÕES DIALÓGICAS NA INTERPRETAÇÃO DA LIBRAS PARA LÍNGUA PORTUGUESA: ENTOAÇÃO EXPRESSIVA VERBAL E VISUAL NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

“Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada na escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo na cadeia dos atos de fala”.

Mikhail Bakhtin

Anteriormente descrevemos os fundamentos teórico-metodológicos na descrição do *corpus*. A partir de agora iniciaremos a transcrição e a análise da materialidade linguístico-discursiva. Analisaremos a autoria e produção de sentidos na perspectiva, nos estudos verbo-visual, por meio da entoação expressiva.

Em um projeto discursivo, precisamos levar em conta as vozes presentes no texto que respondem a outros enunciados e os sujeitos (locutor e intérprete) que deles se ocupam. Amorim (2002) apresenta a *teoria de vozes*, uma leitura dialógica sistematizada em categorias, objetivando uma análise crítica dos textos na Ciências Humanas, identificando: “quais são as vozes que se deixam ouvir no texto, em que lugares é possível ouvi-las e quais são as vozes ausentes. [...] identificar os limites, os impasses e a riqueza do pensamento e do saber que são postos em cena no texto” (AMORIM, 2002, p. 8). Abaixo, realizaremos uma síntese das vozes que podem ser ouvidas conforme Amorim (2002):

- A voz do destinatário suposto: com base no pensamento bakhtiniano: este destinatário é considerado um co-autor do enunciado, uma instância interior ao enunciado, pois a estrutura do discurso organiza-se em função da sua destinação;
- A voz do destinatário real: sujeito que lê efetivamente o texto e que se encontra em uma instância posterior à escrita;
- A voz do objeto: o objeto fala, segundo a autora “assim que nele se toca é preciso confrontar-se com todos que já passaram por ele para que se possa dizer algo de original”;
- A voz do locutor e a voz do autor: necessidade de distinguir essas duas vozes. A voz do locutor, “aquele que diz “Eu” no interior do texto (ou que diz “Nós” ou “se” da terceira pessoa) e a voz do autor”. Por mais que o locutor queira dizer o que acredita, a voz do autor não está

naquilo que relata, pois, a voz do autor está em todo lugar e ao mesmo tempo em nenhum lugar, já que o locutor é sempre um personagem:

Mais precisamente, ela pode ser ouvida ali, no ponto crucial de encontro entre a forma e o conteúdo do texto. Quando se analisa um texto e se consegue identificar a relação necessária entre o que é dito e o como se diz, pode-se dizer que se encontrou a instância do autor. (Estou falando da voz do autor e não da pessoa do autor. Posso identificar a voz de um autor sem conhecer nada a respeito de sua pessoa.) A voz do autor concerne um lugar enunciativo e como tal ela é portadora de um olhar, de um ponto de vista que trabalha o texto do início ao fim (AMORIM, 2002, p. 10-11)

Conforme Amorim (2002), para realizar um trabalho de análise é necessário realizar a distinção entre lugar do autor e lugar do locutor, pois, na materialidade discursiva, tudo que há para dizer está presente no enunciado. Nesta pesquisa há dois sujeitos discursivos que ocupam lugares de autores e locutores; assim, precisamos olhar com lentes dialógicas e realizar a análise.

5.1. A entoação expressiva e a autoria na interpretação simultânea

O ato interpretativo simultâneo da Libras para a Língua Portuguesa, como vimos, é complexo, pois envolve linguagem(ns) em um determinado gênero discursivo, materializadas em enunciados concretos por sujeitos sócio-discursivos em situações efêmeras. Vários fatores podem influenciar a entoação e, com isso, comprometer a construção de sentidos. Alguns desses fatores, já discutidos, são as situações os esforços cognitivos – *Modelos de Esforços* – (GILE, 1995), o trabalho em equipe, o posicionamento na mobilização de recursos durante o processo interpretativo (NOGUEIRA, 2016), as singularidades e os elementos presentes na interpretação (SANTOS, 2013).

No *pensamento bakhtiniano*, a entoação expressiva é um traço constitutivo presente no enunciado, e é por meio da entoação que as palavras têm sentidos, pois a expressividade da pronúncia em um determinado contexto constituirá este enunciado:

[...] Nós apreendemos a moldar o nosso discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos certos volumes (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que, em seguida, apenas se diferencia no processo da fala (BAKHTIN, 2016, p. 39).

A entoação é materializada no enunciado pronunciado, gesticulado, pintado ou representado. Assim, quando as palavras não conseguem expressar, é por meio da entoação

que podemos reconhecer a natureza dos possíveis significados que se integram o contexto BAKHTIN, 2016).

De acordo com Bakhtin (2016), as estruturas dos gêneros discursivos incluem determinada entoação expressiva, assumindo certo tom. Assim, “pode-se assumir mais seco ou mais respeitoso, mais frio ou mais caloroso, introduzir a entoação de alegria, etc.. podem refletir a individualidade do falante (a sua ideia do discursivo-emocional)” (BAKHTIN, 2016, p. 40).

Para a análise da entoação, a verbo-visualidade é constitutivamente essencial para a construção de sentidos, pois a compreensão se relaciona com o horizonte extraverbal e com o discurso verbal. No *pensamento bakhtiniano*, é por meio da entoação que o discurso entra em contato com a vida e também com seus interlocutores, pois é no social que ela se mantém e edifica no contato com os julgamentos de valor presumidos de um determinado contexto e grupo social.

Em seguida, realizaremos os contornos relacionados a estratégias interpretativas na IS de Libras para a Língua Portuguesa.

5.2. Estratégias interpretativas

Na IS, o intérprete busca algumas estratégias na mobilização enunciativo-discursiva, na compreensão da língua-fonte (Libras) e na reconstrução de sentidos na língua-alvo (Língua Portuguesa). De acordo com Bakhtin (2016), por mais que seja constituído dialogicamente, o enunciado particular é individual, e o ambiente de utilização da linguagem depende das variantes. Alguns fatores estratégicos possibilitam uma melhor compreensão na mobilização enunciativo-discursiva na interpretação simultânea. Nos excertos analisados inferimos algumas estratégias interpretativas realizadas pelas intérpretes:

1. Trabalho em equipe entre a intérprete atuante e a intérprete de apoio (os acordos são pré-definidos pela equipe de intérpretes);
2. Posicionamento da intérprete que está no turno e da intérprete de apoio (lugar com melhor visualização do (a) palestrante ou do participante, da tela de projeção e de outros elementos significativos);
3. Leitura do texto da palestra projetada na tela (possibilita o melhor entendimento do discurso, e ajuda nas escolhas lexicais por parte do intérprete);

4. Escolhas das “pessoas do discurso”: As intérpretes realizaram na interpretação para a Língua Portuguesa o discurso em primeira pessoa (“eu” e nós”). Essa escolha é mais comum no ambiente de conferência, pois, favorece acompanhar e incorporar a prosódia valorativa do palestrante por meio da entoação expressiva discursiva, possibilitando uma melhor compreensão e construção de sentidos.
5. Lag time - tempo entre a enunciação em língua de sinais e a IS.

As estratégias interpretativas neste ambiente discursivo (conferência) diferenciam-se por conta da composição do gênero discursivo, e a entoação e a expressividade corporal por parte do intérprete são elementos discursivos estratégicos para a construção de sentidos. A seguir analisaremos a entoação expressiva e a autoria na mobilização enunciativo-discursiva do intérprete na IS.

5.3. Interpretação Simultânea da Libras para o Língua Portuguesa- II Evento- Libras: Encontros e Desencontro

No ambiente em que foi realizada a coleta de dados, a Libras foi a língua de produção dos palestrantes, independentemente de serem surdos ou ouvintes. Segundo Felipe (2013, p. 72), a Libras é uma língua de comunicação verbo-visual que compõe também a arquitetura de um enunciado - paralinguagem. Para a autora, a paralinguagem seria todas as atividades comunicativas não-verbais que complementam a comunicação oral-auditiva e verbo-visual:

[...]essas atividades estão sendo tratadas como comunicação verbo-visual que compõem também a arquitetura de um enunciado. Por isso, é possível descrever as expressões afetivas, que são paralinguísticas, e as expressões verbo-visuais gramático-discursivas, porque esse componente suprasegmental precisa ser analisado para uma melhor compreensão do enunciado enquanto comunicação social (FELIPE, 2013, p.72).

Porém, a Libras, em nossa concepção, é uma língua verbal, isto é, uma língua com aspectos linguísticos, e sua modalidade de produção é gesto-visual. A verbo-visualidade se constitui na dimensão do verbal (línguas orais e de sinais) com o visual, ou seja, o linguístico e o extralinguístico produzem sentidos em uma determinada situação comunicativa. De acordo com pensamento bakhtiniano, a construção de sentidos não pode ser dada somente pela dimensão verbal, mas na união com a dimensão extralinguística:

[...] só o contato do significado linguístico com a realidade concreta, só o contato da língua com a realidade, contato que se dá no enunciado, gera a centelha da expressão, esta não existe nem no sistema nem na realidade objetiva existente fora de nós. Portanto, a emoção, o juízo de valor e a expressão são estranhos à palavra da língua e surgem unicamente no processo do emprego vivo em um enunciado concreto (BAKHTIN, 2016, p.51)

Iniciaremos nossas análises dialógicas e verbo-visuais por meio dos recortes, realizados no II Evento-Libras: Encontros e Desencontro, da palestra proferida por Juliana Fernandes (locutora ouvinte discursando em Libras) e por Paulo Vieira (locutor surdo discursando em Libras) com a interpretação simultânea das intérpretes S.C e C. S.

5.3.1. “Quem é o dono da língua de sinais? ” Marcadores não-manuais e a verbo-visualidade em uma dimensão dialógica

O primeiro excerto analisado é o enunciado proferido pela palestrante Juliana Fernandes (ouvinte) em língua de sinais, com IS da intérprete S.C no turno de interpretação e com C. S como intérprete de apoio. O título da palestra é: *“E pra chegar lá, meu caro colega surdo! Como fazer? Vamos refletir juntos...”*.

Excerto 01: Palestrante: Juliana Fernandes (ouvinte) Intérprete: S.C Intérprete de Apoio: C. S		
Libras (língua-fonte)	Língua Portuguesa (língua-alvo)	
<ul style="list-style-type: none"> • Imagem da palestrante • GLOSA (sinal-palavra) • Tempo do discurso 	<ul style="list-style-type: none"> • Imagem da intérprete • Texto da interpretação em português • Tempo da interpretação 	
 <p>DESCULPAR PERGUNTAR</p>	 <p>me desculpem, mas eu tenho uma pergunta...</p>	
Tempo: 30:03:000 a 30:04:000	Tempo: 30:04:000 a 30:05:500	
 <p>LÍNGUA DE SINAIS QUEM (LIBRAS)</p>	 <p>quem que é o</p>	
Tempo: 30:04:500 a 30:05:500	Tempo: 30:06:000 a 30:06:500	
 <p>DON@ (LIBRAS) DÊIXIS (LIBRAS)</p>	 <p>dono da língua de sinais?...</p>	
Tempos: 30:06:000 a 30:06:500	Tempo: 30:07:000 a 30:07:500	
 <p>LÍNGUA (LIBRAS) DÊIXIS (LIBRAS)</p>	 <p>quem é</p>	

<p>Tempo: 30:06:600 a 30:07:900</p>	<p>Tempo: 30:07:000 a 30:07:500</p>
<div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p>QUEM (LIBRAS) (PAUSA)</p>	 <p>o dono?...</p>
<p>Tempo: 30:08:000 a 30: 09:400</p>	<p>Tempo: 30:08:500 a 30: 09:500</p>
<div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p>QUEM DON@</p>	<div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p>ela tem um dono?</p>
<p>Tempo: 30:09:500 a 30:09:800</p>	<p>Tempo: 30:09:600 a 30:10:500</p>
<div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p>(PAUSA) VOCÊS</p>	 <p>me respondam</p>
<p>Tempo: 30:10:000 a 30:10:300</p>	<p>Tempo: 30:10:700 a 30:11:000</p>
<div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p>RESPONDER ME</p>	 <p>por favor</p>
<p>Tempo: 30:10:500 a 30:12:000</p>	<p>Tempo: 30:11:100 a 30:12:200</p>
<div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p>RESPONDER ME</p>	 <p>vocês podem me dizer isso?...</p>
<p>Tempo: 30:12:300 a 30:13:400</p>	<p>Tempo: 30:12:300 a 30:12:500</p>

 <p>QUEM</p>	 <p>DON@</p>	 <p>quem que é o dono</p>
<p>Tempo: 30:13:500 a 30:14:200</p>		<p>Tempo: 30:13:600 a 30:14:500</p>
 <p>LIBRAS</p>	 <p>DÊIXIS (LIBRAS)</p>	 <p>da língua de SINAIS?</p>
<p>Tempo: 30:13:300 a 30:15:100</p>		<p>Tempo: 30:14:600 a 30:16:500</p>
 <p>DON@</p>	 <p>SURDO (LIBRAS)</p>	 <p>é o surdo?...</p>
<p>Tempo: 30:15:300 a 30:17:000</p>		<p>Tempo: 30:16:600 a 30:17:100</p>
 <p>DÊIXIS (LIBRAS)</p>	 <p>É (LIBRAS)</p>	 <p>é o SURDO ele é o dono da língua de sinais.</p>
<p>Tempo: 30:17:100 a 30:19:600</p>		<p>Tempo: 30:17:700 a 30:20:200</p>
 <p>SURDO (LIBRAS)</p>	 <p>DÊIXIS (LIBRAS)</p>	 <p>é isso?...</p>
<p>Tempo: 30:19:700 a 30:22:500</p>		<p>Tempo: 30:20:700 a 30:22:600</p>

				
NÃO (OU)	RESPONDER	ou não? Me RESPONDAM		
Tempo: 30:22:600 a 30:24:200		Tempo: 30:22:700 a 30:24:500		

Tabela 11: Transcrição do enunciado em Libras (Glosa)

Fonte: desenvolvido pelo próprio autor

Neste ambiente enunciativo-discursivo, constituído pela Libras, Língua Portuguesa e por elementos verbo-visuais, o intérprete é o responsável em realizar a mobilização por meio da(s) linguagem(ns), estabelecendo uma interação social entre os sujeitos presentes. A Libras, a Língua Portuguesa e os elementos extralinguísticos constituem os aspectos verbo-visuais que contribuem na construção de sentidos, tanto para o intérprete quanto para os interlocutores que desconhecem a Libras, porém visualizam o discurso do locutor em LSs.

A compreensão ativa dialógica dos discursos proferidos em Libras por parte dos interlocutores que desconhecem esta língua só é inteiramente possível por meio do enunciado-discursivo oral realizado na IS pelo intérprete, porém os signos visuais e sonoros, como as expressões faciais, os gestos corporais, as cores, as figuras, as vestimentas, sons, etc., contribuem na construção de sentidos.

Dessa maneira, os interlocutores acompanham a fala do intérprete e os gestos faciais e corporais realizados pelo locutor. Essas expressões face corporais podem afirmar, negar ou destoar da mensagem que está sendo veiculada pela expressão verbal (discurso do intérprete).

A palestrante, por meio da entonação expressiva em Libras, realiza um discurso com maior ênfase valorativa. Observamos algumas ênfases valorativas presentes no discurso em Libras proferido pela palestrante:

- Utilização maior do espaço de sinalização;
- Expressão facial mais acentuada;
- Ênfase na realização do sinal.
- Movimento do corpo.










Figura 20: ênfase na enunciação (Libras)

Fonte: elaborado pelo autor

Essas ênfases, também estão presentes no nível da sintaxe, pois indicam determinados tipos de construções enunciativo-discursivas na Libras, como já visto: negativas, interrogativas, afirmativas, condicionais, relativas, construções com tópico ou com foco e alguns movimentos face corporais, e constroem sentidos no nível discursivo.

A seguir analisaremos como o intérprete compreende esses MNMs (marcadores não-manuais), como realiza a materialização por meio da expressão na enunciação em Língua Portuguesa, e os tipos de construções no nível da sintaxe indicando as construções enunciativo-discursivas no nível discursivo:

	<p>Palestrante: “QUEM DONO”- Interrogativa QU (qu) – sentença interrogativa “quem”, porém no contexto enunciativo-discursivo o questionamento é retórico.</p>
	<p>Intérprete: “Quem que é dono?” A intérprete realiza a mesma sentença interrogativa por meio da entonação expressiva na Língua Portuguesa e na expressão facial.</p>

	<p>Palestrante: “LINGUA-DE-SINAIS?” Construções com tópico - assunto sobre o qual desenvolveu o enunciado.</p>
	<p>Intérprete: língua de sinais? A interprete tem uma compreensão ativa e responsiva, assim instaura a construção de sentidos para os interlocutores do assunto do enunciado, incorporando a tom discursivo oral e por meio da expressão facial.</p>
	<p>Palestrante: Expressão facial (retórica) (PAUSA) – esperando uma resposta, mesmo sabendo que não irá ocorrer;</p>
	<p>Intérprete: Realiza uma pausa. Antes de realizar a pausa a intérprete possibilita o sentido de que o discurso ainda não finalizou por meio do tom;</p>
	<p>Palestrante: SURDO^LÍNGUA DE SINAIS^É? Interrogativa S/N (sn) – sentença interrogativa com confirmação (porém no contexto enunciativo-discursivo a interrogação é uma provocação)</p>
	<p>Intérprete: “É o surdo?” A intérprete por meio da entonação expressiva oral e facial instaura a mesma ênfase valorativa da palestrante: provocação.</p>
	<p>Palestrante: “SURDO^É!” Afirmação (afirm.): com movimento da cabeça: “É o surdo!”</p>






		<p>Intérprete: “ É o surdo! ”</p> <p>Realiza a afirmação com a mesma ênfase valorativa.</p>
		<p>Palestrante: “NÃO” Negação (neg.): com movimento da cabeça e com movimento do corpo: objetivo de causar dúvida, incerteza.</p>
		<p>Intérprete: “ Ou Não? ”</p> <p>Negação presente oralmente e gestualmente (movimento negativo da mão esquerda). A intérprete instaura o mesmo tom irônico proferido pela palestrante.</p>
		<p>Palestrante: “RESPONDER ME”:</p> <p>Expressão facial com movimento do corpo (direcionando o corpo para frente com ênfase): sentido exclamativo.</p>
		<p>Intérprete: “Me respondam! ”</p> <p>Exclamação com entonação expressiva (oral e facial) e o tom conclusivo.</p>

Tabela 12: Marcadores não-manuais/interpretação

Fonte: desenvolvido pelo autor

Ao realizar a mobilização enunciativo-discursiva, a intérprete, por meio da compreensão ativa responsiva posiciona-se verbo-axiologicamente, realizando suas escolhas composicionais em Língua Portuguesa e incorporando as gestualidades de acordo com os MNMs no discurso verbo-visual em Libras proferido pela palestrante.

Para interpretarmos esses enunciados concretos, atravessados por questões ideológicas, necessitamos analisar as relações enunciativas envolvidas em um determinado campo de utilização das línguas (Libras e Língua Portuguesa). Segundo Bakhtin (2016):

Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; são esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma função (científica, técnica, publicitária, oficial, cotidiana) e certas condições de comunicação discursivas, específica de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis (BAKHTIN, 2016. 18).

Nossa pesquisa foi realizada em um determinado campo de utilização da língua – esfera acadêmico-científica, especificamente em um gênero conferência, em que ocorreu a IS da Libras para a Língua Portuguesa. O gênero analisado possui condições comunicativo-discursivas: um ambiente discursivo com a utilização de duas línguas (Libras e Língua Portuguesa) e a presença de um profissional que realiza a mobilização enunciativo-discursiva da língua fonte (Libras) para a língua alvo (Língua Portuguesa).

Os complexos embates ideológicos, já observados no início do capítulo 1, ocorrem nas relações sócio-históricas entre os surdos e ouvintes (sujeitos sociais) por meio da linguagem. Dessa forma, estes atores se constituem socialmente nestas relações interdiscursivas dentro de uma comunidade linguística minoritária.

A *palavra*, conforme Volóchinov (2017 [1929]), está presente em todas as interações sociais e, por meio dela, realizam-se inúmeros fios ideológicos. De acordo com o autor:

Como sabemos, todo signo surge entre indivíduos socialmente organizados no processo de interações. Portanto, as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas da sua interação (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 109).

O produto ideológico reflete e refrata uma realidade que se instaura além dos seus limites. “Tudo que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo que se encontra fora dele, ou seja, ele é um signo. *Onde não há signo também não há ideologia*” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 91). O autor sintetiza a capacidade do signo, da categoria de utilização e do campo ideológico:

O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias

de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom, etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signos há também ideologias. Tudo que é ideológico possui significação sógnica (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 93).

Como já visto, Volóchinov (2017 [1929]) realiza uma metodologia fundamental para guiar os aspectos dos estudos da produção ideológica: não separando a ideologia da realidade material do signo, não separando o signo das formas concretas da comunicação social e não isolando a comunicação e suas formas da base material (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 110).

Neste primeiro excerto observamos as relações tensas entre surdos, intérpretes e os professores de Libras (ouvintes) presentes no discurso realizado em Libras pela locutora em uma esfera ideológica e em um determinado gênero discursivo. A palestrante, no início do recorte, realiza um questionamento: “*Quem que é o dono da língua de sinais? Quem que é o dono? Ela tem um dono?*”. Os questionamentos retóricos e provocativos, na *concepção bakhtiniana*, instauram uma responsividade ativa, pois, ao questionar se há alguém (pessoas, povo ou comunidade) que seja “*o dono da língua de sinais*”, a palestrante remete a uma reflexão por parte dos intérpretes e dos interlocutores presentes no ambiente discursivo. Para Bakhtin (2016), em uma real comunicação discursiva:

De fato, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico), do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, prepara-se para usá-lo, etc.; às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante (BAKHTIN, 2016, p. 26).

Este embate ideológico relacionado ao ensino da língua e à posição que alguns surdos assumem, afirmando que são por direito os “*donos da língua de sinais*”, é presente nas relações dialógicas na comunidade surda, e causa uma polarização entre ouvintes e surdos. O discurso proferido pela palestrante no evento educacional é um discurso político e polarizado na comunidade surda, e, por meio da mobilização enunciativo-discursiva realizada na interpretação, introduz e veicula a reflexão por parte dos interlocutores. O questionamento posiciona os sujeitos em uma condição de reflexão nas questões éticas: se levarmos o contexto sócio-histórico, as questões da colonização ouvintista imposta sobre os surdos e a língua de sinais, ser professor ouvinte de Libras seria politicamente incorreto? O professor ouvinte, imerso na língua de sinais, na cultura surda e com formação específica, poderia ser privado de atuar como docente e de proporcionar a aprendizagem e a difusão da Libras? Essa relação de

poder, conforme Sá; Diniz; Vilhalva (2018, no prelo²⁹), é determinada pelo horizonte orientador. Naturalizando as disputas entre surdos e ouvintes, com isso, as autoras realizam uma leitura desta realidade social utilizando unicamente os óculos de suas cosmovisões:

Se somos surdos, empurramos os ouvintes para a condição de "usurpadores de espaços surdos", se somos ouvintes, empurramos os surdos para a condição de "deficientes". Se somos surdos "militantes", podemos expandir a categorização, como se houvesse as categorias dos "ouvintes aliados", dos "ouvintes inimigos", dos "ouvintes híbridos", dos "ouvintes analfabetos", dos "ouvintes entendidos". Por outro lado, se somos ouvintes, também categorizamos os surdos: "surdos aliados", "surdos inimigos", "surdos oralizados", "surdos politizados", "surdos escritores", "surdos leitores" (SÁ; DINIZ; VILHALVA, 2018, no prelo, p.3).

As autoras se posicionam com relação ao ensino de Libras por ouvintes:

[...] muitos surdos se irritam diante de ouvintes que querem ser professores de Libras sem ter fluência na língua de sinais, sem terem um conhecimento aprofundado da mesma. De fato, é quase uma desonestidade uma pessoa arvorar-se de (sic) profissional da área sem os conhecimentos necessários. No entanto, não é pelo fato de que existem profissionais ouvintes desqualificados que os surdos devem repudiar por completo a presença de ouvintes no ensino da Libras. Muito não se dão conta de que sem a ajuda de um exército de ouvintes que se interesse por esta língua e pelo seu ensino, não se (sic) será possível acelerar a divulgação da Libras e o respeito do mundo dos surdos e sua cultura visual na sociedade (SÁ; DINIZ; VILHALVA, 2018, no prelo, p.3).

A pergunta realizada pela palestrante, neste excerto 1, também é realizada e respondida por Sá; Diniz; Vilhalva (2018): “*A Libras é de quem mesmo? É da nossa natureza humana! Ela é uma das excelentes provas de que o ser humano é competente criar línguas, seja estas orais ou gestovisuais. A Libras é um patrimônio imaterial da Humanidade!*” (SÁ; DINIZ; VILHALVA, 2018, no prelo, p. 4).

Este “excerto enunciado 1” apresenta a relação de poder por meio de outros enunciados atravessados presentes na comunidade discursiva, causando esse embate ideológico polêmico, e a mobilização enunciativo-discursiva realizada pela intérprete, imersa neste horizonte comum, possibilitou a compreensão valorativa do discurso da palestrante.

O discurso pode apresentar polêmica velada e polêmica aberta, porém tais fenômenos discursivos não devem ser considerados de modo isolado no processo de interlocução. Sendo

²⁹ Título do trabalho, de autoria de Nidia Regina Limeira de Sá, Heloíse Gripp Diniz e Shirley Vilhalva, a ser publicado pela Revista Letras em Sinais-Departamento de Letras Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

assim, observamos que o discurso é refratado por meio da polêmica aberta com tons de polêmica fechada.

No *pensamento bakhtiniano* os enunciados apresentam uma variedade discursiva denominada polêmica velada, em que “a palavra do outro permanece fora dos limites do discurso do autor, mas este discurso a leva em conta e a ela se refere” (Bakhtin, 2008 [1963], p.223). Na polêmica aberta, os “contornos linguísticos do discurso refutado emergem de modo evidente na fala do autor, por meio, por exemplo, do discurso citado indireto, nomeação, uso de advérbios de negação, conjunções adversativas” (VELOSO, 2011, p, 23).

Observamos alguns contornos discursivos presentes na enunciação da palestrante:



(Surdo): nomeação;

Figura 21: Sinal de surdo (Libras)

Fonte: elaborado pelo autor



Figura 22: Negação (movimento da cabeça e mãos)

Fonte: elaborado pelo autor






(Não): advérbio de negação; movimento do corpo (designação de alternativa).

Figura 23: Sinal de “NÃO” com movimento do corpo (designação de alternativa)

Fonte: elaborado pelo autor

5.3.2. Análise entoacional discursiva e a verbo-visualidade

Iniciaremos a nossa análise entoacional discursiva da IS de acordo com a TIE de David Brazil em uma perspectiva dialógica e relacionaremos com a visualidade na interpretação, constituindo assim a verbo-visualidade:

INTÉRPRETE (S.C) - EXCERTO 01 (INTERPRETAÇÃO) ANÁLISE ENTOACIONAL DISCURSIVA E VERBO-VISUAL							
// p ME desculpem / p MAS eu tenho / p UMA pergunta// //p+QUEm que é / r+ o DONO / p DA língua / r+ de siNAIS?// // p+ QUEm que é / p+ O dono // // p+Ela tem / r+ um DONO // // p ME respondam / p POr favor // // r+ vocÊS PODEM / r+ me diZER ISSO // //p+ Quem É/ r+ o <u>DONO</u> / p da língua // //p+ É o SURdo? // //p+ É o SURdo! // // p Ele é / r+ o DONO / p Da língua /p+ De SINAis// // r+ é ISSO / r+ OU NÃO// //r+ Me resPODAM! //							
Nº	Unidade Tonal	Unidade gesto-corporal	Escolhas Tonais	Escolhas gestos-corporal	Discurso Proferido	Discurso Recorrente	
01	// ME desculpem /		↘	p	↖	Informativo	Significativo
02	/ MAS eu tenho /		↘	p	↘	Informativo	Significativo
03	/ UMA pergunta //		↘	p	↗	Informativo	Significativo
04	// quEM que é /		↖	p+	↖	concordante	Apreciativo
05	/o DONO /		↗	r+	→	Autorial	Apreciativo

06	/DA língua /		↘	<i>p</i>	→	informativo	Significativo
07	/ de siNAIS? //		↗	<i>r+</i>	→	Autoral	Apreciativo
08	// quEm que é /		↖	<i>p</i> +	↘	concordante	Apreciativo
09	/ o DOno //		↖	<i>p</i> +	↘	concordante	Apreciativo
10	// Ela tem /		↖	<i>p</i> +	→	concordante	Apreciativo
11	/ um <u>DONO</u> //		↗	<i>r+</i>	→	autoral	Apreciativo
12	// ME respondam /		↘	<i>p</i>	→	Informativo	Significativo
13	/ POr favor //		↘	<i>p</i>	→	Informativo	Significativo

14	// vocÊS PODEM /		↗	r+	↗	Autoral	Apreciativo
15	/ me diZER ISSO //		↗	r+	→	Autoral	Apreciativo
16	// p+ quEM que é /		↖	p +	↗	concordante	Apreciativo
17	/ o <u>DONO</u> /		↗	r +	↗	autoral	Apreciativo
18	/ DA língua /		↘	p	↗	Informativo	Significativo
19	/ De sinais //		↘	p	↗	Informativo	Significativo
20	// É o SURdo? //		↖	p +	↗	Concordante	Apreciativo
21	// É o SURdo! //		↖	p +	→	Concordante	Apreciativo




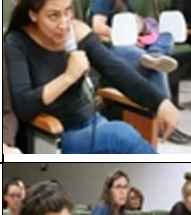



22	// Ele é /		↘	p	↘	Informativo	Significativo
23	/ o DONO /		↗	r+	↗	autor al	Apreciativo
24	/ Da língua /		↘	p	→	informativo	Significativo
25	/de SINAis//		↘	p +	→	concordante	Apreciativo
26	//é ISSO /		↘	p +	→	concordante	Apreciativo
27	/OU NÃO//		↗	r +	↗	autor al	Apreciativo
28	//me resPODAM!//		↗	r +	↗	autor al	Apreciativo

Tabela 13: Análise entoacional discursiva/Verbo-visualidade

Fonte: desenvolvido pelo autor

Nesta análise entoacional observamos trechos da IS da Libras para a Língua Portuguesa e classificamos o enunciado-discursivo como discurso político/polêmico e que envolve uma relação de poder. Neste excerto enunciativo proferido na interpretação simultânea realizada pela intérprete S.C, observam-se 12 (doze) cadeias tonais. A intérprete reproduz 28 (vinte e

oito) unidades tonais, das quais identificamos 18 (dezoito) como pertencentes ao discurso apreciativo e 10 (dez) caracterizada pela presença do discurso significativo. Com base nessas informações, inferimos que a intérprete está em uma posição verbo-axiológica apreciativa na mobilização enunciativo-discursiva, uma vez que se coloca enquanto autora e concordante com o discurso do outro (palestrante). Em uma perspectiva bakhtiniana, a autoria é comentada por Arán (2014):

Bakhtin chamará consciência autoral, enquanto dimensão inerente a um texto, é uma figura abstrata de mediação, representativa do autor como pessoa semiótica, produtora de signos. Parafraseando Bakhtin quando se refere ao enunciado, a autoria seria um acontecimento único e irrepitível na vida de um texto, problema extenso que, no caso de um pensamento de grande peso heurístico, como o de Bakhtin, reclama sempre releitura e reinterpretação, pois, ainda que se discuta o autor empírico, o que não poderíamos nunca discutir é o fato de que Bakhtin é um “fundador de discursividade” (ARÁN, 2014, p. 6)

No ato interpretativo, por meio do discurso produzido em outra língua (Libras), o intérprete, realiza “outro” discurso, com o mesmo sentido e intenção valorativa, porém em outra língua (Língua Portuguesa), proferido na primeira pessoa do singular, com escolhas composicionais (lexicais, entoacionais e gestual), considerando aspectos socioculturais e assumindo um posicionamento verbo-axiológico político e irônico em sua entoação expressiva, realizando, assim, um outro objeto estético, em outra palavra, um outro enunciado particular, irrepitível e autoral.

O posicionamento verbo-axiológico materializou-se por meio da gestualidade, isto é, a prosódia face corporal, realizada por meio da entonação expressiva pela intérprete, conferindo uma ênfase maior na entonação vocal possibilitou uma melhor compreensão ativamente responsiva no ato interpretativo e na construção de sentidos. Realizamos um gráfico com a junção das unidades de expressão facial e corporal realizadas pela intérprete de acordo com análise do enunciado:

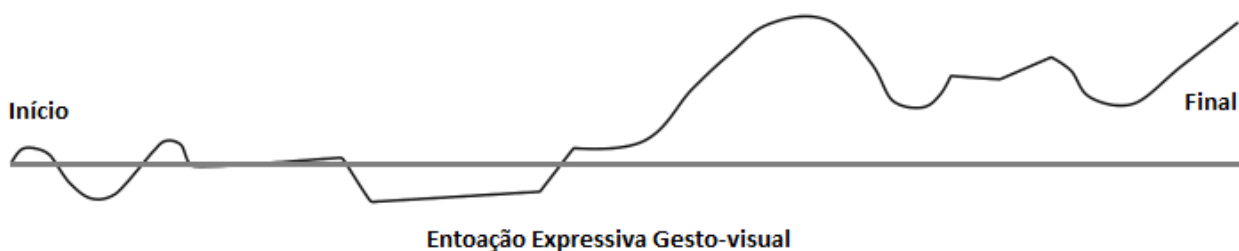


Figura 24: Entoação Expressiva Gesto-visual

Fonte: elaborada pelo autor

Observamos que a entonação expressiva vocal e a gestual realizadas pela intérprete estão de acordo com a entonação expressiva realizada pela palestrante em Libras. A intensão discursiva da palestrante, por meio da prosódia, isto é, o tom irônico e polêmico, está presente na materialização verbo-visual na interpretação. A seguir analisaremos o segundo excerto.

5.4. “Estamos pensando na questão do intérprete, da formação desse profissional” - Marcadores não-manuais discursivos e a verbo-visualidade em uma dimensão dialógica

O segundo excerto analisado é o enunciado proferido pelo palestrante Paulo Vieira (surdo) em língua de sinais, com IS da intérprete C. S no turno de interpretação e com a intérprete S.C no apoio. O título da palestra: “Lei Brasileira de Inclusão-LBI”. Segue o excerto do discurso com a glosa dos sinais em Língua Portuguesa e posteriormente a transcrição da interpretação em Língua Portuguesa:

<p>Excerto 02: Palestrante: Paulo Vieira (surdo) Intérprete: C. S Intérprete de Apoio: S.C</p>	
<p>Libras (língua-fonte)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Imagem do palestrante 	<p>Língua Portuguesa (língua-alvo)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Imagem da intérprete

<ul style="list-style-type: none"> • GLOSA (palavra-sinal) • Tempo do discurso 	<ul style="list-style-type: none"> • Texto da interpretação em português • Tempo da interpretação
<div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p style="text-align: center;">GRUPO QUE (GRUPO)</p> <p style="text-align: center;">Tempo: 12:44:300 a 12:44:500</p>	 <p style="text-align: center;">...</p> <p style="text-align: center;">Tempo: 12:44:300 a 12:44:500</p>
<div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p style="text-align: center;">PROFISSIONAL FORMAÇÃO</p> <p style="text-align: center;">Tempo: 12:44:600 a 12:44:800</p>	 <p style="text-align: center;">eh::: ahh:::</p> <p style="text-align: center;">Tempo: 12:44:600 a 12:46:500</p>
<div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p style="text-align: center;">ENTÃO INTÉRPRETE</p> <p style="text-align: center;">Tempo: 12:44:900 a 12:47:700</p>	<div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p style="text-align: center;">estamos pensando na questão</p> <p style="text-align: center;">Tempo: 12:46:600 a 12:48:200</p>
<div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p style="text-align: center;">FORMAÇÃO SOMENTE</p> <p style="text-align: center;">Tempo: 12:47:800 a 12:48:500</p>	 <p style="text-align: center;">do intérprete, da formação</p> <p style="text-align: center;">Tempo: 12:48:300 a 12:49:500</p>

  <p>NÃO PRECISAR</p>	 <p>desse profissional.</p>
<p>Tempo: 12:48:600 a 12:49:700</p>	<p>Tempo: 12:49:600 a 12:50:200</p>
  <p>HORAS ENTÃO</p>	 <p>e qual é a carga horária dele.</p>
<p>Tempo: 12:49:800 a 12:53:600</p>	<p>Tempo: 12:50:300 a 12:53:700</p>
  <p>INTERESSE CERTO</p>	 <p>como vai si constituir a</p>
<p>Tempo: 12:53:700 a 12:54:100</p>	<p>Tempo: 12:53:800 a 12:54:200</p>
  <p>MAIS 360</p>	 <p>formação desse profissional...</p>
<p>Tempo: 12:54:200 a 12:55:500</p>	<p>Tempo: 12:54:300 a 12:55:600</p>
 	

<p>HORAS</p>	<p>eh:: hum::</p>
<p>Tempo: 12:55:600 a 12:57:200</p>	<p>Tempo: 12:55:700 a 12:58:600</p>
<div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p>MAS+ MINHA 360 (MINHA)</p>	 <p>tra/ahh:: /a horas de trabalho dele.</p>
<p>Tempo: 12:57:300 a 12:58:600</p>	<p>Tempo: 12:58:700 a 12:59:600</p>
<div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p>HORAS (MINHA) CERTO</p>	 <p>eu trabalho</p>
<p>Tempo: 12:58:700 a 12:59:600</p>	<p>Tempo: 12:59:700 a 13:00:100</p>
<div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p>MAIS PORÉM</p>	 <p>muitas horas</p>
<p>Tempo: 12:59:700 a 13:00:700</p>	<p>Tempo: 13:00:200 a 13:00:700</p>
<div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p>OPINIÃO INTÉRPRETE</p>	 <p>então...eh:::</p>
<p>Tempo: 13:00:800 a 13:01:600</p>	<p>Tempo: 13:00:800 a 13:01:700</p>









	
<p>MAS VOCÊS</p>	<p>...</p>
<p>Tempo: 13:01:700 a 13:02:200</p>	<p>Tempo: 13:01:800 a 13:02:200</p>
	
<p>PORÉM 360</p>	<p>eu acredito também</p>
<p>Tempo: 13:02:300 a 13:03:200</p>	<p>Tempo: 13:02:300 a 13:04:300</p>
	
<p>OUTRO CRESCIMENTO</p>	<p>que ...</p>
<p>Tempo: 13:03:300 a 13:04:100</p>	<p>Tempo: 13:03:500 a 13:04:400</p>
	
<p>LOCAL SESSENTA (60)</p>	<p>eh::as pessoas as vezes</p>
<p>Tempo: 13:04:100 a 13:05:200</p>	<p>Tempo: 13:04:500 a 13:05:600</p>

	
<p>LOCAL CERTIFICADO</p>	<p>por exemplo, um curso de</p>
<p>Tempo: 13:05:300 a 13:07:300</p>	<p>Tempo: 13:05:700 a 13:07:400</p>
	
<p>CURSO LIBRAS</p>	<p>Libras com</p>
<p>Tempo: 13:07:400 a 13:08:200</p>	<p>Tempo: 13:07:500 a 13:08:400</p>
	
<p>60 HORAS</p>	<p>sessenta horas</p>
<p>Tempo: 13:08:300 a 13:09:000</p>	<p>Tempo: 13:08:500 a 13:09:100</p>
	
<p>SOMENTE INTÉRPRETE</p>	<p>será que DÁ</p>
<p>Tempo: 13:09:100 a 13:10:300</p>	<p>Tempo: 13:09:200 a 13:10:300</p>

 <p>AQUI (DÊIXIS) ENTÃO (afirmação com movimento da cabeça)</p>	 <p>para contemplar as especificidades da língua de sinais pensando no curso de trezentos e....</p>
<p>Tempo: 13:10:200 a 13:14:600</p>	<p>Tempo: 13:10:400 a 13:14:700</p>
 <p>DESENVOLVER MELHOR (pausa)</p>	 <p>sessenta horas</p>
<p>Tempo: 13:14:700 a 13:16:600</p>	<p>Tempo: 13:14:800 a 13:16:600</p>
 <p>ÀS VEZES SURDO</p>	 <p>ou sessenta horas?</p>
<p>Tempo: 13:16:700 a 13:17:900</p>	<p>Tempo: 13:16:700 a 13:18:100</p>
 <p>TEM ALGUNS</p>	 <p>então são coisas que</p>

Tempo: 13:18:00 a 13:18:400	Tempo: 13:18:200 a 13:19:000
 <p data-bbox="328 602 504 633">IGNORANTE</p> <p data-bbox="635 602 775 633">PROFERIR</p>	 <p data-bbox="927 602 1353 633">nós estamos pensando... então na</p>
Tempo: 13:18:500 a 13:20:200	Tempo: 13:19:100 a 13:20:400
 <p data-bbox="371 1043 459 1075">VOCÊ</p> <p data-bbox="639 1043 775 1075">PÉSSIMO</p>	 <p data-bbox="946 1043 1329 1075">qualidade desse profissional...</p>
Tempo: 13:20:300 a 13:21:000	Tempo: 13:20:500 a 13:22:000
 <p data-bbox="384 1494 448 1525">TEM</p> <p data-bbox="616 1494 794 1525">INTÉRPRETE</p>	 <p data-bbox="1050 1494 1225 1525">tá/então não::</p>
Tempo: 13:21:100 a 13:22:100	Tempo: 13:22:100 a 13:23:400
 <p data-bbox="328 1917 504 1948">RESSENTIR</p> <p data-bbox="627 1917 783 1948">PRECISAR</p>	 <p data-bbox="1058 1917 1217 1948">eh:::...então</p>
Tempo: 13:22:200 a 13:24:300	Tempo: 13:23:500 a 13:24:500

	
<p>PENSAR ANTES</p>	<p>às vezes pensa</p>
<p>Tempo: 13:24:400 a 13:26:000</p>	<p>Tempo: 13:24:600 a 13:25:500</p>
	
<p>AQUI (DÊIXIS) CAPAZ</p>	<p>que o surdo pensa</p>
<p>Tempo: 13:26:100 a 13:27:200</p>	<p>Tempo: 13:25:600 a 13:27:200</p>
	
<p>ESTUDAR LIBRAS</p>	<p>às vezes as pessoas pensa que o surdo ...</p>
<p>Tempo: 13:27:300 a 13:28:300</p>	<p>Tempo: 13:27:300 a 13:28:400</p>
	
<p>DESENVOLVER CAPAZ</p>	<p>que o surdo</p>
<p>Tempo: 13:28:400 a 13:29:300</p>	<p>Tempo: 13:28:500 a 13:29:300</p>

	
<p>PROSEGUIR EU</p>	<p>acaba achando</p>
<p>Tempo: 13:29:400 a 13:29:900</p>	
	
<p>CAPAZ OLHAR</p>	<p>que:::</p>
<p>Tempo: 13:30:000 a 13:30:800</p>	
	
<p>MELHOR CAPAZ</p>	<p>sendo grosseiro...mas é uma</p>
<p>Tempo: 13:30:900 a 13:32:700</p>	
	
<p>SEGUIR BEM</p>	<p>mas é uma questão::</p>
<p>Tempo: 13:32:800 a 13:34:800</p>	
<p>Tempo: 13:33:400 a 13:35:000</p>	

		
SURD@	FELIZ (afirmação com o movimento da cabeça)	de formação.
Tempo: 13:34:800 a 13:38:500		Tempo: 13:35:100 a 13:39:000

Tabela 14: Transcrição do enunciado em Libras (Glosa) na Língua Portuguesa

Fonte: desenvolvido pelo próprio autor

Conforme Nascimento (2011), como já vimos, essa condição autoral excessiva causa um distanciamento do discurso da língua fonte, podendo causar um anulamento do projeto discursivo do locutor, dificultando a construção de sentidos para os interlocutores na língua alvo. Ao autorar, o intérprete pode suprimir, omitir, tomar o discurso para si; com isso, as escolhas composicionais ou entravamento na interpretação podem interferir na entoação expressiva, tornando o discurso mais apreciativo. Isso pode ocorrer quando o intérprete toma o discurso para si, ou, em um discurso significativo, quando o intérprete apresenta dificuldade no entendimento do projeto discursivo do locutor e na mobilização enunciativo-discursiva.

Primeiramente é preciso analisar como o palestrante, por meio da entoação expressiva em Libras realiza o tom discursivo. Observamos que o palestrante oscila a ênfase no discurso, pois, às vezes utiliza ênfase moderada e às vezes a uma ênfase mais valorativa. Segue abaixo algumas ênfases valorativas presentes no discurso em Libras proferido pelo palestrante:

- Utilização maior do espaço de sinalização;
- Expressão facial mais acentuada;
- Ênfase na realização do sinal.
- Movimento do corpo


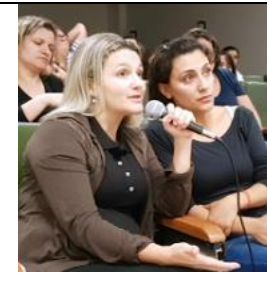

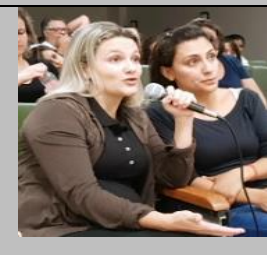
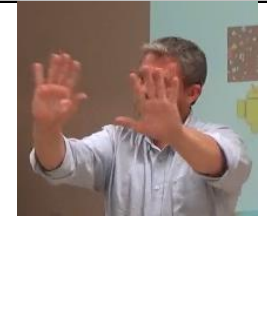


Figura 25: ênfase na enunciação (Libras)

Fonte: elaborado pelo autor

Essas ênfases valorativas, também estão presentes no nível da sintaxe por meio dos MNMs utilizadas pelo palestrante na Libras e, como já vimos, indicam determinados tipos de construções enunciativo-discursivas na Libras. A seguir analisaremos como o intérprete realiza a materialização na interpretação simultânea realizada pelo intérprete dos MNMs proferido pelo locutor em Libras, assim constituindo a autoria no nível discursivo.

	<p>Palestrante: “PROFISSIONAL FORMAÇÃO ENTÃO” -Construções com tópico: assunto sobre o qual desenvolveu o enunciado - quantidade a formação do intérprete.</p>
--	---

		<p>Intérprete: “Pensando na formação deste profissional”: A intérprete compreendeu o assunto abordado pelo palestrante: quantidade de horas e a qualidade na formação do intérprete, porém, manteve a entonação menos valorativa oralmente e gestualmente.</p>
		<p>Palestrante: Interrogativa QU (qu) – sentença interrogativa “que”. Questionando a formação dos intérpretes.</p>
		<p>Intérprete: Não realizou o questionamento, porém, realizou outras escolhas enunciativas (reflexão sobre a formação). Devido as outras escolhas enunciativas a entoação expressiva oral e gestual foi prejudicada.</p>
		<p>Palestrante: Sentenças Negativas: NÃO, com leve movimento da cabeça (MNMs) e incorporado ao sinal realizado com a mão esquerda. Negando os cursos com uma carga horária inferior.</p>
		<p>Intérprete: Por falta de compreensão ou pela demanda na interpretação a intérprete optou por não realizar a negação na interpretação.</p>
		<p>Palestrante: “NÃO”- Sentença Negativa: Negação utilização as duas mãos abertas e movimento da cabeça incisivo. O locutor posiciona-se com relação a formação do intérprete e não sabe o que os participantes ou os interpretes pensam sobre isso.</p>




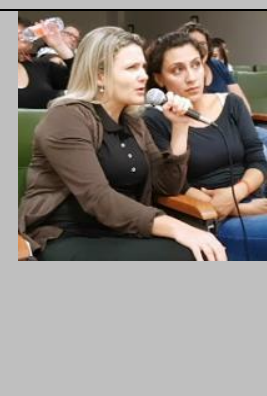

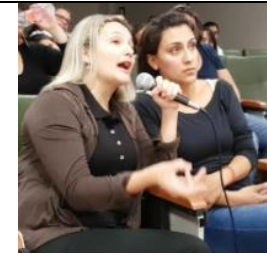
		<p>Interprete: não realizou a negação na interpretação.</p>
		<p>Palestrante: “CURSO LIBRAS”- Construções com tópico: o locutor retomou o assunto sobre o qual desenvolveu o discurso -</p>
		<p>Intérprete: “curso de Libras com[...]”: realiza a retomada do assunto sobre a quantidade de horas no curso de Libras conforme o discurso do palestrante, com a expressão oral e facial de dúvida sobre que o palestrante estava dizendo e com um tom de questionamento.</p>
		<p>Palestrante: “SIM” Afirmação (afirm.): com movimento da cabeça afirmando que a quantidade de horas tem que ser acima de 360 horas.</p>
		<p>Intérprete: a intérprete não realizou a afirmação na interpretação, ou por escolha interpretativas, ou por falta de compreensão da MNMs do palestrante.</p>

Tabela 15: Marcadores não-manuais/interpretação

Fonte: desenvolvido pelo autor

Neste segundo excerto, observamos que a intérprete não realiza alguns MNMs proferidos pelo locutor em Libras na Língua Portuguesa. Com isso, a interpretação teve um certo comprometimento na construção de sentidos e possivelmente uma interferência na entoação expressiva. O palestrante (surdo) questiona a qualidade, a formação dos intérpretes de Libras e como os surdos reagem ao se depararem com este profissional que possui pouca

formação e falta de fluência na Libras. Identificamos outro embate ideológico constituído historicamente. Como já vimos, este embate é realizado por “lacunas desconfortáveis” e pelas “práticas transgressoras” por meio da atividade de interpretação e de tradução da língua, pois o protagonismo da comunidade surda e as situações emergenciais de comunicação com outros interlocutores determinaram a necessidade destas atividades (MARTINS; NASCIMENTO 2015).

Esse protagonismo da comunidade surda tem propiciado políticas públicas inclusivas, possibilitando o deslocamento dos surdos e da Libras nos ambientes educacionais e em diversas esferas de produção de discurso, sejam públicos ou privados. Com isso, essas situações emergenciais de comunicação contribuíram para o movimento político de formação e para fomentação de curso de tradução e interpretação Libras-Português em diversas instituições; porém, os cursos, em sua maioria, são generalistas e apresentam uma carga horária inadequada com a função exercida.

O enunciado concreto proferido pelo locutor surdo é uma resposta a outros enunciados constituídos socialmente, culturalmente e historicamente na comunidade surda. Abordamos esta questão da formação no início desta pesquisa, no qual autores – Nascimento, (2016, 2012, 2011), Albres (2015, 2011), Martins e Nascimento (2015), Dinarte e Russo (2015) e Sobral (2008) – argumentam sobre esta formação generalista, a necessidade de uma formação específica e uma abordagem mais ampla sobre as questões de língua, linguagem, teorias e práticas interpretativas.

Além das vozes políticas, pois o locutor da palestra em questão é um assessor parlamentar de uma deputada federal, as vozes dos sujeitos surdos estão presentes neste discurso, pois o próprio enunciador é surdo e enuncia posições agressivas de alguns surdos relacionadas à atuação de alguns intérpretes. Santiago (2016) descreve a atuação deste profissional e o processo da atividade interpretativa:

A atuação do Tradutor e Intérprete de Libras - Português (TILSP) envolve, língua, cultura em um processo intenso de alteridade, sua atividade abrange proporcionar ao surdo, sobretudo, o conforto linguístico, e a possibilidade de tomar conhecimento dos mais variados assuntos, conhecimentos e discursos por meio de uma língua que lhe é de fato acessível, confortável, e também, expressar-se em língua de sinais, representa a situação de uma pessoa surda de interagir com o mundo e de produzir sentidos nessa língua (SANTIAGO, 2016, p. 1).

A formação, a fluência na língua de sinais e o contato com a comunidade surda proporciona o conforto linguístico e possibilita a mobilização dos conhecimentos específicos,

assuntos e outros discursos por meio da atividade de tradução ou interpretação. Santiago (2015) realiza uma análise do olhar do surdo sobre os intérpretes, objetivando o entendimento dos discursos de alguns surdos e as concepções sobre os intérpretes de Libras envolvendo relações de alteridade e identidades:

[...] temos o intuito de aproximar as questões identitárias inerentes à comunidade surda e sua relação com os Tradutores/ Intérpretes que servem à essa comunidade e se servem dos artefatos culturais dessa mesma comunidade para construir sua identidade, de certa forma por meio de uma relação de “simbiose”, por assim dizendo, uma relação alteritária, que o possibilita apreender o outro, sobretudo, na sua diferença, entendimento esse que habilita o Tradutor/ intérprete a exercer sua profissão (SANTIAGO, 2015, p. 4).

Santiago (2015) apresenta alguns recortes com dizeres de surdos sobre os intérpretes de Libras e que estão atravessados no enunciado proferido pelo locutor surdo Paulo Vieira:

[...] *Eu estudei cinco anos em uma universidade e sempre tive intérprete e eu vejo os surdos de outras salas, em outros espaços e os surdos reclamando que não consegue ir bem na prova a conta do intérprete de que não trabalha bem. !me desculpe! o intérprete não tem que dar apoio na resposta, não tem que dar cola [...]*

[...] *Eu conheço vários intérpretes, uns mais outros menos. Interprete 100% não existe as vezes é bom as vezes é mais ou menos, o intérprete precisa é se esforçar para estar junto com surdo aprendendo convivendo com surdos, aprendendo língua de sinais e conversação. Eu não quero saber de intérprete que não me faz entender claramente, eu não quero saber de intérprete falso. !Eu não quero saber! eu só quero intérprete que eu conheça, se é meu amigo se eu confio, se conheço a mais tempo aí sim OK! [...]*

[...] *O que não quero é que surdo perca tempo, fique lá esperando o intérprete entender para depois passar a informação. Tem intérprete que tem certificado do Letras Libras, mas por exemplo vai sinalizar e parece um robô, não tem expressão, usa apenas as mãos, para de interpretar pra poder escutar e não tem expressão facial, parece que está morto, parece que é um robô, chega disso o que o surdo quer é o intérprete com experiência que interprete de verdade que é que mostre o quanto assunto da palestra é interessante e importante para o surdo, com informação sobre a saúde do surdo por exemplo, e que o surdo entenda com expressão facial e expressão corporal.[...]*

[...] *Intérprete deve se aproximar do surdo, adquirir a Libras com expressividade, conviver na comunidade surda, ir em vários lugares onde tem língua de sinais, não pode ir somente onde a Feneis te mandar interpretar, e ficar um tempão se contato com os surdos, e depois ficar pedindo desculpas que esqueceu os sinais. !Eu não quero saber disso! Quero intérpretes que possam interpretar tudo, qualquer tema, que seja gostoso de ver [...]*

De acordo com Santiago (2015), o intérprete constitui sua identidade no processo de inserção e compreensão da cultura surda, vivenciando as experiências visuais, históricas, e se

debruçando sobre a língua de sinais, constituindo, dessa forma, uma relação perene de alteridade, e sobretudo de poder. A atuação e as demandas do intérprete, segundo a autora, envolvem: “tênuas disputas, hostilidades veladas e dependências estabelecidas na interação entre o sujeito surdo e o Intérprete, dois atores sociais que se estabelecem nas bases dessa relação de alteridade”. Segundo a autora, a identidade do intérprete “não é singular, abrangente, coerente, é verdadeiramente contraditória, ‘pré-conceituosa’ e ‘preconceituosa’, o contexto social influencia as relações inusitadas entre surdos e intérpretes, assim, determinam a história, cultura e identidades” (SANTIAGO, 2015, p. 13).

Ao enunciar, o indivíduo se torna um sujeito social, dentro de uma rede de discursos, envolvendo a relação de alteridade e embates. O sujeito está situado em um ambiente verbo-axiológico num emaranhado de teias discursivas presentes na comunidade surda, posicionando-se, dessa maneira, neste horizonte valorativo.

5.4.1. Análise entoacional discursiva

Realizaremos a análise entoacional discursiva da IS de acordo com a TIE de David Brazil, em uma perspectiva dialógica da IS realizada pela intérprete, e relacionaremos com a visualidade na interpretação, constituindo assim a verbo-visualidade:

Excerto 02 Análise Entoacional Discursiva:

// o éhhmm.../ o ahhhhhhhhhhhhhh.../ r EStamos pensANDO / p NA questão / r DU intérprETI/ p DA forrmação / r+ desSE PROFISSIONAL /// r I qualÉ / r+ a CArga / p+ hORÁria di / r+ trabaLHO DELE /// p+ coMO qui / p VAi si / r+ consTITUIR A / p+ forMAÇÃO dessi / r+ proFISSIONAL /// o ehhh...ahumm / o tra ahh / r+ as hORAS DI / p+ traBALHO dele// //p EU trabalho/ p MUItas horas / o então /// o éhhhhhhhhhhhhhhhhhh / o eu acredito / o também qui / o ehhhhh // //o as pessoas / o às vezes /// r Por exemPLO / r UM curso / r+ de LIBRAS / p+ com SESSEnta horas /// r+ será qUI DÁ/ p PRA contemplar / p AS especificidades / p DA língua / r+ di siNAIS/// p+ penSANDO num / p CURso di/ r+ trezentos e sessenta HORAS / p+ ou seSSENTA horas// //o então / o qui nós/ r ESTAmos pensaNDO/// o então / r NA qualidaDE / p+ desse PROfissional /// o tá...então / o não...éhhhh / o então /// o às vezes / o pensa qui / p+ o SURdo pensa// //p ÁS vezes // //p ÁS pessoas / r PEnsa QUI / p+ o SURdo / p ACABa achando / o quiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii / p+ sendo GROsseiro /// p MAs é / r+ uma quesTÃO / p+ di formação//

Nº	Unidade Tonal	Unidade Gesto-corporal	Escolhas Tonais		Escolhas Gesto-corporal	Discurso Proferido	Discurso Recorrente
01	/ éhhhhmm../		→	<i>o</i>	→	neutro	Significativo
02	/ ahhhhhhhhh.../		→	<i>o</i>	→	neutro	Significativo
03	/ EStamos pensANDO /		↗	<i>r</i>	↗	confirmativo	Significativo
04	/ NA questão /		↘	<i>p</i>	↘	informativo	Significativo
05	/ DU intérprETI /		↗	<i>r</i>	→	confirmativo	Significativo
06	/DA forrmação /		↘	<i>p</i>	→	informativo	Significativo
07	/desSE PROFISSIONAL /		↗	<i>r+</i>	↗	autoral	Apriciativo
08	/ I qualÉ /		↗	<i>r</i>	↗	confirmativo	Significativo
09	/ a CArga /		↘	<i>p+</i>	↘	concordante	Apriciativo



10	/ hORÁria di /		↖	<i>p+</i>	→	concordante	Apreciativo
11	/ trabaLHO DELE /		↗	<i>r+</i>	→	autoral	Apreciativo
12	/ coMO qui /		↖	<i>p+</i>	→	concordante	Apreciativo
13	/ VAi si /		↘	<i>p</i>	→	informativo	Significativo
14	/ consTITUIR A /		↗	<i>r+</i>	→	autoral	Apreciativo
15	/ forMAÇÃO dessi /		↖	<i>p+</i>	→	concordante	Apreciativo
16	/ proFISSIONAL_ /		↗	<i>r+</i>	→	autoral	Apreciativo
17	/ Ehhh...ahumm /		→	<i>o</i>	→	neutro	Significativo

18	/ tra ahh /		→	<i>O</i>	↘	neutro	Significativo
19	/ as hORAS DI /		↗ ↖	<i>r`+</i>	→	autoral	Apreciativo
20	/ traBALHO dele/		↖	<i>p+</i>	→	concordante	Apreciativo
21	/ EU trabalho		↘	<i>r</i>	→	confirmativo	Significativo
22	/ MUItas horas/		↘	<i>P</i>	→	Informativo	Significativo
23	/ então /		→	<i>o</i>	→	neutro	Significativo
24	/ éhhhhhhhhhhhhhhhhhh /		→ → →	<i>o</i>	→	Neutro	Significativo
25	/ eu acredito /		→	<i>o</i>	→	Neutro	Significativo

26	/ também qui /		→	<i>o</i>	→	Neutro	Significativo
27	/ ehhhh /		→	<i>o</i>	→	Neutro	Significativo
28	/ as pessoas /		→	<i>o</i>	→	Neutro	Significativo
29	/às vezes /		→	<i>o</i>	→	Neutro	Significativo
30	/Por exemPLO/		↘	<i>r</i>	↗	Confirmativo	Significativo
31	/ UM curso /		↘	<i>P</i>	↗	Informativo	Significativo
32	/ de LIBRAS /		↗	<i>r+</i>	↖	Autoral	Apreciativo
33	/ com SESSenta horas /		↗	<i>p+</i>	→	concordante	Apreciativo

34	/será q <u>UI</u> <u>DÁ</u> /		↗	r+	↗	Autora	Apreciativo
35	/ PRa contemplar /		↘	p	↖	Informativo	Significativo
36	/AS especificidades /		↘	p	→	Informativo	Significativo
37	/ DA língua /		↘	p	↗	Informativo	Significativo
38	/di siNAIS/		↗	r+	↖	Autoral	Apreciativo
39	/ penSANDO num /		↖	p+	→	concordante	Apreciativo
40	/ CURso di/		↘	p	→	informativo	Significativo

41	/trezentos e sessenta HORAS/		↗	<i>r+</i>	↗	autoral	Apreciativo
42	/ou seSSEnta horas/		↖	<i>p+</i>	↖	concordante	Apreciativo
43	/ então /		→	<i>o</i>	↘	neutro	Significativo
44	/ qui nós/		→	<i>o</i>	↗	eutro	Significativo
45	/ ESTAmos pensaNDO		↘	<i>r</i>	↘	confirmativo	Significativo
46	/ então /		→	<i>o</i>	→	Neutro	Significativo
47	/ NA qualidaDE		↖	<i>r</i>	→	confirmativo	Significativo

48	/desse PROfissional/		↖	<i>p+</i>	↗	concordante	Apreciativo
49	/ tá...então /		→	<i>o</i>	↖	neutro	Significativo
50	/ não...éhhh/		→	<i>o</i>	→	neutro	Significativo
51	/ então /		→	<i>o</i>	→	neutro	Significativo
52	/ às vezes /		→	<i>o</i>	→	neutro	Significativo
53	/ pensa qui/		→	<i>o</i>	↘	neutro	Significativo
54	/ o SURdo pensa/		↖	<i>p+</i>	→	concordante	Apreciativo

55	/ÀS vezes /		↘	<i>p</i>	→	informativo	Significativo
56	/ÀS pessoas		↘	<i>p</i>	→	informativo	Significativo
57	/Pensa QUI /		↙	<i>r</i>	→	confirmativo	Significativo
58	/ o SURdo /		↗	<i>p+</i>	→	concordante	Apreciativo
59	/ACaba achando /		↘	<i>p</i>	→	informativo	Significativo
60	/quiiiiiiiiiiiiiiiiiiii /		→	<i>o</i>	↙	neutro	Significativo
61	/ sendo GROsseiro /		↗	<i>p+</i>	↗	Concordante	Apreciativo
62	/ MAs é /		↘	<i>p</i>	↗	informativo	Significativo







63	/uma quesTÃO /			<i>r</i>		autoral	Apreciativo
64	/ di forMAção /			<i>p+</i>		Concordante	Apreciativo

Tabela 16: Análise entoacional discursiva/Verbo-visualidade

Fonte: desenvolvido pelo autor

Neste segundo excerto enunciativo-discursivo proferido na interpretação simultânea realizada pela intérprete C. S, observam-se 17 (dezessete) cadeias tonais. A intérprete reproduz 64 (sessenta e quatro) unidades tonais, das quais identificamos 23 (vinte e três) como pertencentes ao discurso apreciativo e 41 (quarenta e um) caracterizada pela presença do discurso significativo. No ato interpretativo algumas escolhas composicionais das pessoas do discurso, realizadas pela intérprete, estão na primeira pessoa do plural, pois o locutor faz parte do grupo que defende a implementação de políticas públicas voltadas à plena acessibilidade:

- “Éhhmm...**estamos** pensando na questão du intérpreti...”
- “Então são coisas qui **nós estamos** pensando...”

Também identificamos as escolhas realizadas no ato de interpretação da primeira pessoa do singular, porém a compreensão em alguns momentos no discurso proferido pelo palestrante e a interpretação literal lexical comprometeu a interpretação e o sentido:

- “**Eu** trabalho muitas horas...então...éhhh **eu** acredito também qui ..éhhh.”

Com base nas informações da análise entoacional, inferimos que a intérprete assume uma posição verbo-axiológica política em sua entoação, porém mais significativa do que apreciativa na mobilização enunciativo-discursiva.

Devemos levar em consideração as relações ideológicas sobre a formação de interpretes de Libras, pois, o discurso crítico do palestrante pode ter interferido na interpretação, devido a equipe serem interpretes de Libras. Este fator, a falta de compreensão ou a omissão dos MNMs

proferidos pelo locutor em Libras na IS comprometeu a entoação expressiva e, também, o projeto discursivo do palestrante.

Alguns fatores que podem ter influenciado a IS:

- o tipo de discurso do palestrante;
- o estilo do palestrante;
- o tema (formação na interpretação), que tem uma relação direta com equipe de intérpretes;
- as escolhas lexicais ;
- construção espacial ;
- a intérprete de apoio não compreendeu o discurso do palestrante ou não auxiliou.

Com relação à gestualidade da intérprete no ato interpretativo, temos que levar em consideração outros fatores que podem ter direcionado a entoação expressiva, como: estilo entoacional do palestrante (prosódia face corporal moderada), o estilo gestual da intérprete, ou seja, a intérprete mais contida em sua expressão gesto-corporal, as pausas realizadas na compreensão do discurso em Libras. Segue a entoação expressiva gesto-corporais (prosódia) realizadas pela intérprete no enunciado analisado:



Figura 26: Entoação Expressiva Gesto-visual

Fonte: elaborada pelo autor

Por essa razão, o posicionamento verbo-axiológico em sua materialização, por meio da gestualidade, isto é, a prosódia face corporal teve pouca ênfase, devido a literalização lexical entre texto fonte e texto alvo interferindo na entoação vocal e na construção de sentidos.

Observamos que a entoação expressiva vocal e a gestual realizada pela intérprete distou da entoação expressiva realizada pelo palestrante em Libras. Com isso, a intenção discursiva do palestrante, por meio de tom político, é comprometida na materialização verbo-visual na interpretação.

5.5. Um olhar dialógico na autoria verbo-visual nas interpretações da Libras para a Língua Portuguesa

Realizamos uma análise na interpretação da Libras para a Língua Portuguesa, observando os discursos proferidos em Libras e as materializações enunciativo-discursivas realizadas pelas intérpretes de Libras em uma perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin, com os estudos da verbo-visualidade e relacionamos com a TIE de David Brazil. As intérpretes, no momento do ato interpretativo, procuraram, por meio do projeto discursivo dos palestrantes (em Libras), endereçar suas mobilizações enunciativo-discursivas aos interlocutores por meio da entoação expressiva (vocal/ gesto-corporal) em seu discurso em Língua Portuguesa. Essas marcas autorais também estavam presentes no trabalho em equipe, por meio da atuação da intérprete de apoio. No gênero conferência, a função do intérprete de apoio é importantíssima no auxílio da compreensão do intérprete que está realizando a interpretação. Albres e Santiago (2012, p. 52) descrevem a atuação do intérprete de apoio na direção português - Libras:

No caso dos intérpretes de Língua de Sinais, em conferências, sua posição é aparente, pois fica de frente para o público e ao lado do conferencista. Também deve trabalhar em dupla. Enquanto um desenvolve a função de intérprete da vez o outro deve sentar-se à frente e trabalhar como intérprete de apoio. Fica observando a interpretação e caso o intérprete da vez tenha alguma dificuldade pode sinalizar indicando um sinal ou ideia para que o intérprete da vez possa retornar à interpretação.

Na direção que observamos aqui, Libras – Língua portuguesa, a intérprete de apoio senta-se ao lado da intérprete que tem o turno de interpretação e ambas ficam à frente dos palestrantes (locutores) e de costas para o público. Em um dado momento as intérpretes realizaram o apoio tanto verbalmente como gestualmente, com as mesmas expressões faciais, movimento da mão, posição de mão, e posicionamento do corpo, contribuindo na interpretação e na autoria da intérprete que estava no ato interpretativo (turno):



Figura 27: Equipe de interpretes/verbo-visualidade

Fonte: elaborado pelo autor



Figura 28: Equipe de interpretes/verbo-visualidade

Fonte: elaborado pelo autor

Esses elementos linguísticos e extralinguísticos estão presentes nas *dimensões verbo-visuais do enunciado* presentes neste texto verbal e visual, e:

[...] desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente (BRAIT, 2013, p.44).

Segundo Brait e Melo (2008), este olhar para o enunciado concreto é muito mais do que os fatores estritamente linguísticos. Isso significa que, em uma análise, esse olhar é realizado a partir de lentes dialógicas, observando outros elementos (verbo-visuais) intrínsecos no enunciado. Conforme Brait (2013), as linguagens verbais e visuais devem ser consideradas numa unidade integradora dos enunciados, convergindo para o tema. As imagens da IS das intérpretes mostram que a construção de sentidos é materializada verbalmente, por meio do

discurso oral e das expressões faciais e corporais valorativas. Dessa forma, o intérprete procura evidenciar as peculiaridades verbo-visuais valorativas que o constituem o ato arquitetônico de sua composição. Por essa razão, de acordo com Brait (2013), é necessário considerar suas dimensões (interna/externa), de maneira a explicitar as inter-relações dialógicas e valorativas (entoativas, axiológicas) que o caracterizam enquanto possibilidade na compreensão da vida, da sociedade, e responder a elas. A amplitude desse movimento, e não está presente somente nas estruturas, mas, na forma composicional, visando à forma arquitetônica do gênero, do texto, dos textos. (BRAIT; PISTORI, 2012).

Assim, a autoria na interpretação simultânea é também constituída na inter-relação verbo-visual entre os intérpretes que trabalham em equipe, possibilitando a produção e feitos de sentidos e constituindo a autoria na interpretação. A atuação do intérprete de apoio na IS em conferência auxilia na compreensão de alguns elementos discursivos que não foram compreendidos pelo intérprete que está realizando o ato interpretativo. O intérprete de apoio é o responsável por colaborar com o trabalho do parceiro, assim necessita estar atento ao discurso do locutor:

Nessa perspectiva, ambos os intérpretes estão atuando. O intérprete que teoricamente não está na função “ativa” continua como responsável em apoiar o trabalho do parceiro, em vez de se “desligar” do processo de interpretação. Com isso, o intérprete de apoio necessita estar alerta para que possa contribuir com o colega, caso perca alguma informação essencial ou que perceba que a informação não está de forma clara (NOGUEIRA, 2016, p. 87).

Diferentemente de Nogueira (2016), neste aspecto, pensando dialogicamente, o intérprete de apoio está no mesmo fluxo discursivo, respondendo ativamente ao discurso do palestrante e, ao mesmo tempo, ao discurso realizado pelo outro intérprete, contribuindo no ato interpretativo. Por essa razão, o intérprete de apoio é coautor por direito, pois colabora com o fluxo discursivo, mesmo não sendo o principal responsável pelo discurso proferido na Língua Portuguesa.

Nestes dois excertos analisados observamos que uma das intérpretes realizou a interpretação no nível discursivo apreciativo, com uma maior diversidade de tons no momento da interpretação, juntamente com sua expressão gesto-corporal. Porém, a outra intérprete, devido às dificuldades de compreensão, por causa do estilo discursivo do palestrante ou por falta do auxílio da intérprete de apoio (não compreendeu o discurso ou não apoiou), realizou a interpretação com alternância no nível do discurso significativo e apreciativo e apresentou pouca gestualidade. Com isso, a intérprete posicionou-se mais no nível significativo e a interpretação ficou centrada

na superfície da língua. Convém lembrar que quando este tipo de discurso ocorre na interpretação simultânea da Libras para a Língua Portuguesa, o intérprete acaba recorrendo a uma mera transcodificação de sinal-palavra; assim, a entoação na Língua Portuguesa também fica prejudicada, resultando um discurso impreciso, estranho aos ouvidos dos interlocutores ouvintes.

Na interpretação da Libras para a Língua Portuguesa, o aspecto expressivo de cada intérprete é determinado pelo estilo individual na relação valorativa com o objeto. Assim, conforme Bakhtin (2016), as palavras são somente recursos linguísticos que podem ser utilizadas uma situação real de comunicação em uma relação emocionalmente valorativa.

A interpretação acontece na relação emocionalmente valorativa no ato interpretativo, onde o intérprete com o objeto de sua fala realiza a entoação expressiva por meio da sua execução oral e gestual. “A entoação expressiva é um traço constitutivo do enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 48). Observamos algumas marcas autorais na gestualidade dos palestrantes incorporadas na gestualidade das intérpretes, constituindo a verbo-visualidade na enunciação:



Figura 29: Incorporação/verbo-visualidade

Fonte: elaborado pelo autor

As imagens da palestrante em Libras apresentam marcas prosódicas, elevação e acento na produção do sinal, e, assim, conferem o tom discursivo enfático (político-polêmico) e são incorporadas tanto na entoação vocal quanto na gestualidade pela intérprete. As imagens acima mostram o momento do questionamento retórico sobre “quem é o dono da língua de

“sinais” e a incorporação por meio da gestualidade – dedo em riste³⁰, atribuindo a mesma ênfase. Com isso, a prosódia oral e a gestual possibilitam a produção e efeito de sentidos na IS de acordo com a intenção valorativa do locutor.

Observamos outros elementos verbais utilizados e materializados na dimensão verbo-visual por meio da interpretação, como marcas enunciativas prosódicas realizadas pelos palestrantes, reproduzidas oralmente e incorporadas gestualmente de maneira simultânea. As imagens a seguir revelam o momento em que a palestrante enuncia o sinal de “PROVOCAR” e simultaneamente a intérprete, ao interpretar oralmente para Língua Portuguesa, incorpora gestualmente e com a mesma expressão facial, reproduzindo o mesmo sinal com a mão esquerda:

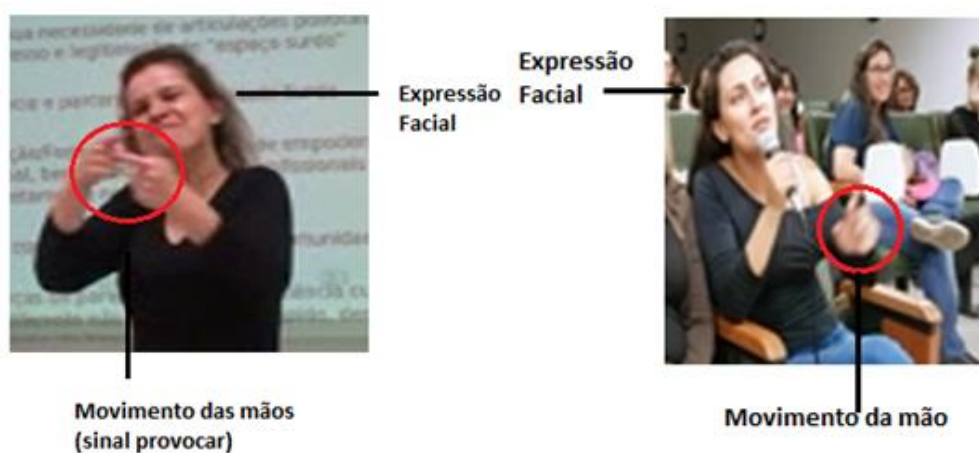


Figura 30: Incorporação/verbo-visualidade

Fonte: elaborado pelo autor

A materialização na dimensão verbo-visual na interpretação também ocorre no segundo excerto:

³⁰ Apontando com o dedo (indicador) incisivamente.



Figura 31: Incorporação/verbo-visualidade

Fonte: elaborado pelo autor



Figura 32: Incorporação/verbo-visualidade

Fonte: elaborado pelo autor

Com isso, dialogando com o texto de Faraco e Negri (1998), observamos os sujeitos sociais orientados em um gênero conferência – atmosfera heteroglótica – um ambiente dialogicamente agitado e repleto de tensões das vozes sociais atravessadas pelos discursos políticos, polêmicos e com tons irônicos, proferidos pelos palestrantes e mobilizado por meio das intérpretes, assumindo, neste contexto, uma posição verbo-visual-axiológica nesta arena de vozes.

O intérprete tem como objetivo dar sentido ao projeto discursivo do locutor proferido em Libras por meio da interpretação em Língua Portuguesa. A construção de sentidos nesta mobilização enunciativo-discursiva só será possível na relação da compreensão ativa-dialógica com a posição verbo-visual-axiológica, materializadas na entoação expressiva verbal e face corporal do intérprete atuante e com o auxílio do intérprete de apoio, constituindo a autoria na interpretação simultânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Portanto, por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema correspondem no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (a sua intenção em prol da qual ele foi criado). É aquilo que nele tem relação com a verdade, com a bondade, com a beleza, com a história.”

Mikhail Bakhtin

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a autoria e construção de sentidos por meio da entoação expressiva presente na interpretação simultânea de Libras para a Língua Portuguesa em uma esfera acadêmico-científica: gênero conferência. Escolhemos como *corpus* duas IS de palestras (surdo e ouvinte) realizadas pelos TILSP no II Evento-Libras: Encontros e Desencontros –Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), *campus* Guarulhos.

No decorrer desta dissertação procuramos compreender estes sujeitos discursivos em uma abordagem panorâmica sócio-histórica, onde direcionamos o nosso olhar para o processo de constituição dos surdos e dos ouvintes nas relações interdiscursivas cercadas por embates ideológicos, pois “as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas da sua interação” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 109).

Constatamos o processo histórico da interpretação informal para a formal, mapeando o movimento de formação dos TILSP, abordando as questões da formação generalista (Nascimento (2016, 2012,2011), Albres (2015, 2011), Martins e Nascimento (2015), Dinarte e Russo (2015) e Sobral (2008)), a necessidade de uma formação específica e uma abordagem mais ampla sobre as questões de língua, linguagem, teorias e práticas interpretativas.

Posteriormente, refletimos sobre as questões do empoderamento dos surdos por meio dos movimentos sociais e políticos, que possibilitaram e possibilitam a efetivação de alguns direitos, como: a inclusão dos surdos na sociedade, a divulgação da Libras em diversos contextos sociais, acesso e participações mais efetivas dos surdos nos diversos campos da atividade humana, principalmente na esfera educacional.

A base teórica-metodológica da nossa pesquisa está fundamentada por meio da perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin, da Teoria Interacional da Entoação (TEI) na concepção de David Brazil (1985), e dos estudos da verbo-visualidade. Com isso, convocamos algumas categorias do pensamento bakhtiniano: a noção de autoria, gênero discursivo, enunciação, enunciado concreto, texto e discurso e relacionamos com a TIE de David Brazil.

Na descrição do *corpus*, observamos a estrutura, a organização e características específicas do ambiente de pesquisa, com objetivo de analisar o ato interpretativo e as variantes que podem influenciar a prosódia e a construção de sentidos. As discussões sobre a prosódia (nível segmental e suprasegmental) na Língua Portuguesa e na Libras delimitaram nossa pesquisa, possibilitando a compreensão na análise dos elementos verbo-visuais realizado na IS e na entonação expressiva presente na voz do intérprete de Libras. Porém, observamos alguns fatores que podem comprometer essa mobilização enunciativo-discursiva como: os esforços cognitivos – *Modelos de Esforços*- (GILE, 1995), o trabalho em equipe, o posicionamento na mobilização de recursos durante o processo interpretativo (NOGUEIRA, 2016), as singularidades e os elementos presentes na interpretação (SANTOS, 2013), fatores esses que podem gerar a dificuldade na compreensão, e o comprometimento do posicionamento verbo-visual-axiológico.

A partir de lentes dialógicas, verificamos elementos verbais (Libras e Língua Portuguesa) e elementos visuais (incorporação da gestualidade na interpretação) para a leitura do *corpus*, as inter-relações sociais e intersubjetividade, materializados por meio de enunciados concretos na IS da Libras para a Língua Portuguesa. Levamos em conta as vozes presentes no enunciado que respondem a outros enunciados e os sujeitos (locutor e intérprete) que deles se ocupam, identificando os impasses, pensamentos e os valores presentes no discurso da língua-fonte e na língua-alvo.

Durante o processo de análise, identificamos que, na IS de Libras para a Língua Portuguesa – atividade dialógica complexa – o posicionamento verbo-visual-axiológico e a construção de sentidos do intérprete são constituídos na compreensão ativamente responsiva. Por essa razão, o intérprete, sujeito constituído socialmente por meio da linguagem e pelas inter-relações na dimensão da alteridade: o *eu-para-mim*, *eu-para-o-outro* e o *outro-para-mim*, realiza um discurso interpretado (língua-alvo) por meio da compreensão ativamente-dialógica, refletindo e refratando as vozes sociais presentes no enunciado por meio deste posicionamento valorativo, com o objetivo de manter o sentido do projeto discursivo (língua-fonte). Nesse ambiente heteroglóssico e heterogêneo, essa mobilização enunciativo-discursiva é constitutiva também por meio da verbo-visualidade (linguístico e extralinguístico). De acordo com Brait (2013) a construção de sentidos não pode ser dada somente pela dimensão verbal, mas pela união com a dimensão extralinguística, pelo emprego vivo em um determinado enunciado concreto no plano de expressão, e pela compreensão das formas de produção de sentido.

Vimos, assim, que a interpretação de Libras para o Língua Portuguesa inicia-se primeiramente na compressão do projeto discursivo e do tom valorativo realizado, também, por

meio dos MNMs (marcadores não-manuais) realizados pelo palestrante em Libras. Nessa mobilização, o objetivo do intérprete não é só realizar o “mesmo discurso” do locutor, mas também realizar a “mesma ênfase valorativa” na entoação expressiva – um jogo expressivo sonoro e face corporal.

Finalizamos este texto considerando que, a partir da análise do *corpus*, os questionamentos de pesquisa foram respondidos e os objetivos foram alcançados. Por essa razão, concluímos que a prosódia, presente em ambas as línguas, e também na expressividade face corporal na interpretação, é um elemento suprasegmental importantíssimo na construção de sentidos. Nesse ato enunciativo-discursivo, o intérprete é um sujeito ativamente responsivo, compreendendo ativamente e posicionando-se verbo-visual-axiologicamente, por meio das escolhas prosódicas, constituindo, dessa forma, a autoria na interpretação simultânea da Libras para a Língua Portuguesa.

Esperamos que esta pesquisa colabore com as investigações da prosódia e construção de sentidos entre as modalidades Libras/Língua Portuguesa, com o propósito de contribuir na formação do intérprete de Libras e nas atividades de trabalho desses profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRES, N. A. *Intérprete Educacional: políticas e práticas em sala de aula inclusiva*. São Paulo: Harmonia, 2015.

ALBRES, N. A. A formação de intérpretes de Libras para um serviço da Educação Especial. O que o currículo de especialização em Libras tem nos revelar. *VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial*. Londrina: UEL, 2011. Anais, p. 2151-2162, 2011.

ALBRES, N.; SANTIAGO, V. A. A. Atuação do intérprete educacional: reflexão e discussão sobre modalidades de interpretação- simultânea e consecutiva. *Espaço*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 38, p. 51-59, jul. 2012.

AMORIM, Marília. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em Ciências Humanas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 07-19, Jul. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742002000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 Mar. 2018.

ARÁN, P. O. A questão do autor em Bakhtin. *Bakhtiniana*. São Paulo: Número Especial: 4-25, Jan.-Jul. 2014.

AVELAR, T. F. *A Questão da padronização linguística de sinais nos atores-tradutores surdos do Curso de Letras-Libras da UFSC: estudo descritivo e lexicográfico do sinal "Cultura"*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

BAKER, M. (Org.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres e Nova York: Routledge, 1998.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016, p.11-69.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. O autor e a Personagem. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.3-20.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1963].

BARRETO, J. P. S. *A autoria no contexto acadêmico: uma questão de prosódia*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2011.

BENASSI, C. A.; DUARTE, A. S. *Além dos sentidos: ensaios sobre LIBRAS*. 1. ed. Cuiabá: Claudio Alves Benassi, 2014.

BÍBLIA. A. T. Êxodo. In: BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966.

BOWEN, M. Os Intérpretes que fizeram a História. In: DELISLE, Jean & WOODSWORTH, Judith. (Orgs.). *Os tradutores na história*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998. p.257-304.

BRAIT, B. *Introdução*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-11.

BRAIT, B. *Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica*. Bakhtiniana; Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 8. n. 2, p. 43-66, 2013. Disponível em: Acesso em 06 nov. 2017.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado / Enunciado Concreto / Enunciação In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos - chave*. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 56, p. 371-401, 2012.

BRASIL. Lei 13.146 de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), Brasília, DF, jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 23 mar. 2016.

BRASIL. Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. *Regulamenta a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o artigo 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000*, Brasília, DF, dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 23 mar. 2016.

BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. *Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências*, Brasília, DF, abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm> Acesso em: 23 mar. 2016.

BRASIL. Lei 12.319 de 1 de setembro de 2010. *Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS*, Brasília, DF, set. 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm Acesso em: 05 abr. 2016.

BRASIL. Declaração de Salamanca. *Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais*, disponibilizada pelo Ministério da Educação e Cultura, Brasília, DF, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> Acesso em: 23 mar. 2016.

BRAZIL, David. *The communicative value of intonation in English*. Birmingham: English language research, 1985.

BRAZIL, David; COULTHARD, Malcolm; JOHNS, Catherine. *Discourse intonation and language teaching*. London: Longman, 1981.

CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Tese (Livre Docência em Linguística) – UNICAMP, Campinas, 1981.

CAGLIARI, L. C. *Acento em português*. Coleção Espiral, série linguística, v. 4. Campinas: Edição do autor, 1999.

CARVALHO, P. V. *Breve História dos Surdos no Mundo*. Carcavelos: SurdUniverso, 2007.

CHRISTOFFELS, I. K.; DE GROOT, A. M. B. Simultaneous interpreting: a cognitive perspective. In: KROLL, J. F.; DE GROOT, A. M. B. (Eds.). *Handbook of Bilingualism: psycholinguistic approaches*. New York: Oxford University Press, 2005: 454-479.

CRYSTAL, D. *Prosodic Systems and Intonation in English*. Cambridge: The Cambridge University, 1969.

CUSTÓDIO, A. C. C. *A inserção do surdo no mercado de trabalho, frente às políticas públicas de inclusão: as duas faces de uma mesma moeda*. In: Seminário Nacional de Educação Especial e Encontro de Pesquisadores em Educação Especial e Inclusão Escolar, 5, 2012, Uberlândia, Resumos Expandidos. Uberlândia: CEPAE, 2012.

DINARTE, L. D. R.; RUSSO, A. Tradução e interpretação de língua de sinais no contexto da pós-graduação: problematizando posições. *Cad. Trad.*, Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 174-196, jul-dez. 2015.

EKMAN, P.; FRIESEN, W. *Facial Action Coding System: A Technique for the Measurement of Facial Movement*. Palo Alto: Consulting Psychologists Press, 1978.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin. Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p.37-60.

FARACO, C. A.; NEGRI, L. O falante: que bicho é esse, afinal? *Revista Letras*. Curitiba: n. 49, p.159-170, 1998.

FELIPE T. A. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras. *Bakhtiniana*. São Paulo, nº. 8 (2), p. 67-89, Jul.-Dez. 2013.

FELIPE T. A. *Libras em Contexto – livro do estudante/cursista*. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

FENEIS- Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. *A importância dos intérpretes de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Centro gráfico do Senado Federal, 1988.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma Gramática das Línguas de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1995.

GARDNER, P. *Quem é Quem na Bíblia Sagrada*. São Paulo: Editora Vida, 2000.

GILE, D. Testando a hipótese da “Corda Bamba” do modelo dos Esforços. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis: v. 35, nº especial 2, p. 590-647, jul-dez. 2015.

GILE, D. Interpreting studies: a critical view from within. *MonTI*. Alicante (Espanha): nº 1, p. 135 – 155, 2009.

GILE, D. Testing the Effort Models' tightrope hypothesis in simultaneous interpreting - A contribution. *Hermes, Journal of Linguistics* no. 23, 1999.

GILE, D. *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GOODY, J. *La lógica de la escritura y la organización de la escritura y la organización de la escritura y la organización de la escritura y la organización de la sociedad*. n de la sociedade, Madrid: Alianza Universidad, 1990.

GREENBLATT, S. *Marvelous Possessions: The wonder of the New World*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

GRILLO, S. C. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: USP, n. 14 (2), p.235-246, 2012.

GUARINELLO, A. C. *O papel do outro na escrita de surdos*. São Paulo: Plexus, 2007.

GUMPERZ, J. J. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HABERMAS, J. *Direito e democracia entre factibilidade e validade*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

HIRST, D.; DI CRISTO, A. *Intonation Systems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HOUAISS, A. *Novo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Objetiva, 2009.

JAKOBSON, R. On Linguistic Aspects of Translation. In BROWER, R.A. (Ed.) – *On Translation*. Cambridge: Harvard University Press, p. 232-9, 1959.

KLAMT, M. M. Tradução Comentada do poema em Língua Brasileira de sinais: “Voo sobre o Rio”. *Revista Belas Infêis*. Brasília (DF): v. 3, p. 107-123, 2014.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The signs of language*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1979.

KURZ, I. *The Rock Tombs of the Princes of Elphantine - Earliest references to interpretation in Pharaonic Egypt*. [s.l.]: Babel, 1985.

LACERDA, C. B. F. *A prática fonoaudiologia frente às diferentes concepções de linguagem*. *Revista Espaço*, Instituto de Educação de Surdo, v.10, p.30-40, 1998.

LIMA, E. S. *Discurso e identidade: um olhar crítico sobre a atuação do(a) intérprete de LIBRAS na educação superior*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

LODI, A. C.B. *Plurilingüismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 409-424, set./dez. 2005.

LOPES L.W; LIMA, I. L. B. Prosódia e transtornos da linguagem: levantamento das publicações em periódicos indexados entre 1979 e 2009. *Revista CEFAC 16 (2)*. São Paulo: p. 651-659, Mar-Abr. 2014.

LUCIANO, A. H. T. *A interpretação simultânea sob a ótica da linguística aplicada*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2005.

LUCIANO, D. T. *Prosódia e envolvimento na compreensão do telejornal*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

MACHADO, I. *Gênero discursivo*. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin. Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 151-165.

MARTINS, V. R. O. Implicações e conquistas da atuação do intérprete de língua de sinais no ensino superior. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p.157-166, jun. 2006.

MARTINS, V. R. O.; NASCIMENTO M. V. B. Da formação comunitária à formação universitária (e vice e versa): novo perfil dos tradutores e intérpretes de língua de sinais no contexto brasileiro. *Caderno de Tradução*, Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 78-112, jul.-dez. 2015.

MATEUS, M. H. M. Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos. *Atas do encontro sobre O Ensino das Línguas e a Lingüística APL e ESSE*, Setúbal, set. 2004.

McCLEARY, L.E.; VIOTTI, E.; LEITE, T.A. Descrição das línguas sinalizadas. A questão da transcrição dos dados. *Alfa. Revista de Linguística*. 54 (1), 2010. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2880/2654>. Acesso em: 23 mar. 2018.

MEIER, R. P. Why different, why the same? Explaining effects and non-effects of modality upon linguistic structure in sign and speech. In: MEIER, R. P; *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

MONTEIRO, M. S. *História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil*. ETD – Educação Temática Digital. Campinas: UNICAMP, v.7 (2), p. 295-305, 2006. Disponível em: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-101789>. Acesso em: 23 mar. 2018.

NASCIMENTO, M. V. B. *Formação de intérpretes de libras e língua portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes*. (Tese) Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

NASCIMENTO, M. V. B. *Interpretação da Libras para o português na modalidade oral: considerações dialógicas*. Tradução e Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores, n. 24, 2012.

NASCIMENTO, M. V. B. *Interpretação da Língua Brasileira de Sinais para o português a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de sentidos*. (Dissertação) Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

NEVES, M. S. Os mitos das abordagens tradicionais e estruturais ainda interferem na prática em sala de aula. In: PAIVA, V. L. M. (org.). *Ensino de Língua Inglesa: reflexões e experiências*. Campinas: Pontes, 1996, p. 69-80.

NICODEMUS, B. *Prosodic Markers and Utterance Boundaries in American Sign Language Interpretation*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2009.

NICOLOSO, S. Traduzindo Poesia em Língua de Sinais: uma experiência fascinante de verter gestos em palavras. In: QUADROS, R. M. de (Org.) *Cadernos de Tradução XXVI: Tradução e Interpretação de Língua de Sinais*. Florianópolis: PGET/UFSC, 2010/2.

NOGUEIRA, T. C. *Intérpretes de Libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho de equipe e as formas de apoio na cabine*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2016.

PAGURA, R. A. Tradução & interpretação. In: AMORIM, L. M., RODRIGUES, C. C., and STUPIELLO, É. (orgs.). *Tradução & perspectivas teóricas e práticas* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 183-207. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/6vkk8/pdf/amorim-9788568334614-09.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2018.

PAGURA, R. A. Formação de intérpretes: a consecutiva como base da simultânea. *TradTerm*. São Paulo: v. 23, 2014.

PAGURA, R. A. *A Teoria Interpretativa da Tradução (Théorie du Sens) revisitada: um novo olhar sobre a desverbalização*. *TradTerm*, São Paulo: v. 19, p. 92-108, nov. 2012.

PAGURA, R. A. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. *DELTA*. São Paulo: v. 19, n. spe, p. 209-236, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v19nspe/13.pdf>. Acesso em: 15 maio 2016.

PÊGO, C. F. *Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais: um estudo do morfema-boca*. (Dissertação) Mestrado em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília- DF, 2013.

PENHA, L. *A Importância da Prosódia na Avaliação de Qualidade e na Compreensão e Compreensibilidade da Fala Interpretada Simultaneamente*. (Dissertação) Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

- PEREIRA, M. C. P. Produções Acadêmicas sobre Interpretação de Língua de Sinais: dissertações e teses como vestígios históricos. In: QUADROS, R. M. (Org.) *Cadernos de Tradução XXVI: Tradução e Interpretação de Língua de Sinais*. Florianópolis: PGET/UFSC, 2010/2.
- PERLIN, G. T. T. *O ser e o estar sendo surdo: alteridade, diferença e identidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. 4ed. São Paulo: Humanitas Publicações, FFLCH-USP, 1999.
- PÖCHHACKER, F. *Introducing interpreting studies*. London: Routledge, 2004.
- QUADROS, R. M. *Língua de Herança: Língua Brasileira de sinais*. Porto Alegre: Penso, 2017.
- QUADROS, R. M. *Efeitos de Modalidade de Língua: as Línguas de Sinais*. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.168-178, jun. 2006.
- QUADROS, R. M. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2004.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. *Língua de Sinais Brasileira II*. Florianópolis, Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2009.
- QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos corpora. In: SALLES, H. (Org.) *Bilinguismo e surdez: questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cênone Editorial, 2007.
- QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. *Letras Libras EaD*. In: QUADROS, R. M. (Org.) *Letras Libras: ontem, hoje e amanhã*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.
- RAMOS, C. R. *Uma leitura da Tradução de Alice no País das Maravilhas para a Língua Brasileira de Sinais*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- RAMOS, C. R. *Língua de Sinais e Literatura: uma proposta de trabalho de tradução cultural*. Dissertação (Mestrado em Semiologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.
- REILLY, J. How faces Come to serve Grammar: the development of nonmanual morphology in American Sign Language. In: *Advances in the sign language development of deaf children*. New York: Oxford University Press, 2006.
- RIGO, N. S. Tradução de libras para português de textos acadêmicos: considerações sobre a prática. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 428-478, jul-dez. 2015

RODRIGUES, C. H. *Da interpretação comunitária à interpretação de conferência: desafios para formação de intérpretes de língua de sinais*. In: *II Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*. Florianópolis, UFSC, 2010. Anais 2010. Disponível em:

<http://www.congressotils.com.br/anais/anais2010/Carlos%20Henrique%20Rodrigues.pdf>.

Acesso em: 23 mar. 2018.

RODRIGUES, C. H; BEER, H. Direitos, Políticas e Línguas: divergências e convergências na/da/para educação de surdos. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 661-680, jul./set. 2016.

RODRIGUES, C. H; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? *Cad. Trad.*, Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 17-45, jul-dez. 2015.

ROSA, A. *Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete*. Petrópolis-RJ: Editora Arara Azul, 2008.

SÁ, N. R. L., DINIZ, H. G., VILHALVA, S. Aliados e inimigos na/da educação de surdos: Se você usar minha língua eu não lhe trucidado. *Revista Letras em Sinais – Departamento de Letras – Libras, UFRJ*, 2018. No prelo.

SACKS, O. *Vendo Vozes: uma Jornada pelo Mundo dos Surdos*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990.

SANTANA, J. B. M. *Fronteiras Literárias: experiências e performances dos tradutores e intérpretes de libras*. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SANTIAGO, V. A.A. *A interpretação de Libras para português em conferência: uma reflexão a partir do olhar do palestrante surdo*. In: Anais do 5º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução & Interpretação de Libras e Língua portuguesa. Florianópolis: UFSC - CCE, 2016

SANTIAGO, V. A. A. *O olhar dos surdos sobre os intérpretes de libras: alteridade e identidade*. In: Anais do 1º Congresso Nacional de Libras da Universidade Federal de Uberlândia, I Conalibras-UFU, 2015.

SANTOS, S. A. *Tradução/Interpretação de Língua de Sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010*. Tese (Doutorado em Estudos de Tradução) – Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2013.

SANTOS, S. A. Tradução e interpretação de língua de sinais: deslocamentos nos processos de Formação acadêmica e profissional. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis: UFSC/PGET, v. 2, n. 26, p. 145-164, 2010.

SCARPA, E. M. Interfaces entre componentes e representações na aquisição da prosódia. In: R. LAMPRECHT (org.). *Aquisição da Linguagem*. Questões e Análises. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p.65-60.

SEEBER, K. G. Cognitive load in simultaneous interpreting. Existing theories – new models. *Interpreting*, v. 13, n. 2, 2011, pp. 176-204. Disponível em: http://www.kilianseeber.ch/research/p-bl-ka-shns_files/Seeber,%20K.G.%20%282011%29.Cognitive%20load%20in%20simultaneous%20interpreting_existing%20theories-new%20models.pdf . Acesso em: 29 out. 2017.

SEGALA, R. R. *Tradução Intermodal e Intersemiótica/Interlingual*: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Florianópolis: UFSC, 2010.

SEGALA, R. R.; QUADROS, R.M. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em português para a libras oral. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 354-386, jul-dez. 2015.

SILVA, F. M. Processos fonológicos segmentais na Língua Portuguesa. *Revista Littera nº 4*. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, Departamento de Letras, 2011.

SKLIAR, C. *Abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. In: (Org.) Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

SOBRAL, A. Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática: novas reflexões. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 37-45, jan. - mar. 2011.

SOBRAL, A. Texto, discurso, gênero: alguns elementos teóricos e práticos. *Nonada*, Porto Alegre, v. 1, n. 15, p. 9-29, 2010.

SOBRAL, A. *Dizer o “mesmo” a outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: SBS, 2008.

SOUZA, S. X. *Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras-Libras*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

STOKOE, W. *Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language*. Listok Press, Silver Spring, MD, 1960.

STROBEL, K. L. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. Tese (Doutorado em Educação e Processos Inclusivos) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

VAILATTI, C. A. *Gagueira de Moisés: Múltiplas Interpretações*. [Artigo]. São Paulo: Publicação do Autor, 2011.

VELOSO, S. R. A. Polêmicas discursivas: refrações da palavra do outro na arena do Roda Viva. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n.5, p.20-33, 1º sem. 2011.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

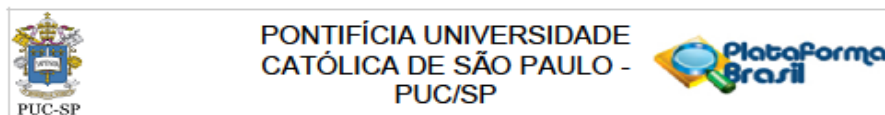
WEININGER, M. J. Elementos prosódicos e a importância do contato visual entre clientes surdos e ouvintes na interpretação simultânea de libras. In: *Anais do V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

WEININGER, M. J. Quando Múltiplos Olhares Geram Diferentes Experiências de Tradução ao Português de um Poema em Libras: o caso de “Homenagem Santa Maria” de Godinho (2013). In: *Anais do IV Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

WILBUR, R. B. Phonological and prosodic layering of nonmanuals in American Sign Language. In EMMOREY K.; LANE HARLAN. *The signs of language revisited: an anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers, 2000.

ANEXOS

ANEXO I



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Interpretação de Libras para o Português em eventos acadêmicos: aspectos prosódicos e construção de sentidos

Pesquisador: RICARDO FERREIRA SANTOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 65685817.7.0000.5482

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.069.547

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Dissertação de Mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PEPG em LAEL), vinculado à Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes (FAFICLA) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Ricardo Ferreira Santos, sob a orientação da Profa. Dra. Elisabeth Brait.

A proposta resumidamente que "(...) A interpretação simultânea de Língua Brasileira de Sinais (Libras) / Língua Portuguesa (LP) no Brasil é considerada um desafio, evidenciado por diferenças entre as modalidades das línguas envolvidas e pelas dificuldades interpretativas em diferentes campos da atividade humana. O presente projeto propõe uma pesquisa na mediação discursiva e a atuação dos intérpretes de Libras/LP no contexto de

interpretação acadêmica, com o objetivo de identificar os aspectos prosódicos na produção do sentido na interpretação simultânea de Libras para a LP. Entre os fatores importantes no processo de construção dos sentidos na interpretação em eventos

acadêmicos, destacam-se as competências interpretativas, o conhecimento de termos específicos,

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 2.069.547

o conhecimento histórico e cultural e o contato com a comunidade surda. Desde que a Libras foi reconhecida como língua oficial da comunidade surda brasileira, pela Lei 10.436/02, regulamentada pelo Decreto 5.626/05 e a profissão do Intérprete de Língua de Sinais foi reconhecida por meio da Lei nº 12.319/2010, as pessoas surdas passaram a se inserir com maior frequência no ambiente acadêmico, como participante ou palestrantes, e a atuação do intérprete de Libras nesse contexto demanda articulações de cunho teórico-prático para o discurso do surdo possa ser compreendido por interlocutores que desconhecem Libras. Questionamos (i) como o intérprete constrói os sentidos no processo de mediação discursiva por meio da prosódia; e (ii) quais práticas o intérprete utiliza para que os conceitos sejam compreendidos por interlocutores ouvintes. A pesquisa será fundamentada no conceito de sentido do Círculo de Bakhtin (1929), ou seja, o conceito dialógico da linguagem. Serão analisados materiais audiovisuais envolvendo os discursos em Libras dos locutores surdos (participantes) e as interpretações simultâneas na modalidade oral (língua portuguesa) realizadas pelos intérpretes/pesquisador de Libras no programa Digte-med -Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em outros eventos acadêmicos. Espera-se que este projeto contribua com as investigações a construção dos sentidos na intermodalidade Libras/português na interpretação realizada na esfera educacional, com o propósito de contribuir para a formação do intérprete de Libras.”

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Observar, analisar e compreender as estratégias prosódicas e discursivas que o intérprete/pesquisador utiliza para mediar o discurso do locutor surdo no que se refere à construção de significados, à compreensão e à apropriação da interpretação realizada no campo acadêmico.

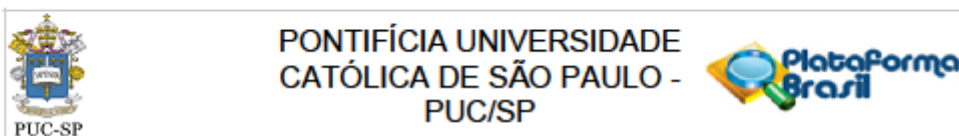
Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Atendem satisfatoriamente ao que está disposto e é recomendado na Resolução CNS/MS n. 466/12 que trata das pesquisas que envolvem seres humanos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O trabalho encontra-se em boa fase de desenvolvimento; é bem estruturado e bem escrito; prenuncia resultados bastante contributivos.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
 Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometca@puccsp.br



Continuação do Parecer: 2.069.547

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados a contento, conforme orienta a Resolução CNS/MS nº 466/12, os Regimento e Regulamento Interno do Comitê de Ética em Pesquisa, campus Monte Alegre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - CEP-PUC/SP e o Manual Ilustrado da Plataforma Brasil, disponíveis para consulta no site: www.pucsp.br/cometica

Recomendações:

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 466/12:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

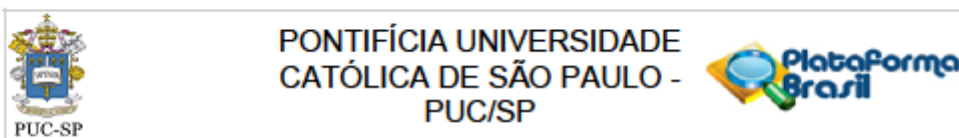
Recomenda-se a aprovação na íntegra da pesquisa em tela.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
 Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 2.069.547

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_P ROJETO_873894.pdf	13/03/2017 20:01:17		Aceito
Outros	autorizacaounifesp.pdf	13/03/2017 20:00:44	RICARDO FERREIRA SANTOS	Aceito
Outros	autorizacaopuc.pdf	13/03/2017 19:42:04	RICARDO FERREIRA SANTOS	Aceito
Outros	Parecer_merito_academico.pdf	12/03/2017 14:22:30	RICARDO FERREIRA SANTOS	Aceito
Outros	oficiodeapresentacao.docx	12/03/2017 14:18:00	RICARDO FERREIRA SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_mestrado.pdf	12/03/2017 14:14:37	RICARDO FERREIRA SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Ricardo.doc	12/03/2017 14:11:32	RICARDO FERREIRA SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	12/03/2017 14:09:07	RICARDO FERREIRA SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:


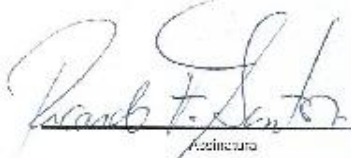
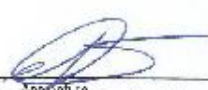
Não

SAO PAULO, 17 de Maio de 2017

Assinado por:
Edgard de Assis Carvalho
(Coordenador)

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
 Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometca@pucsp.br

ANEXO II

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CCNEP FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS			
1. Projeto de Pesquisa: Interrelação da Língua com o Português em eventos acadêmicos: aspectos prosódicos e construção de sentidos			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 18			
3. Área Temática:			
4. Área de Conhecimento: Ciência Área 7: Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: RICARDO FERREIRA SANTOS			
6. CEP: 273.790.268-10		7. Endereço (Rua, n.º): FLORIANO PEIXO, Q.100, casa 41 FERRAZ DE VASCONCELOS SAO PAULO 06529-020	
8. Nacionalidade: BRASIL -HOM	9. Telefone: 11985725000	10. Outro Telefone:	11. Email: ricardo.iles@usp.br
Termo de Compromisso: Declaram que cotejaram e cumpriram os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas alterações. Comprometem-se a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para as fins previstos no protocolo e a publicar os resultados, sejam eles favoráveis ou não. Aceitam as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Termo cotejado que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: <u>03/03/2017</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP		13. CNPJ: 60.890.751/0002-05	14. Unidade/Órgão:
15. Telefone: (11) 3670-8465		16. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaram que cotejaram e cumpriram os requisitos da Resolução CNS 438/12 e suas alterações e a instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autoriza sua execução.			
Responsável: <u>ANTONIO P. BERBER SARDINHA</u>		CPF: <u>059.562.208-99</u>	
Cargo/Função: <u>COORD. LAEL</u>			
Data: <u>8/3/2017</u>		 Assinatura Prof. Dr. Antonio Paulo Berber Sardinha	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica Coordenador do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem			

ANEXO III

Guarulhos, 03 de março de 2016.

À Direção Acadêmica do campus Guarulhos.

Por meio deste, solicito ciência e autorização para a gravação das palestras e interpretações do 2º evento Libras: Encontros e Desencntros, que ocorrerão em nosso auditório, no dia 17/03/2017, das 19:00h as 21h.

Informo que os palestrantes e intérpretes que serão filmados assinarão, cada um, um termo de ciência e consentimento.

Este material servirá de corpus para a pesquisa de mestrado do Sr. Ricardo Ferreira Santos, inscrito no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – PUC-SP.

Desde já agradeço.

Simone Caldeira Alencar

Simone Caldeira Alencar

*Para autorização
solicito a
do Comitê de Ética em Pesquisa
da PUC/SP a que foi submetida a
pesquisa em questão.
Além disso, que todos os palestrantes
tenham ciência de que serão
filmados.*

13/03/2017
Márcia Aparecida Soares
Direção Acadêmica
EFLCH - UNIFESP

ANEXO IV

Transcrição: “E pra chegar lá, meu caro colega surdo! Como fazer? Vamos refletir juntos...”

Palestrante: Juliana Fernandes

Intérprete: S.C

Cês estão mi vendo bem? Posso ficar aqui em baixo mesmo? Pode ser? Preciso estar em cima ? Não é necessário? Não? Cês conseguem me ver?

Boa noite!

Quem é surdo aqui, por favor, levantem a mão.

Ahhh. ...aquele ali eu já conheço. A maioria de vocês é ouvinte.

Quem é ouvinte levante a mão.

Quem sabe ...Libras? Levante a mão!

Ok! Muito bem.

Boa noite a todos vocês, é um prazer estar aqui. Quero agradecer a Simone pelo convite pra estar aqui trazendo informações pra vocês, palestrando, é um momento muito bacana.

Éhh...no ano passado nós havíamos combinado, mas não foi possível em virtude da ocupação...mas nós conseguimos combinar pra esta data, então eu quero agradecer ...é muito bom estar aqui. Trocando experiências com vocês sobre este tema que vocês podem ver ali no slide.

Então eu vou trazer algumas informações de maneira bastante resumida, mas na minha perspectiva “enquanto” tradutora e intérprete “di” Libras/ Português e também professora di Libras ...este é o meu trabalho. Eu so.. eu trabalho na...no Estado em salas...em sala di recursos ...como intérprete há muito anos, inclusive tenho..a minha experiência é mais como intérprete, como professora ainda é bastante novo, eu sou intérprete há muitos anos.

Eu vou..é...trazer aqui ehhhh.. a minha perspectiva di como eu vejo...éhh...o acesso do surdo as instituições públicas di ensino superior. (pausa)

Bem...é lei , si não houvesse lei ai você poderi..ehheh... ai você poderia dar um jeito, enfim, teria a outros caminhos, mas é lei. Não é porque a pessoas é boazinha, incentiva e fala assim : vai lá...que eu vou te ajudar, não é esta a questão. Existe uma legislação que determina isso.

Bem...existe uma lei bastante antiga ..que é a 10.098 de 1998, que é a primeira lei que trata de acessibilidade, foi quando se começou a falar sobre o acesso dos surdos é...e da pessoas com deficiência de maneira geral.

Mas..com...qu...o ...essencial pra que haja acessibilidade pro surdo? ...é recurso de comunicação, é língua. Si for o cego , por exemplo, é um piso tátil. Si for um cadeirante, você faz uma rampa, as adequações elas são estruturais. Mas para o surdo, como é...o...que ele precisa de fato? É rampa? Rampa dá conta... da acessibilidade? Não é!

A questão esta relacionada a língua..é uma questão de língua, ele não ouve. Eles esta num ambiente onde a comunicação é feita oral e ele precisa acesso a uma língua que é diferente da língua oral..i..a primeira lei qui fala..que tratou deste assunto onde se vê a língua de sinais como uma necessidade, como importante, quando si começou, foi o ponta pé inicial...na realidade...ehhh...foi esta...é esta lei. E isso foi em virtude de muito anos da.. de luta dos surdos , o “PV” ele sabe do que eu estou falando, o Paulo Vieira ihih...a comunidade surda, uma luta muito antiga, foi uma luta bastante intensa...a Roberta também sabe e muito surdos..o Douglas sabem do qui nós estamos falando. Nho.. Heh...pessoas com 20 , 30 , 40 anos, mais ou menos, 50 anos... enfim...hehhh..pessoas com mais de 20 anos ..hehhh...eu ..eu tenho 20 anos de experiência... nesta área ,mas tem...essa área é uma luta muito mais antiga do que isso, são muito anos de luta, eu vou morrer e outras pessoas vai me substituir, vai chegar no meu lugar e a luta vai continuar...e...a luta sempre..a luta permanece.

(04:44)

Nu...em pleno século 21..ahhh... em um periodo de 10 anos, até ano de 2010, muitas leis vieram , tivemos muitas leis, muitas mudanças aconteceram, inclusive a lei de Libras qui é do ano de 2002...foi humm...foi quando houve o reconhecimento da língua de sinais brasileira, e ai houve a oficialização da língua ...da Libras enquanto língua...iii...noahh ..como segunda língua aqui no Brasil, e ai ganhou uma força muito grande por conta disso e ai...nós..tiv...isso tem um peso muito importante para a comunidade surda. Mas só a lei não foi o suficiente, ela precisou ser regulamentada com um texto bastante extenso, é...é..especificando várias questões e ai veio o decreto de número 5626 e ali dispõe sobre muitas coisas, entra nas especificidades, na questão. ..na questão relacionada ao trabalho, inclusive. (00:09:27)

Houve também o reconhecimento profissional , no ano de 2010, do intérprete de Libras, isso já é mais recente...i é uma profissão. E (i) também bastante recente, um bebêzinho, veio a lei brasileira de inclusão, a LBI, no ano de 2015, mas ela ainda não esta regulamentada.

Eu andei lendo, fazendo algumas pesquisas...i depois eu vou ...é ..entrar no detalhe a questão do decreto pra fazer uma comparação ali do decreto e a lei. O decreto ele é bastante específico, a LBI ela é mais ampla, ela é mais abrangente, ela não entra no detalhe, ela vai muita informação na Lei Brasileira de Inclusão, e é um documento

mais *estensio*, isso é muito bom, isso é ótimo, uma vitória para a comunidade surda na realidade, mas falta uma regulamentação que venha trazer especificações de tudo aquilo que está disposto na Lei Brasileira de Inclusão.

A regulamentação ela ..ahho..ela ajuda muito, ahh...ela tra..vem a favor do surdo. Isso por quê?

Porque trás a obrigatoriedade da disci..do..da disciplina Libras no currículo por exemplo, dentro das faculdades também existe a obrigatoriedade, nas instituições de ensino superior de maneira geral (pausa) e também é nas instituições particulares. Na verdade começou nas particulares e aí com uhh...certo tempo depois é que se expandiu e chegou nas instituições públicas também.

A re...então importante...foi importante também por conta da difusão da língua de sinais e as pessoas começaram a conhecer...*ahh tem Libras no currículo, ahhh...é língua de sinais .. tem surdo...precisa de Libras* e aí foi começando a disseminar, foi difundindo, isso por conta do que? Da obrigatoriedade!

E os surdos também começaram ahhh...ingressar no ensino superior público, porque no passado a maioria dos surdos ingressavam mais nas instituições particulares, isso porque, se você tem condições de pagar você ingressa, mas nas públicas é um processo um pouco mais demorado e que venho um pouco mais a diante.

E um modelo nacional do Letras Libras no ano de 2006 que quando foi eh... quando teve início, isso foi um grande ganho, haviam ahh.. polos, ehhh...mas a sede é em Santa Catarina na Universidade Federal de Santa Catarina com polos em várias regiões do Brasil, em quinze regiões pra ser mais específica do curso de Letras Libras que foco na formação dos surdos...(pausa) na área de Letras...Letras e Libras.

E aí os surdos começaram a se *formar* neste momento, nas instituições públicas de ensino superior ...federais especificamente, antes não havia os surdos iam pra outras instituições, procuravam até USP, Unicamp, Unifesp, mas não tinha ehhh eles.....nunca ouvi falar, não...não tinha acesso era muito complicado. Aí nesse momento, a partir de 2006, foi o marco, foi quando os surdos começam a ingressar nas instituições públicas... de ensino superior, mas especificamente nas federais.

E aí..ehh..os surdos começaram a se profissionalizar, tanto surdo quanto ouvinte também começaram ah...ehh aí começaram a ocupar novos espaços...na academia, as portas começaram a se abrir, os concursos começam a se abrir, antes somente ouvintes tinham acesso, agora surdos também podem ser doutores, eles também tem acesso ..ahh partici...de concursos a essas vagas que são abertas...(pausa), antes só tinha ouvinte mestre, doutor, a maioria era ouvinte e aí a titulação acadêmica ..ehh...no geral ela ia mais para o ouvinte, só ia para o ouvinte e aí depois os surdos começaram a ter uma formação superior, fazer especialização, mestrado doutorado e foram ganhando espaços e conquistando outras..outros níveis

educacionais. Mas o problema é qui...era como se fosse uma fila no qual o ouvinte sempre tinha vantagem, e ai...por conta disso s formação de sua pontuação e ai os surdos começaram a estudar, começaram a especializar, começaram a estudar e começou a ter intérprete nas faculdades e ai sim começou a ser possível esse desenvolvimento educacional, e ai ehhh o que..ehh o que esse ouvinte levava vantagem o surdo passou a acompanhar, ele começou a ter acesso...iii..chegar aos mesmos lugares e alcançar os mesmo espaços. Hoje existem ouvintes profissionais, concursados, intérpretes, professores, em fim, mas existem os surdos também, os surdos começaram a acordar pra essas novas possibilidades, pra concursos, em fim e também pra.. é pra acançar esse lugar mesmo de protagonismo.

Éhh...há dois meses atrás ...há semanas atrás ...(pausa), houve um processo seletivo, num concurso do Instituto Federal de São Paulo, di Guarulhos..éhh..porque a professora ela pediu um afastamento pra doutorado e ai precisava de uma substituto, por um tempo de dois anos ou um ano, dois anos, enfim, por um tempo determinado, e ai falou ...vai Juliana vai, me substitui, participa desse processo, tenta! Ai eu descidi ir, eu fui...ehhh...na primeira chamada não havia pessoas, na segunda chamada não havia pessoas, na terceira vez eu fui...fiz a aprova, depois houve uma banca tudo em língua de sinais, eu vi lá na classificação os nomes, tinha uma surda e ai eu fiquei tão feliz eu falei poxa...tomará qui...tomará qui passe, porque eu sou professora de Libras...ok, mas...éhh.....o surdo...o surdo tem prioridade nessas vagase eu fiquei muito feliz. E quando eu vi que eu fiquei em segundo lugar eu fiquei bastante aliviada, porque eu não tô contra essa pessoas, eu não tô ali pra ...pra.. ficar no lugar da pesssoa , não é isso, fiquei super feliz e falie ...vai! vai tranquila que a vaga é sua, isso é ótimo.

Ela é mestre e eu sou especialista, olha pra isso! É como si ela estivesse a minha frente, eu fiquei super feliz com isso, achei..hummm..uma situação maravilhosa, achei ótimo.

O meu trabalho é focado nuh...na interpretação, eu sou intérprete...e..ehh...é o trabalho que eu amo, qui eu tenho mais afinidade...eu nuh..si tiver professor eu vou! Eu faço esse trabalho, mas a minha praia é a intepretação! E surdo vai...se você quer ser professor vai, que eu fico super feliz! E si for uma situação...eu vivi uma situação contraria, foi muito bacana.

Ali em baixo vocês estão vendo, houve a criação ..éhhh...(pausa)...huhu...*houverum* várias depertamentos de Libras também, a criação de vários departamentos de Lbras, inclusive aqui na Unifesp têm também...existem a UFScar, por exemplo, uma outra instituição, a Universidade Federal de Pelotas também..éh..tem um departamento di Libras , a USP, começou a ser criados esses departamentos em ...em várias intituições com profissionais da área...éhh...pensando na questão co currículo...éhhh...do profissional em si, do professor. Éhh...essas instituições começaram a criar esses departamentoso que é ótimo, elas estão organizando o seu trabalho...(pausa)...bhun...olha , veja isso tudoo aconteceu por conta do decreto!

Também aconteceram concursos públicos para docentes e também para técnicos administrativos nas instituições públicas. Concurso mesmo, é concurso! São pessoas efetivas! Que assumem pra trabalhar..di..ma.. ..éhh...efetivas (pausa). E também equipes qui trabalham..éhh.. especificamente e atual na militancia..éhh..na questão de acessibilidade, na questão linguística, cultural e social dos surdosda comunidade surda.

Já conversei inclusive com vários professores qui ingresaram em concurso público, em faculdades, e começou o teu trabalho sozinho, e ali ele via muito entrave, muitas dificuldades para realizar o seu eu trabalho, porque tem muita coisa que..as...pe...qui as pessoas de outras áreas, mas não aceitam, não entendem e ai acaba si tornando um trabalho muuuito sofrido, parece uma selva mesmo! Que você tem que desmatar e vai..ehh...você precisa desbravar pra você chegar onde você ..onde você realmente precisa.

E as pouco foram ingressando outros profissionais, enfim, e hoje existem várias pessoas que atuam em um grupo de trabalho, é uma equipe de trabalho, por exemplo na Ufsc, parece um mundo dos sonhos quando a gente chega lá , porque tem uma equipe de coordenadores surdos, tem diretor surdo, tem suplente surdo, é um modelo para todo nosso país.

Mas éhh... no começo é assim...éhh..um trabalho qui começa...é um trabalho de formiguinha, começa com um pessoa, com outra pessoa e outro ingressa, enfim, assim o trabalho vai tendo seu...seu início e vai se organizando.

No ano passado houve um concurso na Unicamp iii...esto...hiii.naaaa..Ufscar...também, mas o meu momento vai chega, estou esperando, mas o meu momento vai chega. É difícil mesmo, eu sei que instituição pública demora..éhhh..um processo muitas vezes é burocrático, e ai muda governo e muda muita coisa por conta disso, são muitas questões envolvidas..éhhh...as coisas não são rápidas e nem simples como muitas às vezes a gente espera ou pretende.

Quando começou também a questão do vestibular em Libras...uns surdos tiveram acesso mais fácil ao vestibular, acesso mais fácil a instituição. Mas i durante o curso? Só o vestibular acessível basta pra que o surdo de fato tenha acesso ? Não! Não basta. Não adianta, ele conquista sua vaga, mas no decorrer do curso, pra que ele possa de fato ter a sua formação , como ele vai fazer? Como se dá esse processo? Nós precisamos refletir sobre isso também, não só sobre o ingresso, mas sobre a sua permanência. São curso di três, di quatro di cinco anos éhh.. a vida acadêmica dele que esta ali, seu futuro profissional inclusive (pausa).

Existem novos enfrentamentos também, novas necessidades, precisamos quebrar alguns paradigmas..éhh...existem instituições muitos tradicionais, que são realmete bastante fechadas, como por exemplo a USP...aiii...aii...Surdo na USP pra chegar lá e fazer mestrado? Ai..ai...ai..é uma instituição muuuito tradicional, é como se fosse assim a aa..aaa a bonitona do país, qui surdo não pode entrar, surdo não pode...não

chega, não tem acesso. É muito difícil, éhh... tem muito entrave, a gente precisa começar a flexibilizar pra qui aaa..as pessoas tenha de fato o acesso, considerando ali as suas especificidades ..algumas..precisa ser pensado nas questões di como vai ser flexibilizar isso. Não adianta você dizer..vai ser assim e pronto, a gente precisa conversar, mostra por A mais B..éhhh.. ter argumentos, bem fundamentados e lutar para conseguir quebrar esses paradigmas, e isso é demorado. Éhhh.. porque tem questão de consciência éhh... consciência das pessoas que estão envolvidas no processo.

Às vezes o ouvinte falam “nem tudo são flores”, essa é um expressão de ouvintes, a gente costuma dizer isso...éhhh...têm pedras no caminho. (00:24,20)

E cada pessoa , cada surdo tem sua história de vida, tem a sua ...éhh...a maneira que ela si constituiu, existem as relações qui estão envolvidas nos mais variados processos, tem a questão da Língua Portuguesa e a sua modalidade escrita, qui para o surdo,por exemplo qui é...oralizado..oUh..é..para o surdo sinalizante..éhhh..vai ..ser di...de maneira diferente. Tem a questão do Português como língua 1 e do Português como língua 2, qui pro surdo oralizado ..vai ...vai acontecer de uma maneira diferente do que acontece para um surdo sinalizante, precisa conhecer a sua história, saber a sua vida, quem é esse sujeito, quais acessos eles tiveram.

Tão...hoje tem um grupo de WhatSsap...né... de conversa, a gente discuti bastante, e tem uma surda , ela é mestre, é uma pessoas bastante experiente, ela é bem oralizada e entende bastante de Língua Portuguesa e ela trás umas discussões assim bastante..éhhh...bastante aquecidas..éhhh...do grupo, falando que o surdo eles não conseguem...éhhh..que e os surdos eles não tem acesso a Língua Portuguesa , que somente o surdo oralizado e que muitas vezes a língua Portuguesa é difícil pro surdos, e ela trás muitas questões ali ..éhhh.. nesse grupo. Hii...Por quê o surdo não consegue? Por quê o surdo não tem acesso? Qual é o problema? O problema é na linguístico ?Existe uma dicussão muito forte dentro da comunidae surda..éhhh...mas tem haver com a língua, tem haver com a história , tem haver como a maneira como é essa sujeito .foi educado ...ehh..si a Língua Portuguesa..ehhh...esse surdo ele tem a língua Portuguesa como L1?Ele tem sim ou não? Como é a história desta pessoas? Deste sujeito surdo? Cada um tem sua história, nós não somos iguais.

Também tem uma questão relacionada a educação básica qui tem a realizade na inclusão,.qui tem a questão a escolas bilingues..qua...qual..qual dessas éhhh...realizades...qual dessas escolas...éhhh...é a mais adequada?(questionando ou não?). Por exemplo, existem surdos qui estudam nas escolas inclusivas e depois eles conseguem vaga ...ehhh (afirmando e depois faz um questionamento)...eles conseguem vagas no ensino superior? E si o surdo estudar em uma escola bilingue, muito anos ali na sua vida até..até o ensino médio, por exemplo, no ensino superior ele consegue ingressar muito rápido? Nestes dois cenários qual é o mais favoral pra esse surdo? Pra que ele consiga dar continuidade ingressando no ensino superior.

Então nós precisamos pensar desde a educação básica pra entender qual que é melhor para o futuro deste sujeito. Podemos pensar, por exemplo, que a escola inclusiva ela é fraca e que ...e que o intérprete não dá conta e que tem muitas falhas , que ele vai sendo aprovado, aprovado, aprovado , mas que ele não aprende de fato e ai ele chega no ensino superior. Ele tem acesso de fato? Como foi a sua trajetória? Isso vai atrapalhar? Essa aprovações automáticas? Ele ter estudado na escola inclusivas (pergunta?). Precisamos refletir sobre isso. E si o aluno estudou em uma escola bilingue , ele si formou i vai para o ensino superior, infelizmente no Brasil ainda não exist...não existe umaa realizade como a da Gallated que uma... é uma instituição norte americana que é somente para surdos, aqui no Brasil nós não temos isso, os surdo éhh...querem faculdade eles querem ingressar no ensino superior , mas é um processo dl inclusão, vai se sempre um proceso di inclusão neste modelo qui nos temos hoje.

Os surdos....ele esta preparado academicamente, ele tem consciência e maturidade pra vivenciar as responsabilidades que exigirão dele no ensino superior? Ele tem? Ele tem consciência disso? Ele sabe..éhhh..o peso disso?

Eu conheço um surdo que ele tem muuuita vontade de ser médico, ele tem um desejo muito grande de estudar medicina e, ai ele me perguntou ...é possível? Porque eu não ouço, como eu vou usar aqueles equipamentos que dependem da audição., si for fazer um untrasson ou algo parecido. Se eu quiser , por exemplo, ser veterinário.....e ai..eu...eu pergunto existem...o propfissional surdo, ele não pode ou ele pode? Ele pode tudo ou ele não pode? Ou ele só pode fazer pegagogia, pergunto... Letras..éhhh...administraçãaaoo...éhhh...RrrHhhh, ahhh...mas por exmplo não, fisioterapia não, fisioterapia não pode! Éhh...T.O também não pode. Medicina não! Medicina não é pra surdo. Engenharia tem, acho qui tem...éhhh..tem, acho que tem! Tem esa divisão, que surdo pode ou o surdo não pode? Têm alguns cursos que são muito dificeis,não..não..não, este daqui não é pra surdo, ele não vai conseguir , deixa quieto., é muito pesado ele não vai ter condições.Eu conheço muito surdos, eu conheço engenheiros, conheço arquitétos, formados em R.H, pedagogos....Tem esse..esses profissionais, eu conheço...mas têm alguns cursos, que infelismente parecem que não aceitam, que as portas estão...parece que fecharam, parece que tem medo, parece que não tem mercado de trabalho pra essas pessoas....

Então nós precisamos de fato refletir sobre essas questões, não adianta aqui ficar sonhando, só sonhando, porque ah..ahh..a vida real a gente precisa pagar conta, a gente precisa viver e surdo também, ganhar dinheiro e tem filho e tem familia e tem conta pra pagar, tem casa pra comprar, assim como eu o surdo não é um E.T, é um a pessoa como eu, tem as mesmas demandas.

Bom, eu vo..eu trouxe aqui uma recorte da minha visão enquanto intérprete...é uma lhuta continua, são discussões politicas, que precisam de articulações pra qui o surdo tenha de fato..éhhh..possibilidade de alcançar seu espaço ,tenha sua legitimação, isso em qualquer instituição pra..éhh..sempre um..tra...éhh ques..envolve questões

políticas, sempre envolve muita luta, é sempre uma militancia muito intensa pra si conquistar espaços. Isso pra tudo , pra tudo qui o surdo vai...vai...tentar na vida dele, ele tem muita luta e não adianta ele ficar sentado lá esperando que cai do céu que não vai acontecer, tem que lutar mesmo, precisa lutar sempre e a vida inteira. (00:32:00)

E também a militancia dos surdos é em parceria é com ouvintes, qui são os profissionais da área da língua de sinais , que compõem a comunidade surda. E essas pessoas precisam estar juntas nestas lutas...me desculpem, mas eu vou falar a verdade, é uma coisa que eu DETESTO éhh..uma..éhh aquela guerra..ahhh ouvinte não pode fazer isso, ouvinte não podi ensinar Libras, não podi! Não...é só pra surdos...nossa eu...eu ..eu éh pois cada pessoa tem ...tem que ter sua própria consciência, porque é surdo evocê vai ser professor de Libras na marra, e eu que quero ser professora não posso. As pessoas..éhh...qualquer pessoas podi trabalhar, por exemplo, na área da pedagogia, ser professor de matemática. O surdo ele tem que ser professor de Libras obrigatoriamente, todos os surdos e todos os professores tem que ser surdos, ele não pode procurar um outro caminho. E si o surdo ele tem perfil pra ensino de Libras, ele ama esse trabalho...ahh ele é ouvinte...desculpa. O ouvinte ele tem esse perfil, ele adora esse trabalho, ele quer ser professor , ele é um ótimo professor...é vai!

Me desculpem, mas eu tenho uma pergunta! Quem que é o dono da língua de sinais? Quem que é o dono? Ela tem um dono? Me respondam por favor! Vocês podem me diser isso?

Quem que é o dono da língua de sinais? É o surdo?É os surdo! Ele é o dono da língua de sinais! É isso?Ou não?

Me respondam!.....(tempo)

Vamos... eu gosto de fazer algumas provocações no meio dos meus discursos. A quem diga: o surdo é o dono da língua de sinais, mas eu digo que não! A língua de sinais ela é sua, ela é de vocês! Ela é do surdo? É! Ela é do ouvinte ? É. E o Português , ele é do ouvinte ? É! E é do surdo também ..é. A língua não tem um dono, si eu , por exemplo eu! Adoooro ensinar a língua de sinais . eu estudo, eu me esforço, eu tenho formação, eu sou uma excelente professora então eu vou , por que não!

Mas se o surdo também, ele quer ser professor, então vá também! Agora se o surdo ele quiser trabalhar em outra coisa , quer ser um psicólogo...vá ser psicólogo. Agora o surdo não pode fazer isso. O ouvinte não pode ser professor di Libras. Poxa, não não é assim! Ah..parecem que o surdos re.. reclamam, fala os surdo estão roubando a minha vaga, uh..uh.. ouvinte...desculpa...o surdo podi dizer o ouvintes esta roubando a minha vaga, éh eu queria se professor e reclama qui tá tomando meu espaço, esta ocupando meu lugar.Eu entendo as dificuldades qui existem , mas as pessoas prcisam ter conciência profissional e cada um precisa conhecer qual é a sua praia. Eu acredito qui existe lugar ao sol para toodass as pessoas! É nisso que eu acredito.

Não há porque brigar por um espaço, podemos ser amigos, como aconteceu comigo no passado, ehh..a surda..éhh..na semana passada, eu achei ótimo qui a surda foi qui ela conseguiu em primeior lugar, não tem problema vai, ocupa a sua vaga! Eu achei ótimo! Mas há quem diga qui não! Qui só surdo podi ser professor di Libras ...eu acredito qui existem surdos , qui éhh..precisam evoluir também, precisam abrir as suas mentes para estas questões.

Há um dez anos atrás existiam umas discussões qui hoje nós estamos vivenciando da mesma maneira , as mesmas brigas qui si repeti. Precisamos também pensar na questão da educação , da formação para a educação qui precisa...(tempo muito grande)...e qui também qui todos esses profissionais precisam passar por formações continuas.

Éhh.. o surd...a pessoas surda ela entra na faculdade , ela ingressa no ensino superior, ai tem um intérpreti pra fazer a interlocução..ok. Eu acredito qui ..qui o surdo ele vai ganhar seu espaço, ele vai alcançar outros patamares e o intérprete também, todos tem lugar, precisa de professores de Libras ..precisaaa..não é só o surdo qui vai ter as suas conquistas, todos os profissionais qui tem também condições di conquistar e alcançar outros espaços.

Libras...éhhh, esta em constante manutenção...(tempo, a tilps olha para o PP e faz um sinal : explicação). A Libras ela é uma ferramenta, me desculpa, ela é uma ferramenta qui oportuniza o desenvolvimento profissional, ela dá essa oportunidade, ela abre muiitass portas, muiitass espaços. É uma lingua PODEROSA! Muito forte, nós estamos vivendo um momento muito especial di empoderamento , acredite no qui eu estou dizendo. Esta acaçando muitos espaços...estão sedo criados novos profissionais, são necessários, por conta da dus..discursos...enfim, dá demanda qui existe hoje. O mercado de trabalho tem muito espaço, não só pra surdo, pra ouvinte também, pros mais variados profissionais.

Também precisamos mudar alguns paradigmas e também..éhh..conciência cultural ...para aquilo qui é novo. É um novo contexto qui nós estamos vivenciando e não é simple não , e as mudanças elas não acontecem di maneira rápida, principalmente quando si fala di mudança di consciência., precisa por a mão na masas e fazer muito trabalho. Agora precisamos di estratégias básicass , com muita conversa, c muita luta , rodas di conversa e palestra, a gente vai precisar falar não é só uma vez, precisamos falar do mesmo assunto várias vezes, várias vezes, i di novo , i di novo , i di novo. O que é Libras! Quem é o surdo! Éhh...enfim qui ele precisa...éhh..quais são as suas demandas e falar di novo, di novo i di novo, i di novo, idid novo...até qui haja uma mudança de pensamento e as pessoas vão si apropriando dessas informações.Tem as instituições vão recebendo essas necessidades e abrindo novos espaços, isso não é simples , isso demora.

Eu vou falar di novo, eu estou há 21 anos nesta luta e quando eu olho para o passado e vejo tudo qui nós já fizemos, e como qui nós estamos hoje, toda a nossa trajetória, pareci qui..qui nós éh..avancamos um degrau , um pouquinho só .Porque nós vamos

nos vários espaços ih...vários lugares, ambientes, e precisamos falar as mesmas coisas, nos mesmos lugares. I di novo i sempri, isso pra tentar éh..éhh..é assim qui funciona . Porque se trata di uma língua i si trata os sujeitos são diferentes e tem necessidades diferentes. Não é só você sina sinalizar lá e a língua di sinais é isso, não! Tem muitas questões implicadas neste processo.

Então, quem quer trabalhar nesta área, como eu tenho muitos amigos di muitos anos, qui trabalham nesta área e também fazem parte neste processo de luta e sabem qui este é um processo demorado eles não abandonam essa causa eles não largam...eles tem um cheiro dos surdo e eles continuam com essa militância. (00:40:28)

Isso...há 20 anos atrás..éh..éh..claro de 20 anos pra cá muita coisa mudou, mais ainda falta avançar em muitos aspectos. E eu sou uma pessoa muito otimista, eu sempre penso positivo, ahhh eu fato tô cansada , já tô velho, o PV também já esta velho. Não vamu lutar , arregassar as mangas e vamus em frenti, não vamus para não, porque é assim qui funciona . Nós sabemos a importância deste trabalho i qui as conquistas qui por mais simples qui sejam, elas tem o seu valor.

Ok ? Muito Obrigado! Muito obrigada pela atenção, eu espero qui vocês si formem i qui vocês si apropriem di tudo isso qui esta sendo discutido aqui hoje , i si futuramente vocês serão profissionais da área língua di sinais , quem sabe, eu espero qui vocês tenha muito sucesso na sua vida profissional , um abraços e muito obrigada!

ANEXO V

Transcrição: Lei Brasileira de Inclusão/ LBI

Palestrante: Paulo Vieira (surdo)

Intérprete: C. S

Eu agradeço o convite por estar aqui na instituição, eu quero dar umas instruções brevemente...ihihhi...esse é o meu nome, eu sou Paulo Vieira, eu nasci surdo...ahhh..hum..a minha mãe ela teve rubéola na gravidez...ehhheheh...eu tenho nenhuma deficiência, eu só sou surdo, sou um cidadão surdo.

Pode passar por favor.

Então, tem a deputada federal Maria Grabili, que vocês pode ver esse é o sinal dela, é um nome visual, então ela ficou...eehehe...tetraplégica, por conta do dooo pescoço pra baixo, por conta de uma acidente...ehehehe...um bicho que ela teve ..hum...então, ela tem um sonho de voltar a andar, tem feito vários processos de fisioterapia, enfim...eehehe...então..ehehe...só um pouquinho desta história que eu quero contar pra vocês, tá (?!)

Eu vou contar um pouco da minha experiência, da questão minha militância, como a Juliana falou perfeitamente sobre esta questão que nós não podemos parar, eu tô de cabelo branco como vocês podem ver, mas eu continuo preocupado com a..éh...com esta questão do nosso trabalho e da mi..militância.(rindo e voz/baixa)

Então...teve esse momento agora da greve, teve o ...fecha...essa questão do fechamento da CIL(?), que é um outro momento..éhh...de uma questão de acessibi..de acessibi ..de ce...acessibilidade que nós estamos aqui discutindo e nós estamos nos preocupando. (00:02)

Então tem também a questão do conselho ..ehh...gestão da secretária da prefeitura...da pessoa com deficiência, eu faço um trabalho voluntário...ahhhmm..eu sou ex-presidente da associação dos surdos de São Paulo, já por três vezes, então tem um processo de militância aqui, agora eu estou trabalhando junto com a deputada Maria Grabili, é um trabalho que não para é de luta e a gente pensa positivo mesmo, é Deus está junto com a gente nesse trabalho e com vocês também...tá (?!)

Então...tem..ahhh... hoje é um...é um censo estatístico, 45 milhões de pessoas com deficiência ..ahhhmm...e no Brasil possui de surdos quase 10 milhões de surdos no Brasil é um censo duu... é uma pesquisa do IBGE de 2010. Tá? Então eu trouxe aqui um recorte desta pesquisa .ahh...anteriormente ali no ano de dois mil de dois mil..ihihhi...teve quase seis milhões, então hoje dobro tá?!Então é uma estatística de um período de dez anos que estou mostrando pra vocês. Não é só surdo, o IBGE

também apresenta outras questões, como perda auditiva, enfim, são vários tipos envolvidos nesse processo.

Aqui em São Paulo, na capital, temmm...mais ou menos ...nov.....cinco vírgula sete milhões de pessoas ...surdas, só na capital...tá! (falta de compreensão). É muito surdo.(00:03:40)

Então a gente tem que pensar nesta questão da acessibilidade, das mídias, por exemplo, na televisão não tem ..ehehehe...esta questão da acessibilidade da legenda ..tá(!?). Então vocês perceberam que agora..ahh..a coisa tá sendo difundida... vocês perceberam que tem alguns momentos na legenda, é óbvio que tem falhas ainda na legenda às vezes vocês podem perceber algumas questões aí, mas é nós estamos neste processo.

Tem a LBI, também a Lei Brasileira de Inclusão 13.146 de 2015. É pouco tempo, é bebezinho, igual a Juliana falou né? Nós estamos começando ainda neste processo, e nos preocupa muito eu fico imaginando..ehhh...tem a questão da regulamentação, como a Juliana disse, é muita coisa. Quando a gente..hehe..por...pro..mais... brevemente eu vou falar uma pouquinha desta regulamentação da lei.

Anteriormente no ano de 2000, foi criado o estatuto do...da pessoa com deficiência no ano de 2000...ahhh...pelo deputado... Paulo Pain , que trabalhou nesta causa, então hoje treze anos ainda, agora a Mara Gabrilli, elaaaa...tirou da gaveta um processo que estava parado neste 13 anos, então em 2013 ela tirou isso da gaveta, ela começou tomar providência, porque ...ehehehe, agora por uma questão de tecnologia, então têm várias questões que precisam ser alteradas, porque a gente tá falando aí de um contexto do passado e muita coisa mudou.

Ehhmmm...então também a gente precisa ver essa questão da democracia, tudo tem que ser votado , né?! A gente precisa ouvir as opiniões de diversas pessoas...ehhh nós temos aí quase mais ou menos mil pessoas, mil opiniões diferentes que estão envolvidas neste processo.

Então em 2014 ..ehhhh... até agora...ahhh..ehh..um momento muito, muito importante, então teve um candidato a política ahh...então também não deu tempo, porque ressentimento, a um tempo atrás me candidatei e agora a Mara Gabrilli ..ehh...me procurou, reclamando sobre algumas questões e eu fiquei bastante indignado com isso, né ah?!

Entãoooo até agora nada foi votado, né! Pensado neste processo , mas as outras, as deficiências, como cadeirante, como o cego, a gente precisa pensar ...ehhh...colocando aí essa questão da regulamentação, vamos voltar um pouco, vamos repensar sobre algumas coisas, sobre isso né! Em parceria com a associação de surdos, então nós estamos discutindo..ahh...colocando algumas em pauta sobre essas questões da acessibilidade ..tá! Entãaaoo a gente chamou também a feneis que é a Federação dos Surdos né..ahh..direcional daqui..aaaahhh ..nós chamamos

algumas pessoas representantes da Federação dos Surdos pra nos ajudar nesta questão..tá! Aaahh... levamos também essas questões para Brasília, algumas, algumas cláusulas foram tiradas, outras foram acrescentadas, algumas não podiam, então é um processo de idas e vindas a Brasília, então são cento e vinte e sete artigos qui estão inseridos nesta...nesta processo da..da regulamentação da LBI ..ahhh..então vocês vão ver, si for fazer tudo isso vai ser muita, vai ser livro bastante extenso, um documento bastante extenso.

Huhhh...então teve um dos artigos qui foi..os o artigo o sete qui foi vetado...então agora têm cento e vinte artigos, sendo qui um deles foi vetado e o sete foi vetado...tá! Ahhh... então...foi seguido um outro caminho, uma outra perspectiva qui a Mara Gabrilli tá lutando ahhh pra ve sobriiii esta questão ..tá.

Então tem também a questão da cota da pessoa com deficiência ahh.. sem ingressa nos espaços pra trabalha também, então isso esta sendo discutido, tá...o qui foi vetado tá sendo discutido, então a gente obedece essa convenção quiiii...sobre o direito das pessoas com deficiência, também respeitando sempre a questão da constituição...ahhh... obedecendo um decreto federal ...tá...seis mil e novecentos e quarenta e nove barra dois mil e nove. Hummm...então a gente precisa obedece esses documentos.

Hummm...tem uma pequena confusão nisso, então o deficiente... o deficiente auditivo, então tirou esse termo, então ficou um termo sensorial então..hummm...éh ...o qui qui é questão sensorial então.. éh... tá sendo discutido ainda não uuu..aa...aaa...questão do conceito, do qui é o sensorial ..nhé!?. Então tem um surdo, quando a pessoa ela nasci surda ahum...o principal meio di comunicação dela é a língua di sinais então...ehhh...tem essa questão da comunicação, por exemplo, o ouvinte..ahhh, ele nasceu ouvinte, só qui depois ele perde a audição, dependendo do grau de surdez dele ele consegue si comunica..néh! Agora a maioria das empresas, por essa questão di cota elas preferem a pessoa qui tem a um surdo oralizado qui tem apenas uma pequena perda auditiva, por que? Por uma questão qui ela não vai precisar di intérpreti, enfim, então é difícil, então são coisas qui a gente precisa pensa, então, por exemplo um cadeirante..ehhh...para.. paraplégico também, pensando nesse contexto, por exemplo, como a Mara, então entre um paraplégico como a Mara e um cadeirante a empresa por uma questão mais acessível ela vai preferir contratar o cadeirante. Ehh...então por exemplo, a ONU nos Estados Unidos, ela tá pensando em estratégias, em organizações políticas pra qui possa agregar na..nu no decreto...tá.

Então esse aqui, como vocês vê logo abaixo é o novo símbolo..ahhhh..da ..da quest... da pessoas com deficiência, então antes vocês viam..ahh qui tinham ahhh..um logo ..da cadeirante, tinha ali du du cego hummm..enfim ..ehehe, as pessoas qui á vezes tinha um outro tipo de comprometimento, então esse aqui é um símbolo qui já agrega tudo, tá vendo, vocês pode perceber qui ele tá ali com os braços abertos tem um círculo envolta dele, então tem toda uma questão conceitual qui foi discutido...tá...pra

como qui fo...fosse adquirido esse símbolo. É novo i.. i nós estamos difundindo essi..essi..essi símbolo...tá. (00:11:20)

Então nesse cento e vinte artigos i ainda tem qui nós estamos discutindo nesse decreto , eu vou mostrar aqui pra vocês no próximo slide ...éhhhh...qui explica um pouco sobre a questão da acessibilidade, desta luta, então por exemplo da língua di sinais tem também o uso do cego, du ...do... da Libras tátil ..ehhh...tem um outro momento também qui às vezes tem dificuldade pra escrita, então humm...di oralizar , então a gente geralmente usa como acessibilidade um bilhete , a escrita, então por exemplo o braile , também é uma outra forma, a audiodiscrição , então são questões qui a LBI ela tá englobad..tá englobando tudo isso. Hehhh só qui tem uma outra questão, esse um é o lado positivo, o lado negativo também tem, é obviu qui tem muito mais o lado positivo da história ..ehhh...por exemplo, na faculdade...né! Ehhehmm..é difícil, porque tem a questão do intérpreti, o intérpreti também precisa éhh...recebe.

Então..éhhh aqui eu trouxe pra vocês. Vocês já conhecem esses aplicativos? Todo mundo já conhece? Alguns conhecem outros não! É um aplicativo..éhhmm...u Hand Talk, um deles é o Hand Talk e o outro é o Pro Deaf, éhhh...um outro também VL Libras , então são alguns aplicativos qui vocês podem baixar no seu celular, é bem legal ahh... sociedade ouvinte, é bacana porque vocês podem conhecer o sinario(??).. ..nha! Isso é bem bacana.

E na faculdade, às vezes, eles estão querendo adotar este modelo, como si u aplicativo, o avatar pudesse resolver o problema...éhhh..da questão da acessibilidade, só qui não é isso , precisa do intérpreti ..nhá! Por que? Pra qui o aluno não tenha nenhum tipo di prejuízo acadêmico ..ahhh...então por exemplo, na televisão, não sei si vocês já viram , ali tem a legenda , a janela do intpreti di Libras ...ehhh...por que... por uma questão di respeito a LBI, a Lei Brasileira di Inclusão , então é preciso qui tenha o intérpreti humano, é um profissional qui precisa estar ali i não um avatar.

Então este é um direito qui nós estamos votando, também ta num processo ...ehhh..porque como qui nós vamos entender simplesmente o avatar, tem a questão da expressão, enfim outras questões qui... o intérpreti humano ele podi sanar...tudo isso.

Além disso, é falando ainda sobre a LBI, e a questão di luta, por exemplo no contexto educacional..ehhh...tem ali a pessoa com deficiência...i si tiver um surdo? Vai adaptar o material? O conteúdo ele vai ter qui ser adaptadu?

Então é preciso qui o professor ele pense nas questões ali pra contemplar as necessidades do surdo pra qui ele possa si...se desenvolver em sua totalidade...tá. Então são ;;ehhh...coisas qui também estão sendo discutidas ali ..numm..na.. no decreto.

Então às vezes o professor tem ali o intérpreti di Libras i tudo isso é facilitado, porque o intérpreti ele ..ehhhh..num vai usa ali utilizar da legenda , então intérpreti ele pode

usar de vários recursos , ele podi filmar ali um trabalho ele pode depois passar pro surdo, isso é o intérpreti..nhá! Então..hummm...tem os dois lados qui a genti precisa conscientizar esse cenário educacional. Por exemplo, ahh...na televisão, na mídia, então tem a legenda, então a genti acaba olha a legenda e olha o qui tá sendo falado. Então si tiver ali o intérprete a gente já... apenas por uma questão visual a gente pega o qui...ahhh ..esta sendo passado na televisão i a genti olha para o intérpreti qui acaba sendo mais fácil...tá, do que..ahhh..a legenda. (00:15:35)

Então é algo qui esta sendo votado também, então nós estamos votando i a nossa opinião é uma questão di colocar..uhuhuh.... a legenda...do intérpreti di..Libras...nha. Huhhh...então tem também a questão do ensino a distância qui a genti tá pensando nisso por uma questão di acessibilidade qui é um assunto bastante necessário.

Por exemplo cursos..hann...di curta duração, também precisa du du intérpreti, da presença do intérpreti..ahh..mais é só porque é um curso di eh...di curta duração...não! Ele precisa! É um curso acadêmico precisa sim dáaa do intérpreti di língua di sinais.

Então por exemplo éhhh a faculdade, a faculdades particulares não tem essas questão duuu...eles precisam du intérpreti, tem a multa, éhhh...é obrigado é uma questão diiii igualdade. Então por exemplo ...éhhh..a pessoa autista ...éhhhh...pode pegar qualquer pessoas pra ajudar , não é assim, vai pegar qualquer peessoa vira uma ajuda, não precisa pagar esse profissional ...éhhhh...assim pensando na questão do intérpreti, o intérpreti também ele precisa .éhh...ser pago, ser remunerado. (00:06:40)

Vestibular também é uma outra questão, qui nós estamos pensando nest..ahh... na acessibilidade para os surdos no vestibular. É difícil, a genti sabe, mas essas coisas estão em processo. A maioria dos vestibulares, às vezes eles si deparam com situações quiii... querem dar um jeito i acabam achando qui vai sanar necessidade dos surdos apenas dando umm..umm...umm...jeito muito básico , muito simples, isso acarreta um prejuízo pro surdo.

Então é..é... necessário ter a contratação duuuu...duuu...duuu..ministério público, às vezes acaba sendo..havendo tendo uma intervenção, a genti acaba levando proposta i sabesmo qui isso não é um processo rápido, é demorado , ahhhh..precisa protocolar, precisa ter um número , precisa toda uma questão ...ahhh...o oficio precisa ser entregui, também protocolado i pra depois..éhhhh...ser entregui lá para Mara Gabriilli pra qui possa articular ações pensado na questão da acessibilidade...tá!

Éhhhh...só qui também pensando nesta questão da mídia televisiva ..ela é mais demorada do que éhhh a questão du intérpreti no contexto educacional...tá, porque éhhh... exige esforços, co..éhh.. reemennos, concertos, a Juliana ela falou perfeitamente esse discurso da Juliana...é um ..é um processo de luta mesmo di militância nesta causa.

Além disso éhhmm..éhh..a Juliana já contou um pouco sobre a história, eu quero retomar um pouquinho sobre a questão da LBI , teve o decreto, com eu poss...eu pontuei algumas questões para vocês ...éhhh...possivelmente ele vai ser bastanti extenso , lá em Brasília éhhh..quem quis é esse responsável, o relator do processo...então eu quero muito qui nós seja..fossemos esses relatores, mais é bastante complicado, já tem a pessoa responsável qui vai ler todo esse decreto, então assim, éhhhh... vai ter ... bast... a genti sabi qui vai ser um processo árduo, porque vai ter que quem vai tá...que vai ser os contras, que vai ser a favor disso .

Éhhmm...estamos pensando na questão du intérpreti, da formação desse profissional. I qual é a carga horária dele. Como vai si constituir a formação dessi profissional. Ehhh... ahumm..tra...ahh... as horas di trabalho dele. Eu trabalho muitas horas..então...éhhh eu acredito também qui ..éhhh..as pessoas às vezes éhhh...por exemplo, um curso di Libras com sessenta horas será qui dá para contemplar as especificidades da língua di sinais pensando num curso di trezentos e sessenta horas ou sessenta horas. Então são coisas qui nós estamos pensando, então na qualidade desse profissional..tá...então não..ehhh..então...às vezes pensa qui o surdo pensa, às vezes as pessoas pensa qui o surdo acaba achando quiiii.. sendo grosseiro mas é uma questão di formação. (00:20:12)

Então nós queremos ver esse profissional qualificado, i isso também nós surdos nós também estamos nesse processo di..di ..trabalha junto com o profissional intérpreti di língua, porque é um momento éhhh.. por exemplo nas escolas estaduais ..né...ou da prefeitura, municipais, então a genti vê de...a falta desse profissionais, a reclamação dos surdos neste contexto educacional.

Então, por exemplo, na prova será qui ele não precisa estuda? Ele só vai lê?! Ela caba passando as séries, só vai lendo. Então são coisas qui a genti precisa pensa, são coisas qui nos angustiam muito como surdos quando a genti vê profissionais qui precisam si qualifica. Ahhh...então .ahh, por exemplo, nas escola, na Derdic...ahhh...então, às vezes, sofre algum bulling, né...algumas crianças acabam

..éhhh...pensando po..por exemplo, na Derdic , não tem esta questão du...du bulling, por exemplo em uma outra escola quiii...much..no contexto inclusivo.

Us surdos eles acabam sofrendo muito bulling, porqueee eu vejo muito histórias qui chegam até mim ii...i este outro cenário si for numa escola bilíngue, por exemplo na Derdic... éhhh...os surdos não tem esse relato...né...du bulling pensando nesta questão do preconceito...éhhh...então são todos iguais, então esta questão do bulling, esta questão do preconceito, ela tem qui diminuir...tá, então são coisas, são lutas qui nós ainda estamos neste processo.

Então isso nus preocupa muito, porque a genti qué coloca muita coisa dentro deste ...desti decreto, muitas especificidades, então ai tem uns cinco anos pra frente qui nós talvez ai qui perduri isso..nha!

Então tem a lei di Libras a 10.436 di 2002,...ahhh..dez anos..hummm...alguns anos depois veio um decreto, em 2005 ...ahhhmm...então nesse espaço di tempo, por exemplo..au..au a Lei é uma folha ..né, a lei di Libras, ela é uma lei bem curta , i o decreto ele é um pouco mais extenso, di 2005 , i esse outro decreto da LBI ele vai ser bem grande, porque a genti nhé... tá querendo contemplar várias questões ..ok?

Éhhh...é isso qualquer pergunta, qualquer coisa qui você queiram fazer, acessem lá nu site maragrabilli.com.br ..ahhh... vocês podem baixar essa lei em PDF também, tá lá disponível , vocês podem acessa. Então tem a Lei di Libras qui tá lá, vocês podem acessa, outras questões ainda estão sendu discutidas im Brasília i é isso... pode passa!

Esse é meu contato, qualquer coisa qui vocês precisa éhh..hummm...um amigo surdo , ou tiverem dificuldade , um amigo di vocês qualquer duvida , vocês podem mi procura eu estou aqui pronto pra ajuda-los. Muito obrigada pela atenção di vocês!

Muito obrigada!